

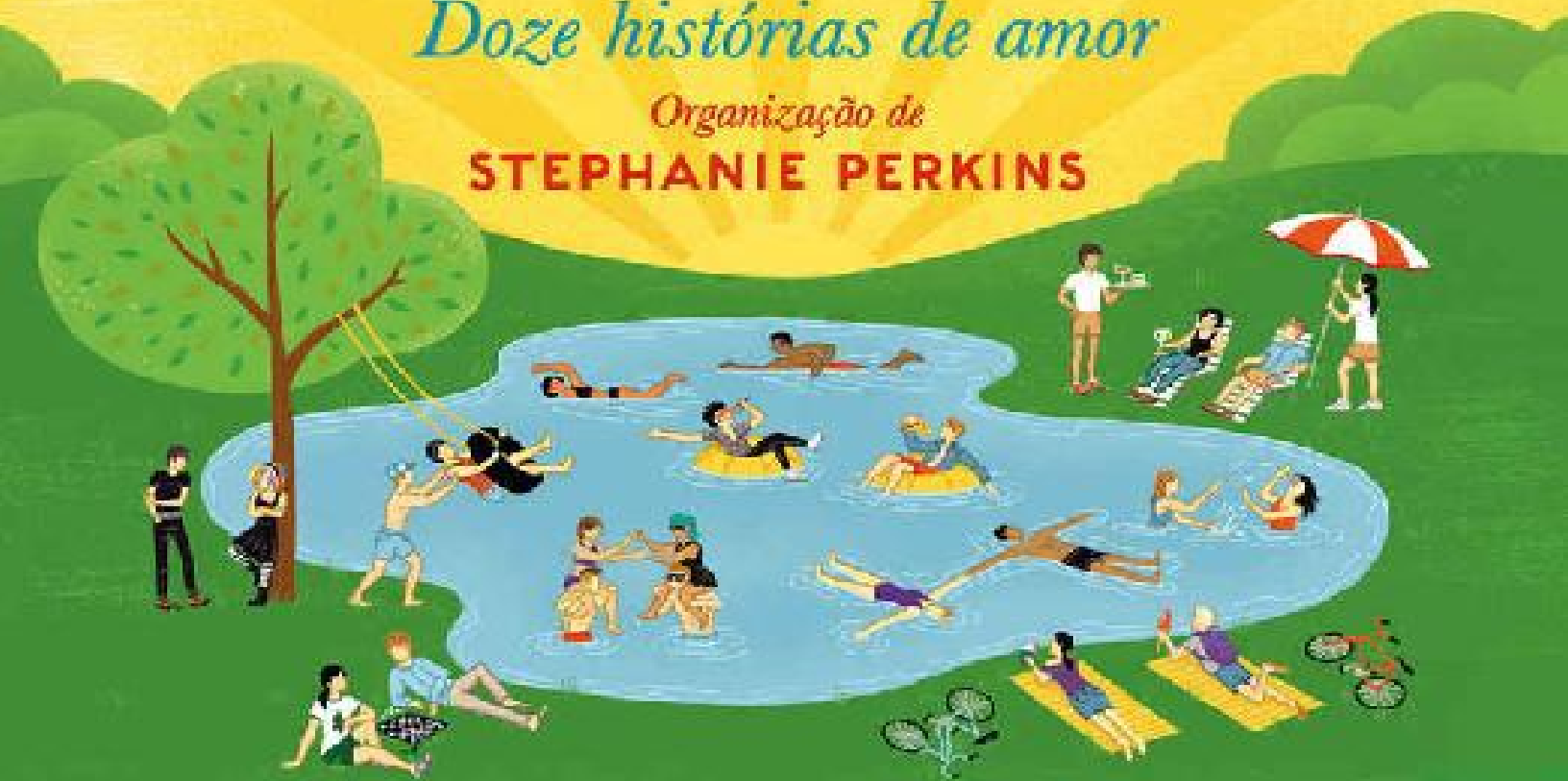


LEIGH BARDUGO
FRANCESCA LIA BLOCK
LIBBA BRAY • CASSANDRA CLARE
BRANDY COLBERT • TIM FEDERLE
LEV GROSSMAN • NINA LACOUR
STEPHANIE PERKINS • VERONICA ROTH
JON SKOVRON • JENNIFER E. SMITH

ACONTECEU NAQUELE VERÃO

Doze histórias de amor

Organização de
STEPHANIE PERKINS





Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)



ACONTECEU NAQUELE VERÃO

Doze histórias de amor

Organização de
STEPHANIE PERKINS

*Tradução de Ana Rodrigues,
Flora Pinheiro e Larissa Helena*



Copyright © 2016 by Stephanie Perkins

“Cabeça, escamas, língua, cauda” (“Head, Scales, Tongue, Tail”) copyright © 2016 by Leigh Bardugo. “O fim do amor” (“The End of Love”) copyright © 2016 by Nina LaCour. “O último suspiro do Cinemorte” (“Last Stand at the Cinegore”) copyright © 2016 by Libba Bray. “Prazer doentio” (“Sick Pleasure”) copyright © 2016 by Francesca Lia Block. “Em noventa minutos, vá em direção a North” (“In Ninety Minutes, Turn North”) copyright © 2016 by Stephanie Perkins. “Lembranças” (“Souvenirs”) copyright © 2016 by Tim Federle. “Inércia” (“Inertia”) copyright © 2016 by Veronica Roth. “Amor é o último recurso” (“Love Is the Last Resort”) copyright © 2016 by Jon Skovron. “Boa sorte e adeus” (“Good Luck and Farewell”) copyright © 2016 by Brandy Colbert. “Nova atração” (“Brand New Attraction”) copyright © 2016 by Cassandra Clare, LLC. “Mil maneiras de tudo isso dar errado” (“A Thousand Ways This Could All Go Wrong”) copyright © 2016 by Jennifer E. Smith, Inc. “O mapa das pequenas coisas perfeitas” (“The Map of Tiny Perfect Things”) copyright © 2016 by Lev Grossman. Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte, em quaisquer meios.

TÍTULO ORIGINAL

Summer Days and Summer Nights: Twelve Love Stories

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

REVISÃO

Rayana Faria

Cristiane Pacanowski

PROJETO GRÁFICO

ô de casa

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

ARTE DE CAPA

Jim Tierney

REVISÃO DE E-BOOK

Pipa Agência de Conteúdos Infantojuvenis

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

Star Books Digital

E-ISBN

978-85-510-0116-5

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
21512-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

PARA JARROD, MELHOR AMIGO E GRANDE AMOR.

SUMÁRIO

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Cabeça, escamas, língua, cauda

Leigh Bardugo

O fim do amor

Nina Lacour

O último suspiro do Cinemorte

Libba Bray

Prazer doentio

Francesca Lia Block

Em noventa minutos, vá em direção a North

Stephanie Perkins

Lembranças

Tim Federle

Inércia

Veronica Roth

Amor é o último recurso

Jon Skovron

Boa sorte e adeus

Brandy Colbert

Nova atração

Cassandra Clare

Mil maneiras de tudo isso dar errado

Jennifer E. Smith

[O mapa das pequenas coisas perfeitas](#)

Lev Grossman

[Agradecimentos](#)

[Sobre os autores](#)

[Leia também](#)

CABEÇA, ESCAMAS, LÍNGUA, CAUDA

LEIGH BARDUGO

Cabeça

Havia muitas histórias sobre Annalee Saperstein e por que ela tinha ido parar em Little Spindle, mas a favorita de Grace era a da onda de calor.

Em 1986, Nova York teve um verão tão absurdo que todo mundo que tinha dinheiro suficiente para sair da cidade saiu. O asfalto amoleceu com o calor; um homem foi encontrado morto na banheira com um ventilador ao lado dos joelhos peludos; a eletricidade ia e vinha, tremeluzindo como uma lâmpada anti-insetos coberta de mariposas. No Upper East Side, acima das padarias e delicatessens, das lojas Woolworth e do mercado Red Apple, as pessoas dormiam sem cobertura, chupavam lascas de gelo e ficavam com as janelas escancaradas, rezando por uma brisa. Foi por isso que, quando o rio Hudson escapou das margens e foi atrás de encrenca em uma noite quente de julho, encontrou a janela de Ruth Blonsky entreaberta, presa por uma caixa de sapato amassada da Candie's.

Mais cedo, naquele mesmo dia, Ruth tinha ido ao Riverside Park com os amigos e tomado um sorbet de lima bem azedinho. Usara sua chemise laranja-escura — que na verdade era uma camisola vintage que ela mesma tingira, com certo sucesso, usando duas caixas de tintura Rit. Fazia dias que a chuva prometia cair, mas o céu pairava pesado sobre a cidade, uma saliência cinzenta e inchada de nuvem que se recusava a ceder. Com a pele úmida de suor, Ruth se apoiara na balaustrada do parque para olhar lá para baixo, para a superfície ondulante do rio, opaca e quase negra sob o céu nublado. Tivera a estranha sensação de que a água olhava de volta para ela.

Então uma gota do sorbet de lima na pequenina colher cor-de-rosa caiu em sua mão, surpreendente feito uma lambida em seu pulso, e Marva Allsburg gritou:

— Vamos no Jaybee ver uns discos.

Ruth lambeu o sorbet do pulso e não pensou mais no rio.

Porém, mais tarde naquela noite, quando acordou com os lençóis ensopados de suor e um emaranhado de junco ao pé da cama, a primeira coisa que lhe veio à mente foi aquela gota pegajosa de açúcar. Caíra no sono sem tirar a roupa do parque, e a chemise laranja-escura úmida estava grudada em sua barriga. O corpo ardia por baixo do tecido, e a garota se sentia febril com o pouco que se lembrava dos sonhos com o deus rio, uma silhueta musculosa que se movia pelas correntes profundas do sono, a pele cinzenta salpicada de azul e verde. Tinha nos lábios a sensação de que acabara de receber um beijo, os pensamentos enuviados como se tivesse emergido rápido demais das imensas profundezas. Demorou um pouco para os ouvidos desobstruírem, para ela reconhecer o cheiro musgoso e metálico de concreto úmido e finalmente decifrar o som que entrava pela janela aberta: chuva caindo em um tamborilar uniforme nas ruas imersas na pré-alvorada. Enfim o calor tinha dado trégua.

Nove meses depois, Ruth deu à luz um bebê com olhos verdes como musgo e cabelos que eram ramos de algas marinhas. Quando o pai de Ruth a expulsou do apartamento no pequeno prédio sem elevador — xingando-a tanto em inglês quanto em polonês e resmungando, irritadíssimo, a respeito do garoto porto-riquenho que levava a sua filha ao baile do penúltimo ano do ensino médio —, foi Annalee Saperstein quem a acolheu, ignorando os sussurros e *tsc tscs* da vizinhança. Annalee trabalhava na lavanderia vinte e quatro horas na West 79, onde os

próprios clientes operavam as máquinas com moedas. Ninguém sabia dizer quando ela dormia, já que, independentemente da hora, estava sempre sentada diante da bancada fazendo palavras cruzadas sob as luzes fluorescentes, com as máquinas zumbindo e chacoalhando ao redor. Certa vez, Joey Pastan fez um escândalo porque ficara sem moedas de vinte e cinco centavos, e o homem podia jurar que as secadoras tinham *rosnado* para ele, então ninguém ficou muito surpreso quando Annalee acreditou em Ruth Blonsky. E ninguém ousou discutir quando Annalee encontrou o pai de Ruth na fila da delicatessen Gitlitz e golpeou o peito dele com os duzentos gramas de rosbife em fatias finíssimas que acabara de comprar, anunciando, irritada, que não se podia confiar em espíritos do rio.

A filha de Ruth recusava leite. A criança só bebia água salgada e comia quilos e mais quilos de ostras, mariscos e lagostins minúsculos, que precisavam ser entregues em engradados no apartamento apertado de Annalee. Mas a dieta deve ter feito bem ao bebê de olhos verdes, que cresceu e se tornou uma linda menina — e logo foi descoberta por um agente enquanto atravessava a Amsterdam Avenue. Tornou-se uma modelo famosa, conhecida pelos lábios carnudos e pelo caminhar fluido, e comprou uma cobertura para a mãe na Park Avenue, que decoraram com pinturas de flores desérticas e leitos de rios secos. Deram uma quantia de dinheiro razoável a Annalee Saperstein, o que a permitiu largar o emprego na lavadeira e sair da cidade grande para fixar residência em Little Spindle, onde abriu uma franquía da Dairy Queen.

Essa era apenas uma das muitas histórias sobre como Annalee Saperstein fora parar em Little Spindle, e Gracie gostava dela porque achava que fazia certo sentido. Por que outro motivo Annalee compraria exemplares da *Vogue* italiana e da francesa se só usava vestidos de poliéster e chinelos com meia?

O povo dizia que Annalee *sabia* das coisas. Foi por isso que Donna Bakewell a procurou no verão em que não conseguia parar de chorar porque seu terrier tinha sido atropelado. Não parava de chorar nem para dormir, comprar feijão ou atender ao telefone. As pessoas ligavam e só ouviam Donna chorando e soluçando do outro lado da linha. Mas, sabe-se lá como, bater aquele papo com Annalee foi o suficiente para fazer o que nenhum médico ou remédio tinham conseguido: secar as lágrimas de Donna de uma vez por todas. E foi por isso que, ao não conseguir se livrar da certeza de que sua ex-esposa colocara uma maldição em sua nova caminhonete, Jason Mylo fez uma visita noturna a Annalee, na DQ. E também foi por isso que, ao ver uma coisa muitíssimo parecida com um monstro marinho irromper por entre as águas da lagoa de Little Spindle, Gracie Michaux foi atrás de Annalee Saperstein.

Gracie estava sentada na margem do que considerava ser a *sua* enseada, uma pequena praia rochosa na borda sul da lagoa, pouco conhecida e que pouco interessava aos outros. Quase não batia sol e não havia mesas de piquenique ou balanços de corda lá, elementos que atraíam turistas durante a alta temporada como barcos eram atraídos por faróis. Gracie lançava pedrinhas na lagoa, fazendo-as quicar na superfície da água, dizendo a si mesma para não cutucar a casquinha do machucado no joelho porque, quando chegasse seu aniversário de catorze anos, queria ficar bonita no short jeans que cortara ainda mais curto. Cutucou a casquinha mesmo assim, quando ouviu um barulho na água. Viu uma, duas, três corcovas irromperem na superfície azul, uma pequena cordilheira cintilante que apareceu e logo sumiu, seguida pelo chicotear de — embora sua mente se recusasse a aceitar, ao mesmo tempo que

bradava: — uma *cauda*.

Gracie foi se arrastando, destrambelhada, até chegar aos pinheiros mais acima, então se levantou com dificuldade, o coração a mil, esperando ver a água se abrindo outra vez ou alguma coisa enorme e escamosa se erguendo, mas nada aconteceu. Sentia a boca salgada com o gosto de sangue. Tinha mordido a língua. Cuspiu, subiu na bicicleta e pedalou o mais rápido que podia pelo caminho de terra acidentado até o asfalto liso da estrada principal, as coxas ardendo de tanto que ela corria para atravessar a cidade.

Não foi uma corrida tão extensa, já que Little Spindle não era lá uma cidade muito grande. Tinha um mercadinho, um posto de gasolina com o único caixa eletrônico das redondezas, uma clínica veterinária, várias lojinhas de presentes e o antigo prédio do Rotary, que fora transformado em biblioteca pública depois que a biblioteca de Greater Spindle foi inundada, dez anos antes. Little Spindle nunca experimentara a movimentação intensa ou os aglomerados de condomínios e casas chiques que orbitavam Greater Spindle. Só tinha umas poucas cabanas rudimentares para alugar aos veranistas e a pousada Spindrif. Apesar de a lagoa ser quase tão grande quanto Greater Spindle, cercada de terrenos perfeitamente bons, havia algo inquietante a respeito daquelas águas.

De longe, a lagoa parecia bastante agradável, vibrantes lampejos de azul em meio aos pinheiros, a luz do sol se projetando da superfície, formando fractais brilhantes como joias. Mas a animação de quem caminhava por ali ia mingando com a aproximação, e, no tempo que levava para chegar à margem, o humor já estava definitivamente lúgubre. Ainda assim, sempre dava para se convencer a caminhar na praia, talvez se balançar no pneu velho — mas, ao soltar a corda, naquele breve segundo com o corpo pairando acima da água, vinha a certeza absoluta de ter cometido um erro terrível, de que depois que seu corpo desaparecesse abaixo da superfície você nunca mais seria visto, de que a lagoa não era uma lagoa, e sim uma boca, uma boca faminta, azul e taciturna. Algumas pessoas pareciam insensíveis aos efeitos da lagoa de Little Spindle, mas outras se recusavam a encostar até mesmo o dedo do pé naquela água.

A única loja que lucrava o ano inteiro era a Dairy Queen, apesar de o Stewart's ficar a apenas alguns quilômetros de distância. Por que Annalee decidira abrir o negócio em Little Spindle, em vez de Greater Spindle, era um mistério para todos — a não ser para ela própria.

Naquele dia, Gracie não foi direto para a DQ — não imediatamente. Na verdade, foi para casa e largou a bicicleta no jardim. Já estava abrindo a porta de tela quando se conteve. Eric e a mãe gostavam de passar os sábados no quintal, deitados lado a lado em cadeiras de plástico reclináveis, cochilando de mãos entrelaçadas, como um casal de lontras. Ambos trabalhavam longas horas no hospital de Greater Spindle e acumulavam sono como se colecionassem figurinhas.

Gracie pairou naquele instante diante da porta, a mão estendida. Pensando bem, o que diria à mãe, uma mulher que nunca perdia o ar de preocupação, nem mesmo enquanto dormia? Por um momento, à beira da lagoa, Gracie se sentira criança outra vez, mas a verdade era que já tinha catorze anos. Devia ser mais sensata.

Subiu outra vez na bicicleta e pedalou lentamente, pensativa, em nenhuma direção específica, a crença no monstro se esvaindo como se o sol a fizesse sair de seu corpo com o suor. O que vira, de fato? Um peixe, talvez? Vários? Mas deve ter sido guiada por um impulso mais profundo, porque, quando pedalou perto da Dairy Queen, fez a curva para entrar no

estacionamento meio cheio.

Annalee Saperstein fazia as palavras cruzadas na mesa de frente para a janela, como sempre, com um sundae derretendo diante de si. Gracie conhecia Annalee principalmente porque gostava de ouvir histórias a respeito dela, mas também porque sua mãe sempre a mandava chamar Annalee para jantar com eles, complementando todas as vezes com um “Ela é velha e solitária”. Ou “Ela parece gostar”.

A mãe balançava um dos dedos, como se regesse uma orquestra invisível.

“Ninguém gosta de ficar sozinho.”

Gracie tentava não revirar os olhos. Tentava.

Ela se esgueirou para o rígido assento vermelho diante de Annalee e perguntou:

— Você sabe alguma coisa sobre o Idgy Pidgy?

— Boa tarde para você também — resmungou a mulher, sem tirar os olhos das palavras cruzadas.

— Desculpe. — Gracie pensou em explicar que o dia já tinha começado esquisito, mas optou por perguntar: — Como vai você?

— Ainda viva. Sua mão ia cair se você passasse um pente nesse cabelo?

— Não adianta. — Gracie tentou prender o cabelo preto e escorrido de volta no rabo de cavalo. — Meu cabelo não respeita minhas ordens. — Aguardou um pouco, então perguntou: — Bem... e o monstro na lagoa?

Ela sabia que não era a primeira pessoa a afirmar que vira alguma coisa nas águas de Little Spindle. Havia vários relatos dos anos 1960 e 1970, mas sua mãe alegava que era só porque estavam todos drogados. O conselho da cidade até tentara transformar os boatos em atração turística, criando a alcunha de “Little Idgy Pidgy, o monstrinho de Little Spindle” e pintando uma serpente marinha muito amigável e de olhos esbugalhados na placa de BEM-VINDO A LITTLE SPINDLE. Não convenceu ninguém, mas ainda dava para divisar os contornos da figura na placa e, alguns invernos atrás, alguém grafitara um falo gigante no bicho. Durante os três dias que o conselho da cidade levou para reparar naquela obra de arte e contratar alguém para repintar a placa, o Idgy Pidgy do letreiro parecia estar tentando fazer sexo com o E no fim de LITTLE SPINDLE.

— Como assim, tipo o Monstro do Lago Ness? — perguntou Annalee, olhando para cima através dos óculos de lentes grossas. — Você se queimou toda de sol.

Gracie deu de ombros. Estava sempre queimada, ou se recuperando de uma queimadura, ou prestes a se queimar.

— Não, tipo o *nosso* monstro da lagoa.

Não era como o do lago Ness. A forma era completamente diferente. Mais ou menos como a serpente boba-alegre do letreiro da cidade, para falar a verdade.

— Vá perguntar para aquele garoto.

— Que garoto?

— Não sei o nome dele. É um desses veranistas. Vem todo dia às quatro, atrás da calda de cereja.

Gracie sentiu ânsia de vômito.

— Caldá de cereja é intragável.

Annalee cutucou a garota com a caneta.

— A calda de cereja vende sorvetes.

— Como ele é?

— Magro. Usa uma mochila grande e roxa. Tem cabelo branco.

Gracie deslizou mais para baixo, afundando no banco, o corpo amolecendo com a decepção.

— Eli?

Gracie conhecia a maioria dos adolescentes veranistas que vinham a Little Spindle já havia alguns anos. Eles não se misturavam muito. Os pais convidavam uns aos outros para churrascos, e os jovens andavam em grupinhos barulhentos, montados nas bicicletas sujas, dominando os lagos, formando fila no Rottie's Red Hot e na DQ, atulhando o Youvenirs logo antes do Labor Day, feriado do dia do trabalho, para comprar bonés ou chaveiros. Mas Eli sempre estava sozinho. A casa que sua família alugava devia ficar em algum ponto ao norte da lagoa, porque todo mês de maio ele aparecia caminhando para o sul na estrada principal, com suas bermudas quadriculadas de algodão sempre grandes demais e a mochila roxa. Ele patinhava até a biblioteca em seus tênis Vans surrados e passava a tarde inteira lá sozinho, então pegava a mochila enorme e caminhava pesadamente de volta para casa, se enroscando e se escondendo como um tatuzinho-de-jardim louro e esquisito — mas não antes de passar na DQ para, ao que parecia, pedir um sorvete com calda de cereja.

— O que que tem o Eli? — perguntou Annalee.

Era muito difícil de explicar. Gracie deu de ombros.

— Eli é meio que o pior deles.

— A calda de cereja da humanidade?

Gracie deu risada, mas se sentiu mal por ter rido quando Annalee a perscrutou por cima das armações de plástico e comentou:

— E você é a queridinha da cidade, né? Não faria mal arrumar novos amigos.

Gracie repuxou a barra desgastada do short recém-cortado. Ela já tinha amigos. Mosey Allen era bacana. E Lila Brightman. Tinha companhia para almoçar, pessoas que a esperavam antes de tocar o primeiro sinal. Mas elas moravam em Greater Spindle, como a maior parte dos outros alunos.

— E o que Eli Cuddy poderia saber sobre Idgy Pidgy? — perguntou Gracie.

— Ele passa o tempo todo na biblioteca, não passa?

Annalee tinha razão. Gracie tamborilou os dedos na mesa, descascou um pouco mais do esmalte lilás já lascado do polegar. Pensou na história do bebê de olhos verdes e do deus do rio.

— Então você nunca viu nada parecido com Idgy Pidgy?

— Mal consigo ver a caneta na minha mão — retrucou a mulher, amarga.

— Mas se uma pessoa tivesse visto um monstro, um monstro de verdade, não... não uma metáfora. Essa pessoa provavelmente seria maluca, né?

Com um dedo magro e nodoso, Annalee endireitou os óculos no nariz. Seus olhos castanhos tinham um brilho suave, reumático.

— Existem monstros em todos os cantos, *tsigele* — respondeu. — É sempre bom saber os nomes deles. — Ela tomou uma colherada da poça que restava do sorvete e estalou os lábios.

— Seu amigo chegou.

Eli Cuddy estava de pé diante da bancada, a mochila pesando nos ombros, fazendo seu

pedido. O problema daquele garoto não era só que ele gostava de ficar mais em lugares fechados do que ao ar livre. Gracie não via nada demais nisso. O problema era que Eli nunca falava com ninguém. E sempre parecia um pouco... úmido. Como se suas roupas estivessem grudadas no peito magro. Como se, caso alguém tocasse sua pele, reparasse que estava úmida.

Eli se acomodou a uma mesa com dois assentos e usou a mochila de apoio para ler um livro enquanto comia.

Quem toma uma casquinha desse jeito?, perguntou-se Gracie, enquanto observava o garoto dando mordidinhas estranhas, cuidadosas. Então se lembrou das corcovas se movendo na lagoa. *Era só o reflexo do sol na água*, protestou sua mente. *Eram escamas*, insistiu seu coração.

— O que significa *tsigele*? — perguntou a Annalee.

— Cabritinho — respondeu a mulher. — Bale, bale, cabritinho. Ande logo com isso.

Por que não? Gracie secou as palmas das mãos no short e andou sem pressa até a mesa. Sentia-se mais corajosa que o habitual. Talvez porque nada do que dissesse para Eli Cuddy importaria muito. Não era como se ele fosse ter para quem contar, caso ela falasse alguma bobagem.

— Oi — cumprimentou.

O menino ergueu os olhos, piscando para ela. Gracie não tinha ideia do que fazer com as mãos, então as apoiou nos quadris. Ficou com medo de parecer prestes a começar uma dancinha coreografada de líder de torcida e deixou as mãos caírem.

— Você é o Eli, né?

— Aham.

— Eu me chamo Gracie.

— Eu sei. Você trabalha no Youvenirs.

— Ah. Verdade.

Gracie sempre trabalhava lá nas manhãs de verão, basicamente porque Henry tinha ficado com pena e permitido que passasse na loja para tirar poeira das coisas por alguns dólares a hora. Sério que Eli já tinha ido lá?

Ele estava esperando. Gracie desejou ter planejado melhor o encontro. Dizer que acreditava em monstros era mais ou menos como revelar sua coleção de bichos de pelúcia que ainda ficavam em cima da cama, como se anunciasse: *Ainda sou uma menininha. Ainda tenho medo dessas coisas imaginárias que podem se enroscar na minha perna e me arrastar para o fundo.*

— Você conhece o Monstro do Lago Ness? — indagou, de repente.

Eli franziu as sobrancelhas.

— Não pessoalmente.

Gracie foi com tudo:

— Você acha que ele existe de verdade?

Eli fechou o livro com muito cuidado e a analisou com aqueles olhos muito sérios e muito azuis, os vincos entre as sobrancelhas cada vez mais acentuados. Os cílios eram tão louros que quase pareciam brancos.

— Você andou olhando os meus registros na biblioteca? — perguntou. — Porque isso é crime federal.

— O quê? — Foi a vez de Gracie de encarar Eli com atenção. — Não, não espionei você.

Só fiz uma pergunta.

— Ah. Bem. Bom. Porque, para falar a verdade, nem tenho muita certeza se é mesmo um crime.

— O que você anda lendo que tem tanto medo que alguém descubra? Pornografia?

— Todos os que encontro — concordou, na mesma voz séria. — Quero ler o máximo de pornografia possível. A coleção da biblioteca de Little Spindle é pequena, mas a curadoria foi bem cuidadosa.

Gracie bufou, e os cantos da boca de Eli se ergueram um pouquinho.

— Tá, seu pervertido. Annalee me disse que talvez você soubesse sobre Idgy Pidgy e coisas do tipo.

— Annalee?

Com o queixo, Gracie indicou a mesa à janela, onde um homem de camisa com estampa havaiana e aparentemente muito ansioso se sentara de frente para a dona do estabelecimento e sussurrava alguma coisa para ela, que rasgava um guardanapo.

— Ela é a dona.

— Eu gosto de criptozoologia — explicou Eli. Diante da expressão perplexa da garota, ele exemplificou: — Tipo o Pé Grande. O Monstro do Lago Ness. Ogopogo.

Gracie hesitou.

— Você acha mesmo que todos eles existem?

— Nem todos. Estatisticamente. Mas ninguém tinha certeza de que lulas gigantes existissem de verdade até que elas começaram a aparecer nas praias da Nova Zelândia.

— Sério?

Eli assentiu, num movimento metódico com a cabeça.

— Tem um espécime no Museu de História Natural de Londres com oito metros e meio de comprimento. E acham que é um dos pequenos.

— Tá de brincadeira — murmurou Gracie.

Eli assentiu outra vez. Um movimento preciso.

— Não. Não tô.

Dessa vez, Gracie caiu no riso.

— Espera aí — pediu —, quero um Blizzard. Não vá embora.

Ele não foi.

Para Gracie, aquele verão se revelou sinuoso, desmiolado e preguiçoso. Pelas manhãs, “trabalhava” na Youvenirs, rearrumando as quinquilharias nas vitrines e indicando a caixa registradora a algum raro cliente. Ao meio-dia, encontrava com Eli, e os dois iam à biblioteca ou pedalavam até sua enseada, apesar de Eli achar que uma nova ocorrência seria improvável.

— Por que ele voltaria aqui? — indagou o garoto, enquanto os dois encaravam a água, cheia de pontos reluzentes refletindo o sol.

— Ele já veio uma vez. Talvez goste da sombra.

— Ou talvez só estivesse de passagem.

Passavam a maior parte do tempo conversando sobre Idgy Pidgy. Ou pelo menos era como

as conversas sempre começavam.

— Talvez você simplesmente tenha visto um monte de peixes — sugeriu Eli, enquanto folheavam um livro sobre mitos norte-americanos à sombra de um guarda-sol no Rottie's Red Hot.

— Teria que ser um peixe muito grande.

— Carpas podem pesar até vinte quilos.

Gracie balançou a cabeça.

— Não, as escamas eram diferentes.

Pareciam joias. Como um leque de conchas de haliote. Pareciam nuvens se movendo por cima da água.

— Sabe, cada cultura tem o próprio conjunto de megafauna. Um corvo azulado gigantesco foi visto no Brasil.

— O que eu vi não era um corvo azul. E “megafauna” parece nome de banda.

— Mas não de uma banda boa.

— Eu iria num show deles. — Gracie balançou a cabeça. — Por que você come assim?

Eli hesitou.

— Assim como?

— Como se tivesse que escrever uma redação sobre cada mordida. Você está comendo um cheeseburger, não desarmando uma bomba.

Mas Eli fazia tudo daquele jeito, lenta e cuidadosamente. Andava de bicicleta daquele jeito. Escrevia em seu caderno de espiral azul daquele jeito. Levava o que parecia uma hora para escolher o que ia comer no Rottie's Red Hot, sendo que só tinha cinco coisas no cardápio, que nunca mudava. Era mesmo estranho, e Gracie ficava agradecida por seus amigos do colégio passarem a maior parte do verão em Greater Spindle, porque assim não precisaria explicar o que estava fazendo. Mas também tinha um aspecto meio encantador no jeito como Eli levava as coisas tão a sério, como se realmente dedicasse toda a sua atenção ao que fazia.

Compilaram listas de aparições do Idgy Pidgy. Eram menos de vinte na história da cidade e remontavam aos anos 1920.

— A gente devia fazer referências cruzadas com as aparições no lago Ness e em Ogopogo — sugeriu Eli. — Tentar encontrar um padrão. Aí vamos poder definir quando precisamos vigiar a lagoa.

— Vigiar — repetiu Gracie, desenhando uma serpente marinha na margem da lista de Eli. — Coisa de polícia. Podemos estabelecer um perímetro.

— E por que faríamos isso?

— É o que as pessoas fazem nos filmes policiais. Estabelecem o perímetro. Encurralam o suspeito.

— Nada de TV, lembra?

Os pais de Eli não permitiam o uso de qualquer tipo de “tela”. Ele até usava os computadores da biblioteca, mas em casa não tinha internet, celular ou televisão. Pelo jeito, eles também eram vegetarianos, e Eli gostava de comer toda a carne que podia quando ficava sozinho. As batatas fritas eram o mais perto que ele chegava de legumes. Gracie às vezes se perguntava se o menino seria pobre de um jeito diferente do dela. Eli nunca parecia estar sem dinheiro para o fliperama ou para comprar pretzels, mas estava sempre com as mesmas roupas

e com fome. Gente endinheirada não passava o verão em Little Spindle. Mas gente sem dinheiro sequer viajava no verão. Gracie não tinha certeza se queria saber. Gostava do fato de não conversarem sobre os pais ou a escola.

Ela pegou o caderno de Eli e perguntou:

— Como vamos fazer uma vigilância se você não conhece o procedimento policial adequado?

— Todos os bons detetives estão nos livros.

— Sherlock Holmes?

— Conan Doyle é seco demais. Eu gosto mesmo é de Raymond Carver, Ross Macdonald, Walter Mosley. Li todos os livros de bolso daqui desse lugar, quando estava na minha fase noir.

Gracie desenhou bolhas saindo do nariz de Idgy Pidgy.

— Eli — começou, sem olhar para o garoto —, você acha mesmo que vi alguma coisa na lagoa?

— É possível.

Ela pressionou:

— Ou está só entrando no jogo para não ficar sozinho?

Aquilo acabou soando mais cruel do que ela pretendia, talvez porque se importasse com a resposta.

Eli inclinou a cabeça para um lado, pensando, procurando uma resposta honesta, como se estivesse calculando o valor de x.

— Talvez um pouco — declarou, por fim.

Gracie assentiu. Gostou de ele não ter tentado fingir que era diferente.

— Por mim, tudo bem. — Ela pulou para descer de cima da mesa. — Você pode ser o veterano de guerra sem graça que tem problemas com bebida, e eu vou ser a policial indomável.

— Posso usar um terno barato?

— Você tem um terno barato?

— Não.

— Então pode usar esse mesmo short de algodão sem graça de sempre.

Os dois foram de bicicleta a cada um dos locais onde houvera aparições de Idgy Pidgy, até chegar em Greater Spindle. Alguns lugares eram ensolarados, outros ficavam na sombra; alguns eram em praias, outros ficavam em faixas estreitas de rocha e areia. Não havia padrão. Quando se cansavam de Idgy Pidgy, iam para o Fun Spot jogar skee ball ou minigolfe. Eli era péssimo em ambos, mas parecia perfeitamente contente em perder para Gracie, enquanto mantinha um registro muito organizado de suas péssimas pontuações.

Na sexta-feira antes do Labor Day, foram para a frente da biblioteca e almoçaram os sanduíches de tomate e milho que a mãe de Gracie tinha feito no começo da semana. Um mapa dos Estados Unidos e do Canadá estava estirado sobre a mesa de piquenique diante deles. O sol batia forte em seus ombros, e Gracie se sentia suada e letárgica. Queria ir para a lagoa só

para nadar, sem procurar pelo Idgy Pidgy, mas Eli alegou que estava quente demais para se mexer.

— Deve ter algum churrasco acontecendo em algum lugar — comentou ela, deitando-se no banco, enterrando os dedos do pé na grama morta sob a mesa. — Quer mesmo passar a sua última sexta-feira livre da escola olhando para mapas no meio da cidade?

— Sim — respondeu ele. — Quero mesmo.

Gracie percebeu que sorria. A mãe parecia querer ficar o tempo todo com Eric. Mosey e Lila moravam praticamente ao lado uma da outra e eram melhores amigas desde os cinco anos. Era legal que uma pessoa preferisse a companhia dela, mesmo que fosse Eli Cuddy.

Gracie cobriu os olhos com o braço para tapar o sol.

— Temos alguma coisa para ler?

— Devolvi todos os livros que peguei.

— Leia os nomes das cidades no mapa para mim.

— Por quê?

— Porque você não quer ir nadar e eu gosto que leiam para mim.

Eli pigarreou.

— Burgheim. Furdale. Saskatoon...

Ditos em sequência, soavam quase como uma história.

Gracie considerou convidar Eli para ver os fogos de fim da estação em Ohneka Beach, na noite seguinte, junto com Lila e Mosey, mas não sabia bem como explicar por que estava o tempo todo com ele e sentia que devia passar a noite na casa de Mosey. Não queria se sentir totalmente de fora quando as aulas comesçassem. Era um investimento para o ano escolar. Mas, quando chegou a segunda-feira e não viu Eli andando na estrada principal ou na DQ, sentiu-se um pouco vazia.

— O garoto foi embora? — perguntou Annalee, enquanto Gracie cutucava a casquinha de cabeça para baixo no prato.

Tinha decidido experimentar um sorvete com calda de cereja. Era tão horrível quanto se lembrava.

— O Eli? É. Voltou para a cidade.

— Ele parece bacana — comentou a mulher, pegando o sorvete de Gracie e jogando-o no lixo.

— Minha mãe quer que você venha jantar com a gente na sexta-feira — anunciou Gracie. Mas ela podia admitir que talvez Eli Cuddy fosse mais do que só bacana.

Em maio do ano seguinte, logo antes do Memorial Day, o feriado em homenagem aos militares que morreram em combate, Gracie foi até sua enseada em Little Spindle. Tinha ido várias vezes ali, ao longo do ano letivo. Fez o dever de casa lá até começar a ficar frio demais para o

corpo se manter parado confortavelmente, reparando no gelo que se formava na margem conforme o inverno avançava. Quase saltou para fora do corpo quando um vidadeiro estalou sob o peso da geada acumulada nos galhos e caiu nas águas rasas com um lamento resignado. E, naquela última sexta-feira de maio, certificou-se de que estava na margem da lagoa, tentando fazer as pedrinhas quicarem na água, só para o caso de a data ter alguma magia especial ou de o Idgy Pidgy ter um relógio biológico que marcava o tempo. Nada aconteceu.

Ela foi até o Youvenirs, mas já tinha passado no dia anterior para ajudar Henny a se preparar para o verão, e não havia mais o que fazer, então finalmente foi para a Dairy Queen, onde pediu batatas fritas onduladas que nem queria comer.

— Esperando o seu amigo? — perguntou Annalee, perscrutando o jornal em busca das palavras cruzadas.

— Estou só comendo as minhas batatas.

Quando viu Eli, Gracie foi acometida por um acesso de alívio constrangedor. O garoto estava mais alto — bem mais alto —, mas tão magro, úmido e sério como antes. Gracie não se moveu, sentindo um nó na boca do estômago. Talvez Eli não quisesse mais andar com ela. *Não tem problema*, disse a si mesma. Mas o garoto examinou as mesas antes mesmo de ir até o balcão, e, quando a viu, seu rosto pálido se iluminou como fogos de artifício prateados.

Annalee soltou uma risada que soava demais como uma gargalhada triunfal.

— Oi! — cumprimentou Eli, aproximando-se a passos largos. Suas pernas pareciam chegar até o queixo. — Encontrei uma coisa incrível. Quer um Blizzard?

E, de repente, o verão estava de volta.

Escamas

A tal coisa incrível era uma sala empoeirada no porão da biblioteca, cheia de vinis antigos amontoados, uma plataforma giratória e uma pilha de fones de ouvido envoltos em um ninho de fios negros espiralados.

— Estou tão feliz que isso ainda esteja aqui — comentou Eli. — Encontrei logo antes do Labor Day, mas fiquei com medo de alguém finalmente conseguir parar para limpar a sala durante o inverno.

Gracie sentiu uma pontada de culpa por não ter passado aquele final de semana com Eli, mas também estava contente por ele ter esperado para lhe mostrar a sala.

— Aquela coisa funciona? — perguntou ela, apontando para a coluna de aparelhos de som. Eli acionou alguns interruptores, e luzes vermelhas começaram a piscar.

— Tudo pronto.

Gracie pegou um disco na prateleira e leu o título: *Jackie Gleason: Music, Martinis and Memories*.

— E se eu só quiser a música dessa Jackie?

— Podemos ouvir só um terço do disco.

Fizeram uma pilha de discos, numa competição para encontrar a capa mais esquisita — torradeiras voadoras, homens em chamas, princesas bárbaras usando biquínis metalizados —, e ouviram todos ali mesmo, deitados no chão, os enormes fones de ouvido pretos envolvendo as orelhas. Quase todas as músicas eram horríveis, mas alguns poucos álbuns eram realmente bons. A capa de *Bella Donna* exibia Stevie Nicks vestida como um anjo decorativo de árvore de Natal e segurando uma cacatua, e eles ouviram o álbum inteiro duas vezes. E quando chegou a vez de “Edge of Seventeen”, Gracie se imaginou emergindo das águas da lagoa em um longo vestido branco e sobrevoando o bosque, o cabelo tremulando atrás de si como um estandarte negro.

Foi só quando estava pedalando de volta para casa, com o estômago gemendo pedindo comida enquanto cantarolava *Ooh baby ooh baby oooh*, que ela percebeu que não tinham falado do Idgy Pidgy nenhuma vez.

Apesar de não estar exatamente mantendo Eli em segredo de Mosey e Lila, Gracie também não chegara a mencioná-lo. Simplesmente não tinha certeza de que as duas entenderiam seu amigo. Mas, certa tarde, quando os dois estavam comendo no Rottie’s Red Hot, ouviram uma buzina no estacionamento. Olhando em volta, Gracie viu Mosey no Corolla do pai, com Lila no banco do carona.

— Sua carteira não é provisória? — perguntou ela, quando Mosey e Lila se espremeram nos bancos arredondados.

— Meus pais não se importam, desde que eu só venha até Little Spindle. Porque aí não precisam me trazer aqui. E o que você tem feito?

Mosey lançou um olhar enfático para Eli.

— Nada especial. Tenho ido para o Youvenirs. O de sempre.

Eli não se pronunciou, só se ocupou em distribuir porções de ketchup em espirais inclinadas formando um desenho intrincado ao lado das batatas fritas.

Os quatro comeram. Conversaram sobre pegar o trem para a cidade para assistir a um show.

— Por que sua família não fica em Greater Spindle? — perguntou Mosey.

Eli inclinou a cabeça para um dos lados, dando atenção absoluta à pergunta.

— A gente sempre veio pra cá. Acho que eles gostam da calmaria.

— Eu também gosto — interveio Lila. — Não tanto da lagoa, mas é legal no verão, quando Greater Spindle fica uma loucura.

Mosey enfiou uma batata na boca.

— A lagoa é mal-assombrada.

— Pelo quê? — perguntou Eli, se inclinando para a frente.

— Uma mulher afogou os filhos lá.

Lila revirou os olhos.

— Isso é pura mentira.

— *La Llorona* — comentou Eli. — “A chorona”. Tem lendas disso em todos os cantos.

Ótimo, pensou Gracie. *Podemos ir caçar fantasmas todos juntos agora.*

Ela tentou ignorar a inquietação que sentia nas entranhas. Disse a si mesma que não tinha apresentado Eli a Mosey e Lila porque ele era muito esquisito, mas agora não tinha mais tanta certeza disso. Adorava Mosey e Lila, mas sempre se sentia meio sozinha perto delas, até quando estavam sentadas juntas ao redor de uma fogueira ou amontoadas na última fileira do Spotlight, assistindo a uma matinê. Não queria se sentir assim perto de Eli.

Quando Mosey e Lila voltaram para Greater Spindle, o garoto reuniu as vasilhas de plástico em uma bandeja e comentou:

— Foi divertido.

— É — concordou Gracie, um pouco animada demais.

— Vamos pegar as bicicletas para ir até Robin Ridge amanhã.

— Todo mundo?

Eli franziu as sobrancelhas, naquela expressão familiar.

— Bem, é. Eu e você.

Todo mundo.

Dentes

Gracie não sabia dizer quando Eli tinha secado, só sabia o momento em que reparou. Estavam deitados no chão do quarto de Mosey, a chuva castigando as janelas.

Gracie tinha tirado a carteira de motorista naquele verão, e o namorado da mãe não se importava de emprestar a caminhonete vez ou outra, quando a menina quisesse dirigir até Greater Spindle. Arranjar dinheiro para a gasolina era mais complicado. Havia empregos melhores em Greater Spindle, mas com certeza nenhum compatível com os turnos de trabalho de sua mãe, por isso ainda trabalhava no Youvenirs, onde conseguia chegar de bicicleta.

A sensação era de que Little Spindle a encurralava, como se estivesse parada na margem cada vez mais estreita de um lago cuja maré avançava. Não paravam de falar sobre os testes de aptidão, inscrições na faculdade e estágios de verão. Tudo parecia acelerar, e todo mundo estava ganhando impulso, pronto para disparar para o futuro em trajetórias cuidadosamente planejadas, enquanto Gracie ainda se esforçava para se levantar.

Quando começava a sentir esse pânico, encontrava Eli na Dairy Queen ou na biblioteca, e os dois iam até o “Salão dos Discos”, onde enfileiravam todos os álbuns do Bowie para encarar seu rosto frágil e misterioso, ou ouviam o *Emmet Otter’s Jug-Band Christmas* enquanto tentavam decifrar todas as pistas na capa do *Sgt. Pepper*. Não sabia o que ia fazer quando comesse o ano letivo.

Foram até Greater Spindle na caminhonete de Eric sem nenhum plano específico, com o rádio ligado, as janelas abertas para não precisar usar o ar-condicionado e economizar gasolina, suando sobre a capa de plástico dos bancos. Quando a tempestade caiu, se abrigaram na casa de Mosey para ver filmes.

Lila e Mosey estavam na cama pintando as unhas do pé e escolhendo músicas para mostrar uma para a outra, e Gracie se esparramara no carpete com Eli, ouvindo-o ler algum livro chato sobre hidrovias. Não prestava muita atenção. Estava deitada de bruços, a cabeça apoiada nos braços, ouvindo a chuva bater no teto e o murmúrio da voz de Eli, sentindo-se bem pela primeira vez em algum tempo, como se alguém tivesse tirado o nó de tensão quente que sempre parecia ter se formado sob as costelas e o mergulhado em água fria.

O trovão era um ribombo quase contínuo, e o ar lá fora parecia denso e elétrico. Dentro de casa, o ar-condicionado tinha arrepiado os pelos de seus braços, mas sentia preguiça demais para se levantar e aumentar a temperatura ou pedir um casaco.

— Gracie — chamou Eli, cutucando seu ombro com o pé descalço.

— Hum?

— Gracie. — Ela ouviu o garoto se movendo e, quando ele falou de novo, a cabeça estava perto da dela, e a voz saía num sussurro: — Aquela enseada que você gosta não tem nome.

— E daí?

— Todas as praias e angras têm nomes, mas não a sua enseada.

— Então vamos dar um nome a ela — murmurou a garota.

— Praia... rochosa?

Ela se virou, deitando com as costas no chão, e olhou para cima, para as constelações de estrelas amarelas presas no teto de Mosey.

— Horrível. Parece nome de condomínio. Ou de sanduíche. Que tal “Arquipélago da Gracie”?

— Não é um arquipélago.

— Então vamos pensar num nome bom. Que tenha a ver com Idgy Pidgy. Enseada Escama do Dragão. Ou Enseada Serpentina.

— Mas ela não tem formato de serpente.

— Enseada Boca da Fera.

— *Boca da Fera*? Você não quer que ninguém visite o lugar?

— É claro. Nunca. Litoral Prateado.

— Mas não é o litoral inteiro.

— As escamas eram prateadas. Já sei, para o primeiro nome, me diz uma coisa com P.

— Platô.

— Perfeito. Platô Prateado.

— Mas não é um Platô.

— Podemos chamar de Descanso do Eli, depois que eu afogar você lá. Desse jeito é impossível.

Ela se virou de bruços de novo e olhou para cima. Viu Eli apoiado nos cotovelos, o livro aberto à sua frente. Gracie tinha outra sugestão na ponta da língua, mas as palavras fugiram como um peixe se soltando do anzol.

Mosey e Lila conversavam aos murmúrios, uma música de péssima qualidade saía do celular dela. A camiseta de Eli estava bem esticada nos ombros, e a luminária ao lado da cama de Mosey projetava uma espécie de halo atrás da cabeça dele. Ela sentia o cheiro da tempestade nele, como se o relâmpago o tivesse seguido até em casa, como se ele fosse feito das mesmas nuvens densas de chuva. Sua pele não parecia úmida. Parecia brilhar. Eli marcava a página com o dedo, mantendo o livro aberto, e Gracie sentiu um desejo súbito de deslizar as mãos pelos nós dos dedos dele, pelos pulsos, pelos finos pelos louros do antebraço. Recuou, hesitante, tentando afastar o pensamento.

Eli a encarava cheio de expectativa.

— Temos que pensar no nome perfeito — declarou, o rosto sério e determinado como sempre.

Era um rosto adorável. O constante estado de reflexão impulsionava a mandíbula para a frente, criava um sulco profundo entre as sobrancelhas franzidas.

Gracie disse a primeira coisa que lhe veio à mente:

— Vamos chamar de Lance.

— Por quê...?

— Porque a gente lança coisas lá dentro.

Será que estava fazendo sentido?

Eli assentiu, avaliando, então irrompeu num sorriso ridículo, iluminado e horivelmente lindo.

— Perfeito.

A volta para casa mais parecia um castigo: o ar frio entrando pelas janelas, o rádio baixinho, aquele sentimento estranho e indesejado marcando um novo compasso em seu peito. A estrada escura se desenrolava diante deles. Gracie desejou estar em casa. Desejou que nunca parassem

de dirigir.

A transformação de Eli era uma traição, o resultado surpreendente de uma promessa falsa. Eli Cuddy era supostamente seguro, mas começava a parecer perigoso. Gracie olhou em volta, tentando querer outra pessoa. Fora apaixonada por Mason Lee no nono ano, e fizera Lila levá-la até Okhena Beach, onde o rapaz trabalhava como salva-vidas, na esperança de que estar diante dele trouxesse um pouco de juízo à sua cabeça. Infelizmente, o único traço incrível de Mason era seu físico sem camisa. O garoto parecia um golden retriever. Gracie até entendia por que as pessoas se interessavam por ele, mas o apelo não era suficiente para querer levá-lo para casa.

As manhãs dos dias em que sabia que ia ver Eli de repente pareciam intensas e cheias de possibilidades. Comprou uma blusa nova, de um tom de roxo crepuscular suntuoso, botou brincos compridos de penas de prata e comprou um brilho labial de flor de macieira só porque parecia mágico dentro da latinha rosa e dourada e a sensação de encostar os dedos na boca era quase um sortilégio. *Olhe para mim. Olhe e me veja do mesmo jeito que eu vejo você.*

Gracie sabia que estava sendo idiota. Se por acaso Eli gostasse dela mais do que como amiga, nunca dera indícios. E talvez até tivesse uma namorada na cidade, uma garota com quem trocava cartas extensas e beijos entre as aulas. O garoto nunca dissera se tinha namorada, mas Gracie nunca perguntara. Isso nunca importara. Não queria que passasse a importar.

O verão assumiu outro tom — um tom desesperado e irregular, as cristas e os vales das costas de um dragão. O mundo parecia cheio de perigos. Cada música de cada disco vibrava, coberta de maus agouros. Percebeu que passara a tentar se comunicar pelos discos que escolhia, interpretando as seleções de Eli como a um código. Obrigou-se a passar mais tempo com Mosey e Lila, ficar mais no Youvenirs, limpando coisas que não precisavam ser limpas, travando uma luta contra o anseio recém-descoberto pela companhia de Eli. Recém-descoberto, mas será que era novo? Desde o começo de tudo, as horas que passava com Eli eram ilhas de areia quente, refúgios que tornavam suportável a travessia das águas turvas do restante do ano.

Estava dividida entre a necessidade de se pronunciar, de dar voz àquela coisa dentro dela antes que o verão acabasse, e a convicção de que precisava evitar a qualquer custo entrar nesse caminho desastroso. Pela primeira vez, notou que fazia contagem regressiva até setembro. Se pelo menos conseguisse chegar até o Labor Day sem deixar o coração sair pela boca, teria todo o ano letivo para superar aquela sensação ridícula e lamentável que a dominara.

No sábado antes do feriado, Gracie e Eli assistiram aos fogos de artifício de encerramento da temporada no céu de Greater Spindle. Estavam sentados lado a lado na beira da caminhonete, os joelhos quase se tocando, os ombros roçando de leve.

— Queria que você tivesse telefone — comentou ela, ainda que não tivesse intenção.

— Eu também meio que queria.

— Só meio?

— Gosto de estocar as coisas que quero contar para você.

Isso devia bastar, disse Gracie a si mesma, vendo a luz azul e prateada banhar o brilho

agudo das feições de Eli. *Isso devia ser mais do que o suficiente.*

Foi ficando mais fácil. Gracie sentia falta do verão. Sentia falta de Eli, mas era um alívio estar livre da perspectiva de um novo encontro. Foi para o penúltimo baile da escola com Ned Minnery, que era engraçado e tocava trompete. Um garoto que adorava piadinhas. Estava usando suspensórios e calças listradas e sabia fazer truques de mágica. Ned era o anti-Eli. Não havia nada de sério a respeito dele. Foi uma noite divertida, mas Gracie ficou pensando que talvez não fosse boa nessa coisa de se divertir. Bebeu vodka de pêssego o suficiente para se convencer a beijar Ned, depois vomitou na beira da estrada.

Quando o Memorial Day chegou, Gracie sentia-se pronta para rever Eli, mas não se permitiu ir à Dairy Queen. Não podia ter outro verão daqueles. E não teria. Em vez disso, foi para Okhena Beach e se instalou ao lado de Mosey e Lila na areia. Ficou lá conforme o sol afundava e as chamas da fogueira de abertura do fim de semana começavam a crepitar. Quando alguém apareceu com um violão, Gracie encontrou um lugar em cima de uma mesa de piquenique, a certa distância, apoiando os pés descalços no banco, tremendo mesmo com o suéter. *Estou ótima*, pensou, dizendo a si mesma que dali a pouquinho se juntaria aos outros, perto das chamas. *Estou bem*. Mas todos os meses de dedicação caíram por terra quando viu Eli andando até ela com aqueles passos longos e despreocupados, o cabelo reluzindo à luz da fogueira, o rosto ávido e carregando aquela mochila idiota de sempre. Como ele tinha chegado até ali, para começo de conversa? Será que os pais tinham deixado ele pegar o carro? Sentiu o desejo se expandir dentro de si, como se a sensação estivesse apenas esperando o clima mais quente para desabrochar.

Eli se sentou ao seu lado e disse:

— Você não vai acreditar no que descobri. O Salão dos Discos tem uma coleção inteira de discos narrados, fica atrás da seção natalina. É incrível.

Gracie se obrigou a rir.

— Mal posso esperar.

Você sentiu saudades? Beijou alguém? Eu beijei, e foi horrível.

Ela não ia conseguir. Não podia passar mais um verão daqueles. Ia enlouquecer. Precisava inventar alguma desculpa: turnos extras de última hora na Youvenirs, um surto de cólera. O que fosse preciso. Tirou o pote de brilho labial de maçã do bolso. Estava quase vazio, mas não tinha se dado ao trabalho de comprar mais. Era constrangedor demais lembrar das coisas que se permitira pensar quando pagara por aquilo.

Eli pegou o pote de suas mãos e o jogou escuridão adentro, no meio da lagoa.

— Ei! — protestou Gracie. — Por que você fez isso?!

Ele inspirou fundo. Ergueu os ombros, que logo desabaram.

— Porque passei nove meses pensando em maçãs.

O silêncio desceu sobre eles como uma cortina. Ao longe, Gracie ouvia as pessoas falando e o dedilhar langoroso de acordes de violão, mas era tudo em outro país, outro planeta. Eli Cuddy a olhava com toda a atenção, os olhos azuis quase negros. Aquela sensação incorrigível em seu peito palpitou, transformando-se em outra coisa, ousando desabrochar.

Os longos dedos de Eli envolveram seu rosto, percorreram a nuca, mantendo-a imóvel, como se ele precisasse se dedicar totalmente a ela, como se pudesse assimilá-la da mesma forma que alguém aprende uma língua, desenhá-la como se traça uma rota. Eli a beijou como se Gracie fosse uma música e ele estivesse determinado a ouvir cada nota que a compunha. Beijou-a do mesmo jeito que fazia tudo: levando a sério.

O verão agora era robusto, pleno, uma fruta quase estourando de tão madura, um sol emergindo do mar, gordo, amarelo e feliz. Eles trocavam beijos atrás da Youvenirs, nos bancos de veludo vermelho do Spotlight, no chão do salão de discos, com o som de estática preenchendo os fones que envolviam seus pescoços quando uma música ou outra chegava ao fim.

— A gente podia ir para a sua casa — sugeria ela.

— A gente podia ir para a *sua* casa.

Sempre ficavam onde estavam.

Nas tardes, quando saíam da DQ, os lábios de Eli estavam frios e com gosto de cereja. Nas noites perfumadas do verão, deitados nos baixios da enseada que tinham batizado de Lance, as mãos dele ficavam quentes e inquietas. Gracie se sentia flutuar nas sandálias. Sentia-se coberta de joias. Sua bicicleta era um cavalo alado.

Mas em algum momento, mais para o fim de julho, o zumbido dos insetos assumiu um tom pesaroso. Apesar do calor, do dorso das coxas queimado de sol e do letreiro de néon na estrada principal, ela sentia o verão começar a acabar.

À noite, ouvia a mãe e Eric rindo na sala de estar, embalados pela música de fundo melancólica da televisão ligada, e ficava deitada de lado, encolhida, o pânico brotando dentro dela. Com Eli, conseguia esquecer que tinha dezessete anos. Esquecer Little Spindle e o que em breve aconteceria. Seria uma página virada na vida da mãe, se tivesse sorte. Pegaria um empréstimo para comprar um carro e poder fazer a faculdade mais barata que encontrasse. Veria seus colegas da escola partirem para outros lugares, lugares melhores. Queria que Eli tivesse telefone. Queria poder tocá-lo ali, no escuro. *A gente podia trocar cartas. Eu posso pegar o trem para Nova York nos fins de semana.* Pensava nessas coisas toda noite, mas na tarde seguinte Eli reluzia como uma moeda ao sol, e ela só queria beijar aquela boca pensativa.

Dias e noites se dissolveram, e foi só no sábado antes do Labor Day que ela comentou:

— Mosey está pensando em ir para a Universidade de Nova York.

Eli inclinou o corpo para trás, apoiando-se nos cotovelos. Estavam deitados sobre um cobertor na enseada que tinham batizado de Lance, o sol brilhando como estrelas irregulares por entre os galhos dos carvalhos e vidoeiros.

— Ela vai tentar mesmo?

— Acho que sim. Ela é inteligente o bastante para conseguir uma vaga. — Eli não respondeu, e Gracie acrescentou: — Deve ser divertido trabalhar na cidade.

O franzir de sobrancelhas tomou a expressão de Eli.

— Claro — retrucou. — Mas é uma mudança e tanto.

Não responda, disse Gracie a si mesma. *Deixe pra lá.* Mas a armadilha estava bem ali. Ela

tinha que falar.

— Você não quer que eu vá para a cidade?

Eli se inclinou para a frente e jogou uma pedrinha na lagoa.

— Você devia ir para onde quisesse.

A dor que Gracie sentiu desabrochar em seu peito era uma coisa viva, uma planta saída de um filme de ficção científica, cheia de gavinhas ondeantes e urtigas venenosas.

— Claro — respondeu, baixinho.

Não havia nada de errado no que Eli dissera. Era só um namoro de verão. E ele estava certo. Gracie devia mesmo ir para onde quisesse. Não precisava que Eli desejasse que ela fosse para outra cidade para sair dali. Podia dormir no sofá de Mosey até encontrar um emprego. Será que tinha sofá no alojamento das faculdades?

— Gracie... — começou Eli, estendendo a mão para pegar a dela.

Gracie se levantou de um pulo.

— Tenho que ir encontrar a Mosey e a Lila.

Foi então que Eli se levantou. A luz do sol abraçava seu cabelo, sua pele. Quase não dava para fixar os olhos nele, de tão brilhante.

— Vamos nos encontrar amanhã de manhã — pediu ele. — Só tenho mais um dia p...

— Tá.

Já tinha jogado a mochila nos ombros e subido na bicicleta, determinada a se afastar antes que Eli pudesse ver seu orgulho derreter, escapando dos olhos em lágrimas grandes e gordas. Ela pedalou o mais rápido que podia, com medo de que ele a seguisse. Desejando desesperadamente que ele a seguisse.

Gracie não foi trabalhar no dia seguinte. Não foi por escolha própria. Simplesmente deixou os minutos escaparem. Eli nunca ia vê-la em casa. Nunca tinha visto o quarto dela ou assistido à TV no sofá, só ficava esperando do lado de fora, parado ao lado da bicicleta na entrada da garagem enquanto Gracie subia para pegar um casaco ou trocar de sapato. Gracie nunca sequer conhecera os pais dele. Porque aquilo era a vida real, e o romance deles era diferente.

Você está sendo idiota, disse a si mesma. *Eli vai embora daqui a dois dias. Aproveite enquanto dura. Não atrapalhe a diversão.* Mas Gracie não era muito boa nessa coisa de se divertir, não no tipo de diversão que as outras pessoas pareciam apreciar. O cara de quem mais gostava não gostava dela, não a ponto de querer mais, e Gracie não queria fingir que isso não era horrível. Ela era o sorvete de cereja, era todos aqueles livros de bolso antigos, era os discos empilhados em prateleiras empoeiradas, era qualquer coisa para prender a atenção de Eli, talvez até uma coisa de que ele realmente gostasse, mas pertencia ao verão — não parecia mais tão real quando o clima mudava.

Gracie leu. Gracie assistiu à TV. Então, o fim de semana se foi, e Gracie sabia que Eli tinha ido junto. E tudo bem. No verão seguinte, não estaria esperando na Dairy Queen ou trabalhando no Youvenirs. Ia concluir o ensino médio, então iria para Nova York ou para o Canadá ou coisa parecida. Mas não estaria em Little Spindle.

Cauda

Uma semana depois da volta às aulas, Gracie foi ver Annalee. Não sabia que pretendia visitá-la, mas, mesmo sem saber, se viu banhada pelas luzes fluorescentes da Dairy Queen.

Não pediu nada. Não estava com fome. Deslizou para o banco em frente ao de Annalee e perguntou:

— Como eu faço para melhorar? Como faço essa dor passar?

Annalee baixou as palavras cruzadas.

— Você devia se despedir.

— É tarde demais. Ele já foi.

— Às vezes, mesmo depois dizer adeus já ajuda.

— Você sabe... se ele chegou a sentir o mesmo que eu?

— Ah, minha *tsigele*. — Annalee deu uma batidinha com a caneta na mão de Gracie. — Algumas pessoas usam o coração. Outras o carregam.

Gracie soltou um suspiro. Tinha mesmo esperado que Annalee pudesse ajudá-la a se sentir melhor? Little Spindle era cheia de monstros de mentira, de falsas bruxas, de histórias que não passavam de histórias. Mas qualquer coisa valia a tentativa.

Apesar de o clima ainda estar quente, a estrada principal estava quieta, e, quando ela fez a curva para a estreita estrada de terra que levava à sua enseada, o bosque parecia quase desamparado, como se estivesse na última vigília do verão. Gracie se sentiu culpada. Antes de Eli, aquele lugar tinha sido seu recôndito, uma enseada sem nome e reconfortante. *Por onde você andou?*, sussurravam as agulhas dos pinheiros.

Apoiou a bicicleta numa árvore na clareira e andou até a margem. O lugar não parecia mais um santuário. Mosey não tinha dito que a lagoa era mal-assombrada? A enseada parecia repleta de fantasmas que ela queria poder exorcizar. Tinha tantas boas memórias com Eli. Será que também precisava perder todas as coisas boas?

E foi aí que Gracie ouviu: uma única respiração baixinha, poderia ter sido uma brisa. Então outra — uma respiração rouca. Olhou para além dos baixios sombreados. Havia um corpo caído nas águas rasas.

Gracie não se lembrava de ter se movido, só sabia que uma hora estava de pé, na margem, aturdida, então, no instante seguinte, estava de joelhos na água.

— Eli!

— Você veio.

— O que aconteceu? O que é isso?

Eli estava quase azul de tão pálido, as veias muito visíveis através da pele.

— Eu não devia ter esperado. Eu tenho três meses. É a regra.

— Que regra?

— Eu queria dizer adeus.

— Eli...

— Eu fui egoísta. Não queria que você fosse para a cidade. Precisava poder ansiar pelos nossos encontros. Me desculpe. Me desculpe, Gracie. Os invernos são tão longos.

— Eli, estou com o celular. Posso ligar...

— Agora estou morrendo, então posso contar...

— *Você não está morrendo!* — gritou Gracie. — Está desidratado, ou então com hipotermia.

Mas, mesmo enquanto falava, percebeu que a água estava mais quente do que deveria.

— Era eu naquele dia. Você estava tacando pedrinhas na lagoa. Tinha ralado o joelho. Eu só vi você por um segundo. Era o último dia de maio. — As pálpebras dele tremularam, abrindo e fechando. — Eu não devia ter te beijado, mas esperei por tanto tempo. Era melhor que sorvete. Era melhor que os livros.

Gracie estava chorando.

— Eli, por favor, me deixa...

— É tarde demais.

— Quem disse? *Quem disse?*

Eli deu de ombros, num movimento ínfimo que se transformou em tremor.

— A lagoa. Tenho três meses para andar sobre a terra. Mas sempre tenho que voltar para ela.

Os pensamentos de Gracie voltaram voando para aquele dia na enseada, para a criatura na água. Era impossível.

— Não tem livros lá embaixo — explicou ele. — Nem palavras, nem linguagem.

Nem Dairy Queen. Nem bicicletas. Nem música. Não era possível.

Gracie piscou, e o corpo de Eli pareceu estremecer, quase fantasmagórico: parte garoto e parte alguma outra coisa. Lembrou-se de Annalee dando batidinhas em sua mão com a caneta. Algumas pessoas usam o coração. Outras o carregam.

Gracie examinou a praia, passando os olhos pelos emaranhados de arbustos nos limites onde o bosque começava. Viu um pequeno amontoado escuro em meio às folhas. Gracie nunca tinha visto Eli sem aquilo, sem aquela mochila roxa feia, e foi nesse momento que ela soube.

Avançou, aos tropeços, para pegar a mochila, caiu, se levantou e a abriu com violência, puxando o zíper até o final, escancarando-a como uma bocarra. Estava cheia de porcarias. Bilhetes de prêmios das máquinas de joguinhos, cartões de pontuação do minigolfe, uma latinha rosa e dourada de brilho labial. Mas ali, bem no fundo, cintilando como uma lua oculta...

Tirou a coisa da bolsa, uma longa e frágil capa de escamas que parecia se estender eternamente. Era surpreendentemente pesada, com escamas reluzentes e afiadas sob seus dedos. Puxou a capa até Eli, arrastando-a atrás de si, tropeçando nas águas rasas da margem. Puxou o corpo dele para perto e o enrolou na capa.

— Pronto — falou, soluçante. — Pronto.

— Três meses — disse ele. — Não mais.

— Foram só alguns dias...

— Vá embora de Little Spindle, Gracie. Fique livre deste lugar.

— Não — gritou ela para a lagoa, para ninguém em particular. — Podemos fazer uma troca. As mãos de Eli agarraram seu pulso.

— Pare.

— Pode me levar junto!

— Gracie, não!

Sentiu a água bater contra suas coxas, em uma pulsação lenta e quente como sangue, quente como um útero. E Gracie soube o que fazer. Enroscou-se na capa de escamas ao lado de Eli, permitindo que as arestas afiadas perfurassem seus braços, que seu próprio sangue pingasse na água.

— Me leve junto — sussurrou.

— É tarde demais — retrucou Eli. Seus olhos se fecharam. Ele sorriu. — Valeu a pena.

Então a mão que segurava o pulso dela apertou e relaxou. Gracie viu os dedos se esticarem e alongarem, formando garras afiadas como navalhas.

Os olhos de Eli se arregalaram. Gracie foi tomada pelo cheiro de nuvens de chuva, e trovões ribombaram, transmitindo o rugido de uma torrente indômita. A água que caía cobria suas orelhas enquanto o corpo de Eli mudava, primeiro ficando borrado, depois resplandecendo à luz que fraquejava. Ele se ergueu, assomando-se sobre Gracie, o corpo musculoso e sinuoso formando espirais. Era uma cobra gigantesca, uma serpente de escamas brancas reluzentes, balançando a cabeça reptiliana, as nadadeiras iridescentes se projetando das costas, estendendo-se como asas.

— Eli... — começou Gracie, mas o som que saiu de sua boca não era humano.

Ela levou a mão à garganta, mas seu braço estava curto demais e no formato errado. Gracie se virou e tateou o próprio corpo, estranho e forte, e se debateu nas águas rasas, arqueando as costas.

Na água iluminada pelo sol, Gracie viu o próprio reflexo; viu as escamas de um cinza profundo reluzindo em pequenos arco-íris, com nadadeiras de um tom de violeta comuns aos hematomas e crepúsculos, um véu de luzes de estrelas em seu corpo, contra o céu já escurecendo. Era monstruosa. Era adorável.

Foi seu último pensamento humano. Estava mergulhando na água. Estava enrolada ao redor de... quem era? Eli. O eco fraco de um nome, algo mais antigo e impronunciável, ressoou nas profundezas de sua mente. Não importava. Sentia o deslizar das escamas dele sobre as dela enquanto os dois deslizavam mais para o fundo do lago, até o repuxo da corrente, sempre juntos.

Coração

Quando encontraram a bicicleta de Gracie encostada num pinheiro perto de Little Spindle, Annalee fez o melhor que podia para explicar o que acontecera à mãe de Gracie. Claro que a mãe chamou a polícia mesmo assim. Até mandaram mergulhadores para o lago. A busca não deu resultados, apesar de um dos mergulhadores ter alegado que alguma coisa grande demais para ser um peixe roçara em sua perna.

Gracie e Eli tinham os verões, três meses perfeitos a cada ano, para sentir a grama sob seus pés e o sol em seus ombros humanos desnudos. Escolhiam uma cidade diferente a cada verão, mas quase sempre voltavam para Manhattan, onde visitavam — acompanhados de Annalee e da mãe de Gracie, muito perplexa — uma cobertura no Upper East Side, sempre tentando evitar ficar encarando a belíssima anfitriã com pele de água corrente e olhos verdes cor de rio.

Quando chegava o outono, trocavam de nome e de corpo como se trocassem de pele e viajavam pelas águas do mundo. A lagoa detestava abrir mão da presença deles, sempre ameaçava se congelar inteira, prendendo-os ali em sua solidez, mas agora eram dois contra um, dois monstros das profundezas sinuosos e resplandecentes, com caudas que chicoteavam e olhos cintilantes, e sua força reunida esmagava antigas regras e novas discussões. Eles deslizavam rio Mohawk abaixo até o Hudson, passavam pelo deus do rio, com seus ombros cinzentos caídos, e saíam para o Atlântico. Encontravam ursos polares no Ártico e peixes-boi assustados perto de Florida Keys. Enroscavam os corpos, unindo-os num nó, e ficavam vendo as luzes oníricas das águas-vivas da costa australiana.

Às vezes, quando encontravam um passageiro solitário apoiado na amurada de um navio cargueiro, até se deixavam ser vistos. Cortavam as ondas, permitindo que a luz do luar batesse em seu couro, e o estrangeiro ficava um momento ali, parado, boquiaberto, com o coração a toda e a solidão esquecida.

O FIM DO AMOR

NINA LACOUR

Não percebo como cheguei cedo até abrir a porta. As fileiras de mesas e cadeiras estão vazias, a sala, imersa em silêncio, e o sr. Trout me olha de trás do púlpito.

— Faz uns anos que não nos vemos — comenta ele. — Me mandaram um aviso dizendo que você viria assistir à aula como ouvinte.

— É. Queria me atualizar.

— Para quê?

— Não sei. O meu futuro?

Ele dá risada.

— Eu não devia dizer uma coisa dessas, mas você não precisa disso aqui para o seu futuro. Só para o ensino médio. É um requisito a ser preenchido, e você já preencheu. E *perfeitamente*, se bem me lembro.

— Talvez eu só queira me sentir realmente boa em alguma coisa. — Atravesso a sala e reivindico uma carteira na primeira fileira. — Talvez eu só ame geometria.

— Tá certo. Faça o que lhe deixar feliz, Flora. Mas, em toda a minha carreira, nunca vi um aluno refazer um curso por diversão. Ainda mais durante o *verão*.

Ele se virou para a janela, a luz resplandecente da manhã fluindo para dentro do cômodo, como que para provar minha insensatez. Mas, em vez de me voltar para o exterior, olho para as pilhas de livros de geometria na mesa dele e, juro, só de olhar para eles meu coração se enche de alegria.

— Posso distribuir os livros — ofereço.

— Claro — responde ele.

Enquanto os posiciono bem no meio de cada mesa, colocando os cartões amarelos da biblioteca na contracapa, agradeço a Jessica mentalmente por ter me permitido fazer isso. Era a última semana de aula, a iminência do verão que eu teria que passar sozinha em casa com meus pais parecia se assomar sobre mim como uma parede de neblina se aproximando. Minhas duas melhores amigas iam passar a estação inteira fora da cidade, Rachel trabalhando em um acampamento de verão em Tahoe, Tara em Barcelona com os primos. Eu sentia um peso enorme no peito.

— Do que você precisa? — perguntou Jessica.

Nem mesmo ela estaria presente durante as férias de verão, e minhas visitas semanais a seu escritório tinham se tornado a melhor parte do ano letivo. Eu ia sentir falta do jeito como ela encostava só as pontas dos dedos ao unir as mãos, sempre que me fazia alguma pergunta; e das plantas na janela; e até da caixa de lenços, que ficava empoleirada ao meu lado como uma

sugestão para chorar. Eu disse a ela que não sabia do que precisava.

Mas então falei:

— Na verdade, talvez eu precise de um curso de verão, algo do tipo. De um motivo para sair de casa todos os dias. E de muitas tarefas, para eu poder ficar enfurnada no meu quarto.

— Eu não sei que curso vamos oferecer neste verão... — comentou ela, abrindo o laptop e acessando o calendário acadêmico. — Pena que não tem arte nem teatro.

— E geometria? — perguntei.

Ela inclinou a cabeça.

— Você já não está estudando trigonometria?

— Eu podia ir como ouvinte.

Os dedos dela bateram nas teclas, digitando.

— O professor é o Tim, digo, o sr. Trout. No campus Potrero.

Sorri. Melhor ainda. O sr. Trout foi o professor da primeira vez que fiz a matéria, no primeiro ano do ensino médio. Ele foi o primeiro a me falar sobre eixos e simetria.

— Perfeito — declarei, e Jessica me matriculou na mesma hora.

Ela fez tudo parecer muito tranquilo, embora eu soubesse que aquilo não faria sentido para nenhum outro adulto.

Terminei de distribuir os livros, e o sr. Trout e eu conversamos amenidades por alguns minutos, até ele me dizer:

— Muito bem, agora vá dar uma volta. Preciso de uns minutos para preparar essa primeira aula.

Deixo a mochila em uma mesa na primeira fileira e saio. Não conheço bem este campus. Por uma ou duas semanas, logo no meu primeiro ano, eu vinha de ônibus para cá depois da escola para ficar com Blake no pátio da frente. Ele gostava de ficar do meu lado, com um dos braços sobre meus ombros. Eu gostava de ter todo aquele mistério, de ser a garota da Baker High. Um monte de adolescentes aleatórios vinha me perguntar se eu conhecia seus primos, ex-namorados ou amigos, e eu sempre dizia sim e sim e sim, com o braço de Blake envolvendo minha cintura o tempo todo — e eu costumava gostar dele ali.

Naquela época, não cheguei a me aventurar fora do pátio da frente, então agora decido fazer um tour. Os prédios principais são largos e baixinhos, de um azul desbotado, a paisagem atrás é composta de morros ondulantes, dourados pelo verão. Dou uma volta pelos arredores do campus, passando pela quadra de basquete, a piscina e a ala da administração, e a manhã está muito resplandecente. Fico feliz por estar aqui, prestes a aprender uma coisa que já sei. Chego ao estacionamento. Três adolescentes andam juntos até a escada da entrada do campus, e fico sem ar.

Eles estão mais altos. Um pouco mais frenéticos. Mais barulhentos.

Travis para de andar e estreita os olhos na minha direção.

— Ei — diz Mimi. O cabelo dela continua do mesmo tamanho, mas parte de um dos lados tinha sido raspada. Usava uma jardineira com as pernas da calça cortada e presa só do lado direito, a fivela esquerda pendurada. Quando a vi, senti o rosto esquentar. — É você. A ex do Blake.

Forço uma risada.

— Não sabia que aquele mês da minha vida ia me definir para sempre.

— Olha a Flora! Sua sumida! — exclama Hope, ainda gentil.

— Oi, gente — cumprimento.

— Por favor, diga que está aqui para a aula de geometria — pede Travis.

Faço que sim com a cabeça, porque não consigo falar. Fazer aula com eles era a última coisa que imaginei que fosse acontecer quando me matriculei em um curso de verão. Quando escolhi a matéria, pensei em formas e lógica, ângulos e números, estranhos e anonimato. Não naquele trio fora da lei, que eu achava que nunca mais veria. Não naquela garota, cuja mera presença fazia minha cabeça formigar e minhas mãos tremerem. Mesmo me forçando a olhar para qualquer outro lugar conforme sigo os três escada acima, não consigo evitar encarar a pele desnuda dos quadris de Mimi, no espaço entre o macacão e o top.

Quando eu estava no primeiro ano e vinha sempre para este mesmo pátio com Blake, sabia que o que a gente tinha não duraria muito. Mesmo curtindo a sensação do braço dele me envolvendo. Mesmo gostando do jeito como ele me olhava, gostando de ser a namorada dele. Porque, mesmo naquela época, certas verdades a meu respeito começavam a vir à tona, das profundezas do meu coração. E agora, parada no corredor do lado de fora de uma aula que não preciso assistir, essas verdades irrompem de novo. Porque foi Mimi Park quem as liberou da primeira vez.

Naqueles tempos, ela estava sempre com o fone em pelo menos um dos ouvidos, quase sempre com o olhar perdido, a cabeça balançando tão suavemente que o movimento teria sido imperceptível para qualquer um que não estivesse fascinado por ela. Uma vez, Mimi me perguntou se eu já havia escutado uma música específica, e eu disse que não, então ela pegou o fone direito e o encaixou delicadamente na minha orelha. Era Nirvana, “Come as You Are”. Kurt Cobain tinha morrido havia quase vinte anos, e eu já ouvira *falar* dele, mas nunca *ouvira* suas músicas. Então ele começou a cantar para nós duas ao mesmo tempo. Só para a gente. A voz ressoava no ouvido esquerdo dela e no meu ouvido direito. Escutamos a música toda bem ali, no pátio, e eu sorri e saí balançando a cabeça logo no começo, para ela não tirar o fone, mas depois disso nunca mais consegui olhar na cara dela. Aconteciam coisas demais quando nossos olhos se encontravam. Fiquei encarando o meu All Star e uma embalagem de chiclete. Fiquei encarando os Vans dela e uma flor amarela que crescia no concreto. A guitarra soava como se estivesse sendo tocada debaixo d’água. A letra era confusa e contraditória, muito parecida com a experiência de estar ali, envolvida pelo braço do seu namorado enquanto compartilhava fones de ouvido com a menina que você queria estar beijando.

Quando a música acabou, Mimi estendeu a mão para a minha orelha e tirou o fone.

— O que achou? — perguntou.

— Achei bom.

Agora estamos no verão depois do penúltimo ano do ensino médio, e ainda me lembro da sensação de ser escolhida, em um pátio cheio de gente, para ouvir uma música. Eu me lembro de perguntar se ela iria na festa de início de ano, e de como Mimi dissera algo sobre ir acampar. Eu me lembro de como chorei quando terminei com Blake, de como grande parte da tristeza tinha a ver com perder aquelas tardes no campus da Potrero High e a profusão de luzes que me preenchia sempre que via Mimi ao longe.

Os três cruzaram a porta e se dirigiram para o fundo da sala. Se minha mochila ainda estivesse no ombro, eu teria ficado no grupo deles e também me sentaria lá, mas minhas coisas

ainda estão na carteira da frente. Eu teria que atravessar a sala, pegar a mochila, e então voltar para ver se ainda tinha alguma carteira vazia perto deles. E não sei se eles iam me querer ali, um quarto membro no grupo, então decido ficar onde já estava. Talvez amanhã seja diferente.

O sr. Trout está de pé diante do quadro branco. Eu achava que ele precisava de tempo para preparar a aula, mas parece que em vez disso gastou o tempo desenhando um peixe gigante e coberto de escamas. Quando consegue captar a atenção de todos, escreve um “sr.” bem antes da ponta do nariz do peixe.

— Bem-vindos ao curso de verão — diz o sr. Trout.

Não sinto a tranquilidade que imaginei que sentiria ao fazer o curso, já que Mimi também está aqui, cinco fileiras atrás de mim.

Não tem ninguém em casa quando chego. Vou pendurar a mochila no cabideiro, mas paro quando vejo um post-it escrito: *Fica*. É um cabideiro de latão, e cada gancho tem a forma de um animal. Toco o chifre do rinoceronte, a tromba do elefante. Coloco a mochila de volta no ombro e vou até a sala, mas vejo mais post-its por todos os lados. O do relógio acima da lareira diz: *Vender*. O do retrato da vovó traz uma interrogação. O da mesinha lateral, com a superfície coberta de manchas circulares de xícaras de café e chá, diz *Caridade*.

Olho para o chão, desvio de mais post-its, presos com alfinetes nos tapetes, e avanço pela casa, subindo a escada até meu quarto. Largo a mochila. Tiro as sandálias. Desforro a cama e deito. Me encolho até ficar pequena. Me embalo até dormir.

É segunda de novo. Quando chego, Mimi, Hope e Travis estão parados diante da porta aberta da sala de aula, e tento reunir coragem para falar com eles. Acho que estraguei tudo. Devia ter me juntado aos três no primeiro dia, ou pelo menos no segundo. Agora já passou tempo demais, e nem fui convidada para sentar com eles, e nossas conversas têm sido apenas uma troca de ois e tchaus.

Mas não preciso reunir coragem, porque Hope me vê e me chama:

— Flora, vem ver a tatuagem da Mimi!

Então me junto a eles. É uma papoula-da-califórnia em tamanho real desenhada na parte interna do antebraço.

— Não consigo acreditar que sua mãe deixou — comenta Travis.

— Fazer o quê? Sou filha de uma rebelde.

— É linda — comento. — As pétalas são... tão perfeitas.

Eu me sinto corar enquanto falo, porque é muito parecido com dizer que *ela* é linda. A tatuagem é bonita, verdade, mas mesmo aqueles tons de laranja e verde intensos não são páreo para o rosto de Mimi, ou os joelhos, ou o modo como ela está posicionada, com o braço estendido na nossa direção sem nenhum indício de constrangimento.

— Eu quero fazer uma tatuagem — falo. — Já até sei como vai ser.

Mostro o lugar, na parte interna do bíceps.

— E vai ser do quê? — pergunta Travis.

— Palavras. Uma frase. “O fim do amor”.

Mimi estreita os olhos.

— E de onde é?

— É só uma coisa que eu pensei.

É uma coisa dolorosa e que eu pareço incapaz de exorcizar, que me mantém acordada pela madrugada. Acho que, talvez, se eu pudesse *fazer* algo a respeito, escrever no meu corpo para sempre, eu conseguiria tirar do coração.

— Parece uma música — diz Hope. — Ou quem sabe um livro. Eu não consigo imaginar como ficaria numa tatuagem.

— Mas seria tipo um alerta para as garotas — comenta Travis. — Todas iam saber que é melhor ficar longe, bem longe.

Fico vermelha de novo. Não achei que fosse importante o suficiente para virar fofoca em Potrero High, mas parece que sou. Ergo os olhos e vejo Mimi me observando.

— Ei, *gente* — chama o sr. Trout, da sala. — Talvez seja um choque para as suas mentes jovens e precoces, mas a aula acontece *dentro* da sala de aula.

Quase sigo os três até a última fileira, mas, antes de me mover, reparo que só tem três carteiras vazias ali, então me sento no lugar de sempre, na frente.

Hoje o sr. Trout vai começar a falar de polígonos, apesar de ainda não ter anunciado. Sei pelas formas que ele desenhou no quadro. Sei o nome de todas. Triângulo, quadrilátero, pentágono, hexágono, heptágono, octógono, eneágono, decágono...

— O que todos estes desenhos têm em comum? — pergunta o professor.

— São formas? — murmuram os alunos. — Têm linhas retas?

— Sim — concorda o sr. Trout. — E o que mais?

Abro o caderno e escrevo tudo o que sei sobre polígonos. Sobre como são limitados por uma cadeia finita de segmentos de linha. Sobre suas arestas e os pontos onde duas se encontram. Sobre como a área plana delimitada pelas linhas é chamada de interior.

Escrevo sobre convexidade e concavidade, sobre polígonos simples e polígonos estrelados. Escrevo sobre semelhança e simetria, e cada palavra acalma meu coração. O sr. Trout está falando sobre todas essas coisas que eu já sei. Ele quase sempre soa meio entediado, mas não faz diferença. As palavras deixam sua boca, atravessam a sala, e sou tomada pelo assombro de saber que *ela* também está ouvindo todas.

Quando chego em casa, meus pais estão na sala de jantar, parados com seus post-its diante da cristaleira.

— Olhe só para isto — diz minha mãe, num tom de desprezo, erguendo a bandeja de prata. — No que estávamos pensando?

É a bandeja que usaram durante minha vida inteira. Não vejo nada de errado com ela, mas papai solta o mesmo suspiro de desprezo e ergue as mãos para o ar.

— Sem comentários — retruca ele. — Estávamos na década de 1990.

— Para a pilha da caridade? A não ser que você queira.

— Ah, *claro* que vai para a caridade.

Meu pai carrega a bandeja até a mesa de jantar, onde três post-its marcam as pilhas de objetos. *Dela, Dele e Caridade*. A pilha da caridade é a maior, domina toda a mesa.

— Vocês não vão ficar com nada? — pergunto.

— Ah. Oi, Flora — cumprimenta meu pai.

Minha mãe acena do outro lado da sala.

— Eu nem sabia que você estava aqui! — exclama ela.

No meu quarto, abro o livro didático e começo o trabalho de casa que, como ouvinte, tecnicamente não preciso fazer. O sr. Trout mandou resolver só os problemas de número ímpar, mas decido fazer todos. Na metade, bem enquanto desenho um círculo perfeito com o transferidor, ouço uma batida.

A porta se abre com um rangido, apesar de eu não ter dito para a pessoa entrar.

— Como vai? — pergunta minha mãe.

— Bem. Só estou fazendo o dever de casa.

— A aula é difícil?

Dou de ombros.

— Qual é mesmo a matéria?

— Geometria.

Ela assente e inclina a cabeça para o lado.

— Não sei por quê, mas achei que você já tivesse feito geometria.

Não respondo, mas parece que não importa. Minha mãe já começou a analisar meu quarto. Sinto um aperto no peito e um nó no estômago, e praticamente consigo ouvir Jessica me dizendo para dar voz a esses sentimentos.

— Já tem ideia do que você vai querer manter?

— Tudo — respondo.

— A gente podia comprar uma escrivaninha melhor para você. Mais moderna.

— Não faz muita diferença, só tenho mais um ano em casa.

— Bem. Vamos ver como essa fica no seu novo quarto, aí podemos decidir.

— Eu estava começando a pegar o embalo aqui — falo, apontando para o livro.

— Epa! Vou deixar você em paz. Estou animada para sábado. Uma amiga me falou de uma loja nova em Berkeley, achei que a gente podia dar uma olhada.

— Você tem certeza de que quer comprar cortinas antes de saber onde vamos morar?

— Já sei o estilo que eu quero. Uma coisa meio turca. Podemos ver o que tem por lá.

— Ok.

— Maravilha. Pode voltar ao trabalho. Eu e seu pai vamos atacar o closet lá do hall. Sabe, estamos nos divertindo bastante com isso tudo. — Ela abre um sorriso, como se para comprovar. — É tão importante criar um desfecho, e a gente fica se lembrando das coisas e rindo. Estamos nos livrando de tanta tralha, a sensação é ótima.

Sinto o mundo girar, mas logo minha visão volta ao normal. Tem uma colmeia dentro do meu corpo, as abelhas fervilhando, perigosas, mas as empurro mais para dentro e digo:

— Isso é mesmo muito bom para você. Mas agora realmente preciso me concentrar nisto aqui.

Viro de volta para o livro, mas já quase não consigo ver o que está na minha frente. Fico sentada, imóvel, até ouvir a porta se fechar. Os passos de minha mãe vão esmorecendo pelo corredor. Viro uma nova página no caderno e pego o compasso, mas faço força demais e quebro a ponta do grafite.

Deixo o dever de casa de lado e abro o laptop. Pesquiso tecidos turcos e começo um novo mural no Pinterest. Junto estampas, cores e fotografias de azulejos turcos como inspiração. Aprendo sobre os diferentes motivos tradicionais — animais e flores e árvores — até ficar bem cansada e me render ao conforto da cama.

No meio de uma aula sobre o teorema de Pitágoras, o sr. Trout vê alguma coisa pela janela. Seu rosto inteiro se transforma, dominado por um sorriso. Eu me viro para descobrir o que ele está vendo. É uma mulher carregando uma cesta de piquenique.

— Flora — chama ele. — Você pode me fazer um favor? Pode terminar esta demonstração? Depois passe para a próxima. — No caminho até a porta, ele se vira e completa: — E depois para a próxima.

Então vou até o quadro branco e pego o marcador. Eu me viro de volta para a janela e vejo o sr. Trout abraçando a mulher. Quando os dois se soltam, ela abre a cesta de piquenique e espalha o conteúdo bem ali na grama, do lado de fora da sala.

Termino o desenho do sr. Trout e explico o que estou fazendo, então me viro para a turma. Todo mundo está olhando enquanto a mulher tira dois sanduíches da cesta, ambos envolvidos em papel-manteiga e amarrados em laços de fita. Em seguida vem uma porção de morangos e duas taças de champanhe. Com um floreio, ela pega uma garrafa de água com gás, diz alguma coisa, e os dois riem, inclinando a cabeça para trás.

Fico sem jeito de simplesmente estar de pé aqui, sem fazer nada, então olho as anotações do professor para descobrir qual é o próximo passo, apago o desenho que acabei de fazer e começo outro.

— Certo, então esta é a fórmula matemática — explico. — A ao quadrado mais b ao quadrado é igual a c ao quadrado.

Desenho um quadrado grande com um menor inclinado dentro e indico cada parte. Eu nem me viro, porque sei que ninguém está prestando atenção. Quando termino, deixo o marcador de lado e olho pela janela. O sr. Trout e a mulher estão relaxando sobre o cobertor, comendo e conversando como se estivessem no meio de um parque numa manhã de sábado. A turma inteira está virada para a janela, assistindo.

A turma inteira, menos Mimi, que olha para mim.

Tudo volta de repente: a primeira vez em que a vi, enquanto esperava Blake perto do carvalho — ela estava distribuindo panfletos para um clube escolar, a Aliança Gay-Hétero.

— Você estuda aqui? — perguntou Mimi.

Balancei a cabeça, negando.

— Achei mesmo que não. Que pena. — E então me entregou um panfleto mesmo assim.

Cerca de duas semanas depois, embaixo daquela mesma árvore, meu coração bateu forte quando a vi.

— Como vai a aliança? — perguntei.

Ela deu de ombros.

— Na verdade, não vai. Tem muitos Héteros e poucos Gays, o que meio que acaba com a ideia.

Travis e Hope estavam lá, ao lado dela.

— Não põe a culpa na gente — protestou Travis. — A gente só estava apoiando a sua causa.

— Acho que eu não sou muito de clubes — disse Mimi.

Agora, quase três anos mais tarde, com nosso professor fazendo um piquenique do lado de fora da sala e o restante da turma vidrada na cena, Mimi levanta a mão.

— Oi? — pergunto.

— Por que você está fazendo esta aula?

E talvez seja por causa da bizarrice do momento. Ou porque, no meio dos vinte outros alunos olhando para outra coisa, parece que Mimi e eu estamos sozinhas nesta sala. Qualquer que seja o motivo, decido responder com sinceridade:

— Eu precisava sair de casa.

— Nós vamos acampar — comenta Mimi, duas horas mais tarde. — Quer vir?

Estamos no lugar onde aconteceu o piquenique do sr. Trout e sua amiga, mas todas as provas já foram retiradas. Ele voltou para a sala como se nada tivesse acontecido e anunciou que era hora do almoço.

— Quando? — pergunto.

— Amanhã de manhã. Vamos passar umas duas noites na Muir Beach.

— Acho que não vai dar. Eu até queria, mas já tenho planos.

— Alguma celebração do Quatro de Julho?

— Não exatamente. É meio que uma coisa de decoração. Com a minha mãe.

— Que pena, a gente ia gostar de uma ajuda com geometria.

— Ah. Quer dizer que você só está atrás de uma aula particular de graça?

— Não só — responde Mimi.

— Fim do intervalo! — grita o sr. Trout, da sala. — Eu não devia ter que dizer isso para vocês! Todo mundo tem relógio no celular!

— É muita cara de pau, vindo de um cara que acabou de sair de um piquenique durante o horário de trabalho — grita Travis de volta.

— Justo — retruca o sr. Trout. — Mas ainda sou eu quem manda aqui.

Dou meia-volta e vou para a sala.

No fim do dia, na saída, Mimi me entrega um bilhete. No decorrer da nossa história, é o segundo pedaço de papel que ela me dá. Este é maior que o panfleto da AGH, um papel quadriculado, dobrado muitas vezes. *Caso seus planos furem*, está escrito. E então, embaixo, o desenho de uma barraca, árvores, a lua, as estrelas e uma fogueira. Embaixo, Mimi escreveu: *Muir Beach, acampamento 12*.

— Primeiro pegamos os lattes — anuncia mamãe. — Depois, vamos para a loja de cortinas!

Ela quer ir em carros separados, já que tem mais coisa para fazer depois, e, por mim, tudo bem. Enquanto ela pede as bebidas na cafeteria de sempre, escolho uma mesa e abro o laptop para mostrar o mural que fiz no Pinterest.

— Isso é tão maravilhoso — comenta ela, sentando-se. — Olha só esse aqui! Amo essa cor.

— Eu também — respondo, rolando a tela para mostrar outras estampas parecidas. — Eu estava pensando em como talvez não seja tão doido comprar as cortinas antes de saber como é o lugar. Isso pode fazer a gente se comprometer com a decoração que vamos fazer.

— Ah, você é tão esperta. Ih, acho que chamaram a gente no balcão — diz mamãe. — Vamos.

Dirigimos até a loja de tecidos e terminamos os lattes do lado de fora. Pela vitrine da frente, já dá para ver que encontraremos muitas opções, e digo a mim mesma que a empolgação que estou sentindo é boa, e não um sinal de que estou me traindo. Como Jessica sempre diz, os sentimentos podem ser bem complicados. Podem ser contraditórios. Não precisam fazer sentido.

Olho pela vitrine e, no interior da loja, vejo uma estampa em exibição numa das paredes.

— Acho que encontrei uma boa — anuncio.

— Onde? — pergunta minha mãe.

— Perto daquela vitrine, a terceira.

O rosto da minha mãe ao lado do meu, refletidos na vitrine, a sensação de mostrar algo a ela... Isso tudo acende alguma coisa esquecida dentro de mim, uma coisa de antes do surgimento do *fim do amor*, de isso começar a se repetir, mesmo enquanto durmo. Jogamos os copos no lixo e entramos na loja.

— Olá! — cumprimenta a mulher atrás do balcão. — O seu pedido está guardado lá atrás.

— Que pedido? — pergunto.

Mamãe dá de ombros como fosse um gesto fofo.

— Você me pegou! Não consegui resistir e vim dar uma olhadinha. Passei aqui rapidinho faz uns dois dias e fiquei doida por uma estampa.

— Então por que me trouxe aqui?

— Vamos precisar de mais de uma cortina. Agora me mostra a estampa que você tinha visto.

Levo minha mãe até ela, mas, de perto, a estampa não é como achei que seria.

— São cores ótimas — comenta minha mãe. — Venha ver o que escolhi. Você vai adorar!

A vendedora coloca um dos lados da cortina já reservada na bancada, para minha mãe inspecionar. É um ikat azul e branco, nem um pouco turco e sem nenhuma das cores quentes que tínhamos olhado.

— Não é linda? Talvez com uma mesa de centro rústica e sofás de couro...

Ela ergue as sobrancelhas e abre um sorriso cheio de expectativa.

— Parece legal — consigo dizer.

— Beleza. Tenho uma surpresa para você. Mais uma parada. Siga-me!

Sigo o carro dela pela rodovia. Saímos da via expressa e minha mãe entra em uma rua. Faço o mesmo. Estacionamos na frente do que parece um condomínio novo. Minha mãe segura uma chave e carrega a sacola com as cortinas.

— O que é isso? — pergunto.

— Venha ver — cantarola minha mãe. Então guia o caminho, subindo alguns degraus de concreto até uma porta vermelha. Ela gira a chave, e nos vemos diante de uma sala de estar vazia. — Surpresa! Seja bem-vinda à sua nova casa, Flora.

Sinto a colmeia de volta, sou preenchida por zumbidos e bater de asas. Minha visão fica embaçada.

— Você só pode estar de *brincadeira* com a minha cara!

Vejo um lampejo de confusão em seu rosto.

— Você não gostou?

— *Surpresa, seja bem-vinda à sua nova casa? Você me ajuda a escolher as cortinas?*

— Flora...

Mas já dei as costas para ela. Já descí as escadas da entrada e entrei no meu carro, e nem olho para ela quando saio dirigindo para longe. Não sei para onde vou, e não demoro a ter que parar no acostamento, porque estou chorando demais.

Eu achava que, quando uma pessoa se divorciava, tinha que brigar por todas as coisas. A casa, os carros e a mobília. Os presentes de casamento que ainda restaram. A coleção de arte, se a pessoa for do tipo que coleciona arte — como no caso dos meus pais. Achava que era preciso querer se agarrar aos pedaços da antiga vida. Achava que os anos que tinham vindo antes ainda deviam importar.

Quero o sofá de dois lugares. Quero as xícaras de margaridas. Quero os suportes de ovo mole. Quero o capacho de boas-vindas, o retrato da vovó, o cavalinho de balanço, o papel de parede. Quero o piano e o tapete navajo. Quero o meu quarto e quero o meu pai e quero, quero, *quero*.

— Ah, então você *gosta* da gente! — comenta Travis, quando saio do carro e passo do cascalho para a grama.

— Claro que gosto.

— Mas você não senta com a gente na aula — retruca Hope. — Ficamos chateados.

Os três estão empoleirados em cadeiras dobráveis de cores vibrantes. Mimi repousa os pés com chinelos vermelhos em um toco de árvore. Ela está torcendo a alça solta da jardineira e sorrindo para mim. Enrubesco na hora, e é como se estivesse no primeiro ano de novo. Mas nós duas estamos mais velhas, somos mais capazes de dizer o que queremos.

— Eu estava torcendo para você aparecer — comenta ela.

Abro a boca para devolver com um leve flerte, algum comentário engraçadinho, mas em vez disso o que sai é um choro. As lágrimas caem. Eu não contava com isso. Ponho as mãos na

frente do rosto.

— Ai, meu Deus, que merda. Isso é tão constrangedor.

Felizmente começo a sorrir, e o choro para.

— Você está bem? — pergunta Hope.

— Só tem sido um daqueles... dias? Meses? Últimos dois anos?

— A gente bem que se perguntou se tinha algum problema. Você fica sentada lá na frente, sem falar com ninguém a não ser que a gente, tipo, *obrigue* você a conversar.

— E você sempre viaja na maionese — completa Travis.

— E também parece triste — intervém Mimi. — Eu lembro que você era bem mais sorridente.

— Meus pais estão se divorciando — explico.

Nunca digo essas palavras de fato, a não ser nas conversas com Jessica. Divórcio é tão comum, um desses problemas que só gente privilegiada tem, enquanto tanta gente encara coisas realmente horríveis. Mas, depois que começo, falo tudo de uma vez:

— Eles tiveram altos e baixos nos últimos dois anos. Tentativas de divórcio. Por um tempo, parecia que realmente se odiavam, tipo, do fundo do coração, mas agora é permanente, e o ódio desapareceu. Eles estão *contentes*. Meu pai tem *assobiado*.

— Daí você se inscreveu na aula de geometria, apesar de saber a matéria toda — completou Mimi. — E os planos de decoração?

Balanço a cabeça.

— Foram um desastre.

— Bem — diz Travis —, se você precisava fugir, pelo menos veio para o paraíso.

É verdade. Estamos no bosque, mas dá para sentir o cheiro do oceano. Sequoias assomam acima de nós, e um bando de pássaros azuis alça voo de um galho próximo. Fico olhando as aves se deslocando pelo céu, mergulhando e se afastando e se reunindo de novo, até saírem do meu campo de visão. Eu me viro de volta para o acampamento e assimilo tudo. Vejo duas barracas e uma fileira organizada de mochilas arrumadas entre elas. As cadeiras estão dispostas ao redor de uma fogueira, e, ali perto, vejo um cooler gigante coberto de adesivos do parque estadual da Califórnia.

Eles obviamente já são experientes nisso.

— Ai, gente. Vim tão despreparada — comento. — Até passei no mercado no caminho, mas só comprei uma escova de dentes.

— Cabem duas pessoas na minha barraca — diz Hope.

— Eu tenho um cobertor sobrando — oferece Mimi.

Travis aponta para o velho Volvo estacionado ali na frente.

— No meu carro tem moletom para agasalhar um vilarejo.

Rir é tão gostoso.

— Então, o que fez você vir acampar com os desajustados? — pergunta Travis.

— E o que faz de vocês jovens desajustados?

— Bem — responde Mimi —, para começo de conversa, somos péssimos em matemática.

— E bem miscigenados — completa Travis. — Mimi é meio coreana e meio branca, eu sou meio mexicano e meio branco e a Hope... Bem, a vida dela é a mais difícil.

Hope assente solenemente e explica:

— Sou metade francesa, metade holandesa.

— Além disso — continua Mimi —, somos, tipo, o único grupo de amigos na história do ensino médio que nunca brigou, nunca se apaixonou um pelo outro e nunca deu uns pegadas no parceiro do outro.

— E a gente se sente mais à vontade acampando do que nas nossas casas — anuncia Hope.

— E encontramos quatro ursos nos últimos três anos e nunca fomos devorados.

— E — arremata Mimi — nunca fomos a um baile da escola, nem uma única vez.

— Por que não? — pergunto.

— Sempre vamos acampar — explica Hope. — A tradição começou no baile de volta às aulas do primeiro ano. Só que nossos pais não deixavam a gente acampar sozinho, então os pais de Travis armaram uma barraca um pouco longe e vinham dar uma olhada de vez em quando.

— Que fofo — comento.

— E uma vez, no segundo ano, acampamos no quintal da Hope — diz Mimi.

— Foi uma medida desesperada — explica Hope. — Nenhum dos nossos pais queria acampar em dezembro.

— Você gosta de peixe? — pergunta Travis. — Pegamos uma truta em homenagem ao sr. Trout.

— Sêrio?

— Bem, a gente sempre assa uma truta, mas desta vez tem um significado especial.

— Tenho más notícias a respeito do nosso álcool — anuncia Hope, abrindo uma das mochilas. — Só consegui descolar um restinho de garrafa.

Travis examina o rótulo.

— Uísque — comenta.

— Bem, de qualquer forma, quando estou acampando prefiro tomar chá — responde Mimi, erguendo uma caneca.

— Você trouxe chá? — pergunta Travis.

— Aqui tem hortelã para tudo que é lado — explica Mimi.

— Então você simplesmente colheu um pouco e tacou na caneca?

— É.

— Que nojo.

— O que você quer dizer com “nojo”? — retruca Mimi. — Eu sempre faço isso. Como é que chá de hortelã pode ser nojento?

— Mas será que é *mesmo* chá? — indaga Travis. — Pelo que eu sei, chá é feito de coisas secas.

Mimi balança a cabeça, arregala os olhos e encara a caneca.

— Não temos nem como pesquisar — reclama Hope.

— Talvez a gente nunca saiba — comenta Travis.

— Eu quero provar — falo. — O chá.

Mimi olha para mim.

— Então vai entrar nessa comigo?

Sorrio para ela e dou de ombros.

— Acho que preciso provar para descobrir.

Mimi se levanta e deixa a caneca na pedra onde estava sentada. Suas coxas estão todas marcadas com a textura da pedra. Ela segue a trilha até um tufo de hortelãs, e fico olhando enquanto suas mãos quebram uma haste.

Ela despeja água da garrafa na panela de estanho, que coloca sobre a chama.

— Você trouxe caneca? — pergunta.

Balanço a cabeça.

Mimi entra na barraca e reaparece alguns segundos depois trazendo uma caneca verde, e não consigo deixar de pensar em como sua boca deve ter encostado muitas vezes naquela borda e que logo a minha também vai encostar ali. Ela joga a hortelã que colheu para mim lá dentro, despeja água quente em cima e me entrega a caneca.

— Deixe uns minutos em infusão — instrui ela.

— Eu estava pensando — começa Hope, depois do jantar. — Sabe a sua tatuagem? Se você fizer mesmo, também devia fazer uma no outro braço, *o início do amor*. Assim, dependendo de como você escolher ler, seja da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, pode significar que o amor começou e agora está terminando, ou que o amor terminou e agora está recomeçando.

A fogueira que eles fizeram está a toda, iluminando os três rostos.

— Mas eu achava que era para o amor ser eterno — falo.

Travis suspira.

— Essa é só mais uma das mentiras que contam quando somos crianças — diz ele. — Bom, pelo menos seus pais estão felizes.

— Eles *não* estão felizes — respondo. — Só estão apagando um da vida do outro.

Eu me lembro de uma noite de janeiro passado, uma noite que eu e mamãe fingíamos que nunca tinha acontecido. As festas de fim de ano tinham sido cheias de estresse, trânsito e viagens. Durante todo o trajeto de carro até Portland, onde sempre passávamos o Natal, eu sentia o coração acelerado com a expectativa de sair do armário para meus primos, minha tia, meu tio e minha avó. Alguém ia acabar me perguntando sobre namorados — todo ano era a mesma coisa —, e eu não queria simplesmente dizer que não tinha um. Estava tão imersa nesses pensamentos que mal reparei que meus pais estavam mais hostis que o normal. Isso até a volta para casa, quando já tinha desanuviado um pouco a mente. Os dois continuaram juntos durante quase todo o mês de janeiro, mas era um pouco como se a casa tivesse se tornado uma armadilha: bastava um passo em falso para lâminas despencarem do teto, ou a sala de estar ser tomada por um gás venenoso.

Lá para o fim do mês, meu pai já estava ficando na casa de um amigo, em outra cidade. Certa noite, eu estava acordada até mais tarde fazendo dever de casa, tentando me concentrar, e achei que um lanchinho cairia bem.

Minha mãe estava no andar de baixo, sozinha à mesa da cozinha. E ela comentou, do nada:

— Você tinha que contar para a família agora? Não facilitou em nada as coisas para a gente. Não estou dizendo que você foi a causa, mas já existia essa tensão entre a gente, e aquele estresse extra... e ainda por cima *no Natal*.

Conto isso para os três.

— Espero que você tenha respondido “Nossa, mãe, que comentário de merda” — falou Mimi.

— Não. Eu não disse isso.

— Bem, então espero que diga. — Mimi beberica o chá. Tomo um golinho do meu. — E espero que diga num futuro próximo.

— O mais próximo possível — acrescenta Hope.

— Tipo amanhã à noite — completa Travis. — Tem que ser, tipo, a primeira coisa que você vai dizer quando entrar em casa.

— Espera aí — começa Hope. — Que tal agora?

Ela fica na ponta dos pés, sacudindo o celular no alto, procurando sinal, até eu dizer:

— Não, agora não, agora não, não esta noite.

A fogueira está mingando — ainda está quente, mas não tão grandiosa quanto antes. Mimi despeja água fervente na minha caneca.

— E aí, o que achou? — pergunta Travis.

— Do quê?

— Do chá.

— Seja sincera — pede Mimi.

— Tem gosto de chá de hortelã, sem tirar nem pôr.

Travis ergue as sobrancelhas, surpreso.

— Bem, então beleza.

Está frio demais para continuarmos acordados. Tiro minha nova escova de dentes da embalagem, giro a tampinha da pasta de dentes tamanho viagem. Reparo em Travis saindo da barraca de Hope com um saco de dormir e um travesseiro.

— Ah, não! Estou roubando o seu lugar? — pergunto.

— Que nada. É até melhor assim. Hope sempre tenta se aproveitar de mim.

— Ai, até parece — retruca Hope. — Você é tipo um irmão para mim.

Travis se enfia no saco de dormir.

— Eu até convidaria você para ficar na minha barraca — comenta Mimi —, mas você basicamente teria que dormir em cima de mim.

— Ai, garota, por favor — protesta Travis —, você sabe muito bem que não quero ouvir roncos a noite inteira.

Ele puxa o zíper do saco de dormir ainda mais para cima, até que só os olhos ficam de fora.

— Cuidado para não sufocar — alerta Mimi. — Não sei o que faríamos sem você.

— Prometo que não vou morrer — responde Travis, e até seus olhos desaparecem.

Mimi vira para mim e pergunta:

— Você tem tudo de que precisa?

Ela já tinha me dado dois cobertores, e Travis me deixou vasculhar o carro em busca de mais camadas para me aquecer. Para minha sorte, ele é o tipo de menino que cheira bem.

Faço que sim com a cabeça.

— Fico tão feliz por ter feito aquele desenho para você — comenta ela.

— Eu também.

— Nós nos vemos de manhã, né? Você não vai mudar de ideia e nos abandonar enquanto estivermos dormindo, né?

— Claro que não.

Mimi toca em meu pulso.

— Bem, então boa noite.

Nós nos fechamos na barraca. Depois que Hope se enfia no saco de dormir, e eu me cubro de camadas de cobertores e moletoms, o farfalhar dos nossos movimentos cessa, e tudo o que ouço é a noite. Vento e grilos. A risada distante de pessoas em outro acampamento.

— Meus pais se divorciaram quando eu tinha doze anos — sussurra Hope.

— Ah — respondo. — Nossa, sinto muito.

— Foi como se o chão estivesse desabando. Foi horrível. Acabei me acostumando, mas a ideia de “casa” nunca mais foi a mesma.

O topo da barraca é transparente. Dá para ver a lua e as estrelas, e as palavras de Hope me parecem tão amplas e verdadeiras quanto o firmamento. Por mais que as pessoas queiram ver o lado bom, pular direto para o futuro, quando tudo estará bem, a verdade é que *sempre* tem esses momentos em que às vezes fica difícil de respirar e vem uma sensação de impotência. Como se você estivesse gritando, mas ninguém pudesse ouvir. E o mito do futuro feliz não é uma coisa palpável com que você possa contar, e a única coisa que faz sentido é *fugir*.

O fim do amor. O fim da família. O fim de ser a filha de pessoas que acordam juntas, guardam as escovas de dentes juntas, reviram os olhos e suspiram e talvez se odeiem, mas ainda voltam para a mesma casa no mesmo lugar toda noite e se sentam à mesma mesa.

— Só temos mais um ano — continua Hope. — Aí teremos as casas que fizemos para nós mesmas.

— É mesmo — concordo.

— E até lá, a gente acampa.

Hope adormece, mas eu continuo acordada. Fico deitada bem quieta, tentando ouvir os roncos de Mimi. A barraca dela está quase colada à minha, mas nenhum som escapa de lá. Passa tanto tempo que fico com medo de daqui a pouco amanhecer e eu não ter dormido nem um pouco.

Inspiro.

Ela fez um desenho para mim.

Expiro.

Ela queria que eu estivesse aqui.

— Tem uma árvore mágica — comenta Mimi, pela manhã. — Queria levar você lá. Depois do café da manhã, é claro.

Salsichas, batatas e ovos brotam do nada, quentes e em todos os pratos ao mesmo tempo, apesar de só ter uma panela e uma chama. Comemos em silêncio, bebericamos o café que Hope faz, xícara por xícara. Fios de luz matinal fluem por entre as sequoias. O ar tem cheiro

de fogueira, terra e mar, e talvez a única palavra para expressar como me sinto seja: *viva*.

Então Mimi e eu vamos andando até o carro dela e entramos, só nós duas. Pegos os cristais no painel: um transparente, um cor-de-rosa, outro amarelo.

— Para que eles servem? — pergunto.

— Minha mãe fala para eu nunca tirar esses cristais do carro. Ela acredita que vão me proteger.

Não tenho palavras. Não consigo imaginar como é ter uma mãe que acredita numa coisa dessas.

— Pelo menos são bonitos, né? — completa Mimi, e concordo com a cabeça.

Ela dirige devagar pela estrada de terra que leva para fora do acampamento, parando para deixar passar um pequeno grupo de crianças. Mimi espera um pouco depois que eles atravessam, e logo vem um garotinho correndo atrás dos outros. Ela sorri.

— Eu já imaginava — conta. — Sempre tem um ou dois desgarrados.

Quando ela estaciona, dez minutos depois, é no meio de uma rotatória que parece completamente despropositada. Não tem nenhuma placa nem nada indicando que seja o começo de alguma trilha, que estamos em qualquer lugar onde alguém poderia querer estar. Espero que ela diga que errou o caminho, mas Mimi apenas desliga o carro e olha para mim.

— Pronta? — pergunta, então saímos correndo pela rua estreita.

Mimi me guia morro acima, passando por entre árvores e samambaias, grama alta e flores silvestres. Nós nos abaixamos para desviar de galhos e damos a volta em amoreiras, então a terra se nivela até se abrir em uma clareira e, para além da clareira, logo abaixo de onde estamos, vejo o mar.

— Este aqui é o meu lugar favorito no mundo inteiro — anuncia Mimi.

Ela me leva até a árvore mágica. Não é uma sequoia nem um carvalho nem um pinheiro nem um bordo. Nunca vi uma árvore parecida. Dá para ver que é velha, mas não é majestosa como as sequoias. É mais larga que alta, com galhos espessos e bem longos de cada lado, o tronco recoberto de nós.

Mimi pula para um galho fácil de subir, depois escala mais um pouco. Encosto a mão no tronco e encontro um broto verde minúsculo despontando.

— Tenho uma história para contar — anuncio.

Mimi assente, receptiva.

Ela me lembra a Alice, pendurada na árvore antes de ir para o País das Maravilhas. Subo num galho e me sento, deixando as pernas penduradas. Poderíamos nos jogar no mar com um mero impulso, mas, ao mesmo tempo, tenho a sensação de que aquele é o lugar mais seguro e mais pacífico onde já estive em muitos anos.

É a sensação que eu esperava que o curso de verão trouxesse.

— É sobre mim e minha mãe e a nossa casa.

— Quero ouvir — declara Mimi.

Eu me sinto como se estivesse na sala da Jessica, começando a contar uma história e já me perguntando *por que* estou contando aquilo. Mas, como Jessica sempre diz, preciso começar por algum lugar.

— Compramos a casa quando eu estava no sétimo ano — conto. — Era uma coisa que a minha mãe já queria muito fazia algum tempo. A gente morava numa casa muito boa, mas não

era bonita, e minha mãe queria todas aquelas coisas, tipo varanda na entrada, bastante luz natural. E espaço para um jardim, e também cantinhos aconchegantes. Ela adora cantinhos. Eu também.

Mimi sorri.

— Vou manter isso em mente.

— Meu pai trabalha quase todo fim de semana, então eu e minha mãe íamos ver as casas à venda. Passamos meses procurando a casa certa, até que encontramos. Tinha tudo o que a gente queria e era numa rua bonita e cheia de carvalhos. E era só um pouquinho acima do que os meus pais queriam gastar. Eles fizeram uma oferta e foi aprovada, e foi aí que eu e minha mãe começamos para valer.

A brisa ganha força, e fico um tempo olhando os galhos se balançando acima de nós. Tento me lembrar do que eu sentia naquela época, antes disso tudo, quando todo dia era um dia que eu queria passar com a minha mãe.

— Planejamos a decoração de todos os quartos: escolhemos as cores das paredes, a disposição da mobília. Seguramos todos os quadros diante de todas as paredes para encontrar os lugares perfeitos de cada um. Fizemos longas listas de coisas que queríamos comprar. Escolhemos papéis de parede para todos os cantinhos. Ela me deixou escolher o papel de parede da parte debaixo das escadas. Escolhi uma estampa retrô de dentes-de-leão num fundo cor-de-rosa. Colocamos uma cadeirinha com mesa para leitura bem ali, e aquele foi o meu lugar favorito por muitos anos.

“Fomos a lojas de segunda mão em busca de antiguidades. Fomos a leilões para dar lances em mais obras de arte. A galerias e a lojas grandes e a exposições de decoração. Apreendi sobre cores, aprendi a coordenar estampas. Apreendi sobre camadas de texturas e sobre como cuidar de plantas. Sempre que alguém elogiava a casa, minha mãe dizia: ‘Flora e eu decoramos juntas.’

E agora eles estão simplesmente jogando tudo fora. *Tudo*. Como se nunca tivesse importado. Mas não consigo encontrar as palavras para dizer o que isso significa para mim. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, e eu nem sabia que estava chorando. O fim do amor. O fim do amor.

Mimi desliza do galho dela até o meu. Ela segura minhas mãos, mas o gesto não é de consolação. É mais do que isso.

— Eu me lembro da primeira vez que vi você — comenta ela. — Você era uma garota feliz e confiante. E eu queria arrancar o braço do Blake de cima de você e colocar o meu no lugar.

— Eu teria gostado disso.

— Naquela época?

— Você não notava? Eu sempre me senti tão exposta na sua frente. Sempre foi assim.

— Eu sabia que você sentia alguma coisa.

Mimi solta uma das minhas mãos e toca minha bochecha.

Inclino o rosto contra a mão dela. Quero mantê-la ali para sempre.

— Eu queria beijar você naquela época, quando você estava feliz. E quero beijar você agora, quando você está triste.

Mas ela só fica olhando para mim. Não se move.

— Eu também quero — respondo. — Muito.

Então inclinamos o rosto, chegando mais perto uma da outra.

Estou beijando Mimi Park — dois anos depois de conhecê-la. Estou beijando Mimi, apesar de ter dito tantas vezes a mim mesma que provavelmente nunca mais a veria. À noite, às vezes, quando ficava acordada e pensando nela, eu dizia a mim mesma que talvez simplesmente não fosse para acontecer, que não era para ficarmos juntas. Talvez eu tivesse confundido as coisas. Só porque alguém revela algum segredo sobre si mesmo não quer dizer que queira algo além de amizade. Então não era só porque ver Mimi daquela primeira vez — e cada uma das vezes seguintes — fazia cada parte de mim brilhar, incandescente, e me dava vontade de encostar meu corpo no dela, que ela era a pessoa certa para mim. Talvez só significasse que eu precisava de alguma coisa diferente do que já tivera até então. Eu precisava de uma *garota*.

Mas estou três anos mais velha do que naquela época. Já beijei algumas garotas. Acho até que me apaixonei. Mas nunca senti nada como isto.

Sinto minhas costas pressionadas contra o tronco da árvore, as mãos dela no meu rosto, no meu cabelo, passando pelas minhas costelas e então pela base das minhas costas. Fico me segurando num galho menor, com medo de soltar.

— A gente vai cair da árvore — sussurro, sentindo a boca de Mimi no meu pescoço.

Ela se afasta. Quero que ela volte. Mimi salta para a grama, e salto em seguida. O mar cintila lá embaixo. O céu está azul e límpido. A árvore ainda parece mágica. Ela me puxa para o chão e me beija de novo e de novo, e vou me posicionando até ela ficar embaixo de mim, o cabelo contra o musgo, os olhos bem abertos, os lábios ainda úmidos e sorridentes.

— Não estou triste.

Ela dá risada e diz:

— Que bom. Eu também não.

— Flora e Mimi chegaram — grita Travis quando voltamos, e só de ouvir essa simples frase, apenas nossos nomes unidos por um *e*, me sinto mais uma vez preenchida pela alegria.

— É hora de fazer trilha — anuncia Hope.

Mimi levanta um dos pés.

— Eu só trouxe sandálias!

— Ah, qual é! — retruca Travis. — Não é esse tipo de trilha.

Andamos pelos bosques de sequoias, onde é quase tão escuro quanto de noite, onde o ar é muito mais fresco, então saímos de novo para o sol. Andamos pelo despenhadeiro ouvindo o quebrar das ondas abaixo e vendo as flores silvestres que crescem em meio às pedras, então entramos na campina mais minúscula que já vi, onde sentamos em círculo para descansar.

Descubro um aglomerado de papoulas-da-califórnia ali perto.

— Eu colheria uma para você — digo a Mimi —, se não fosse ilegal.

— As regras foram feitas para serem quebradas.

Ela se inclina por cima do meu colo e quebra um caule, então prende a papoula no meu cabelo.

Mimi olha para mim.

— Perfeita — anuncia, e Hope concorda, mas Travis franze a testa e balança a cabeça.

— Precisa de mais uma, para ficar simétrico.

Ele arranca outra e a entrega a Mimi, e não sei como dei tanta sorte de estar aqui com esses três. Não faz o menor sentido termos nos reencontrado desse jeito, numa aula do curso de verão, os únicos quase veteranos numa sala repleta de alunos de quinze anos.

— Tenho uma pergunta — anuncio.

— Pode mandar — diz Hope.

— Por que... *como* é que... *todos* vocês estão fazendo geometria?

— Somos uma tragédia no que diz respeito à matemática — explica Hope. — Sempre estivemos meio atrasados.

— Foi a única aula que fizemos juntos no último semestre — explica Mimi. — Primeiro o professor decidiu nos separar porque não conseguíamos parar de falar durante a aula...

— Sem exagero — concorda Travis. — Era meio que fisicamente impossível a gente parar de falar.

— Então passamos o tempo todo trocando mensagens no celular.

Hope balança a cabeça.

— Foi horrível. Eu tentava ignorar o celular, mas eles ficavam lançando olhares enfáticos para mim. A gente só passou raspando! E agora estamos nas aulas de verão, mas estamos juntos *de novo*.

— É nossa segunda vez na matéria, mas nenhum de nós está aprendendo nada — explica Travis.

— Gente. Vocês só precisam entender que geometria é o melhor tipo de matemática — declaro.

Hope dá risada.

— *Melhor e matemática* na mesma frase... não entendi — brinca Travis.

Mimi passa a mão por cima da tatuagem e sorri.

— É a mais pessoal. Tem a ver com nossos corpos. — Eu me levanto e estendo os braços. — Simetria. Proporção. Sabem aquele desenho do Leonardo da Vinci, do homem de pé assim, mas também dá para ver os braços e as pernas, assim? — Ajeito a pose e estico mais os braços.

— Sei, o do cara pelado — responde Travis.

— Tenho quase certeza de que quase todos os caras dos desenhos dele estavam pelados — comenta Mimi.

— Mas esse tem um círculo ao redor, certo? — pergunta Hope.

— Isso! E também tem um quadrado. Aquele desenho tem tudo a ver com geometria. E daí tem todas essas coisas da natureza, tipo quando você joga uma pedra na água e as ondas se espalham, ficando cada vez maiores, sabem? E as nervuras das folhas. E os padrões das escamas dos peixes. O jeito como dá para ver pelo tronco quanto foi que a árvore cresceu. E as colmeias! As suculentas, aquelas plantinhas!

— O que eu não entendo — intervém Travis — é por que não ensinam *esse* tipo de coisa. É como se *quisessem* que a gente fosse reprovado.

— O que *eu* não entendo — retruco — é que eu me inscrevi em geometria porque achei que fosse ser uma coisa totalmente familiar e rotineira, mas em vez disso acabei vindo parar aqui.

— Isso me parece um elogio — comenta Mimi.

— E é.

Eu volto a me sentar e dou um beijo nela, rápido e suave, bem no canto da boca.

— Parece que uma nova dinâmica foi estabelecida — comenta Travis, erguendo as sobrancelhas. — Quando a gente voltar, vou colocar meu saco de dormir de volta na barraca da Hope. A noite passada foi *congelante*.

A noite cai novamente. Hope vai até o carro e pega um ukulele. Travis desaparece no mato e volta com dois punhados de folhas.

— Vou fazer chá — anuncia. — É uma mistura bem especial. Hortelã e umas outras coisas.

— Isso não vai matar a gente, né? — pergunta Mimi.

— Ah, *qual* é — retruca ele. — Ninguém nunca morreu por tomar chá.

Não tomo nem um gole, mas o chá aquece minhas mãos conforme o ar vai ficando mais frio.

— Em sua homenagem, Flora, esta noite só vou cantar canções de amor — anuncia Hope.

Mimi esquentava um minestrone na fogueira e serve quatro tigelas. Cada um de seus movimentos é encantador. Uma gota da sopa cai em seu dedo, e Mimi a lambe. Ela me entrega uma tigela, e nossos dedos se tocam.

Mimi não diz muito, mas está me comunicando coisas. Está me dizendo que sim, há janeiros, e há coisas terríveis que as pessoas fazem umas às outras quando não estão mais apaixonadas. Ela está me dizendo que *o fim do amor* é uma boa frase para reflexão, mas é uma péssima escolha para uma tatuagem. Porque, assim como existem post-its e portas vermelhas de condomínios, também existem galhos de árvores e litorais. Também existem sacos de dormir, barracas e céus pontilhados de estrelas, existe gente como ela, e existe essa pessoa que estou me tornando.

Amanhã, vou ter que dirigir. Talvez meus pais gritem comigo por ter saído daquele jeito. Talvez sorriam e perguntem se foi divertido. Vai doer de qualquer jeito.

Em duas semanas, nossa casa estará vazia. E os agentes imobiliários vão se abater sobre o lugar com seus caminhões cheios de mobília e arte que não pertencem a ninguém e tentar passar a impressão de que uma família diferente morou ali, uma família imaginária sem fotografias, cartas no correio ou comida na geladeira. Na vida real, às vezes fazemos bagunça. Nem sempre lavamos a louça. Deixamos as panelas de molho. Deixamos os papéis se acumularem, largamos sapatos demais ao lado da porta e não passamos o aspirador tanto quanto deveríamos.

Nem sempre estávamos felizes, mas sempre éramos nós.

Amanhã, vou entrar em casa e não seremos mais nós, seremos pessoas diferentes. Não vamos mais nos encaixar como antes. E eu ainda não sei o que fazer em relação a isso, mas sei que é verdade.

Hope está cantando outra música de amor, exatamente como prometeu. Ela toca um pouco sem jeito, mas sua voz é nítida e doce, e ela sabe todas as letras de cor. Quando termina, Hope anuncia que vai para a cama e, logo depois, ela e Travis desaparecem.

Mimi se inclina mais para perto de mim. Sinto cheiro de hortelã em seu hálito — não como pasta de dente ou chiclete, é um cheiro real, veio da terra —, então sinto seus lábios no meu

ouvido, e ela sussurra:

— Eu não ronco, é mentira.

Abro um sorriso.

Nossas cabeças giram, até que é a minha boca colada na orelha dela, e eu respondo:

— Eu sei.

Estamos sozinhas diante da fogueira, e o vento vai ficando mais forte, e Mimi pega minha mão e andamos juntas para a barraca. Ouço tudo: o martelar da minha pulsação; o esfarelar da terra sob nossos pés; o farfalhar das roupas dela, que se abaixa para alcançar o fecho do zíper da barraca. Então começa: o som do fecho se abrindo desde o chão, de um dos lados, subindo, subindo, então descendo de novo. Fecho os olhos mesmo já estando escuro, porque *este som...* É como minha vida se abrindo para mim.

O som para.

E entramos na barraca.

O ÚLTIMO SUSPIRO DO CINEMORTE

LIBBA BRAY

Na última noite do Cinemorte, o céu estava doente, dava a impressão de que a qualquer momento ligaria para avisar que não ia aparecer no trabalho: era de um amarelo-esverdeado que ia escurecendo nas beiradas, como um corte infeccionado, uma tempestade de verão se aproximando com ferocidade. Do outro lado da rodovia, retroescavadeiras aguardavam como um exército pronto para atacar. Quando a segunda-feira chegasse, iam marchar adiante e pulverizar o antigo Cinema Cinemorte, e no lugar seriam construídos condomínios novinhos em folha, uma loja de celulares e uma Starbucks. Eba.

— Kevin! Bem na hora.

Enquanto eu passava por baixo do balcão da bombonière, meu melhor amigo, Dave, esticou a mão e me puxou para tirar uma selfie, o celular erguido diante de nossos rostos.

Dou um suspiro.

— Não faz isso.

— Qual é, cara? A gente tem que registrar este momento.

— O momento não pode ser só um momento?

— Shhhh. Tenta sair gato.

Dave fez um beicinho sutil e eu usei minha expressão de sempre, algo entre a resignação e o desdém — resdém. A câmera piscou, e Dave me soltou e começou a digitar.

— Hashtag ÚltimaNoiteNoCinemorte.

— Pois é... — falei, verificando as máquinas de refrigerante. — Fechando com chave de ouro.

— Exatamente. A última *noite* — disse Dave, enfático.

Ele balança a cabeça na direção dos fundos do hall, onde minha paixão platônica, Dani García, havia posicionado o cone amarelo com os dizeres NÃO CAIA DE BUNDA PARA DEPOIS VIR NOS PROCESSAR diante do toalete feminino enquanto esfregava o chão. O cabelo azul-piscina à la Bettie Page era raspado de um dos lados, logo acima da orelha que ostentava vários brinquinhos sobrepostos, uma pequena vértebra prateada. Já fazia alguns meses que um filme estrelado por nós dois se passava na minha cabeça. Nele, lutávamos contra uma variedade de monstros e salvávamos o mundo. Para comemorar, fazíamos sexo. O que significava que havia uma narrativa em que também tivéramos um encontro. Coisa que não tinha acontecido. Nem de longe.

— Já realizou o feito? — perguntou Dave, com a boca cheia de balinhas de gelatina já meio mastigadas, a baba arco-íris escorrendo pelo queixo.

Fiz uma careta e dei um guardanapo para ele.

— Ah, você não foi homem o bastante, né?
— Que coisa sexista, Dave. Prefiro dizer que “optei pela covardia”.
— Kevé-é-éân.
— Cara, cala a boca. — Olho para o banheiro. Dani tinha entrado. A porta estava fechada.
— Eu vou fazer — falo, baixinho, empurrando os óculos mais para cima no nariz. — Só... não hoje.

Dave joga três balas em mim, uma atrás da outra.

— Por? Quê? Não?

— Ai!?

Dave ameaça um quarto ataque. Ergo a mão.

— Só... não é o momento certo.

— Cara, Lincoln esperou o momento certo para fazer o discurso de Gettysburg?

— Esperou, Dave. Ele esperou Gettysburg acontecer.

— Tá, tanto faz. — A quarta bala quicou na minha bochecha e aterrissou no território sartriano sob a máquina de gelo. — Preste atenção: você tem que *criar* o momento certo. Hoje é a última vez em que você vai ficar sozinho com a Dani, sem ninguém para atrapalhar. Você tem mais dois meses de férias, e aí ela vai para a faculdade, e daqui a alguns anos você vai sofrer em todos os reencontros da turma do ensino médio, porque ela vai estar casada com um astro de rock qualquer todo tatuado e que dirige um Bentley, e não vai nem se lembrar do seu nome. Ela vai ficar tipo “Oi... Kyle, né? A gente trabalhou junto, não foi? Ah, já sei! Você é aquele ruivo otário que *ficou com medinho e não me chamou para sair!*”

Enfio meus braços magrelos e cheios de sardas nas mangas do blazer vermelho estilo militar, meu uniforme de lanterninha no Cinemorte, o mesmo que me faz parecer um membro demente de alguma banda em tributo ao Michael Jackson.

— Obrigado pela força, Dave. Você realmente sempre diz a coisa certa.

— Estou aqui para salvá-lo de si mesmo. E de uma vida de masturbação eterna — retruca ele, ignorando meu sarcasmo.

— Dave.

— Sim, Ursinho Pimpão.

— Espero que você morra num incêndio.

— Você fica uma graça todo nervosinho assim — diz Dave, e me dá um beijo na bochecha.

— Vai lá falar com ela, vai.

— Falar o quê?

Dani saiu do banheiro e estava enxugando as mãos com papel toalha, depois amassou o papel em uma bola firme e arremessou na lata de lixo, erguendo uma das mãos em comemoração quando a bolinha aterrissou lá dentro, uma cesta de dois pontos perfeita.

— Ah, é... Estávamos falando sobre o *Ando sobre esta terra* — falo, meio sem jeito, despejando na pipoqueira a mistura artificial de manteiga, também conhecida como Não Acredito Que Isso Não Vai Me Matar.

Dani apenas bufou, o que achei devastadoramente atraente. No filme da minha cabeça, ela fazia aquilo o tempo todo. Era para agradar o público. Ela pega a pinça de cozinha e cutuca com desinteresse os cachorros-quentes tostados suando sob as lâmpadas.

— Ah, claaaro. O filme que teoricamente é amaldiçoado. Ohhh!

— Você nunca viu *Showgirls*? Tem filme que é amaldiçoado mesmo. — Dave ergueu a mão direita. — Juro.

Dani revirou os olhos.

— Eu não disse que o filme era *ruim*. Falei *amaldiçoado*. Do tipo: não foi feito para ser visto por olhos humanos. Nunca. Como foi que o Scratsche conseguiu pôr as mãos em uma cópia do filme? Sério. Achei que estivesse em algum cofre revestido de chumbo ou algo do tipo.

Abri a caixa de canudos e comecei a enfiar punhados deles no suporte sobre a bancada.

— Não tenho a menor ideia. Quanto à maldição: de acordo com o baluarte da integridade jornalística, o *Tribuna de Deadwood* (cujas tiragem é de oitocentos e dois exemplares, a não ser que alguém tenha morrido nesta tarde), durante a exibição de *Ando sobre esta terra*, supostamente um portão para o inferno é aberto. Meio que o que acontece quando você sincroniza *O Mágico de Oz* com *The Dark Side of the Moon*, só que sem as drogas e com demônios.

Dani abriu um sorriso de orelha a orelha, e mais uma cena do meu filme começou a rodar na minha cabeça.

CENA 12: Dani e Kevin correm por campos de lavanda enquanto uma banda de folk rock sensível em um monte próximo toca uma canção de amor amarga porém comovente. Dani está com um vestido branco soltinho que deixa à mostra a tatuagem no braço, perto do ombro, uma flor de cerejeira com o nome do irmãozinho.

— Aceite esta caneca que fiz para você na aula de Cerâmica Irônica — diz ela, e me entrega uma caneca perfeitamente sólida, sem nenhum buraco sequer.

— Obrigado. Adoro café irônico — respondo, e a câmera capta a sexy barba por fazer que contorna minha mandíbula de herói gostosão.

Nossos rostos se aproximam, e a última coisa em que reparamos é a horda zumbi avançando na direção dos cantores de folk emo.

Desperto de meu devaneio e vejo Dani me encarando, as sobrancelhas erguidas.

— Bom, de qualquer jeito... — falei, ficando vermelho. — Já que é o fim do Cinemorte, era de se esperar que o Scratsche aparecesse hoje.

Dani pegou dois canudos e os prendeu sob os incisivos como se fossem presas.

— Ele deve estar em casa assando criancinhas no forno.

Dave deu de ombros e mergulhou seu nacho já mordido no queijo derretido.

— Só mais um pouco de munição para a metralhadora de boatos do Scratsche.

Por muitas décadas, o sr. Scratsche fora a lenda urbana preferida de Deadwood, Texas. Ele se mudara para a cidade em 1963, quando a nação ainda lamentava a perda de seu presidente de ouro, e logo comprou a sala de cinema de Deadwood, um prédio caindo aos pedaços que vivera seu auge nos anos 1920, o Cinemore. Um ano depois de sua chegada à cidade, Scratsche já havia conseguido transformar o lugar numa sala suntuosa especializada em exhibir filmes de terror, o que levou as pessoas a apelidar o cinema de “Cinemorte”, por causa do catálogo sangrento de filmes. O Cinemorte era equipado com tecnologia de ponta em matéria de filmes de terror, com atrações como Cheirovisão, assentos formigantes que dão choque, esqueletos

pendurados no teto por fios invisíveis e que se mexiam logo acima da cabeça dos espectadores, e a única tela apropriada para 3D num raio de sessenta quilômetros. As pessoas vinham de longe só para a estreia de algum filme. Não consigo imaginar por que alguém se interessaria em construir qualquer coisa em Deadwood, Texas, que é uma cidade fiel ao “dead” do nome. Deixar Deadwood é basicamente a melhor coisa que se pode fazer nesta cidade. Se você é o tipo de pessoa que tem o privilégio de poder escolher alguma coisa.

Enfim.

Fazia anos que ninguém tinha notícias do velho Scratsche, nem mesmo nós, que trabalhávamos no estabelecimento dele. Quando a equipe atual do Cinemorte foi contratada, cada um teve que preencher um questionário curto e esquisito sobre nossos sonhos, esperanças e medos. Depois disso, chegou um bilhete breve na minha casa, numa caligrafia muito formal, que dizia: *Parabéns. Você tem o perfil adequado para o Cinemorte, sr. Grant. Sinceramente, sr. Nicholas Scratsche.*

A reclusão de Scratsche alimentou todo tipo de boato. Ele era da Transilvânia. Ele era de uma cidade circense na Flórida. Ele era alto. Era baixo. Era um padre excomungado especializado em exorcismos. Ele matara o filho de um nobre lá em seu país de origem e estava se escondendo aqui. Havia muita especulação, mas apenas três provas concretas de que o sr. Scratsche existia. Uma era o Cinemorte. A segunda era a assinatura dele em nossos contracheques. E a terceira era uma fotografia em preto e branco pendurada na parede mal iluminada da escadaria que levava à sala de projeção, uma foto de Scratsche cortando a fita na cerimônia de inauguração do Cinemorte, em 31 de outubro de 1964.

Eu nunca gostei muito dessa foto. Nela, o sr. Scratsche estava usando um terno brilhante, o tipo de roupa que parecia que ia pegar fogo só de chegar perto de um fósforo. Mas não era o vestuário duvidoso de Scratsche que me dava arrepios, eram os olhos. Eram negros como a calada da noite. Se você olhasse bem dentro deles, não veria nada além de si mesmo encarando de volta. Cada vez que eu passava por aquela foto, os olhos do velho me encontravam, me julgavam, faziam os pelos da minha nuca transmitirem sussurros de pavor para as minhas entranhas. Eles me faziam *olhar*.

As lâmpadas do lustre gótico piscaram e escureceram — um pico de energia, uma das infames peculiaridades do Cinemorte. Alguns segundos mais tarde, elas voltaram a brilhar na voltagem máxima. Soltamos um suspiro coletivo.

— Essa foi por pouco — disse Dani, e me deu um high-five.

Aproveitei a sensação momentânea do toque da pele dela na minha, mesmo que tenha sido apenas uma coisa “palma da mão contra palma da mão”. Fato: quando você gasta a maior parte das suas noites ao lado de um projetor exibindo filmes de terror, qualquer contato humano é empolgante. O que soa meio patético. Provavelmente porque eu *sou* meio patético. Na vida, assim como nos filmes, você tem que encontrar o seu nicho e explorá-lo.

John-O, nosso calouro residente, gesticulou com urgência do lado de fora da sala, indicando que a qualquer momento levantaria a corda de veludo e deixaria as pessoas na fila entrarem. John-O era um baixinho enérgico que tinha uma carteira de motorista provisória e a mania de nos contar o enredo de qualquer filme que tivéssemos interesse em assistir. Em um ato mesquinho de revolta, Dave, Dani e eu fingíamos não entender os gestos selvagens que ele fazia. Acrescentamos nossos próprios passos, transformando tudo numa dança, até que,

finalmente, frustrado, John-O abriu a porta e gritou:

— Hã, gente... vou deixar as pessoas entrarem agora, tá bem?

— Vai com tudo, docinho! Seja *you* mesmo! — Dave fez uma arma com a mão e a apontou para John-O, que se retesou e correu até a corda, se atrapalhando todo para destravar o gancho de latão. Dave suspirou. — Deus abençoe os calouros.

— Aqui vamos nós. O último suspiro do Cinemorte — falei, conforme a enxurrada de gente passava pelas portas. — Nós, que estamos prestes a morrer, os saudamos.

Acho que só um terço dos assentos estava ocupado. Mesmo em nossa última noite, com um filme supostamente amaldiçoado, não conseguimos lotar a sala. Não era à toa que iam demolir o cinema. Dave lembrou todo mundo de desligar os celulares logo antes de tirar fotos da plateia, que estava, por sua vez, immortalizando a si mesma e fazendo upload de tudo.

Então fiz a minha parte.

— Bem-vindos à última noite do Cinemorte, sua experiência cinematográfica VIP de terror vintage.

— Cale a boca e comece o filme! — gritou Bryan Bosco, da fileira do fundo.

Há uma razão para chamarmos o garoto de Bryan Tosco.

Respirei fundo.

— Como vocês sabem, *Ando sobre esta terra* é amaldiçoado...

— Fil-me! Fil-me! Fil-me! — entoaram Bryan e seus comparsas.

Alguns dos hipsters tentaram calar a boca deles com um coro apático de “cara, qual é”, mas isso só deu mais corda para Bryan.

— O que foi, babacas? A mamãe não mandou o lanchinho de vocês, é? — disse Dani, aparecendo do meu lado de repente e apontando a lanterna bem nos olhos de Bryan.

Ele ergueu uma das mãos.

— Droga, garota. Quer me cegar?

— Não me irrita, e eu não cego você — retrucou ela. — Tô do seu lado, *vato* — sussurrou ela em meu ouvido, e um arrepio percorreu meu corpo.

— Todas as pessoas que trabalharam neste filme morreram de maneira misteriosa — prossegui. — A atriz principal, Natalia Marcova, se enforcou em um quarto num hotelzinho de beira de estrada. O ídolo adolescente Jimmy Reynolds foi decapitado quando bateu o carro numa árvore. A quilometragem do hodômetro? Seiscentos e sessenta e seis: 666.

— AimeuDeeus — disse uma garota na primeira fileira, rindo nervosamente com as amigas. O hálito de bebida que emanou dela estava tão forte que me fez lacrimejar.

— Ator principal, Alistair Findlay-Cushing...

— Esse era o nome de verdade dele, não era nome artístico nem nada — comentou um dos hipsters da faculdade local, todo presunçoso.

A boca de Dani formou a palavra sem emitir som:

— Wikipedante.

Lutando para conter um sorrisinho, falei, mais alto:

— Alistair foi encontrado de bruços na cama, um pentagrama rabiscado no chão, e o

coração dele espetado bem no centro. — Paro e observo a plateia se contorcendo nas cadeiras. — Querem saber a parte mais sinistra? Em seu leito de morte, o diretor Rudolph Van Hesse confessou que vendeu a alma para o diabo para fazer este filme, e que ele tinha o poder de corromper qualquer um que assistisse. “O mal está entranhado neste filme. Uma escuridão poderosa irradia de cada cena. Não deve ser visto por *olhos humanos!*”

— Como é que a escuridão pode “irradiar”? — perguntou o hipster cretino.

No meu filme, ele morreria lenta e dolorosamente, graças a pelos faciais malignos. Eu o ignorei.

— Van Hesse passou os dez anos finais de sua vida em um hospício, o que não o impediu de destruir cada cópia do filme... a não ser esta, guardada a sete chaves ao longo dos últimos cinquenta e cinco anos. Esta única cópia existente é a que vocês estão prestes a assistir.

— Ohhhh! — disse o público.

— Então coloquem seus óculos 3D especiais de DemoVisão e aproveitem o espetáculo. Nos vemos no final da sessão... se vocês sobreviverem.

A sala ficou escura, e eu acabei esbarrando em Dani ao sair.

— Eita! Você está bem? Foi mal, de verdade.

O cheiro do perfume de baunilha me fez querer enterrar o rosto em seu pescoço. Ela ergueu uma das sobrancelhas, e só então percebi que ainda segurava seus ombros. Dei um pulo para trás.

— Desculpe.

— Tudo bem — disse Dani, e foi para o saguão bem iluminado.

Eu fiquei para trás por um segundo para me recompor.

— Foi mal — falei mais uma vez para o escuro, e, na verdade, o que me deixava mal mesmo era tê-la soltado.

Conheci Dani na metade do segundo ano, quando ela se mudou para Deadwood vinda de San Antonio e, graças ao sobrenome, foi parar na minha turma (A-G: Daniela García, Kevin Grant). O cabelo rosa estava repartido ao meio e preso em maria-chiquinhas. Ela tinha um ar de gente da cidade grande e, para completar, usava uma camiseta do Bikini Kill. Foi um caminho sem volta.

— Camiseta bacana — dissera eu, apontando.

— Ai, meu Deus — gritara Lana French. — Kevin acabou de apontar para os peitos da menina nova!

Por duas semanas inteiras, fiquei conhecido como Peitelho. Depois disso, minhas comunicações com Dani ficaram restritas ao básico “Oicomovaivocê/Bematémais”. Eu ficava só assistindo enquanto ela zanzava de um par romântico a outro: Paul Peterson (famoso pelo comportamento *é-possível-andar-de-skate-em-qualquer-superfície*), Ignacio Aguillar (um relacionamento esquisito, baseado em grande parte na troca de mensagens de texto), Martha Dixon (o breve período bissexual, registrado através de uma variedade de bonés de skatista da Hot Topic), e o verdadeiro show de horrores, Mike Everett, que terminou com Dani faltando três dias para o baile de Dia dos Namorados e levou Talisha Graham no lugar, o que era simplesmente errado — tão errado quanto uma festa com adultos usando fraldas.

E então, por algum milagre primaveril, Dani foi trabalhar no Cinemorte.

— Quis ver com meus próprios olhos por que falam tanto daqui — dissera ela. — E é

melhor do que ficar fritando coisas no Uau's Burger.

Nos últimos quatro meses, trabalhamos lado a lado, e nossas noites de sábado eram uma cópia fiel da cena clássica presente em todo filme adolescente ruim já feito: dedos se tocando na vastidão dos campos de pipoca; cabeças assentindo de leve enquanto reabastecíamos o estoque de M&M's; olhares furtivos enquanto implicávamos com Dave e discutíamos qual adaptação de Richard Matheson para o cinema era melhor: *Mortos que matam* (eu), *A última esperança da Terra* (Dani) ou *Eu sou a lenda* (Dave, que ama Will Smith e pastores-alemães com a mesma intensidade). Quando nossos turnos terminavam, cambaleávamos pela rua às duas da manhã direto para porções de panquecas esponjosas e refis ilimitados de café queimado. Sentado no restaurante com meu melhor amigo no mundo inteiro e com a garota que eu amava em segredo, eu me sentia um vampiro, observando a noite pelas janelas, os caminhões solitários que zuniam pela rodovia interestadual, desejando que a aurora permanecesse quietinha só por mais algumas horas, para eu poder sugar toda a vida que conseguisse obter.

Quando os primeiros riscos rosados despontavam na mata do oeste do Texas, era hora de ir embora.

“Até mais. A não ser que sejamos assassinados durante o sono por forças malignas”, eu dizia. Dani dava uma risada e um aceno de leve, e por todo o caminho de volta para casa eu ficava me perguntando o que aquele gesto significava, interpretando cada movimento dos dedos dela e ficando cada vez mais esperançoso. Eu entrava em casa, tomando cuidado para não pisar nas garrafas de vodca vazias deixadas pela minha mãe. Então eu me deitava na cama e deixava o filme de terror Dani-Kevin da minha cabeça se desenrolar até a inevitável conclusão romântico-vitoriosa.

— E... aqui... vamos... nós — falei, quando os autofalantes do Cinemorte retumbaram a trilha sonora dramática do filme.

Pela vidraça da cabine de projeção, assisti aos créditos de abertura granulados e então saí.

— Você não vai assistir a esta maravilha da sétima arte? — provocou Dave, do chão, onde estava sentado mexendo em seu saquinho de erva.

— Talvez mais tarde.

Indiquei Dani com um olhar significativo, mas Dave já estava absorto em suas habilidades olímpicas de enrolamento de baseado.

— Cara, a gente tinha que fechar o Cinemorte com um filme bom de verdade, tipo *Premonição 12: Desta vez é sério*. Aquele *sim* foi um filme maneiro — disse ele.

Ao contrário de mim, Dave achava filmes de terror vintage um lixo. Ele não conseguia enxergar a beleza nos respingos de sangue feitos de xarope de chocolate e transformações de lobisomem feitas a partir de um stop motion dolorosamente meticuloso. Se o filme não tivesse explosões de muitos milhões de dólares e muitas mortes sangrentas, não chamava a atenção de Dave.

— Cara, qual é a graça de vir até aqui, pagar doze pratas, comer milho velho e sair com um chiclete grudado nos seus tênis novos — começou Dave, a voz anasalada por causa da fumaça

presa —, se você pode ver essa merda no seu celular direto da privada?

Revirei os olhos.

— Que elegante.

— Cara, esse é o futuro. Isto... — Dave fez um gesto englobando a sala de projeção enquanto soltava uma corrente de fumaça emacinhada. — Isto é um cemitério.

Ele me ofereceu o baseado. Balancei a cabeça, e ele o estendeu para Dani.

— Não, valeu. Vou curtir passivamente a inevitável onda.

Depois de mais uma tragada, Dave deu de ombros.

— É, mas e todo o ritual de pegar seu ingresso e comprar comidinhas gostosas e encontrar o lugar perfeito? — rebati. — E todos aqueles desconhecidos vendo o filme com você? Eles mudam a forma como você vê o filme, sabe? Eles arfam, riem e fungam. É uma experiência comunal. Não dá para ter isso no seu laptop ou no celular. Foi essa vontade de compartilhar que deu origem ao ato de contar histórias. Ela nos lembra que somos...

— O quê?

— Humanos. Humanos que precisam de outros humanos — falei, lançando um olhar rápido para Dani.

— Isso foi tão lindo, Kevin. — Dave me puxou para um abraço esmagador e me deu um beijo no topo da cabeça. — Mamãe, olha como nosso Kevinho está todo crescido.

Empurro Dave para longe com força.

— Nem tudo precisa virar piada.

— Só se você não se esforçar o suficiente — rebateu Dave, e apesar de amar meu amigo, naquele momento eu queria socá-lo.

Porque eu estava devastado com o fim do Cinemorte. Eu amava aquele cinema antigo: os carpetes desgastados com estampa de rosas; a sala de projeção caindo aos pedaços cujo cheiro era um misto de maconha e morrinha; os lustres extravagantes com suas luzes tremulantes e imprevisíveis; as cadeiras de couro vermelho sempre com restos de pipoca; a fachada com o letreiro enorme, as letras quase sempre reorganizadas por bêbados zombeteiros para formar dizeres rudes. Depois que meu pai deu no pé e minha mãe começou a beber ainda mais, o Cinemorte se tornou meu porto seguro. Ele se tornara mais meu lar do que minha própria casa.

— Eu entendo — disse Dani, para minha surpresa. — Quando você assiste a um desses filmes velhos num lugar como este, se conecta a todo mundo que já assistiu antes. É como se eles estivessem ao seu lado, assistindo com você.

— Espero que vocês tenham trazido camisinhas, então — brincou Dave, apertando a pontinha do baseado para apagá-lo. — Segurança em primeiro lugar, crianças.

— Ai, meu Deus — disse Dani, revirando os olhos, e foi a coisa mais linda.

— Dave — falei, um pouco ríspido —, vê se faz alguma coisa de útil. Pode começar levando o lixo lá para fora. Tá fedendo mais que seus peidos.

— Kev, como você acha que vou pegar minha maldição se não assistir ao filme? Por que é que você não leva o lixo?

— Porque eu sou o gerente, só por isso.

Dave suspirou dramaticamente enquanto se levantava e cambaleava até a porta.

— Poder absoluto é o mesmo que corrupção absoluta. Lembrem-se disso. Ah, e outra coisa.

Ele virou a bunda para a gente, soltou um peido barulhento e fechou a porta. Eu o ouvi

gritando “Vitória do proletariado!” pelo corredor.

— Pode admitir, Kevin: ele é seu projeto de caridade — disse Dani, abanando a mão na frente do nariz.

— Infelizmente, eu não ganho nada pela amizade com David Wilson. Só um estoque vitalício de histórias vergonhosas para contar aos meus filhos algum dia.

O ar-condicionado gélido do Cinemorte fez Dani, que estava com uma camiseta fininha do Misfits, estremecer. Ela se recusava veementemente a usar o blazer vermelho de lanterninha, apresentando como motivos, alternadamente: “eu não uso coisas horrendas”, “códigos de vestimenta são uma herança do fascismo” ou “o chefe não está aqui para me demitir por causa disso”.

Ela abriu um sorriso meio envergonhado que fez meu estômago formigar.

— Foi mal. Esqueci meu casaco de novo. Será que eu posso...?

Na mesma hora tirei meu blazer e o coloquei sobre os ombros dela, como eu fazia em praticamente todos os turnos.

— Obrigada.

Dani deu uma cheiradinha discreta enquanto vestia o blazer. Torci para que a roupa não estivesse fedendo, mas ela sorriu, então presumi que não fosse nada ofensivo. Ela pegou uma pelúcia de Cthulhu da elaborada maquete de filmes de terror que vinha montando ao longo dos meses. Em sua encarnação vigente, Cthulhu usava um vestido de Moranguinho.

— Você acharia estranho se eu dissesse que realmente vou sentir falta deste lugar?

— Não. Não é nada estranho. — Era impossível não torcer para estar entre as coisas de que ela sentiria falta. — Talvez a gente precise se encontrar nas sextas-feiras à noite, colocar nossos uniformes e jogar Coca-Cola no chão só para reviver a experiência.

Tentei fazer com que soasse como uma piada, para o caso de ela não estar interessada.

— Eu vou borrifar fragrância de Pipoca Tostada para a gente ter essa sensação de ficar enjoado e estranhamente faminto ao mesmo tempo.

— Com certeza — acrescentei, a expectativa me deixando meio tonto. — E aí um de nós dois pode gritar: “Por favor, depositem o lixo nos recipientes adequados. Obrigado. Boa noite.”

Meu filme imaginário voltou a rodar. Desta vez, estávamos dirigindo um Mustang vintage pelo deserto como um casal de foras da lei inconsequentes.

— Agora, Kevin! — grita Dani, se lançando para o lado e segurando o volante, enquanto dou um salto, passo pelo teto solar e, de cima do carro, aponto minha escopeta para a caminhonete cheia de zumbis tentando nos tirar da estrada. — Como é que esses mortos-vivos sabem dirigir tão bem?

É uma boa pergunta. Dani é uma garota esperta.

— Eu não sei, baby. Mais tarde conversamos sobre isso — falo, e lanço uma granada para trás, onde se forma uma bola de fogo gloriosa impregnada de zumbis.

— Tome essa pelo remake de *Psicose* com o Vince Vaughn! — grito.

Dani brincava meio sem jeito com o vestido de Moranguinho do Cthulhu.

— Hum... Kevin, acho que eu nunca cheguei a agradecer.

— Pelo quê?

Segurando o Cthulhu, ela indicou a maquete.

— Você foi a única pessoa que levou minha arte a sério.

Eu dei de ombros, constrangido.

— É porque é incrível. Você é incrível. Quer dizer, uma artista incrível, muito incrível. Sua arte é... incrível.

Sério.

— Mesmo assim, significou muito para mim — disse Dani, felizmente ignorando meus balbucios. — Foi por sua causa que eu decidi concorrer àquela bolsa de artes na Universidade do Texas.

Era por minha causa que ela estava indo embora de Deadwood. Ótimo.

— Eu podia desenhar você um dia desses.

Meu rosto ardeu com a ideia de posar para Dani, talvez na cama dela. Merda. Eu nunca mais ia conseguir tirar aquilo da cabeça.

— Hum. Que nem em *Titanic*? — Espalmei a mão na parede. — Jack! *Ja-a-ack!*

Dani riu.

— Só por causa disso, nunca mais vou devolver o seu blazer. Agora ele é meu.

Ela o apertou mais contra o corpo. Seus olhos brilharam com o desafio. Dentro do meu peito, coração e respiração se digladiavam, e os dois estavam perdendo.

— Um argumento controverso — falei. — Pode ficar.

Dani assentiu, mas o sorriso dela desbotou.

— É triste pensar que toda essa história pode simplesmente desaparecer de uma hora para a outra.

E eu sabia que ela não estava se referindo ao Cinemorte.

Seis meses antes de Dani ter ido parar na minha sala de aula, a mãe e o irmãozinho dela estavam em um avião para a Cidade do México, onde aconteceria um casamento da família. O clima estava péssimo, tempestade atrás de tempestade. Tinham acabado de liberar o pouso na cidade de Corpus Christi quando um raio atingiu um dos motores. O avião ficou no ar, sem energia, e então despencou. Chegaram a achar destroços a um quilômetro e meio do ponto em que a aeronave caiu, ao longo das belas praias de South Padre. Nas dunas, alguém encontrou o presente de casamento que a mãe de Dani levava. A maré o carregara para terra firme, perfeitamente intacto.

Vasculhei uma caixa de papelão empoeirada em busca de um par de óculos 3D.

— Então, hã, dizem que isso ajuda você a ver coisas que a olho nu são invisíveis — falei, esperando trazê-la de volta do precipício da tristeza. — Teoricamente, eles têm um efeito especial para parecer que os demônios estão saindo da tela: foi assim que todo o boato de portal para o inferno começou. Só se falava desse efeito, fez o maior sucesso. E até hoje ninguém sabe como conseguiram fazer.

— Sério? — Dani girou um par de óculos pela haste. — Você acha que devíamos testar o DemoVisão?

— No três — falei. — Um.

— Dois.

— Três — dissemos, e colocamos os óculos.

Na tela, uma antiga mansão no início dos anos 1960. Bastante revestimento de madeira, pinturas a óleo e cabeças de animais empalhadas. Jimmy Reynolds, com seu visual à la James Dean, apoiava-se na lareira, modo angustiado-rebelde ativado, apesar de estar usando um terno do início do século XIX e gravata plastrão. Dica: se quiser dar uma de gostosão, não use gravata plastrão. A bela Natalia Marcova estava esparramada num divã, a cabeleira negra cacheada recaindo sobre os ombros de seu vestido de gala. Ao lado dela, o mandíbula-quadrada Alistair Findlay-Cushing bebeu numa golada só o que presumi que fosse um másculo uísque escocês de um copo de cristal e proferiu suas falas em um tom fatigado:

— *Ouvi os rumores a respeito da sua família. A loucura está no sangue. Você nasceu nos Cárpatos, se não me engano.*

Um relâmpago brilhou no céu, revelando criaturas que pareciam feitas de cera com bocas horrendas olhando para dentro da mansão pelas janelas. E então, de repente, Jimmy Reynolds correu até a tela em pânico:

— *Por favor, saia daqui enquanto pode! Tire seus óculos e vá embora deste cinema agora. Você está correndo sério perigo!*

— Uau! Que metalinguístico! — sussurrou Dani.

— É. Bem *Vampiros de almas*.

Meu ombro encostou no dela, e eu queria que tivesse uma palavra para a corrente elétrica que se espalhou pelo meu corpo naquele momento, uma palavra tipo “Explombro!” ou “Quasissexo”.

— *Por favor, vocês têm que acreditar em mim —* prosseguiu Jimmy Reynolds. — *Eles vão vir atrás de vocês em breve. Eu já vi isso acontecer antes. Vocês não vão sobreviver. Saiam agora, eu imploro! É a única maneira de se salvarem!*

Natalia Marcova lançou um olhar nervoso para a plateia e de volta para Jimmy Reynolds.

— *Ora, Thomas, o que é que você está dizendo? Você está fora de si.*

— Cara, isso é tão ruim. Ainda assim, é estranhamente... instigante — disse Dani, um pouco encantada com aquilo tudo.

— Adoro os efeitos especiais dessa época. Eles eram tão inventivos, sabe? Todas aquelas maquetes, a dupla exposição, telas divididas, stop motion. Usaram espuma de látex para fazer o traje de *O monstro da lagoa negra*. E os sons das punhaladas? É só gente jogando frutas no chão e deixando elas se esborracharem.

— Ah, é? Que maneiro — falou Dani.

Pela primeira vez na vida, eu não estava nem aí para o filme. Eu só queria ficar com a Dani, falando sobre coisas idiotas que com o tempo se tornariam significativas, e então, se tudo corresse bem, ficaríamos acordados a noite inteira e veríamos o sol nascendo e iluminando os pastos, transformando tudo em um rosa dourado, e então nos beijaríamos, pela primeira vez.

Esfreguei as mãos, engorduradas de suor, na calça jeans.

— Dani, hã, você vai, hã, ficar por aqui durante o verão?

Ela estava concentrada no filme, então cutuquei seu braço.

— Hã? Ah, desculpa. — Ela se virou para mim. Com aqueles óculos 3D enormes, parecia uma criatura insetiforme mutante. Eu curti. — Vou. É, vou, sim. Vou ser babá dos gêmeos dos Cooper. Eles só querem saber de botar fogo nas coisas e comer meleca, mas a grana até que é boa.

Um diálogo bobo acontecia no filme:

— *Sabe, esta casa tem segredos...*

— *Por que continuamos com esta farsa? Já sabemos como termina. Quero cancelar meu contrato. Quero ir embora!*

— *Sshhh, Jimmy. Ele vai ouvir você.*

— Bem, no verão, quando você não estiver, tipo, cuidando da estirpe dos malditos... — Era como tentar engolir um ovo de ar. — Eu pensei que... talvez, se você quisesse, a gente...

— Lanchinhos!

Dave irrompeu pela porta da sala de projeção ninando três Cocas gigantes e diversos pacotes de doce que sem dúvida tinham sido furtados.

— Maravilha!

Dani tirou os óculos. Ela se apossou de um pacote de Mentos, em seguida pegou um dos copos de papel suados de Dave e enfiou um canudo pelo burquinho da tampa plástica.

— Ah, valeu. Timing perfeito — ironizei, pegando minha Coca.

Dave se jogou no banquinho ao lado do projetor e colocou os óculos 3D que Dani abandonara.

— Uau. Vocês estão verdes, gente. Não, vermelhos! Verdes e vermelhos. Oh, não! Vocês estão *tridimensionais*!

Dani deu uma risada debochada.

— Alguém aqui tem que ter um pouco de profundidade, né?

— Caraca, García! — Dave levantou os óculos até o topo da cabeça, parecia uma celebridade. — Ai, posso falar? Alastair Findlay-Cushing é gatinho. Eu pegaria.

— A lista de homens que você pegaria não é exatamente seletiva. Até o Pelson está nela — falei.

— Ah, o treinador Pelson é gostoso. De um jeito meio ex-lutador-decadente, mas mesmo assim gostoso. Aposto que ele adora falar umas sacanagens.

— Paraaa, por favor! — disse Dani, rindo. — Você está arruinando minhas lindas memórias em tons de sépia das aulas de educação física.

Eis algo importante sobre Dave: todo mundo gostava dele. Mesmo quando fazia algo detestável, era com um charme característico, como na vez em que pegou minha gelatina de cereja durante o almoço e fingiu “vomitar ebola” em uma histérica Lyla Sparks, que vinha dizendo atrocidades para Jennifer Trujillo, coisas como “você está com bigodinho, parece uma lésbica em miniatura”. No ano passado, Dave saiu do armário e se tornou um dos garotos mais populares do colégio. Ele era meu melhor amigo desde o sétimo ano. Em dois meses, ele iria embora para Stanford, e eu ainda não sabia muito bem como iria lidar com essa perda.

No andar de baixo, o filme seguia, nem um pouco preocupado com meu destino:

— *É o casco fendido, o cartão de visitas daquele que não deve ser nomeado. O próprio Lúcifer.*

— Cara, ele acabou de dizer que o cara não devia ser nomeado, e um segundo depois ele manda um “Ah, é, acho que vou dizer *Lúcifer* agora”. Você sabe o que aconteceu com o Alastairzinho, né? — As sobrancelhas grossas dançaram para cima e para baixo. Dave era praticamente um Google ambulante de fofocas sórdidas sobre os astros de Hollywood. — Time Dorothy total. Tentou se matar uma vez e tudo.

Ergui meu refrigerante num brinde.

— Nossa, Dave, valeu. Que bela forma de melhorar o astral da noite.

— Relaxa, cara. Não foi nada trágico, não teve nada a ver com a homossexualidade dele. Não, não. Antes de tentar se matar, Alastair foi até um padre e implorou que fosse exorcizado, que o homem purgasse sua alma. Ele alegava que tinha feito um pacto com o diabo em troca de fama e que desde então não tivera um momento de paz. Disse também que *Ando sobre esta terra* não era um filme; era uma coisa viva que exigia almas e um sacrifício voluntário. Você não acha estranho que, nas duas únicas vezes em que o filme foi exibido, os cinemas pegaram fogo?

— É, isso é bem sinistro mesmo — concordou Dani, balançando o Cthulhu Moranguinho.

— Mas hoje não é uma noite para relembrar as tragédias do passado. Esta noite evitaremos as tragédias do futuro. — Ela me encarou, e senti uma vontade súbita de ser uma pessoa melhor.

— Os antigos deuses exigem uma resposta à pergunta que não quer calar.

Na semana anterior, Dani concordara em ser a Garota Macabra dos Balões em *Enfado zumbi*, o quarto da minha série de filmes de terror de seis minutos. Para falar a verdade, o roteiro era bem mais ou menos. Pensei numa história qualquer só para filmarmos logo e passarmos mais tempo juntos. No meio das filmagens, fomos expulsos do cemitério por algum tipo de esquilo doidão e tivemos uma crise de risos tão grande que não conseguimos retomar as gravações. Atordoados e suados, pegamos nossos copões de refrigerante e fomos para o parque da cidade, fugindo do calor texano e relaxando na sombra diminuta de um carvalho.

Dani sugou o gás hélio de um dos balões murchos.

— Oi, eu sou seu orientador vocacional, Titus Andróginus. Quais são seus planos para o futuro, Kevin? — perguntara ela em sua voz de Minnie Mouse.

Então ela colocou a ponta do balão nos meus lábios, seus dedos quentes e macios tocando meu rosto.

Demorei o máximo que pude para começar a sugar o gás, ávido por mais um pouco daquela sensação, daquele toque. Finalmente, inalei.

— Estarei em meu planeta natal, Totalmenteferradolândia, isto é, trabalhando na loja de frozen yogurt de Deadwood.

Para minha felicidade, o gás hélio fez com que minha frase soasse engraçada, e não deprimente.

Dani esfregou os olhos e borrou ainda mais o rosto de maquiagem cenográfica.

— Por quê?

Resisti à tentação de fazer uma piada e mudar de assunto. Em vez disso, falei a verdade.

— Dinheiro, em primeiro lugar. Notas nada impressionantes, em segundo. E em terceiro... — tomei um gole do refrigerante — tenho que cuidar da minha mãe. Ela tem uns... problemas de saúde.

— E seu pai? Ele não pode ajudar?

— Meu pai mora no Arizona — falei.

Todo Natal chegava lá em casa um sofisticado cartão de boas festas com uma foto sorridente dele e de sua Nova e Melhorada Família 2.0, as camisetas e os sorrisos combinando, todos abraçados diante de uma árvore gigantesca, daquelas que parecem ter sido decoradas por um profissional. Era gritante a diferença daquele lugar para o apartamento deplorável com

paredes cheias de manchas de cigarro em que eu morava com a minha mãe, que passava a maior parte do tempo desmaiada no quarto ou jogada no sofá de ressaca assistindo à televisão. A bebida piorara consideravelmente sua diabetes, e agora ela entornava os depósitos da aposentadoria por invalidez assim que os recebia. Em raros momentos de sobriedade, ela beijava minha testa e sussurrava: “Eu não mereço você. Você devia ir embora.”

Mas eu nunca faria o que meu pai fez, nunca a abandonaria.

— Bem, como sua orientadora vocacional, me sinto obrigada a lembrá-lo que você tem alternativas — dissera Dani, e o jeito como ela olhou para mim, tão cheia de esperança, me fez querer acreditar nela.

Meus sentimentos pela Dani eram a única certeza que eu tinha na vida. Quando eu ousava imaginar um futuro que não fosse completamente péssimo, a primeira coisa que me vinha à mente era nós dois: ela pintando e eu fazendo filmes de terror alternativos. Só que eu ia ficar preso aqui em Deadwood para sempre, então nunca conseguiria entrar na indústria cinematográfica. E não havia a remota chance de a Dani querer gastar seu tempo com um cara medíocre como eu. A verdade era que *ela* tinha alternativas, e eu estava convencido de que ficar comigo não era uma delas.

— Kev — chamou Dani. — E aí? Planos?

Fiquei brincando com o Cthulhu Moranguinho, evitando o olhar dela.

— Ouvi dizer que assassino de aluguel é a profissão do momento.

— Meu camarada Kev vai dirigir o primeiro filme de terror hispter — disse Dave, levantando minha bola.

— Com certeza. — Faço barulho ao sugar um pouco de refrigerante para tentar desfazer o nó na garganta. — O grande lance vai ser o seguinte: você não vai saber quem é um zumbi e quem não é, porque quem sabe dizer a diferença entre alguém mortalmente irônico e um morto-vivo? Por isso o filme vai se chamar... preparem-se... *The Funtos*. Vai ser tipo “Naaarrhhhhzzmmmm”, e aí os outros *the funtos* esperando na fila do lado de fora da casa de shows, usando bonés sarcásticos e manchados de sangue, vão dizer tipo “Mnnnggggrrrr”, que quer dizer “Aquela carne era muito mainstream”.

Dani assentiu.

— Saquei. Então, *The Funtos*: o que acontece no filme?

Eu dei de ombros.

— Nada.

Dave sorri.

— E é por isso que é a cara do Kevin!

Ele estava brincando. Sei que estava. Mas aquele estilhaço da verdade se alojou no meu peito. Enfiei o Cthulhu Moranguinho no bolso.

— Pegou pesado, cara.

Ele me encarou com firmeza, e foi quase pior.

— Dani está certa. Você tem que começar a pensar no futuro. Ele está chegando, camarada. Quer você esteja pronto ou não.

— É — falei. — E ouvi dizer que vai ter uma Starbucks.

As luzes voltaram a fazer sua desagradável dança piscante. As vozes na tela desaceleraram até se tornarem um emaranhado de palavras arrastadas e desconexas, e então o filme parou de

vez. Ficamos imersos na escuridão. Pico de energia. Um de verdade desta vez.

— Merda — falei.

Um coro de protestos irrompeu lá de baixo, no cinema. As pessoas estavam de fato gritando. Sério. Babaquinhas mimados. Naquele momento, eu odiava todos eles.

Dave balançou a cabeça.

— Cara, eu fui da última vez.

Suspirei.

— Tá, eu vou.

Talvez eu aproveitasse e ficasse no porão até o fim do meu turno.

Dani pegou uma lanterna.

— Eu vou com você. Sabe, para o caso de o Scratsche estar em seu caixão lá embaixo e você precisar de ajuda.

E foi assim que as luzes da minha esperança para aquela noite foram religadas.

Tateamos o caminho para a escada que levava ao saguão. As pequenas lâmpadas de emergência nos rodapés se acenderam, deixando o carpete escuro como sangue. Quando passei pela fotografia de Scratsche, parei. Mesmo na penumbra, aqueles olhos provocavam: *Olhe para mim, Kevin. Eu sei o que habita o seu coração. Eu conheço você.* Desci os últimos quatro degraus num pulo, apavorado.

Do lado de fora, relâmpagos cortavam o céu escuro e a chuva torrencial castigava o estacionamento quase vazio. Seguimos o facho da lanterna de Dani, e do nada John-O apareceu atrás da gente, inquieto como um filhote hiperativo.

— Ei, o que aconteceu com o filme? Estava começando a ficar bom. É estranho, mas eu estava começando a me sentir realmente parte dele.

— Uau. Bom para você, cara. — Esbarrei nele ao passar, abri a porta do cinema e gritei lá para dentro: — Desculpe, pessoal. Tivemos um pico de energia. Vamos retomar o filme em apenas alguns minutos. Obrigado pela paciência.

Eu me preparei para a costumeira ladainha de reclamações, mas só ouvi uns gemidos estranhos, e torci para não ter que interromper uma sessão de pegação frenética na última fileira.

— Foi meio assustador — prosseguiu John-O. — Achei que tivesse visto...

— Cara, a gente precisa ir lá religar a luz. Voltamos em cinco minutos — falei.

Dani e eu abrimos a porta atrás da bombonière e descemos a escada até o porão fedido e úmido. Não tinha ar-condicionado lá embaixo, e com o verão o lugar parecia uma estufa, ou como se alguém tivesse passado o dia inteiro cozinhando ali. Era um contraste absurdo com as temperaturas congelantes do andar de cima, mas não era desagradável.

— Onde fica o disjuntor?

A luz da lanterna de Dani bailava pelas paredes em círculos de luz à la George Romero.

— À direita — respondi. — Mais para cima.

Ela apontou a lanterna, e eu tive que puxar a tampa de metal com força para abri-la. Liguei e desliguei o disjuntor até ouvir o familiar *tchunk-tchummmm* do gerador zumbindo até voltar à

ativa, junto com os balbucios abafados na forma de diálogos ruins recuperando a velocidade. Acima de nossas cabeças, longos tubos de luzes fluorescentes piscavam como crianças acordando de um pesadelo no meio da noite, e então, de uma só vez, a energia voltou, e um brilho azulado insano inundou o porão. Só nos restava voltar lá para cima, mas eu queria ficar mais um tempinho a sós com Dani.

— Uau. — Comecei a vasculhar o porão. — Isto aqui é um episódio de *Acumuladores: Edição show de horrores*.

Prateleiras de metal abarrotadas de revistas *Fangoria* velhas ocupavam uma das paredes. Uma réplica de quase dois metros do monstro do pântano apodrecia num canto esquecido atrás de pilhas de assentos de cinema quebrados. No chão havia uma caixa de brindes empoeirados — ratos de borracha com olhos vermelhos e falsas guilhotinas de cortar charuto. Dani encontrou vários cartazes de filmes em cores berrantes, todos já meio deteriorados.

— *Freiras satânicas. O diabólico sr. Lamphrey* — disse ela, lendo os títulos. — *Os cinco dedos do dr. Mata-Tempo*.

— Olha só esse.

Puxei um pôster dos anos 1970 com um vampiro de terno colorido dando um golpe de caratê no pescoço de dois traficantes de drogas. Atrás dele, um lobisomem inclinava o tronco peludo para fora da janela de um Cadillac dourado, os gigantes caninos expostos como se quisesse deixar claro que devorar traficantes era com ele mesmo. Li o anúncio com uma voz de narrador de trailer:

— “Dr. Drac e sr. Lobo vão fazer um estrago no crime.”

— Cara, sério. Como é que isso é um filme de terror?

— Poxa, tem o Drácula e o Lobisomem. Não dá para ser mais terror clássico do que isso — disse Dani, e me cutucou de leve com o ombro, e, juro, meu corpo todo estremeceu.

Dei um sorriso idiota.

— Não. Hã-hã. Isso é uma abominação. É tipo *Lei & Ordem: Transilvânia*. Esse Lobisomem tem uma *arma*. Por todos os deuses do terror, como isso é possível? Ele nem tem *polegares*!

Dani riu e, não vou mentir, tudo o que eu queria era continuar contando piadas para poder ouvi-la rir mais.

— Ótimo butim. — Dani pegou um conjunto de arco e flecha super-realista, um brinde especial de *Robin Hood: O príncipe das trevas*. — Dá para fazer um estrago com isso aqui. Eles deixavam mesmo as crianças brincarem com este negócio?

Ela puxou a flecha para trás e mirou no meu coração.

Ergui as mãos.

— Cuidado com isso aí.

— Relaxa. — Dani baixou o arco. — Só fiz um semestre de tiro com arco. Meu momento de glória foi empalar a bunda do treinador Pelson.

— Uau! Foi você que fez aquilo? Você seria ótima para o inevitável remake de *Hipólita se levanta da tumba*, Pinewood Studios, 1966.

Dani sentou com todo o cuidado na réplica de uma lápide.

— Você realmente ama esses filmes velhos, né?

— Aham. Sabe, o verdadeiro horror tem fundamento em todas as coisas profundamente

humanas: pesar, medo, dúvida, ansiedade. Desejo. — Engoli em seco. — Mas esses filmes novos? Em cinco minutos, alguém já está sendo esquartejado por uma serra elétrica ou costurado em uma roupa feita de pele. Não há emoções em jogo, nada. São completamente impessoais, tipo pornô na internet.

Merda. Para que eu fui falar de pornô?

— Já contei para você que o primeiro encontro dos meus pais foi em uma sessão de filme de terror? — perguntou Dani. Eu fiz que não. — Pois é. Minha avó é católica fervorosa e não deixava minha mãe sair com um garoto se a minha tia Yoli não fosse junto. Meu pai disse que a tia Yoli gritou tanto no filme que o gerente teve que pedir para ela sair da sala e esperar no saguão até o fim da sessão. E aí meu pai ficou todo “toma essa, a gente vai dar o fora daqui!”, e ele e minha mãe escapuliram pela saída de emergência e foram dançar em uma boate no fim da rua. Então, de um jeito bem esquisito, devo minha existência a um filme de terror.

Ela sorriu para mim, e era como se um show de punk estivesse acontecendo no meu coração.

— Uau. Que maneiro — falei, com muito esforço.

O calor do porão estava começando a fazer uma vítima. Sequei uma camada fina de suor da nuca.

Dani me encarou outra vez.

— A Universidade do Texas tem uma ótima faculdade de cinema, você sabe, né? E não é tão longe de Deadwood. Ah, para! Não faz essa cara! Estou falando sério.

— Tá, tá...

— Kevin! — Ela não estava mais sorrindo. — Do que é que você tem medo? De verdade.

De verdade? Aranhas. Ser abandonado pelas pessoas. Não ser bom o bastante. Rejeição. Excesso de responsabilidade. Ser enterrado vivo por um psicopata que fugiu da prisão. Perder a chance de ficar com a menina mais legal que eu conhecia. Me transformar no meu pai. A lista era infinita. Mas, mais do que isso, eu tinha medo de um futuro tão apavorante em toda a sua vastidão indefinida e solitária que era como se ele me pressionasse contra a parede, seus punhos prestes a me esmurrar com tanta força que eu tinha medo até de respirar. Eu tinha medo de ser deixado para trás enquanto Dani e Dave caminhavam na direção desse mesmo futuro. Só que admitir meu medo me dava a sensação de que eu estava dando a ele ainda mais poder sobre mim.

— Não tenho medo de nada — falei, imitando um sotaque alemão. — Pois eu sou Van Hotsprings, exterminador de esperma vampiresco a precisamente quarenta graus celsius.

A boca de Dani se transformou em uma linha encurvada pela decepção.

— Hum. Ok. Entendi. Vamos subir — disse ela, num tom monocórdio, levantando-se da lápide e indo até a escada.

Merda. Na minha cabeça, passava um novo filme, A noite do idiota-vivo:

INT. Porão. Noite muito, muito ruim.

A horda de zumbis ataca Kevin, mas para quando percebe que matá-lo é redundante. Corta. Créditos. Fim.

Quando voltamos lá para cima, as luzes estavam bem fracas, mas o ar-condicionado

continuava a toda. O frio repentino me fez estremecer. John-O estava com os óculos de DemoVisão. Ele segurava a porta da sala com o pé, assistindo ao filme pela fresta.

— John-O — chamei. Ele não respondeu. — Ei, planeta Terra para John. Você ligou a pipoqueira, John?

Estalei os dedos perto do ouvido dele. Nada. Então puxei os óculos, e ele piscou, meio atordoado.

— Ah, oi. Vocês estão aqui há muito tempo?

— Filho, sua mãe e eu já não avisamos sobre os riscos da marijuana? — perguntei. John-O ainda parecia desnorteadado. — Sério. Você está bem, cara?

— É. Acho que sim. É tão estranho. Eu estava assistindo ao filme e, não sei, por um momento, senti como se estivesse realmente dentro dele.

— Ooooooooook.

Dani encheu a pipoqueira de novos grãos infestados de agrotóxicos. Com o arco atravessado nos ombros e a flecha se projetando do bolso de trás da calça, ela parecia uma guerreira sinistrona.

— Eu *queria* estar lá, entende? Não queria sair — prosseguiu John-O. — E aí, por um momento, pensei ter visto umas criaturas do lado de fora da mansão.

— Sim, John-O. É porque é um filme de terror.

Eu me afastei e me juntei a Dani atrás do balcão. Eu não tinha nada para fazer ali, na verdade. Só queria ficar perto dela. Para parecer ocupado, fiquei empurrando o gelo de um lado para o outro na grande máquina prateada, quebrando os pedaços com a pá e desejando poder rebobinar aquela noite desastrosa.

— Não. Não é isso. — John-O parecia irritado. — Quando me dei conta, aquelas coisas já estavam do lado de dentro da mansão. E alguém gritava o meu nome, me dizendo que as criaturas precisavam de permissão para sair e que eu devia deixá-las sair.

— E o que você disse? — perguntou Dani, intrigada.

— Eu disse... — John-O se contorceu como se tentasse se livrar de insetos imaginários. A voz dele ficou mais grave, como se a puberdade estivesse chegando em câmera lenta. — Falei “claro, podem entrar”.

Então algo bem estranho aconteceu com John-O. Seus olhos azuis ficaram de um vermelho vivo, e seu rosto começou a se deformar como se tivesse sido queimado com ácido. Seu corpo inteiro soltava espasmos conforme ele andava até a bombonière.

— Puta merda — sussurrou Dani, recuando.

John-O continuou avançando.

Saltei na frente de Dani, lançando saquinhos de M&M's em John como se fossem granadas de chocolate.

— Para trás, demônio calouro!

Um dos saquinhos bateu bem no olho do garoto. Aos berros, ele puxou a caixa, arrancando o olho junto.

— Droga! Meu celular está sem sinal! — Com a mão erguida, Dani balançava o aparelho de um lado para outro, como se assim ele fosse funcionar. — Operadora maldita!

Mais dois demônios saíram da sala de cinema. Um deles usava o boné do Bryan Bosco, e se eu já tinha medo daquele babaca antes, agora estava apavorado-a-ponto-de-sujar-a-calça. A

boca dele era enorme e redonda, com dentes podres e afiados. O Bryan Bosco demônio jogou o John-O berrante no chão e mordeu o pescoço dele, quase arrancando a cabeça, que parecia de cera.

— Vai, vai, *vai*!

Fui correndo com Dani até a sala de projeção. Subimos a escada e passamos pela porta em tempo recorde.

— Não assiste ao filme! — gritei, derrubando Dave do banquinho.

— Gente! O que está acontecendo? — Dave olhou para cima, atordoado. — Pô, estava começando a ficar bom. Era como se estivesse mesmo dentro do filme...

— Eu acho que você estava — falei, tentando desesperadamente recuperar o fôlego e não desmaiar. — Aquele lance de o filme ser amaldiçoado? Não é conversa fiada. Acho que ele rouba a sua alma e transforma você em algum tipo de coisa zumbi-demonoide.

Dani assentiu, de olhos esbugalhados.

— É verdade! Pegou o John-O. A cara dele virou fondue bem na nossa frente! E aí o Bryan Tosco saiu e começou a comer ele!

Pelo vidro da sala, o cinema escurecido ainda emitia clarões em preto e branco. Dave fechava e abria as mãos. Seus pais terapeutas haviam lhe ensinado a fazer isso para se acalmar quando o TOC se manifestasse.

— Kevin. Dani. Vocês estão começando a me deixar apavorado de verdade. Sério.

Guinchos irromperam do cinema. Parecia que um grande karaokê com todas as almas do inferno estava acontecendo ali.

— A gente tem que sair daqui. Agora — falei.

— Mas e se estiver rolando o maior baile zumbi-demônio lá embaixo? — perguntou Dani.

— Plano A: a gente corre e tenta fugir pela saída dos fundos, e aí voa pela rua até o Taco Bell para pedir ajuda.

— E qual é o plano B? — perguntou Kevin.

Eu já vira centenas de filmes de terror. Os enredos e clichês? As inúmeras atitudes estúpidas e prepotentes dos personagens que os lançavam em direção à morte? Eu conhecia todos. Em minha presunção, eu me sentia seguro, porque tinha certeza de que eu *nunca* seria burro daquele jeito. Mas então eu entendi: não tinha como estar sempre preparado para tudo. Em algumas situações, você só tinha que agir e esperar que desse tudo certo.

— Vamos pensar em alguma coisa. — Eu me virei para Dani. — Fica atrás de mim, ok? Se, sei lá, alguma coisa acontecer, se uma daquelas coisas me pegar, só corre. — Quando ela começou a contestar, eu expliquei: — Seu pai já passou por coisa demais. E você tem uma bolsa de estudos.

— E quanto a você?

Dei de ombros.

— Ninguém vai sentir falta de mim.

Dani bufou e depois fez um beicinho.

— Você é um idiota, sabia?

Ela pegou minha mão e, se eu não estivesse prestes a desmaiar de medo, seria o cara mais feliz do planeta.

Lentamente, abri a porta da sala de projeção. Tudo limpo lá fora. Descemos a escada de

fininho, ouvindo o martelar da chuva no teto. Foi quando reparei na fotografia na parede. Scratsche tinha sumido. Seria um efeito da luz? Eu queria perguntar a Dani e a Dave se eles também não tinham visto o homem ali na foto, mas Dani sussurrou com urgência:

— Kevin, *anda logo!*

No fim dos degraus, paramos. Bem na frente da porta dos fundos havia quatro mortos-vivos se arrastando rosnando um para o outro.

— Que. Merda. É. Essa? — sussurrou Dave, em pânico. — Qual é o plano B?

— Portas da frente. Fiquem abaixados. — Fui andando colado à parede até o balcão da bombonière. Quando cheguei lá, ergui a mão e fiz um movimento rápido com a cabeça, indicando a área na frente do pôster de *Ando sobre esta terra*, onde dois demônios agachados ainda mastigavam o corpo destruído de John-O. — Apenas continuem andando — falei, apertando suavemente a mão de Dani. — Não chamem atenção.

Mantive os olhos nas portas. Ainda chovia torrencialmente, um misto de cores metálicas caindo do céu. Quatro metros. Três. Um. Zero. Pressionei as maçanetas, tentando não fazer barulho. Elas não se mexeram.

— Para de palhaçada, Kevin — sussurrou Dave.

— Eu *não* tô de palhaçada!

Um guincho gorgolejante que lembrava o alarme aflitivo anunciando ataques aéreos ressoou atrás da gente. Os demônios que estavam bloqueando a saída dos fundos nos alcançaram. Suas bocas enormes se abriram, nos dando uma visão privilegiada das membranas pulsantes em suas gargantas gigantescas. Era mais assustador do que qualquer efeito especial, só que cem por cento real. Os carneiros do John-O cambalearam para longe do cadáver e estenderam os dedos de garra em nossa direção.

— Cara, você é o gerente. Mande eles irem embora, sei lá. Acabou o espetáculo. Vão para casa.

— Dave. Você está *pirando* — rosnou Dani.

— Pirando? Eu já pirei. Estou completamente pirado. Estou tentando não me cagar todo aqui.

— Me sigam — Corri até o balcão da bombonière. Os demônios nos cercaram, curiosos, mas eu não podia garantir que eles não iam avançar imediatamente. — Peguem qualquer coisa que possam usar como arma.

— Tipo o quê? — gritou Dave.

— Sei lá! Eu nunca tive que lidar com demônios antes, ok? Improvisa!

Dani lançou pedaços de gelo. Dave arremessou pratos de nachos. Olhei em volta. Saleiro. Copos de refrigerante. Porta-guardanapos. Pretzels murchos. Panelões de manteiga. *Panelões de manteiga...*

— Ei! Me ajudem com isto aqui.

Arranjei dois panos de prato e peguei a panela de metal cheia da gosma rançosa que abençoava os milhos velhos.

Dave me encarou como se eu tivesse enlouquecido.

— O que você está pensando em fazer com isso? Esperar até o colesterol fazer efeito?

— Lembra quando vimos *Alienígenas do planeta 11 comeram o meu cérebro*? — perguntei, tirando a tampa da panela. — Lembra como eles mataram os alienígenas bizarros?

— Os alienígenas não aguentavam calor. Derreteram na hora — respondeu Dani.

Ela correu para me ajudar com o panelão. A coisa anteriormente conhecida como Bryan Bosco pulou na bancada, pronta para atacar.

— Ei, Bryan! Vai querer acrescentar um pouco de manteiga? — gritei, exatamente como se eu fosse o herói de um filme de ação.

Juntos, Dani e eu jogamos o balde borbulhante de gosma amarela nele. Bryan gritou e se debateu conforme o líquido quente formava bolhas em sua pele, e, apesar de Bryan ser um grande babaca e de eu frequentemente ter vontade de acabar com a raça dele com vários golpes de caratê incríveis que eu não fazia a menor ideia de como fazer, foi meio angustiante vê-lo sofrer, demônio ou não.

Dave deixou escapar uma risada levemente treloucada.

— “Ei, vai querer acrescentar um pouco de manteiga?” Cara, isso foi tão maneiro.

Ele levantou a mão para um high-five. Não correspon-di.

— Agora não.

— Arghhhhhhh! — guinchou Criatura Bryan.

— Acho que você deixou o Bryan ali meio irritado — disse Dave, com a voz abafada pelo medo.

Seguro a mão do meu amigo e de Dani.

— Plano C: cinema. No três. Um, dois e...

Com um grito de guerra, Dave saiu correndo, puxando nós dois atrás de si. Jogamos nossos corpos contra as portas. Dani agarrou a vassoura apoiada na parede, a quebrou com o joelho e passou o pedaço quebrado pelos grandes puxadores dourados da porta.

Empurrei Dave.

— Eu disse no *três*, idiota.

— Estava insuportável lá, Kevin! Aquelas coisas parecem carne-seca congelada. E *fedem* — disse Dave, ofegante. Ele chutou um copo de refrigerante vazio. — Que péssima maneira de morrer, cara. Eu tenho ingressos para a Comic-Con, sabe?

Não era para ser assim. Naquela noite eu chamaria Dani para sair, e ela, conforme eu esperava, diria que sim. E agora estávamos presos no Cinemorte lutando contra uma horda de demônios sugadores de almas e devoradores de carne fugidos de um filme amaldiçoado. As portas começaram a rachar conforme os demônios-zumbi as chutavam. Logo, logo eles conseguiriam destruir a frágil tranca de vassoura.

— Isso está acontecendo de verdade, Kevin. Pense. Vamos lá — falei para mim mesmo.

Todos aqueles anos assistindo a filmes de terror e, agora, quando um filme de terror acontecia bem na minha frente, eu não conseguia pensar em um jeito de escapar daquele caos. E foi então que tive uma ideia bem louca.

— Ei! — gritei para o filme. — Ei, aqui! Prestem atenção!

— O que você está fazendo?

Dani tocou meu braço, e eu desejei que fosse uma noite diferente, para poder desfrutar da leveza dos dedos dela em minha pele.

— Não vou cair sem lutar — prometi a ela. Gritei para a tela de novo. — Eu sei que vocês podem me ouvir. *Olhem. Para. Mim!*

Natalia Marcova deu uma olhadinha de relance. Ela estava morta havia cinco décadas, mas

a mulher na tela permanecia radiante, um fóssil lindo e preservado.

— Eu vi isso! Sim! Aqui mesmo — falei, sacudindo os braços.

Ela me deu um aceno discreto.

— Olá.

— Ajudem a gente, por favor! — pedi. — Vocês já viram isso acontecer antes... não foi isso que você disse, Jimmy?

— Céus. Acho que eu disse. — Ele passou a mão pelo cabelo ondulado e sedoso, bem anos 1960, do tipo que causava suspiros por onde passava. — Eu meio que me deixei levar pela emoção do momento, sabem? É meu método de atuação.

— E por que é que devíamos ajudar vocês, fedelhos? Vocês mal sabem se vestir adequadamente — perguntou Alastair Findlay-Cushing, do sofá, embalando seu copo de uísque.

— Porque nós somos o futuro — falei. — Em todo filme, alguém tem que sobreviver para contar a história. Senão... senão não faz sentido.

— Não necessariamente — respondeu Jimmy Reynolds. — E quanto a *Crepúsculo dos deuses*? É narrado por um homem morto.

— Valeu pelo spoiler, fantasma do John-O — sussurrou Dave, irritado.

— Ah, querido. Eu quero ajudar vocês — ronronou Natalia em seu sotaque do Brooklyn. — Mas, se eu fizer isso, ele vai me mandar para o lugar ruim.

— Quem? — perguntei.

Os olhos de Natalia se fixaram em um ponto atrás de mim.

— Ele.

Palmas lentas ecoaram dos fundos da sala. Ele emergiu das sombras, usando o mesmo terno brilhoso da fotografia na escada.

— Bravo. Muito bem. Devo dizer que essa é uma bela surpresa.

— Sr. Scratsche?

Tentei enxergar além da névoa de poeira lançada pela tela e ver o que se passava naqueles olhos escuros e desalmados. Ele parecia não ter envelhecido um dia desde a foto de 1963.

O sr. Scratsche fez uma mesura.

— Às suas ordens. Modo de dizer.

A mão dele se ergueu como a de um maestro. O cabo de vassoura quebrado imediatamente foi arremessado para longe dos puxadores da porta. As criaturas famintas e rosnantes cambalearam para dentro, se arrastando até os assentos, hipnotizadas pelo chuvisco das imagens.

Scratsche sorriu.

— Ah, vocês, seres humanos. Nunca se cansam de encarar aquela tela, se imaginando ali... melhores, belos, imortais. Por toda parte, é sempre a mesma coisa: gente sentada no escuro, ávida pela luz, por se sentirem legitimadas, pela ideia de que o bem derrota o mal, pela segurança presunçosa de pensar que sempre vão vencer no fim.

— Seu lugar é aqui conosco, Scratsche, e você sabe disso! — gritou Jimmy Reynolds, caindo de joelhos. — Você só conseguiu escapar porque condenou a *todos nós*!

— Eita. Relaxa, Marlon Brando — resmungou Dani.

— Jimmy, Jimmy. — O sr. Scratsche balançou a cabeça como um diretor de escola

ligeiramente decepcionado. — É verdade. Para poder fugir, ofereci todos vocês em troca. Mas vocês assinaram o contrato por livre e espontânea vontade. — Como em um truque de mágica, Scratsche pegou no ar um pergaminho, que se desenrolou revelando centenas de assinaturas. Outro movimento brusco, e o pergaminho voltou a se enrolar e foi direto para o bolso dele. — Ouvi você mais cedo, Jimmy. Você tentou avisar às pessoas, não foi? Não falei da última vez que haveria consequências?

— Sinto muito, sr. Scratsche. Só estou terrivelmente cansado de ficar preso dentro deste filme. — Jimmy parecia assustado e exausto. — Venho usando esta gravata há 56 anos. Eu pareço um idiota com ela.

— Entendido. — O sr. Scratsche deu um peteleco na direção da tela, e na mesma hora chamadas consumiram Jimmy Reynolds. Segundos mais tarde, tudo o que restou foi a gravata e uma mancha de queimado no tapete. — Isso foi por não seguir o roteiro.

Os olhos de Dave estavam sem vida, encarando o nada. Ele começara a cantarolar o tema de abertura de *Ursinhos carinhosos*. Era o que fazia quando o mundo passava dos limites.

— O que você quer da gente? — gritei.

— Acredito que a pergunta seja o que é que você quer, Kevin? O que é que todos vocês querem? Ah. Foi uma pergunta retórica, na verdade. Eu li seus questionários.

O sr. Scratsche andou a passos largos pelo corredor central, com a graça de um leopardo. Ele enlaçou os dedos. As unhas eram longas e recurvadas.

— Estive pensando que esta é uma boa hora para tirar o filme da geladeira. Você está certo quando diz que alguém precisa manter a história viva. Ser o guardião dela, certo? *Ando sobre esta terra*: uma nova versão para um novo público, dirigida por Kevin Grant. O que acha?

Ninguém nunca dissera nada assim para mim antes, como se estivessem me vendo. Como se valesse a pena olhar para mim.

— Eu? Por que eu?

— Tenho observado você há meses. Eu sei o que mora dentro de você. O anseio pelo que não pode ter. — Ele olhou de relance para Dani, que por sua vez olhou para mim, intrigada. Meu rosto ardeu. — O mundo está ávido por novas emoções. No passado, distribuição era um problema. Mas agora? Santo Deus! As coisas que vocês veem hoje em dia, bem aí nos seus dispositivos. Imagine, Kevin: sua versão de *Ando sobre esta terra*, disponível sob demanda. Para download. Para compartilhar. Só requer um pouco de sacrifício.

O pergaminho estava exposto novamente. Na outra mão com garras, Scratsche segurava uma caneta.

— Isso parece não ter funcionado para aqueles outros caras — falei, apontando para a tela com o polegar.

Dave assentiu.

— Manda ver, cara.

— Eles não têm a sua *visão*. — Scratsche sorriu. Eu sabia que era um truque, mas em algum lugar dentro de mim era como se alguém tivesse aberto um cofre e dito: *Vá em frente. Pegue o que quiser*. O sorriso dele endureceu. — Ou você quer passar o resto dos seus dias em casa cuidando da mamãe? Quem sabe encontrar seu fim no fundo de uma garrafa, que nem ela?

— Vai à merda — falei, com a voz trêmula. — Essa não é minha única alternativa.

E eu não sabia se isso era verdade ou se eu apenas queria que fosse.

O sr. Scratsche riu.

— Você ainda não entendeu, Kevin? O vampiro se levanta mais uma vez. O cientista trouxe o cérebro do assassino de volta à vida. A horda zumbi foi infectada novamente. É isso que justifica todas aquelas sequências e remakes. *Você não pode vencer o mal*. Ah, claro. Se você destruísse esta última cópia do filme agora, antes de comprometer a sua alma, poderia vencê-lo. Mas o projetor está longe, lá em cima. — Scratsche apontou para a vidraça da cabine de projeção estreita. — Fora de alcance. Como seus sonhos. — Os olhos escuros de Scratsche queimavam. — Faz algum tempo que você já não tem opções, sr. Grant. Lá no fundo, você sabe disso. Junte-se a mim... ou todos vocês morrerão. Vocês já foram destroçados por demônios? Me disseram que é doloroso. Bastante.

Na tela, o fogo da lareira chiava. Olhei para o redemoinho de chamas e para a escuridão infinita lá dentro, destituída de forma, como meu futuro sem futuro. Meus olhos se fixaram nos de Natalia.

— Por favor — implorei. — Só uma dica.

Por um momento, ela encarou o chão. Então sussurrou:

— O filme se alimenta do seu medo. É o que dá poder a ele.

O sr. Scratsche levou uma das mãos ao peito. Pequenos chifres haviam brotado de sua testa, e seus dentes tinham se alongado.

— Ah, sou um tolo mesmo. Devia ter escolhido a Ingrid Bergman.

Ele deu outro peteleco, e Natalia gritou aterrorizada ao voar para trás, fixada à parede da mansão, uma adaga pairando a centímetros de seu pescoço.

— Seja boazinha agora, minha querida — disse Scratsche. — Sei que você detestaria interpretar com a garganta cortada pelo resto do seu contrato. Imagine a sujeira.

Dave fechou os olhos e se balançou de um lado para o outro.

— Pare de sentir medo. Pare de sentir medo. Pare de sentir medo.

Eu me aproximei dos dois e formei um amontoado coeso, passando meus braços por trás das costas deles. Eu nunca havia ficado tão perto de Dani antes. Estávamos quase nariz com nariz, e de repente fui invadido pelo desejo de viver aquele futuro sobre o qual ela me perguntara sob a árvore. Um futuro com ela.

— O filme se alimenta de medo, correto? — falei. — Então temos que parar de alimentá-lo. Rápido! Qual é o oposto do medo?

— Taylor Swift? — disse Dave. Dani e eu o encaramos. — Que foi? A Taylor Swift me deixa feliz.

Eu me virei para Dani.

— Qual é o oposto *normal* do medo?

Dani soltou um suspiro trêmulo.

— Hã... coragem? Alegria. Amor. Altruísmo. Esperança.

— É isso! — falei.

— O quê? Eu falei, tipo, cinco coisas.

Sombras e luz brincavam no rosto de Dani. Limpei uma gota de óleo de cozinha da bochecha dela.

— Esperança — falei.

O brilho indistinto do filme me transformou num fantasma de mim mesmo enquanto eu

andava até a frente da sala.

— Se estes vão ser meus últimos minutos na Terra, então tenho algo a dizer.

— Ah. Ele é um daqueles garotos das “últimas palavras profundas”. Que maraviiiiilha — resmungou Alastair, afundado no copo.

— Sabe, você é bem babaca — disse Dave. — Eu revogo seu status de gostosura. Talvez eu aplauda quando você voltar para o inferno.

Alastair deu de ombros.

— Sou ator de filmes B. Inferno é um conceito redundante, garoto. — Ele esvaziou o copo, que voltou a se encher imediatamente. — Isto aqui nem é bebida alcoólica de verdade.

— Sr. Grant. Esse desfecho demorado está começando a me entediar. E eu não sou nem um pouco agradável quando fico entediado — ameaçou Scratsche.

— Só um segundo, ok?

Encarei Dani. Nos filmes que eu criava em minha mente, eu era sempre o cara arrogante e descolado, porque não havia nada em jogo. Eu me tornei o que eu sempre havia criticado. Mas agora, olhando nos grandes olhos castanhos dela, vendo o medo, a raiva e a preocupação, senti todas as minhas emoções de uma só vez. Eu odiava ter desperdiçado tanto tempo e desejava mais do que tudo ser o herói que eu queria, o herói que era digno dela.

Pigarreei.

— Dani, eu sei que o timing é péssimo, levando em consideração que estamos prestes a ser devorados por demônios ou enviados para o inferno, dois contextos que eu evitaria em nosso primeiro encontro. Mas a verdade é que sou doido por você. Totalmente. Loucamente. Completamente. E sei que isso é idiota, mas tenho que saber: se esta fosse uma noite de sábado normal e eu chamasse você para sair, você diria que sim?

Dani me encarou. Eu não sabia dizer se ela estava brava ou feliz ou triste, ou todas as opções anteriores.

— Uau. Seu timing é mesmo horrível.

— É, é, eu sei. — Meu coração despencou. — Desculpe. Esquece que eu falei essas besteiras.

— Você pode calar a boca por um segundo, Kevin? — Ela se aproximou. — Eu espero você me chamar para sair desde, sei lá, *sempre*, mas você nunca fez isso. Foi por sua causa que eu aceitei este trabalho idiota. E agora, *agora*, quando estamos prestes a ser sacrificados e ir para o inferno, você finalmente toma coragem?

— Eu... espera. Você gosta de mim?

— Ai. Meu. Deus. — Dani ergueu os braços, frustrada. — Sério? Sério que você nunca percebeu nada?

— Não... muito?

— Droga, meninos são muito burros.

— Sexista.

— Desculpe. Eu quis dizer “Droga, o Kevin é muito burro”.

— Melhorou. Mas por que *você* não *me* chamou para sair?

— Porque... — Dani franziu as sobrancelhas. — Porque... é assustador dar a cara a tapa?

— É — falei, sorrindo, apesar de tudo. — É muito, muito assustador.

— Own! Vocês dois são tão fofos! — disse Natalia. — Eu me sinto extremamente mal em

saber que vão ser devorados por demônios ou perder suas almas.

— Valeu? — falei. E depois acrescentei: — Madame.

Porque eu estava num cinema cheio de mortos-vivos liderados pelo capanga do diabo em meu primeiro e possivelmente último encontro com a garota dos meus sonhos, e minha boca desistira de tentar fazer sentido.

— Kev! — chamou Dave, em pânico. — A coisa da esperança não está funcionando!

O sr. Scratsche riu.

— Viu só, Kevin? Realmente não tem como impedir a morte iminente. — Ele levantou o pergaminho mais uma vez. — Aceite seu destino.

— Não! Espere! — Eu comecei a andar de um lado para outro. Parei. — A não ser que a gente destrua o filme.

— Ah, sim, é claro, mas vocês não têm como destruir nada — disse Scratsche, impaciente. — E mesmo que *tivessem*, duvido de que alguém como você destruiria a última cópia remanescente de um filme raro. Afinal de contas, você sabe como é a sensação de ser descartado.

Eu nunca quis ser como meu pai, que conseguia cortar laços sem o menor esforço e cair fora sem levar nada além de esperança consigo. Mas agora eu encarava as coisas de um jeito diferente. Às vezes, a melhor coisa que você podia fazer era queimar tudo e recomeçar. Se sobrevivêssemos a esta noite, eu mandaria minha inscrição para a Universidade do Texas. Nossa, eu preencheria umas doze inscrições.

Eu corri até Dani.

— Ei — sussurrei. — Você sabe usar esse arco, não sabe?

— Para alguém que só fez um semestre de tiro e acabou acidentalmente atirando uma flecha na bunda do treinador Pelson, é, eu acho que sei.

— Quem foi que disse que só tem uma forma de destruir um filme amaldiçoado? — Dei um meio sorriso bobo. — Alternativas.

Dani sorriu também.

— Alternativas.

— Você já tem minha resposta, sr. Grant? Seu público está faminto. — Scratsche fez um gesto para os demônios impacientes.

— Eu tenho. Eu gostaria de exibir o trailer do meu curta, intitulado *Você Não manda na gente*, em 3D. — Tirei o Cthulhu Moranguinho do bolso. — Dave, isqueiro, por favor.

Dave me entregou o isqueiro azul.

— Tem certeza de que sabe o que está fazendo, camarada?

Respirei fundo.

— Espero que sim.

Atrás de mim, dava para ouvir as vozes abafadas e curiosas de Natalia e Alastair.

— O que é que ele está fazendo?

— É uma coisa que os jovens fazem hoje em dia?

— É estranho.

Mas eram os sons do passado ficando mais tênues.

Enfiei nosso deus de pelúcia na ponta da flecha.

— Sinto muito, Moranguinho.

— Basta, sr. Grant! — A voz do sr. Scratsche era um rugido estrondoso.

— Por favor! Sem falação durante o filme — falei, e, com a mão trêmula, ateei fogo no Cthulhu Moranguinho. Para Dani, sussurrei: — Mire na lareira.

Ela assentiu e deixou a imitação de flecha de *Robin Hood: Príncipe das Trevas* voar pelos ares. O artefato furou a tela, soltou fumaça e se apagou.

— Merda — disse Dani, e meu coração afundou.

— Está tudo bem — falei para ela, e me perguntei se a mãe de Dani dissera o mesmo para o irmãozinho dela nos segundos antes de o avião atingir o chão.

— Ora, o diabo que me carregue.

Alastair Findlay-Cushing estava encarando o chão da antiga mansão cinematográfica. Uma listra de fogo viajara da nossa flecha de Cthulhu através da tela e para dentro do filme. Natalia e Alastair tossiam conforme seu túmulo cinematográfico era preenchido por fumaça.

O sr. Scratsche ficou de pé num pulo.

— Não!

— Aposto que você não esperava por essa reviravolta — falei.

Houve uma forte explosão. As paredes instáveis da mansão se sacudiram. Natalia gritou quando o torvelinho no buraco da lareira se abriu e a sugou lá para dentro. Um Alastair visivelmente abalado tentou pegar o copo com bebida, lembrando-se no último segundo de que era falsa.

— Ai, merda — grunhiu ele, e então também já não estava mais lá.

A fumaça ondulou pelas beiradas da tela e se espalhou para dentro da sala de cinema. O sr. Scratsche apontou um dedo retorcido para a gente.

— Comam! Comam! — rosnou ele para seus minions demoníacos. Mas eles ficaram confusos com a ordem e começaram a se devorar uns aos outros em um frenesi sangrento.

O pergaminho voou do bolso de Scratsche e pairou no ar. Ele fez um esforço desesperado para segurá-lo logo antes de o papel desaparecer. Um buraco se abriu no centro da tela, um vácuo sem fim que espelhava o negrume dos olhos arregalados de Scratsche. Sons terríveis escapavam da escuridão — urros de agonia e dor, mas também de perda e remorso.

— Não! — arquejou Scratsche. — Não, espere, eu...

Uma mão gigante e em chamas se projetou da escuridão e fechou seus dedos flamejantes em torno de um Scratsche que berrava e se debatia em vão. Ele realmente estava sem alternativas. Conforme a mão resplandecente o arrastou de volta a seu não descanso eterno, ouvimos apenas um último ganido. O buraco se fechou.

Por um instante, houve silêncio. E então o caos se instaurou.

A tela tombou, vomitando fogo. O papel de parede decorado ficou empolado e enegrecido. Pedacos do teto choveram em blocos, como se o cinema tivesse sido construído numa falha geológica.

— Estamos presos! — gritou Dave, desviando de pedaços do teto em chamas.

Meu peito se apertou com a ideia de que aquela fora a última cartada de Scratsche, um daqueles momentos clássicos de filme de terror, o “peguei você!” no último segundo.

— Dani! — gritei, tossindo, pegando as mãos dela. — Eu amo você. Sinto muito que nossa história tenha que acabar deste jeito.

A boca de Dani se contorceu.

— Você tá louco se acha que vai acabar deste jeito! — Ela arrancou um pedaço da camiseta, a enrolou na flecha, puxou o objeto da tela e o usou como alavanca para abrir a porta da saída de emergência. — Vamos lá, galera! — gritou ela. — Hora de cair fora!

Desta vez, *ela* pegou a *minha* mão, e não perdemos tempo em correr na direção dos braços abertos da noite.

Envoltos pela neblina serena, Dani e eu nos apoiamos no porta-malas do carro dela e observamos as chamas consumirem o Cinemorte. Sirenes de caminhões de bombeiros ressoavam a distância. Sob os bramidos, eu conseguia ouvir Dave no celular com Jeffrey:

— Cara, você não tem noção da *minha* noite. Para começo de conversa, estou com gosma de cérebro na minha jaqueta...

O incêndio intensificou a quietude opressiva da noite texana. Se eu pudesse, teria aberto o zíper da minha pele para arrancá-la do meu corpo. Dani despejou algumas Mentos na minha mão. Estavam levemente derretidas, mas eu gostava assim. Ela explodiu em gargalhadas. Eu comecei a rir também. Era o choque, sem dúvida. As emoções ficam superestranhas depois de você ser caçado por demônios e forçado a mandar seu chefe para o inferno.

— Puta merda — falo, tentando me acalmar.

— Repete isso aí.

— Ok. Puta merda.

Dani ficou de frente para mim. Com as chamas atrás dela, me veio à mente um anjo vingador de um filme que eu queria assistir infinitas vezes.

— Só para verificar: isso aconteceu de verdade, certo?

— É. Bem por aí.

— Ok. — Dani assentiu, mais para si mesma do que para mim. — Ok.

— Isso é insano! — Dave estava tirando uma infinidade de selfies na frente do Cinemorte em processo de derretimento. — Eu já tenho cento e cinquenta e três retweets e fui favoritado mais de sessenta vezes só nos últimos cinco minutos!

— Preciso me sentar.

Dani abriu o carro e despencou no assento do motorista, deixando a porta aberta para que um pouco do ar quente saísse. Dei a volta e me sentei no banco do carona. O carro tinha o cheiro dela: pipoca, perfume de baunilha e alguma coisa que eu ainda não sabia o que era, mas que sabia que queria mais.

— Então, tecnicamente, este é o nosso primeiro encontro? — perguntou Dani, apertando a chave do carro.

O medo salpicado de adrenalina tinha sumido, mas um tipo diferente de medo tomou conta de mim. Eu havia aberto meu coração lá dentro, quando achei que fosse morrer. Era hora de lidar com as consequências da minha honestidade. Mas eu estava tranquilo em relação a isso. Mais do que tranquilo, na verdade.

— É. — Recostei a cabeça no banco de couro. — Acho que sim. Desculpe pela cena estranha lá...

Dani se inclinou para a frente e interrompeu minhas desculpas com um beijo. E, quando fez

isso, todos os filmes foram expulsos da minha cabeça, porque nenhuma história poderia competir com a sensação aqui-e-agora dos lábios dela nos meus. Com relutância, eu me afastei.

— Espere — falei e reclinei meu assento.

Sorrindo, Dani fez o mesmo. E aí foi dada a largada. Éramos um emaranhado de bocas e línguas, mãos e pernas e, uma vez, uma infeliz intrusão do freio de mão. Eram beijos de compensação pelo tempo perdido. Beijos de você-ganhou-uma-segunda-chance-não-a-desperdice. Beijos de muitas alternativas.

Ofegando intensamente, Dani se afastou e encarou o teto do carro.

— Uau. Hã. Por que diabos não fizemos isso antes?

— Né? — consegui dizer, enquanto tentava recuperar o ar.

Eu mal podia esperar para beijá-la de novo. O passado pessimista estava se dissipando como o final de uma chuva. Eu me sentia estranhamente bem. Talvez, quando a nova Starbucks fosse construída, eu fosse lá para comprar um frappuccino. Talvez nas férias de fim de ano, quando Dani e eu não estivéssemos em aula.

Os bombeiros chegaram, as sirenes cada vez mais escandalosas. Subimos os bancos de novo. No retrovisor, Dave ainda olhava o celular.

— Mais de trezentos! E só aumenta! Que insano!

Balancei a cabeça.

— Dá para se formar em Desligado com especialização em Narcisismo em Stanford?

Dani sorriu.

— Acha que ele vai ficar bem se formos embora?

— Dentro de alguns minutos este lugar vai ficar abarrotado de bombeiros gostosões. Então, sim.

Dani girou a chave na ignição. A primeira lufada de ar-condicionado foi uma bênção.

— Panquecas?

— Hummmm.

Eu já sentia o gosto das panquecas na boca, doces, açucaradas e deliciosas. Tinham gosto de futuro. Dani enfiou o pé no acelerador e pegou a estrada onde as retroescavadeiras repousavam. Através do para-brisas do Mustang, o horizonte era uma vaga impressão de nuvens e estrelas, uma longa linha de agradável escuridão apenas esperando para tomar forma. Ainda faltava muito, muito tempo para a alvorada.

PRAZER DOENTIO

FRANCESCA LIA BLOCK

Para A e U

Era a primeira noite das férias de verão, e eu e minhas amigas M e L nos amontoamos no fusca da J e fomos até a Phases, uma boate de matinês adolescentes nas profundezas do San Fernando Valley, tentando fugir da tristeza e encontrar o que vínhamos buscando.

Nós quatro tínhamos passado o dia na praia e estávamos todas — até M e L, que tinham a pele naturalmente mais escura — queimadas de sol. O calor irradiava de nosso corpo, e o carro de J estava impregnado com a rica fragrância de coco com produtos químicos do óleo bronzeador Bain de Soleil. Eu era a mais pálida do grupo e, no fim do verão, teria bolhas de passar tanto tempo deitada ao sol. Mais tarde, as bolhas virariam cicatrizes. Uma música new wave tocava bem alto, e nos sacudíamos nos bancos do carro, cantando aos berros — a letra falava de vidro quebrado, verão, passeios de carro, luxúria, música —, nossas vozes escapando pelas janelas. O vento quente nos impulsionava ao longo da estrada, e estrelas havia muito mortas abriam buracos no véu da noite, queimando-o com seu brilho de fogo.

Minhas amigas e eu também queríamos brilhar intensamente naquela noite. Tínhamos acabado de nos formar no ensino médio e iríamos para a faculdade em alguns meses. As preocupações com provas e inscrições em universidades haviam acabado. Mas um monte de outras coisas permanecia.

Eu me sentia segura com J ao volante. Quando ela era criança e as pessoas perguntavam o que ela queria ser quando crescesse, J sempre dizia “heroína”, mas tinha se contentado em entrar para a polícia rodoviária depois que terminasse a faculdade. J aprendera a esquiar aos três anos e já andava de skate como uma profissional aos dez, então eu sempre sentia que estava em boas mãos quando era ela a motorista. Certa vez, quando estávamos voltando de um show do Knack, o fusca dela quebrou bem na faixa rápida da autoestrada. J manteve a calma enquanto a gente gritava, olhando para trás e vendo faróis se aproximando e os carros desviando em cima da hora. Um agente da polícia rodoviária local da Califórnia nos resgatou. Talvez fosse por isso que J quisesse se tornar um deles.

Eu era amiga de J e M desde o jardim de infância. Nós três nos conhecemos logo no primeiro dia. M e eu estávamos desenhando, e a professora se aproximou para olhar. Eu já estava acostumada a receber elogios pela minha arte. Mas a professora pegou o desenho que M tinha feito (um cavalo) e o ergueu.

— Está maravilhoso — comentou ela.

No balé, foi a mesma coisa. Eu amava dançar em casa para a câmera da minha mãe, mas não conseguia reproduzir os passos na aula. M conseguia.

— Mas que bela pirueta — comentou a professora, observando M.

E, para completar, ela sempre tirava notas melhores.

M, J e eu conhecemos L nas aulas para alunos “especiais” durante o ensino fundamental. L era muito quieta, misteriosa e bonita, com pele e cabelo castanhos e sedosos, o rosto sempre

sereno. Era bonita mesmo franzindo a testa. Com nariz pequeno, testa alta e orelhinhas pontudas, ela às vezes parecia um gato meio contrariado. Era uma dessas garotas por quem todo mundo tinha uma queda — mas ela não percebia, e provavelmente não ligaria se percebesse. Ou talvez só achasse a atenção irritante e estressante.

L e eu formamos uma dupla para um projeto de ciências, que era a matéria favorita dela, apesar de L ter a opinião firme de que nunca se deve fazer experiências com animais. Ela amava animais mais do que tudo, talvez até mais do que amava pessoas.

Fui à casa dela trabalhar no projeto. Os pais dela eram americanos de origem mexicana e muito gentis, mas bastante severos, e L tinha dois irmãos que adoravam beisebol. Nós duas assávamos cookies com gotas de chocolate, comíamos tudo e depois fazíamos longas corridas para queimar as calorias. Então M e L começaram a andar a cavalo ou patinar no gelo depois da escola e nos fins de semana. Eu nunca era convidada, então passava o tempo com J.

J me levou para esqui com os pais, imigrantes poloneses antiquados que tinham uma casa cheia de bonecos de porcelana minúsculos. Enquanto J esquiava pelas descidas mais íngremes, fiz uma aula para principiantes. Não tive maiores problemas enquanto estava segurando a cintura do professor bonitinho, mas assim que me aventurei por conta própria, perdi o controle e caí: fui rolando morro abaixo. Nunca mais tentei. Para apaziguar os músculos doloridos e os hematomas, J e eu ficamos mergulhadas numa jacuzzi ao ar livre. O vapor se elevava no ar e a neve brilhava à nossa volta conforme eu ia relaxando.

Uns meninos magrelos de cabelo comprido e casaco de esqui se amontoavam perto da piscina, olhando para a gente. Sentimos cheiro de maconha — eles estavam fumando. J e eu saímos da jacuzzi e fomos correndo no ar gelado para dentro do chalé, passando por eles sem nem nos darmos ao trabalho de vestir as roupas.

Mais tarde, escrevi um poema sobre aquela noite. A dor prateada do frio, o calor dourado que os olhos dos meninos me faziam sentir.

Eu não era boa em esqui, andar a cavalo ou patinar no gelo, mas tinha herdado o jeitinho com as palavras do meu pai roteirista e da minha mãe poetisa. Talvez não viesse a ser uma heroína, como J, uma cientista, como L, ou uma artista, como M, mas queria dedicar minha vida a algo que ajudasse as pessoas a se sentirem melhores. E as palavras eram a resposta, mas eu ainda não sabia disso.

Como logo iríamos para outra cidade, para a faculdade, aquela noite na Phases foi diferente das outras. E nós sabíamos como aquele momento era significativo — essa perspectiva fazia as luzes cintilarem em um tom mais azul e dava às músicas um tom urgente e melancólico.

Minhas amigas e eu usávamos Keds vintage de lona com bico pontudo — compramos na Cowboys & Poodles, na Melrose, uma loja só de sapatos e roupas vintage, tudo dos anos 1950, e, magicamente, nada era usado. Usávamos os Keds com minissaias e camisas masculinas brancas de algodão que tínhamos customizado cortando as mangas e a gola e escrevendo *Prazer Saudável* com canetinha cor-de-rosa. Era dirigido à gangue de garotos punks que frequentava a mesma boate, sempre usando camisetas com *Prazer Doentio* escrito com caneta preta.

Nunca interagíamos com eles, mas éramos fascinadas por aqueles cabelos curtos espetados e as tatuagens. Não sabíamos os nomes deles, mas M os apelidara de Caça-Rato, Italiano, Cavalo, Ken (por causa do boneco) e Moicano. Eles estavam no canto de sempre, banhados pelas luzes estroboscópicas, batizando os refrigerantes com garrafinhas de vodca, daquelas que servem em aviões, e nos observando com sorrisinhos no rosto.

Não tínhamos atribuído apenas nomes a eles, mas também histórias. Caça-Rato morava com a mãe solteira e alcoólatra perto da Phases. Passara a frequentar a boate aos doze anos. Foi quando começou a fumar e beber. Na Phases, Caça-Rato conheceu Ken e Cavalo, ambos mais velhos, mais altos e mais bonitos. Mas Rato era mais inteligente, então virou o líder do grupo. Na nossa imaginação, Italiano — que sempre parecia um pouco desganhado — não tinha onde morar, e os outros cuidavam dele. Italiano era o mascote. Não tentamos inventar uma história para Moicano. Ele parecia não ser tão próximo dos outros, até sentava meio afastado e sempre chegava e saía mais cedo. Moicano estava sempre arrumado, sem nenhum vestígio de cabelo na careca — pelo menos não que pudéssemos ver no escuro — e sem a camiseta do Prazer Doentio.

Estava tocando “Think Pink”, dos Fabulous Poodles, e minhas amigas e eu corremos para a pista de dança como criaturas selvagens, dançando como punks, nos jogando umas contra as outras, sacudindo os braços e jogando os longos cabelos para todo lado. Sabíamos que os garotos estavam olhando, mas, como de costume, fingimos ignorá-los.

Vieram mais músicas: B-52s, Go-Go’s, Blondie... A música é uma coisa muito poderosa e misteriosa, porque pode trazer à tona emoções enterradas e escondidas lá no fundo. Dançar é uma maneira de entrar em contato com essas emoções e liberá-las, para que não fiquem presas na garganta, no estômago ou no peito. Naquele momento, dançar era a única coisa que me fazia esquecer todo o resto. Eu me tornei uma mera pulsação, uma parte da música. Estava completamente livre.

Quando começou “Keep On Loving You”, uma balada do REO Speedwagon, saímos correndo para sentar em um dos bancos estofados que circundavam a pista de dança. Às vezes, se estivéssemos no clima, ficávamos dançando as músicas lentas sozinhas. Eu achava essa música em especial bem romântica, apesar de ser muito melosa e de eu odiar o solo de guitarra, mas nunca admitiria a ninguém que gostava.

Eu estava apoiada no ombro nu, moreno e ossudo de M, a pele dela ainda quente do sol. J apoiava as costas musculosas nos meus joelhos e L estava sentada sozinha do meu outro lado. Eu admirava o globo espelhado girando quando senti que era observada, e ergui os olhos. Moicano estava ali, tão próximo que eu poderia ter tocado sua mão enorme. Ele abriu um sorriso, exibindo os dentes tortos abaixo do narigão que obviamente já quebrara pelo menos uma vez. Eu sentia muita vergonha do calombo no meu próprio nariz e planejava fazer uma cirurgia corretiva assim que possível.

— E aí? — cumprimentou Moicano. — Quer dançar?

Estava tocando outra música lenta, e eu hesitei. M me deu uma cotovelada. Sempre fazíamos o que M nos mandava fazer. Ela ia para Yale. Era a menina mais rápida da equipe de corrida. E tinha ganhado o título de mais bem-vestida da escola, mesmo que suas leggings com estampa de leopardo da Fiorucci, sua jaqueta de motoqueira de couro autêntico e sua bolsa de vinil com dois querubins de óculos escuros fossem incomuns demais para virar moda onde

morávamos. Eu me levantei sem nem pensar e fui com Moicano até a pista de dança.

Ele colocou um dos braços na minha cintura e me puxou. Seu hálito tinha um cheiro limpo, não alcoólico, como eu tinha esperado, e seus olhos eram brilhantes e calorosos.

— Por que você e as suas amigas nunca falam com a gente? — perguntou ele.

— Vocês também não falam com a gente.

Ele abriu um sorriso, exibindo os dentes rebeldes mais uma vez.

— De onde você é?

— De Studio City. — Eu morava num pequeno subúrbio de San Fernando Valley, um lugar separado de Hollywood por um desfiladeiro. — E você?

— Calabasas.

Era uma área rica mais para o norte. Essa informação, assim como o hálito e os olhos brilhantes, também foi uma surpresa.

— E por que você vem aqui? — perguntei.

— Eu adoro dançar.

— Mas vocês nunca dançam.

Senti que ele dava de ombros sob minhas mãos. Sua voz soou mais grave:

— É. Eu fico olhando você dançar.

Ele me puxou mais para perto, e nossos quadris quase se encostaram.

— Sobe — pediu ele.

— Subir onde?

Eu não sabia ao certo se gostava da direção que as coisas estavam tomando.

— Nos meus pés.

Olhei para baixo e reparei que ele usava pesadas botas pretas, daquelas de motoqueiro.

— As biqueiras são de aço — explicou ele.

Subi com cuidado e me equilibrei nas botas dele, me segurando mais firme em suas costas e em seus ombros. Mesmo comigo em cima, Moicano se movia com uma suavidade surpreendente.

M acenava para mim junto à pista de dança.

— Vamos embora — anunciou.

Desci dos pés de Moicano.

— Ei, qual é o seu nome? — perguntou ele.

— I.

— Eu sou o A — declarou.

Então tive que ir.

Quando voltamos à Phases, os garotos do Prazer Doentio não estavam por lá. Senti um frio tomar meu corpo, deslizando da base da garganta até a pelve. Queria ver A. Tinha passado os dias anteriores imaginando como seria dançar com ele de novo. A sensação concreta de seus músculos sob minhas mãos. O leve suor que fazia a camisa dele grudar nas costas.

Dancei com minhas amigas, mas me sentia estranha. Sem o Prazer Doentio nos assistindo, A em particular, a música não me inspirava. Uma tristeza gelada se insinuou pelo meu corpo

outra vez, e eu não conseguia afastá-la.

A música mudou. Começou a tocar um punk hardcore. Era “Creatures”, do grupo The Adolescents. Minhas amigas e eu saímos da pista de dança. Então os garotos do Prazer Doentio apareceram. Eles tomaram a pista de assalto, dançando com selvageria e se atirando uns contra os outros. O DJ aumentou o volume o máximo possível, meus ouvidos tiniam e as luzes estroboscópicas me deixavam tonta. Será que A estava com eles?

Estava.

Fiquei só olhando, até que ele pegou meu braço e me puxou. Imittei os movimentos dos garotos, mas eles me ignoraram — a não ser por A, que começou a bater as costas em mim sem parar, até eu finalmente me jogar em seus ombros. Ele me ergueu nas costas e ficou dançando comigo pendurada ali. A pista de dança girava, então fechei os olhos e aninhei o rosto em seu pescoço suado. Uma boa maneira de me afastar da minha própria vida por um tempo.

A música acabou e começou a tocar outra. Era dos Circle Jerks, “Wild in the Streets”. E depois outra: “Holiday in Cambodia”, dos Dead Kennedys. Eu já conhecia todas, de tanto ouvir o programa Rodney on the Roq’s, na KROQ. Rodney era esquisito, com aquele mullet e a voz chorosa, mas sabia tudo de música.

Continuei dançando com A. Então o repertório new wave, familiar e animado, voltou a tocar. Ofegantes, A e eu desabamos em um dos bancos estofados. A me mostrou um panfleto xerocado que ele mesmo tinha feito.

— É um zine — explicou.

Fingi saber o que era aquilo, mas não fazia a menor ideia. Tinha colagens de ingressos usados, flyers de shows de bandas punk e, nas margens, desenhos à caneta de um garoto de moicano igualzinho a ele dançando. Tinha também resenhas de discos e listas de músicas favoritas e lugares da cena punk.

— Você mesmo que fez?

Era a nona edição, chamada *Kaos Suburbano*. Eu falei que era muito maneiro. Gostei especialmente dos desenhos do garoto dançando.

A abriu um sorriso de dentes esquisitos e olhos calorosos.

O DJ anunciou que haveria um concurso de dança dos anos 1950 na noite seguinte.

— Ei, a gente devia se inscrever — sugeriu A.

Fiquei surpresa por ele ter me convidado na frente dos amigos. E aceitei.

Arranjei um vestido antigo da minha mãe. Foi o que ela usou para se casar com meu pai no cartório do centro da cidade. Pelo que ela explicou, como era o segundo casamento dos dois, não era adequado usar branco. Desde que haviam se casado, meus pais não tinham passado uma única noite separados.

Era um vestido de seda longo, com estampa dourada em alto-relevo. Ficou um pouco largo na cintura e no busto e mais comprido do que deveria, porque minha mãe sempre foi mais alta e voluptuosa que eu. Apertei bem a faixa na cintura e peguei emprestado com minha mãe um par de sapatos creme de salto alto. Eram de couro e tinham bico fino e botões de pérola.

Na Phases, encontrei A perto da cabine do DJ, usando calça jeans preta, camisa branca de mangas curtas e, nos pés, oxford preto e branco com plataforma de borracha. A sabia dançar swing e era incrivelmente bom. As únicas outras pessoas no concurso eram um casal de adolescentes metaleiros que pareciam bêbados e uma garota punk com mechas brancas no cabelo tingido de preto e um piercing de argola no nariz — ela dançava sozinha enquanto observava A de canto de olho. Nós ganhamos. O DJ nos premiou com um espelho escrito “Phases”. Meu adorável parceiro, A, me deixou ficar com o brinde. M disse que era um espelho de cheirar coca. Os garotos do Prazer Doentio continuaram sentados no canto, ignorando tudo.

— Você e suas amigas querem ir numa festa na minha casa, esse fim de semana? — perguntou A, antes de M me dizer que era hora de irmos embora.

Calabças era escura à noite, com menos postes de luz e mais árvores que o lugar onde minhas amigas e eu morávamos. A casa de A era cercada por sebes enormes. Naquele sábado à noite, M, J, L e eu percorremos o caminho iluminado do jardim até uma mansão de três andares com portas enormes. Uma música punk retumbava para tudo que era lado, então sabíamos que estávamos no lugar certo. Vimos adolescentes com penteados e roupas punk bebendo cerveja em copos de plástico. Fiquei me perguntando o que os pais do A faziam para ter uma casa daquelas.

Onde ele estava?

Caça-Rato e Ken estavam sentados em sofás de couro na sala de estar, cada um com uma garota ao lado. Caça-Rato estreitou os olhos quando nos viu. Eu me senti constrangida naquele vestidinho curto e justo listrado de rosa e lilás que me animara tanto para usar. Todas as garotas usavam short jeans rasgado ou saia xadrez com camiseta rasgada adornada com alfinetes. Sem contar o cabelo descolorido e arrepiado.

Fomos em busca de cerveja na cozinha, e J encheu nossos copos. Eu nunca tinha sido muito de beber, e a cerveja era azeda, mas coloquei para dentro mesmo assim, na esperança de que me fortalecesse contra o constrangimento.

Senti mãos quentes envolvendo minha cintura. Eu me virei e vi A sorrindo.

— Você veio — comentou ele.

— Ei, bela casa.

A segurou minha mão com firmeza.

— Vem. Vou te mostrar a casa.

M olhou feio para mim, L franziu o cenho e J sorriu enquanto A me guiava para fora pelas portas de vidro. O azul da piscina reluzia. Jardins escuros se estendiam atrás. O ar tinha um cheiro doce (de jasmim, talvez, ou de rosas), e grilos e sapos cricrilavam e coaxavam.

— É bem maneiro.

— Valeu. Você está bonita.

— Valeu. Achei que tivesse vindo com uma roupa errada para a ocasião.

— Não. Você está ótima.

Paramos e nos encaramos. Fiquei meio tímida de repente. Ainda não tinha beijado nenhum

garoto. J e L também não, mas M já até fizera sexo, no ano anterior. M disse que não foi tão bom assim, mas que depois se sentiu meio diferente. Perguntei como era esse “diferente”, e ela só deu de ombros e disse “madura”. E o jeito como ela disse aquilo fez com que eu me sentisse uma criancinha idiota.

— Você dança bem melhor que as suas amigas — comentou A.

Eu não estava acostumada a ser a melhor nas coisas.

Uma vez, no verão depois do terceiro ano do ensino médio, M, J e eu viajamos para a casa de praia da nossa amiga S. L não foi — os pais dela não teriam deixado, mesmo que ela quisesse, e ela não quis. Eu, M e J não contamos para nossos pais que os pais de S não estariam na cidade. Meus pais nem perguntaram muito: eles confiavam em mim.

M, J, S e eu ficamos o dia inteiro na praia. Depois tomamos banho, vestimos calças jeans justas e saímos do prédio para um restaurante com vista para o mar. Uns caras mais velhos vieram falar com a gente, e S flertou com eles. Os caras pediram ostras e cerveja para a nossa mesa. Estavam de limusine e se ofereceram para nos levar para a casa deles, para mais uns drinques. S aceitou, e nós concordamos, ainda que meio receosas. O apartamento era decorado em tons de preto e prata, com teto espelhado. Os caras se recostaram no sofá e ficaram olhando enquanto a gente dançava para eles.

— Vamos ver. É... você é a mais bonita — comentou o louro, bêbado, apontando para mim.

Então o cara desmaiou, e o amigo dele foi mijar. Fomos embora correndo e dando risadinhas. Na época, não tínhamos ideia de como tudo aquilo podia ter sido perigoso. E eu só me importava com ter sido escolhida, pelo menos uma vez na vida.

Eu ficava preocupada com S, mas não sabia o que fazer ou mesmo o que falar. Tinha alguma coisa a ver com o pai dela. Eu não gostava do jeito como ele olhava para a filha. Eu ficava observando as unhas dela, roídas até sangrar, a risada nervosa, os flertes constantes. O fato de que ela às vezes saía sem calcinha. Depois de um tempo, os pais dela se divorciaram e S se mudou. Queria ter dito alguma coisa.

— Tipo, você dança com vontade — disse A. — Como se *tivesse* que dançar ou coisa do tipo.

— Mas eu tenho — respondo.

— Por quê?

— Porque senão eu fico deprimida.

— Por quê?

Dei de ombros e tentei sorrir. Não queria que ele pensasse em mim como uma pessoa deprimida.

— Vamos nadar — sugeriu A.

Ele tirou a camisa e a calça e pulou na piscina só de cueca. Fiquei ali de pé, olhando ele se balançar para cima e para baixo, cuspindo água.

— Vem cá.

Então terminei minha cerveja em uma golada só, tirei os sapatos e o vestido e pulei na água. Estava gelada, e, quando comecei a tremer, A nadou até mim e me envolveu com os braços. Seu moicano estava desmontado. Fiquei imaginando como ele seria com cabelo na cabeça toda. No escuro, não dava para ver os olhos dele, mas eu sentia a pele fria e macia de seus braços e peito, sentia as batidas de seu coração. A pressionou o pau contra minha coxa, e meu

corpo todo relaxou nos braços dele.

Eu nunca vira um pinto ao vivo, e tinha sentimentos controversos a respeito de pintos em geral. Medo. Aversão. Curiosidade. Um prazer brando, um formigamento.

— Posso beijar você? — perguntou ele.

Fiz que sim com a cabeça. A colocou a mão na minha nuca e levou meu rosto para perto do dele. Fechei os olhos e virei a boca para cima, para ele. Para os lábios dele. Para sua língua firme e suave. E então mais intensa. Passei os dedos por seu nariz quebrado, pelas maçãs do rosto ossudas, pela cabeça. Eu me senti escorregando para dentro da água e da noite. Garotos adolescentes não estão muito longe de crianças, mas estão bem longe de homens. A maioria. Mas A parecia bem próximo de ambos.

— Vamos embora! — gritou M. — Anda logo, ou vai ficar para trás.

Eu me afastei de A, de repente consciente de que estava só de sutiã e calcinha — e molhada, então dava para ver tudo.

— Tenho que ir — falei, saindo da piscina.

Quando A disse que ia me buscar em casa, falei que ia esperar do lado de fora, já que estava certa de que minha mãe nunca me deixaria andar de moto. Era a única regra que ela tinha, na verdade. E, apesar de ela andar distraída com o que estava acontecendo com meu pai, eu sabia que ela nunca abriria mão dessa regra.

Encontrei A um pouco mais à frente, na rua. Ele estava de jaqueta de couro, apoiado na moto com os braços cruzados e as pernas dobradas à la James Dean. Trazia dois capacetes e colocou um deles em mim. Então subimos na moto. Enquanto eu me ajeitava no assento, senti A entre minhas pernas. Motos são tão perigosas e atraentes! Morte e sexo. Acho que é isso que faz as pessoas gostarem. Ou odiarem. Ele a ligou, e nós partimos.

O Laurel Canyon era serpenteante como o rio que provavelmente o formara, correndo em meio às encostas íngremes cobertas de flores silvestres. Trepadeiras cresciam por cima dos fios telefônicos e caíam em aglomerados verdes acima de nossa cabeça. Vimos uma garota de vestido preto de tafetá, com botas de caubói pretas e uma mecha de cabelo magenta, pedindo carona. Desejei estar vestida como ela.

Descemos o Sunset Boulevard até o Whisky e estacionamos. A me ajudou a descer da moto e entramos na pequena boate escura que cheirava a fumaça. Eu tinha conseguido uma identidade falsa com um nerd da minha escola — ele fazia as falsificações usando uma foto daquelas cabines automáticas, mas sempre tive medo demais de usar. Ao contrário de A, que parecia não ter medo de nada.

A boate estava lotada. No palco, cinco garotas de vestidos vintage surrados tocavam mal e rápido demais. Eram incríveis. A vocalista tinha um rosto bonito e redondo que lembrava o de J.

Ela cantava “We Got The Beat”. Eu já tinha ouvido a música no rádio e na Phases, mas ao vivo era diferente. *Então garotas também podem fazer esse negócio de punk?*, pensei. Eu não fazia ideia. Minha vida mudou naquele momento.

— Elas não são incríveis? — perguntou A, sorrindo para mim no escuro. — A baixista

lembra você.

Era uma menina pequena, vestida de kilt com mocassins. Tinha o cabelo escuro e cacheado, curto. Era a garota mais bonita que eu já tinha visto. Ela fazia a segunda voz, aos guinchos.

— Aquela é a Jane — apontou ele —, a minha favorita.

Jane. Eu queria ser a Jane. A trouxe uma cerveja para mim, mas disse que não ia beber, já que estava dirigindo. A cerveja estava gelada, e eu começava a amar o gosto. Bebi tudo, e A tirou a garrafa vazia de minhas mãos. Nós dois nos batíamos um contra o outro na frente do palco, o corpo dele me protegendo da parede de garotos frenéticos. Eu sabia que estava segura. Meu cabelo ficou colado ao rosto com o suor, que escorria de todos os poros. Fechei os olhos. Estava caindo, à deriva, para longe dali. A me envolveu com seus braços e aproximou o rosto do meu. Nós nos beijamos. Meu corpo sentiu a excitação dele. O moicano escuro e majestoso envolto na escuridão. Eu estava acompanhada do melhor garoto de todos. O melhor.

Saímos da boate. A noite estava quente. Eu não queria ter que ir para Berkeley, deixar Los Angeles. Queria beber aquela cidade como uma cerveja. Servi-la num copo e colocá-la para dentro. Subi na garupa da moto de A, e partimos pela Strip. Modelos nos observavam dos outdoors, com seus olhos enormes. Uma expressão reprovadora nas bocas sensuais. Eu sentia a atenção que A dedicava a tudo ao redor. Seu corpo estremecia, e ele estava alerta — me mantendo segura, assim como na pista de dança.

Paramos num sinal, esperando para entrar em um posto de gasolina na esquina da Crescent Heights com a Sunset.

— Não sei por que eu tinha medo de moto. É a melhor coisa do mundo — comentei.

Quando A fez a curva, um carro que avançava o sinal amarelo bateu na gente. Assim, de repente. De leve, mas com uma precisão surpreendente. Fomos parar no chão.

Não nos machucamos. Nem um arranhão.

— Eu quero contar uma coisa — começou A, quando chegamos à minha casa.

O ar tinha cheiro de eucalipto, e ouvi uma coruja ao longe.

— Aquela não é a minha casa. Minha mãe trabalha lá. Para aquele ator, John Davidson. Quando dei a festa, ele estava fora da cidade e minha mãe estava na casa do namorado. A gente mora na casa anexa. Às vezes meus amigos dormem lá, quando os pais não deixam eles voltarem para casa.

— Ah.

— Foi mal.

— Tudo bem. Também quero confessar uma coisa. Meu pai tem câncer, e no outono eu vou embora da cidade para começar a faculdade.

— Ai, que merda.

Ele estreitou os olhos para mim, com aquela expressão sofrida de James Dean.

— É.

Dei de ombros e tentei sorrir. Por que tinha contado isso a ele? Por que tinha falado em voz alta?

— Para qual faculdade você vai?

— Berkeley.

Eu ia perguntar o mesmo, mas não sabia nem se ele ia para a faculdade, não queria deixá-lo desconfortável.

Quando ele me deu o beijo de boa-noite, meus lábios estavam tensos. Não correspon-di. Não porque os pais dele não eram donos daquele casarão, ou porque ele talvez não fizesse faculdade, ou porque podíamos ter nos machucado feio naquele acidente de moto, e sim porque tinha caído a ficha de que eu ia me mudar e que provavelmente não o veria de novo. Porque eu não era linda como L, adorável como J ou poderosa e maneira como M, e talvez A acabasse percebendo isso. Porque o câncer que estava se espalhando pelo corpo do meu pai o tiraria de mim e da minha mãe, deixando nós duas sozinhas e arrasadas. Ou por qualquer coisa assim.

Entrei em casa e fui para a cama. Ouvi minha mãe através da parede.

Soluçando. *Quando papai morrer, vai ser o fim dela*, pensei. *Aí eu também vou morrer*.

Não tive notícias de A. Minhas amigas e eu fomos mais uma vez na Phases. Os garotos do Prazer Doentio não estavam lá. Em vez disso, encontramos um grupo de surfistas que eu nunca tinha visto. Eram todos bronzeados e louros, e usavam bermuda xadrez, camisetas e tênis Vans, ou então jeans da Levi's, camiseta xadrez de botão e tênis Topsider sem meias.

— Eles, sim, são gatos — comentou M.

Eu não concordava muito. Quer dizer, nenhum deles era A.

— Ai, meu Deus, aquele ali é meu — anunciou J, apontando para o mais baixo, que tinha cachinhos louros angelicais e rosto de bebê.

— É todo seu — respondeu M. — Vamos chamar aquele de Anjo. Eu fico com o Mauricinho. — Ela apontou para o mais alto e mais bonito do grupo. — L pode ficar com o Gato. I, você fica com o Bronzeadão.

Eu não queria o Bronzeadão. Queria A. Por que ele não tinha ligado? Será que achava que eu não gostava dele? Será que tinha perdido o interesse? Desejei ter correspondido o beijo. Nunca conseguiria explicar a ele por que não havia correspondido — não conseguia explicar nem para mim mesma. Mas talvez, se tivesse outra oportunidade, eu poderia beijá-lo direito. Poderia consertar as coisas.

M determinou que íamos dançar, então fomos para a pista. Os surfistas ficaram olhando. Não senti a música como antes. Não conseguia parar de pensar no corpo de A e no gosto de cerveja e cloro nos meus lábios, quando nos beijamos na piscina.

Mauricinho foi dançando até M e ficou saltitando e orbitando ao redor dela. Estava tão animado que parecia feito de eletricidade. Tinha covinhas e um sorriso branco radiante com dentes perfeitos, como o filho de um dentista. Ou John Davidson. J e Anjo dançavam do mesmo jeito descontraído, com o mesmo sorriso tímido. L dançou com Gato, mas parecia passar a maior parte do tempo ignorando o menino. Senti falta de A enquanto me obrigava a dançar com o Bronzeadão. Eu me lembrei de como tinha me equilibrado nas biqueiras de aço das grandes botas dele, de suas mãos na minha cintura, do cheiro limpo de seu hálito. Bronzeadão cheirava a álcool e tanta colônia Brut que chegava a dar enjojo. Ao contrário de Mauricinho, que dava pulinhos curtos, ele realmente saltava em círculos, mas não dava um efeito tão legal. Eu estava ficando tonta.

Foi bem nessa hora que vi Caça-Rato de pé na beira da pista de dança, me olhando. M dera

esse apelido a ele porque o garoto era magricela e tinha o rosto pontudo. Parei de prestar atenção em Bronzeadão para procurar por A. Ele estava ali. Do lado de uma garota. Do lado da menina de mechas punk do dia do concurso de dança. Os dois saíram juntos da boate.

Parte da minha alma se desgarrou e tentou ir atrás, mas bateu na porta fechada como um bêbado ou um animal atordoado e ferido e desabou no chão.

Eu me virei de volta para Bronzeadão. Comecei a dançar o mais intensamente que podia.

Mais tarde, descobri que o nome do garoto era B. Ele e os amigos eram de Camarillo. Tudo o que eu sabia sobre o lugar era que tinha um hospício famoso.

Sim, os caras eram surfistas, como tínhamos imaginado. No outono, Bronzeadão ia estudar na Universidade da Califórnia, em San Diego. Queria fazer Direito.

— Ei — disse ele. — A gente vai dar uma festa. Você e suas amigas deviam ir.

J nos levou de fusca até Camarillo. O ar cheirava a mar e aos campos de plantação de morango. Era uma comunidade bonita, com casas de porte médio e gramados verdes. Estacionamos e entramos em uma delas. Uma música new wave tocava bem alto, então já dava para saber que era o lugar certo. Lá dentro, vimos garotas bronzeadas usando vestidos listrados justos ou shorts brancos com a parte de cima do biquíni, todas deitadas em sofás ao lado dos surfistas. Minhas amigas e eu devíamos parecer muito exóticas: as garotas de Los Angeles. Eu estava de camiseta com jeans da Levi's e All Star, como quando fui ao Whisky com A. Percebi que minha roupa não combinava com aquela festa.

Mauricinho veio correndo, agarrou M pela cintura minúscula e a ergueu no ar e girou. Ela deu um gritinho. M não era de dar gritinhos. Mauricinho a carregou para fora da sala, as pernas dela balançando por cima de seus braços, os chinelos caindo dos pés. (M, é claro, estava vestida perfeitamente de acordo com a festa.) J e L olharam para mim. Anjo se aproximou com cervejas e entregou uma para cada uma de nós. Ele e J estavam usando a mesma coisa: camisa Polo de manga curta, bermuda xadrez e chinelo. Anjo pegou a mão de J, e os dois se afastaram. Mesmo do outro lado da sala, dava para ver as covinhas nas bochechas e a luz nos olhos dela.

L estava de tênis Topsider e uma regata branca que fazia sua pele morena resplandecer. Ela e eu nos entreolhamos. L franziu a testa, como de hábito. Gato chegou perto, e L franziu a testa para ele. O garoto deu de ombros e foi embora. L e eu ficamos sentadas em um sofá. Bronzeadão chegou e se juntou a nós.

— Como vocês estão bonitas, garotas — comentou ele, colocando a mão em meu joelho.

Percebi que queria perder logo a virgindade. E A não estava ali. Tínhamos ganhado um concurso de dança dos anos 1950. Ele beijava muito bem. E morava na casa anexa de John Davidson. E tinha uma moto. Nós dois sofreremos um acidente. E se eu tivesse me machucado sério? Acho que minha mãe teria ficado bem irritada. Ou talvez não teria reparado, de tão preocupada que estava com meu pai. Talvez morrer numa moto com A fosse melhor que ver meu pai morrer lentamente de câncer — e minha mãe de pesar, logo depois.

Tomei um pouco de cerveja.

— Meu pai está com câncer — falei para Bronzeadão.

Ele chegou mais perto e inclinou a cabeça, deixando o ouvido mais perto da minha boca.

— Oi?
— Deixa pra lá — falei.
— Ei, quer ver como é lá em cima?
— Claro.

Deixamos L sentada no sofá, revirando os olhos. Ah, L era a inteligente do grupo. Ia para Harvard no outono. Queria ser veterinária.

Bronzeação me levou para um quarto no andar de cima. Ele pegou um frasco com um pó branco e polvilhou um pouco em cima de um espelho. Eu me lembrei do espelho que tinha ganhado na Phases. Tinha deixado na minha cômoda, escondido sob um emaranhado de bijuterias de plástico e strass.

Bronzeação cheirou e me ofereceu um pouco. Eu também cheirei. Senti uma dor ardente e lancinante, mas não senti nada além da pulsação acelerada e de uma espécie de pânico brilhante. Talvez a coca fosse ruim. Então, sem muito alarde, abandonei meu corpo enquanto ele abaixava meu jeans e minha calcinha e se enfiava dentro de mim. Na verdade não doeu tanto assim, talvez fosse por causa do tanto que eu dançava. Ou talvez a coca servisse para embotar a dor. Ou talvez fosse minha tolerância natural à dor, bem elevada. Ou o fato de que eu não estava realmente lá.

M estava certa: eu me senti diferente depois. Mas não mais madura. Passei muito mal no dia seguinte, muito mal. Meu corpo inteiro ardia com uma febre intensa. Fiquei me perguntando se era só para corresponder à metáfora de me sentir fodida.

Sentia falta de A, um anseio tão forte quanto aqueles ventos quentes que nos atacaram naquele verão, quanto aquele sol quente que queimara minha pele até fazer bolhas. Mas não tinha escolhido A. Não sei como, com todo o pesar, a confusão e o medo e os anos de pensamentos negativos brandos, porém persistentes, que haviam aberto uma trilha no meu cérebro, eu tinha escolhido ser fodida pelo Bronzeação, e não por ele.

O amor pode ser tão estranho e triste. Pode ser difícil de entender por que, dependendo do momento da vida, corremos ao encontro de certas pessoas, mas fugimos de outras. Por que passamos tanto tempo buscando o que estávamos procurando e saímos correndo quando encontramos.

Os anos vão passar.

M será feliz no casamento e trabalhará com cinema, como diretora de arte. Nós duas vamos acabar nos desentendendo depois que eu finalmente disser que estou cansada de ela me dizer o que fazer. E M vai dizer: “Você não sabe o que é o amor. Eu fui a melhor amiga que você poderia ter.”

E talvez esteja certa.

J será uma policial rodoviária heroica na Califórnia, casada e com dois filhos.

L será uma veterinária de sucesso, ainda solteira, ainda linda e ainda muito inteligente.

Não vamos manter contato.

Talvez A vá morar num bangalô em Hollywood, trabalhando como designer, ainda escrevendo e desenhando zines, ainda ouvindo música punk. Se começar a ficar careca, ou

mesmo se não começar, pode ser que raspe a cabeça. Talvez continue usando aqueles sapatos de sola plataforma. Talvez tenha filhos. Um menino músico que vai ter uma banda de garagem. Uma garota artista. Talvez A se divorcie e logo depois comece a pensar em voltar à ativa.

Eu terei perdido meus pais — um para o câncer, o outro para o câncer e o luto. Terei dois filhos que adoro e, alguns anos depois do meu divórcio, vou decidir voltar à ativa também. Vou gostar de mim mesma muito mais do que gostava quando conheci A, mas vai continuar sendo uma batalha diária.

As palavras serão a resposta. Sempre foram.

Vou escrever uma história sobre A. Talvez ela faça com que você se sinta melhor. Ou que pelo menos sinta. Qualquer coisa. E a história também será para A. Talvez ele a leia.

EM NOVENTA MINUTOS, VÁ EM DIREÇÃO A NORTH

STEPHANIE PERKINS

Marigold odiava aquela época do ano. Para começar, julho era ainda mais quente — e talvez até mais úmido — que o restante do verão. O ar ficava insuportavelmente abafado. O suor escorria por cada curva de seu corpo. As pancadas de chuva, tão frequentes à tarde, traziam mais incômodos do que alívio. Nuvens escuras se tornaram uma imagem temida.

Odiava o protetor solar e os rastros brancos e grudentos que ele deixava em sua pele. Odiava os hematófagos — os carrapatos à espreita, sempre trazendo o risco de doenças, e os incansáveis mosquitos, zumbindo em seu ouvido, sempre preferindo seu sangue ao das outras pessoas. Odiava a textura de seu cabelo, que ficava mais grosso e cheio de frizz, irreconhecível. E odiava principalmente os estacionamento fervendo de calor.

Estacionamentos como aquele.

O relacionamento de Marigold Moon Ling e North Drummond fora marcado por estacionamento. Haviam se conhecido no estacionamento do supermercado Ingles no inverno anterior, e ele terminara com ela em um estacionamento da loja Bed Bath & Beyond na última primavera. Naquele dia, ela estava segurando um pequeno micro-ondas comprado com a ajuda de um cupom que dava vinte por cento de desconto. O primeiro eletrodoméstico de seu primeiro apartamento. Iria se mudar de Asheville, na Carolina do Norte, uma descontraída cidade de montanha, para trabalhar em Atlanta, na Geórgia, uma cidade bem mais urbana e engarrafada. De carro, Atlanta ficava a três horas e meia de distância. Marigold achava que eles podiam lidar com uma distância de três horas e meia. Seu namorado discordara.

Ex-namorado.

Nossa, como aquele prefixo doía, mesmo em sua cabeça.

Mas era por essa dor específica — o sofrimento que só aumentava, a culpa sufocante — que Marigold, aos dezenove anos, estava parada no estacionamento do Monte Mitchell, o pico mais alto a leste do Mississippi, prestes a cometer o erro mais humilhante de sua vida quase adulta.

Marigold fora ali para salvar o ex-namorado.

Não no sentido sulista, religioso. Mais especificamente — e menos dramaticamente —, Marigold estava ali para convencer seu ex-namorado a se mudar para seu apartamento em Atlanta, passar a dividir o aluguel com ela e se matricular na faculdade.

Não seria fácil. Ela sabia disso. Mas era uma missão platônica, sem segundas intenções. Estava ali para ajudar um amigo que a havia ajudado, para pagar uma dívida cósmica. Era injusto e insuportável que Marigold tivesse ido embora enquanto North acreditava que ela precisava ficar.

O que Marigold não conseguia entender era o que North estava fazendo naquele lugar. Ela voltara para a Carolina do Norte com a desculpa de passar o fim de semana com a mãe, mas, antes mesmo de deixar a mala em sua antiga casa, ela dirigira os cinquenta quilômetros extras até a fazenda de árvores de Natal da família de North, perto de Spruce Pine. A mãe dele a surpreendera com a notícia de que ele não trabalhava mais lá. O ex-namorado de Marigold decidira continuar morando com a família para ajudar a administrar a propriedade do pai doente, mas agora trabalhava a uma hora de distância, ainda mais embrenhado nas montanhas, no parque estadual do Monte Mitchell, depois das estradas sinuosas, dos acampamentos abandonados e cemitérios de igrejas.

Quando Marigold se deu conta de que sua viagem ainda não tinha chegado ao fim, sua preocupação com a tarefa que tinha pela frente chegou a níveis alarmantes. Estava exausta por ter passado tanto tempo dirigindo, mas, pior ainda, por ter passado a última hora imersa em raiva e amargura, que só faziam aumentar. Se Marigold pudesse admitir a verdade para si mesma — e ainda não estava pronta para fazer isso —, talvez reconhecesse que se sentia traída. Ela se abrira completamente com North, mas ele mentira para ela, ou deixara de contar a verdade. Não conseguia se lembrar de nenhuma ocasião, *nenhuma*, em que ele tivesse mencionado qualquer plano que não envolvesse trabalhar na fazenda dos pais (o sonho deles) ou fazer faculdade (o dele).

Então, o que aconteceu?

Quando se analisavam friamente os números, seus quatro meses juntos pareciam mais um breve encontro do que um relacionamento de verdade. Mas a ligação entre eles sempre fora além dos hormônios ou do sexo. Quase de imediato, ele se tornara seu melhor amigo. Trocavam mensagens o dia inteiro, todos os dias, mesmo depois que ela se mudara. As mensagens se tornaram menos frequentes em maio. Em junho, cessaram completamente.

Marigold cogitou muitas razões para aquele desaparecimento repentino: inveja porque a vida dela estava seguindo em frente, vergonha por ter ficado para trás, uma nova namorada ciumenta, celular caído no rio, memória perdida em um acidente de carro ou dedos cortados pela lâmina de um trator. Entretanto, jamais passara por sua cabeça que ele tinha arrumado outro emprego. Que ele havia *de fato* continuado com sua vida, uma vida que não a incluía.

O que eu estou fazendo aqui?

O calor emanava do asfalto do estacionamento.

O que eu estou fazendo aqui?

O calor. Era sufocante. Ela não conseguia respirar. Marigold voltou para dentro de seu Kia e bateu a porta. Virou a chave para ligar o ar-condicionado, e o som do carro começou a tocar. Ela havia conectado o celular para ouvir *Mystery Show*, um dos podcasts favoritos de North. Antes de North, nunca nem tinha ouvido um podcast. Agora, ela os ouvia até mais do que escutava música.

Odeio você, North. Odeio você por ignorar minhas mensagens. Odeio você por me deixar preocupada, culpada, por me fazer dirigir até onde Judas perdeu as botas, por macular todos os podcasts para sempre!

Odeio você!

Ela pegou o celular, abriu o aplicativo e uma música da Beyoncé explodiu nos alto-falantes, mas não foi suficiente — não chegou nem perto —, porque seu mundo inteiro havia sido

maculado por North. Ele fingia odiar Beyoncé, mas, uma vez, depois de uma briga sobre algo insignificante, North parou no meio da discussão e começou a recitar a letra inteirinha de “Halo”. Ela riu até chorar, até sua barriga começar a doer. North a fazia rir com qualquer coisa que saísse de sua boca. A voz dele era especial.

Marigold socou o volante, bateu e bateu e bateu e bateu, até que seu punho atingiu a buzina. Levou um susto. Uma família de seis pessoas que saía da caminhonete estacionada ao lado também se sobressaltou. Marigold acenou pedindo desculpas, envergonhada.

Odeio você por isso também, North.

Mas ela não estava mais com tanta raiva.

Marigold baixou o volume da música e continuou olhando para baixo, fingindo mexer no celular até a família ir embora. Concentrou-se em sua respiração, como sua mãe hippie sempre a instruíra a fazer. Inspirar. Expirar. Inspirar. Expirar. As vozes se tornaram distantes e depois desapareceram completamente. Ela ergueu a cabeça.

O Monte Mitchell se assomava diante dela.

Marigold sentiu-se desanimada. O cume não parecia muito íngreme ou agourento — na verdade, parecia bem tranquilo —, mas tinha um ar... sombrio. Entre os abetos e pinheiros havia uma quantidade assustadora de árvores mortas. Era como se tivessem fincado um monte de palitos de dente quebrados na encosta da montanha. Seus esqueletos eram tão brancos e vazios ao lado das árvores perenes que era quase como se fossem um espaço negativo, apesar de sua presença física. Elas eram uma pergunta. Algo faltando.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Marigold em voz alta.

Mas dessa vez a pergunta não era para si mesma ou para as árvores mortas.

Dirigira até ali. Podia muito bem ir perguntar a ele.

O teleférico ficava no final do estacionamento. O plano inclinado consistia em dois bondinhos sustentados por cabos — um subia quando o outro descia — e servia para quem não quisesse fazer uma trilha até o topo. A julgar pela quantidade de turistas esperando nos bancos ao redor, a maioria das pessoas preferia o conforto do bondinho.

Marigold não pisava ali desde um passeio da escola no ensino fundamental. Lembrava-se do frágil bondinho verde, balançando-se nos cabos, desafiando-a a não ter pelo menos um pouquinho de medo de altura. Cruzou e descruzou os braços enquanto ouvia os sons da descida do bondinho que se aproximava. Olhou nervosa para seu reflexo na janela do escritório do parque — onde comprara o exorbitante ingresso de doze dólares —, e então, alarmada, arrancou os óculos escuros para dar uma olhada em seu estado.

Seu rosto estava vermelho, e a testa e o nariz brilhavam de suor e oleosidade. O cabelo preto, apesar da trança, era todo frizz. Todos os dias ela arrumava uma trança grossa e fazia uma espécie de tiara com ela. Depois amarrava o restante dos fios na parte de trás da cabeça. Normalmente, com esse visual ela se sentia bonita e descolada.

No momento, não se sentia muito bonita.

Algo *vibrou*. Atrás dela. As roldanas rangeram e chiaram mais alto. O bondinho estava quase chegando. De acordo com a mãe de North, ele controlava um dos bondinhos. Havia

cinquenta por cento de chance de ele estar chegando ali.

Marigold sentiu um nó no estômago. Estava ali para ajudar um amigo, realmente, mas nem por isso queria ficar com cara de monstro do lixão. Ele a tinha visto pelada, afinal. Em um momento de pânico, arrancou os grampos, desfez a trança, desembaraçou o cabelo com os dedos e depois refez todo o penteado às pressas.

O barulho ficou mais alto. Enquanto pais com seus filhos e casais ficaram de pé — ela era a única ali sem nenhum acompanhante —, Marigold continuou onde estava e pegou o pó compacto na bolsa. Precisou de três lenços removedores de oleosidade — três! — e uma camada de pó para disfarçar a testa reluzente. Não cobriu as sardas, mas nada era capaz de cobri-las. Ficavam mais visíveis nessa época do ano, e, para ela, eram estranhas em seu rosto chino-americano. Ela as detestava, mas North dissera que eram charmosas. Uma vez ele ligou as sardas em sua bochecha direita com um marcador, desenhando um coração meio torto.

A sombra do bondinho se projetou em suas costas. Algumas das crianças comemoraram, e ela sentiu as vinte pessoas ao seu redor dispararem em direção a ele.

Cinquenta por cento. Era como se seu coração de verdade também estivesse meio torto.

As engrenagens pararam por completo, acompanhadas por uma lufada de vento. As bandeiras ao lado do escritório do parque — uma dos Estados Unidos e outra da Carolina do Norte — ondularam mais forte por um momento, e seu nariz imediatamente registrou o cheiro dos pinheiros. Ela fechou os olhos e respirou fundo. Natal em julho. Racionalmente, sabia que vinha da montanha. Irracionalmente, sabia que vinha dele. Pôs os óculos de sol de novo, grata por qualquer camada de proteção contra o vento, por menor que fosse. Vestida com short jeans e regata justa, sentiu-se vulnerável de repente.

Você só veio conversar. Só isso. Vai ficar tudo bem, independentemente do que aconteça.

Às vezes era difícil acreditar na verdade.

As pernas de Marigold quase vacilaram quando ela se levantou e deu meia-volta. Um bondinho verde estava parado ao lado da plataforma. Acima do vidro da frente havia um nome: MARIA, escrito em dourado. Não conseguia ver o motorista.

Mas então... *então...*

Uma voz se elevou acima da multidão, amplificada por um pequeno alto-falante antigo. Sentiu um calafrio ao reconhecê-la. A voz de North era a primeira coisa a ser notada. Era grave e confiante. Irônica e desdenhosa. Mas o timbre também transmitia um inesperado tom divertido e caloroso que permitia a ele se safar apesar das coisas chocantes que dizia. As pessoas simplesmente gostavam de ouvi-lo falar. Ele era apenas alguns meses mais velho que ela, mas soava como um homem adulto. Só que não era bem verdade. Ninguém tinha uma voz como a de North. Isso fora o que a fizera se sentir atraída por ele.

— Por favor, cuidado onde pisam ao sair do bondinho — disse ele pelo alto-falante. — Ia estragar o meu dia se vocês caíssem e quebrassem a cara. Menos o senhor ali — continuou ele. — Sua cara já é um pesadelo. Ninguém ia notar a diferença.

As pessoas — tanto as que estavam dentro do bondinho quanto as que estavam ali fora — riram.

Marigold ergueu as sobrancelhas.

A porta se abriu e North Drummond surgiu diante de seus olhos. Seu coração martelou no peito. Ágil, ele pulou da plataforma traseira do bondinho para a estação e estendeu a mão para

ajudar uma idosa a desembarcar.

— Adeus — despediu-se ele. Não estava mais usando o alto-falante, mas Marigold ainda conseguia ouvir cada palavra. — Por favor, fale da gente para seus amigos. Estamos presos no meio do nada, aqui é muito solitário. Adorariíamos ter companhia.

A mulher riu e deu tapinhas afetuosos em sua cabeça.

Marigold não sabia por que se sentia tão sobressaltada. Talvez fosse porque não o via desde abril, mas era como se a expressão de North não tivesse mudado. Apesar do sorriso divertido, seus olhos continuavam cansados. Ainda havia neles a mesma pontinha de exasperação. Ou talvez fosse o uniforme, que o fazia parecer um guarda florestal iniciante. Seu traje era inteiramente azul. Um azul-claro bem pálido. Camisa de botão azul-clara com mangas curtas, short azul-claro que batia logo acima do joelho e um boné azul-claro um pouco mais alto do que o normal. E a parte mais estranha. Em letras brancas bem legíveis, os seguintes dizeres foram costurados na frente do boné: CONDUTOR DO TELEFÉRICO.

Quando o último passageiro saiu, ele pulou de volta para a plataforma do bondinho, usando o corrimão como apoio, como se tivesse feito aquilo centenas de vezes. Desconcertada, Marigold percebeu que era possível que fosse exatamente o caso.

— Senhoras e senhores, meninas e meninos — anunciou ele. — Peço que embarquem um de cada vez. Com toda a educação, não como os mal-educados que vocês na verdade são.

As pessoas riram de novo e formaram uma fila. Lá atrás, Marigold hesitou, escondendo-se atrás de dois ciclistas com braços musculosos e barbas compridas. Tentando ficar invisível. Tentando *pensar*. Achara que seria fácil falar com ele em particular, não esperara encontrá-lo... no meio da sua rotina? Era isso que aquilo era?

Uma guarda com uniforme cáqui foi até o início da fila e fez um gesto para North. Ele assentiu, e a mulher de meia-idade o substituiu. Ele disparou na direção do escritório do parque.

Marigold, ansiosa, apenas assistiu enquanto ele entrava no prédio de pedra e toras e sumia de vista. A fila de passageiros continuou a andar. Será que ele voltaria? Era melhor ela esperar ali fora? Não conseguia vê-lo pelas janelas do escritório.

— Pode vir, querida.

Marigold olhou para trás, nervosa, e viu que a guarda fazia sinal para que ela entrasse.

— Hã... hã...

A guarda começou a gesticular de modo mais impaciente.

— Ele... ele vai voltar?

A mulher assentiu, com um movimento brusco.

— Sim, já está voltando.

Marigold olhou por cima do ombro e viu que North vinha correndo até elas, já na metade da plataforma da estação. Como um coelho assustado, ela disparou para dentro do bondinho. O piso não era reto, como um bonde de rua. Fora construído com a inclinação natural da montanha em mente, e os bancos de madeira estavam voltados para trás, na direção da vista. Os melhores lugares, na parte da frente, já estavam ocupados, então ela foi para um dos bancos do meio. Era o mais longe possível que conseguiria ficar do fundo, onde North estaria.

— Obrigado, Kathy — disse ele pelo alto-falante, e Marigold o ouviu fechar a porta. — Pode deixar comigo.

Ela poderia ter pelo menos acenado para mostrar a ele que estava ali. Por que seu primeiro instinto tinha sido fugir? Marigold afundou em seu assento, ardendo em arrependimento. O teleférico cheirava a suor e motor velho. As janelas estavam fechadas e traziam vestígios da chuva que caíra mais cedo. Estava abafado. Claustrofóbico. Era tarde demais, essa era a pior parte. Em algum momento, muito em breve, North se daria conta de sua presença, e então, pelo resto da vida dele, Marigold seria reduzida a uma história boba para contar aos amigos e futuras namoradas.

— Saudações, muito boa tarde, e bem-vindos ao Parque Estadual do Monte Mitchell — disse ele. — Como vocês são um bando de preguiçosos, que eu sei, resolveram ficar sentados aqui em vez de caminhar até o topo.

Enquanto os outros passageiros saltaram muxoxos bem-humorados, Marigold o ouviu apertar alguns botões e acionar um interruptor. O bondinho começou a se mover.

— A janela da frente mostra uma vista espetacular da cordilheira Black Mountain, que faz parte da cordilheira Blue Ridge, que, por sua vez, faz parte dos Apalaches. Se olharem pela janela lateral, verão que a subida é quase horizontal. Estou sendo o mais enfático possível: não é uma caminhada difícil. Denali, a montanha mais alta a oeste do Mississippi, chega a 6.190 metros. Nós vamos subir mais de seis mil metros. Este teleférico não deveria nem existir. Mas, infelizmente, ele existe, então estaremos presos aqui pelos próximos nove minutos.

Mais risadinhas e gargalhadas. Os pais, cansados da viagem, pareceram felizes em ter outra pessoa entretendo seus rebentos, ainda que por pouco tempo. Mas Marigold se sentia cercada pela voz dele. Encurralada. Ao seu lado, um casal beirando os trinta, com cabelos desgrenhados — por escolha própria —, tirava selfies alegremente. Ela se encolheu ainda mais e espiou por entre as frestas das costas do banco.

De botas de caminhada, North estava com um dos pés apoiado em uma caixa de metal. A mão esquerda segurava o alto-falante, enquanto a direita repousava na coxa. Era uma pose estranhamente masculina para alguém usando aquele short azul ridículo.

— Os primeiros trilhos foram instalados há mais de um século, e desde então só passaram por pouquíssimos reparos. Mas não temam: esta lata velha caquética é perfeitamente segura!

Ele bateu na parede para dar ênfase, mas, pelo som, o bondinho não pareceu lá muito resistente.

O carro barulhento continuava a sacolejar, mas, tirando isso, estava tudo diferente de como ela se lembrava. Era verdade que a montanha não parecera tão íngreme, e ela também não se recordava de um condutor tão irreverente. North parecia mais um capitão de um navio pirata da Disney.

— Tenho o prazer de lhes informar que já faz quase três semanas desde meu último descarrilamento — continuou North. — E só perdi metade dos meus passageiros!

Maravilhada, Marigold encarou a perna de North. Haviam namorado em um clima mais frio, quando se usavam calças, e jamais vira as pernas dele ao ar livre, em plena luz do dia. Eram musculosas, bronzeadas e peludas. Sempre imaginou que fosse achar pernas peludas meio nojentas, mas... não. Elas eram másculas.

Tudo em North fazia com que parecesse mais velho. Não era apenas a voz ou as pernas. Era alto, de ombros largos — *forte* era a palavra que lhe vinha à mente — por conta dos anos de trabalho na fazenda da família. Ele ouvia a rádio estatal e sonhava em se tornar locutor de

rádio. Seu vocabulário era extenso, e desde mais novo ele se esforçara para não soar muito caipira. Às vezes, era um pouco rabugento, embora suas ações demonstrassem uma ternura e uma atenção que ela achava charmosas. Marigold dizia, brincando, que ele nascera para ser avô.

Os hipsters ao lado dela tinham parado de postar fotos no Instagram. Ao reparar que os dois a observavam de rabo de olho, desconfiados, ela voltou a olhar para a frente, encolhendo-se de vergonha. Devagar, se ajeitou no banco, deixando a postura quase normal. Como se não tivesse nada suspeito em seu comportamento. Como se não estivesse sendo uma maluca.

— Os bondinhos foram batizados quando o teleférico foi inaugurado — explicou North, e Marigold ouviu uma pontinha de distração na voz dele. Nada que significasse que ele a tivesse visto, apenas que pensava em outra coisa. Estava em piloto automático. — O primeiro bondinho foi nomeado Elisha, em homenagem ao reverendo Elisha Mitchell, o cientista que provou que esta montanha era a mais alta dos Apalaches. Na época, fizeram de tudo para refutá-lo, e ele morreu tragicamente em uma expedição na qual tentava verificar suas medições originais. Caiu de uma cachoeira próxima. Tanto a cachoeira quanto a montanha foram batizadas em sua homenagem, e seu túmulo foi movido para o cume. — Um *tum* indicou que North pusera o pé de volta no chão. — Mas agora... Alguém viu o nome do segundo bondinho enquanto estavam embarcando? Este aqui?

— Maria! — respondeu um homem.

— Cuidado, senhor. Ninguém gosta de exibidos. — Depois de uma pausa para as inevitáveis risadinhas, North continuou: — Mas você está certo. Este carro foi batizado em homenagem à vi...

Ele parou. No meio da palavra.

Marigold sentiu um arrepio na nuca. Podia senti-lo olhando para ela, olhando *através* dela, e era uma sensação tensa, eletrizante. Fechou bem os olhos, tentando fazer com que ele retomasse a apresentação. Não funcionou.

Os outros passageiros se remexeram nos bancos, curiosos para saber o que estava acontecendo. O silêncio de North era ensurdecedor. Marigold sentiu seu corpo inteiro arder quando tirou os óculos escuros. De repente, o bondinho pareceu precário. Ela se virou, tonta, para olhá-lo.

North a encarou por longos segundos. Sua expressão permaneceu neutra. Inflexível.

Ela deu um sorriso amarelo e acenou de leve com uma das mãos.

Ele fez questão de encará-la por mais um segundo. Piscou os olhos. E então se virou com um sorriso alegre para o público.

— ...à viúva do dr. Mitchell, Maria.

Todos soltaram a respiração ao mesmo tempo e relaxaram de volta em seus assentos. North não vacilou outra vez, e Marigold sabia que ele não ia se dignar a olhar de novo para ela, que se voltou para a janela mais próxima, ignorando os olhares dos passageiros mais curiosos. North era seu *amigo*. Ela estava ali para *ajudar*. Por que isso era tão humilhante e vergonhoso?

Depois da mudança, ela deve ter falado ou feito algo horrível por acidente, mas não fazia a menor ideia do que poderia ser. North ainda estava falando. A cabeça dela zumbia, e seu sutiã estava úmido de suor. Era uma pena não poder abrir uma janela. Os trilhos do teleférico se dividiram em dois, e eles ultrapassaram o outro bondinho — os passageiros fizeram piadinhas

e acenaram, e os condutores tocaram o sino —, então os trilhos se juntaram em um só outra vez. Estavam na metade do percurso. Que sofrimento.

Quando finalmente chegaram ao topo, ela se demorou enquanto os outros passageiros saíam. Muitos agradeceram a North.

— Guarde seus agradecimentos para a viagem de volta — respondeu ele com falsa alegria. — Ainda dá tempo de ser atacado por um urso-negro.

Os passageiros terminaram de desembarcar.

Por um momento surreal, Marigold pensou que ele tivesse se esquecido de sua presença. Mas então o ouviu pular de volta para a plataforma. Seus movimentos pareciam mais pesados, não tinham a desenvoltura de antes. Ele voltou para o bondinho, levantou a palma da mão para a fila que aguardava para embarcar — um sinal para que esperassem — e então fechou a porta.

Marigold se levantou.

North a encarou com a mesma expressão indecifrável.

— Não tenho muito tempo.

— Eu sei.

— Você veio me ver?

— É óbvio. — Marigold se aproximou. — Eu queria conversar.

— Não.

Ela parou. Seu coração gaguejou.

— Não?

North desviou o olhar.

— Quer dizer... meu intervalo é só daqui a uma hora e meia. E tem uma fila de turistas ali fora morrendo de vontade de ouvir meu maravilhoso discurso de despedida.

— Ah, sim. Tudo bem.

Eles ficaram olhando um para o outro. Marigold sentiu um nó na garganta. Obrigou-se a se acalmar e disparou até a porta. Esperou North abri-la. Nada. Olhou para ele, magoada e confusa — *é para eu abrir?* —, e foi nesse momento que a expressão impassível se desfez e os olhos calorosos dele se encheram de arrependimento.

— Você pode me esperar? Você tem tempo? Desculpe, é que não tem ninguém que possa me substituir agora.

O nó na garganta voltou.

— Eu posso esperar, sim.

North estendeu a mão para abrir a porta, mas então, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer, abriu a caixa de metal com um chute, pegou algo lá dentro e pôs nas mãos dela.

— Aqui. Para você se distrair. — North franziu a testa como se tivesse acabado de falar besteira. — A gente se encontra na frente do museu às quatro?

Marigold abraçou o embrulho com força e assentiu.

Era um sanduíche. Para ajudá-la a se distrair. North tinha lhe dado um sanduíche vegetariano, feito com abacate e bacon falso.

Isso era interessante por quatro motivos: primeiro, porque ele estava nervoso a ponto de se

atrapalhar com as palavras. North quase nunca ficava nervoso, e muito menos se atrapalhava ao falar. Segundo, porque tinha dividido seu almoço com ela. Não devia odiá-la *completamente*, então. Terceiro, porque ele se esquecera da aversão dela a tomate cru. Era uma decepção tão grande que deixou Marigold desconfortável. Quarto, porque ele talvez tivesse virado vegetariano. North sempre quisera ser vegetariano, mas precisava das proteínas mais completas da carne para trabalhar na fazenda sem ficar exausto. O novo emprego exigia bem menos energia.

Marigold suspirou ao reembrulhar o sanduíche. Sua mãe ficaria felicíssima. Era dona de um restaurante vegano popular no centro de Asheville e já achava North o máximo. Isso seria a cereja do bolo. Marigold não era vegana ou vegetariana — amava carne, provavelmente porque a mãe sempre lhe negara —, mas era compreensiva com quem escolhia ser. Ainda assim, o bacon de tempeh a deixou triste. Era mais uma mudança na vida de North sobre a qual não ficara sabendo.

Ficou assistindo enquanto Maria sacolejava montanha abaixo, até o bondinho sumir de seu campo de visão. Pelo menos a temperatura era mais amena ali em cima. A brisa era um consolo enquanto ela se aproximava dos prédios antigos: os banheiros, o museu, a lanchonete e a lojinha de presentes. Um caminho largo — asfalto imitando pedra — passava por trás dos estabelecimentos e seguia morro acima até onde o que devia ser o topo da montanha. Marigold tinha bastante tempo, então decidiu visitar todos os prédios, a começar pelo banheiro feminino. A viagem até ali fora longa.

Em seguida, foi até a lanchonete, que tinha sabores tipicamente sulistas. Sim, ela vendia garrafas de água e Gatorade, refrigerante em lata, barrinhas de granola, doces e biscoitos. Mas também vendia potes de doce de maçã, conservas de vegetais, incluindo quiabo, e melaço. Havia uma prateleira com vários sabores de sidra — de morango, pêsego, uva e uva verde.

Marigold não comia desde o café da manhã, mais de oito horas antes. O palpite de North estava certo, ela estava morrendo de fome. Comprou um saquinho de mix de nozes e frutas secas e devorou em instantes. Olhou para o sanduíche de North. Então tirou os tomates e o comeu também. Era mais gostoso que o mix de nozes.

Sua próxima parada era o museu, que no fim das contas era só uma sala mal iluminada. Os painéis explicavam a flora, fauna, geologia e topografia do parque. Marigold leu cada um deles, dedicada, mas sem a atenção necessária para entender qualquer uma das explicações, até que chegou à área sobre o dr. Elisha Mitchell. Uma palavra chamou sua atenção, e seu coração cambaleou.

North. O sobrenome de solteira da esposa do dr. Mitchell, Maria, era North.

Era coincidência. O dele era nome próprio, enquanto o dela era o sobrenome, e North fora batizado assim — dentre todas as possibilidades horríveis — por causa do Polo Norte. Seus pais obcecados tinham chamado o irmão mais velho dele de Nicholas e a irmã, de Noelle. Eram ainda piores que a sua mãe, que a chamara de Marigold Moon. Mas a empresa da família, a Árvores Drummond, já cultivava e vendia árvores de Natal havia duas gerações, e pretendiam continuar por uma terceira. Quando o pai de North foi diagnosticado com Parkinson, a pressão se concentrou em Nick, que fugira de casa em resposta. Noelle queria a fazenda, mas os pais, em vez disso, chamaram North para gerenciá-la, só porque ele era homem. Então a irmã também partira. North não queria cuidar do negócio, mas ele era tudo o

que seus pais tinham. Eles não eram más pessoas. Entretanto, haviam cometido um erro, e era North quem estava pagando por ele... ou talvez não estivesse mais?

Maria S. North.

Não queria dizer nada. Mas parecia significativo. A palavra *North* sempre lhe passava essa sensação. Marigold se perguntou quando isso ia parar, quando a voz feminina robótica do Google Maps ia parar de deprimi-la sempre que lhe dizia para seguir na direção *norte* na interestadual.

É por isso que você está aqui, lembrou a si mesma. *Para pôr um fim nessa tristeza e nessa culpa.*

Marigold saiu do museu e já foi entrando na lojinha de presentes ao lado. Foi recebida pela estátua de um urso de madeira com uma plaquinha de BEM-VINDO. O cheiro de Natal ficou mais forte, a ponto de se tornar sufocante.

Isso significa que o Natal também está arruinado para sempre?

A loja também se resumia a uma sala, e a volta que Marigold se obrigou a dar revelou as quinquilharias de sempre — cartões-postais, ímãs, broches, livros, quebra-cabeças, camisetas, casacos de moletom, todos exibindo uma foto da montanha ou do Parque Blue Ridge. Uma garota mais ou menos da sua idade, usando camisa polo azul-clara e calça do mesmo tom, estava atrás do balcão. Diante do caixa, em uma fileira organizada, havia umas dez garrafinhas marrons com conta-gotas. Marigold pegou uma. Óleo de bálsamo de abeto.

— Esse é o cheiro que você está sentindo na loja — explicou a garota.

— Ah, é muito bom.

Porém, no segundo em que a mentira saiu de sua boca, transformou-se em verdade. Marigold queria uma daquelas garrafinhas. *Precisava* de uma.

Comprou uma garrafinha.

Do lado de fora, livre do feitiço da loja, o arrependimento foi instantâneo. Já tinha gastado mais do que devia no teleférico e no mix de nozes, sem falar na gasolina da viagem até ali. Mas estava com vergonha demais para devolver a compra. Ia ter que comer macarrão instantâneo por mais algumas refeições na semana seguinte. Marigold estava se enchendo de macarrão. Tinha dois trabalhos em Atlanta: um estágio em uma empresa de animação, fazendo algo que ela sonhava em ser paga para fazer um dia, e um bico de garçonne no Outback. Era lá que fazia a maioria das refeições — os pratos mais baratos do cardápio, sempre usando seu desconto de funcionária. Às vezes seus avós, donos de um restaurante chinês bem popular em Decatur, deixavam comida na sua porta quando ela ainda estava no trabalho. Isso sempre a fazia chorar.

Marigold olhou o celular e ficou chocada ao descobrir que apenas quarenta e cinco minutos haviam se passado. A tela mostrava que a bateria estava quase no fim e, para piorar, não havia sinal, então ela não podia nem ligar para a mãe ou entrar na internet. Seus olhos encontraram os trilhos do teleférico quando outro bondinho verde começou a subir a montanha. Depois de fazer as contas, percebeu que não era North. Ele estava lá embaixo.

Ela estremeceu e esfregou os braços descobertos. Agora que o corpo esfriara, o ar parecia frio e outonal. A maioria dos visitantes do parque usava calça ou casaco, como se soubessem — *dã* — que iriam até o topo de uma montanha.

Para falar a verdade, eu não sabia que viria até o topo de uma montanha hoje.

Só o que restava era o cume em si, então Marigold arrastou-se em direção ao local. Estava ainda mais frio sob a sombra das árvores, mas era também mais tranquilo. O ar tinha um gosto limpo e fresco, e, ao respirar fundo, Marigold se deu conta de que estivera prendendo o fôlego. Mas ali havia troncos cobertos de líquens e musgo, flores silvestres roxas e cor-de-rosa, monardas delicadas e até mesmo um passarinho azul de penas fofas que poderia muito bem ser encontrado no dedo da Branca de Neve.

Um cachorro malhado com uma bandana no pescoço passou por ela, seguido por uma senhora com uma mochila enorme e um bastão de caminhada que mais parecia um bastão de esqui. Era a primeira pessoa fazendo trilha que Marigold via ali em cima. Entretanto, quanto mais perto chegava do topo, mais movimentado ficava. Não havia mais o abrigo das árvores, e os sons tranquilos da natureza foram se transformando em uma gritaria digna de um parquinho. Crianças riam e choravam e gritavam com a liberdade das férias de verão. Havia uma estrutura de pedra peculiar, lembrando a torre achatada de um castelo, e estava cercada de turistas.

Marigold caminhou por entre a multidão, atravessou a ponte e seguiu até o mirante, lotado. A vista panorâmica de 360° era inegavelmente linda. Se seu estado de espírito estivesse melhor, talvez a descrevesse até como maravilhosa ou de tirar o fôlego, mas não era o caso. O vento assobiava e chicoteava sua pele exposta, então ela foi embora depois de um minuto. Marigold se abaixou sob a ponte. Recostou-se em um dos pilares de concreto e se deixou cair até sentar na terra. O cascalho reluzia em alguns pontos por causa da mica, e a grama estava pontilhada de dentes-de-leão amarelos. Marigold abraçou os joelhos junto ao peito.

Não é tão ruim assim, disse a si mesma.

À sua frente, havia elevações menores, além das florestas e da cadeia de montanhas envolta em névoa. Abaixo, os bondinhos idênticos subiam e desciam. E, atrás de si, debaixo da terra, estava o dr. Elisha Mitchell. Seu túmulo não era muito impressionante — apenas um monte de pedras achatadas dentro do pequeno muro retangular feito de rochas similares —, mas ela sabia do que se tratava, porque as pessoas ficavam se perguntando o que era aquilo e liam a placa em voz alta.

Marigold refez os cálculos. O bondinho de North faria mais uma viagem completa antes que ela o visse. Começou a revirar a bolsa, em busca de papel e uma distração, mas tudo o que encontrou foi a notinha do óleo de abeto. Devagar, talvez sem nem pensar, começou a desenhar seu personagem favorito no verso, um bicho preguiça mal-humorado mas charmoso chamado South.

South era North, é claro. Era *mesmo*.

North havia gravado a voz do personagem. Marigold fazia animações para o YouTube, mas queria mesmo produzi-las para a televisão. Fora por isso que se mudara. Atlanta abrigava vários estúdios de animação. Tivera sorte — e talento suficiente — e conseguira um estágio, embora suas tarefas em geral fossem maçantes. Mas tinha fé de que logo estaria fazendo o que gostava.

Um menininho com nariz sujo surgiu atrás dela.

— Eu consigo ver meu eco.

Marigold não estava com paciência, mas sorriu mesmo assim, só por educação.

— É mesmo?

— Olha só. — Ele pôs as mãos em concha ao redor da boca e gritou: — Montanha,

montanha, montanha, montanha.

Ela assentiu.

— Maneiro, maneiro, maneiro, maneiro.

Ela sorriu de novo, dessa vez com sinceridade.

Ele apontou para o desenho.

— Você pode me dar?

— Perdão. — A mãe dele, uma mulher cansada com o estresse aparente na testa e brincos de argola dourados gigantes, apareceu e foi correndo até o menino. — Emiliano Navarro Castellanos. O que foi que eu disse sobre incomodar estranhos?

— Tudo bem, ele não está me incomodando. — Marigold desenhou a flor de nome igual ao dela na mão do bicho-preguiça e depois estendeu o desenho para Emiliano. — O nome dele é South. Ele só come flores laranja e tomates heirloom.

Emiliano olhou para a mãe. Ela assentiu, e o menino imediatamente pegou o desenho.

— Obrigado! *Gracias!*

A mãe dele também agradeceu, mas Emiliano já estava tentando arrastá-la para longe.

Marigold sentiu uma tristeza inexplicável ao vê-los partirem. Um sentimento vago de solidão e medo dirigidos ao objeto errado. Não sabia dizer quanto tempo tinha passado olhando para o túmulo ao seu lado quando seu coração pulou com um pânico repentino, uma certeza súbita. Olhou a hora no celular. E se levantou de um salto. Disparou caminho abaixo, desviando das pessoas que passeavam preguiçosamente e dos grupos de turistas com camisetas néon. Eram quatro em ponto. O teleférico era pontual. Ele seria pontual. E se fosse embora, achando que ela tinha mudado de ideia?

Nos últimos noventa e três minutos, a autoconfiança de North vinha fraquejando até desmoronar por completo. Sua habitual postura segura que beirava a arrogância murchara, e ele estava de ombros curvados e braços caídos. Marigold veio caminhando esbaforida em direção ao museu, e mesmo de costas, a postura derrotada de North era perceptível.

Ela diminuiu o passo. Sua confiança ousou crescer.

Ele pareceu apurar os ouvidos, como se tivesse recebido algum sinal sutil, e então se virou para encará-la. Esticou a coluna. Ergueu a cabeça.

Marigold parou quando ainda estava a alguns passos de distância.

— Desculpe o atraso — disse ela. — Obrigada por esperar.

Estava meio sem fôlego.

— Eu que agradeço.

— E obrigada pelo sanduíche.

Ele fez uma careta.

— É sério, estava gostoso. E eu estava morrendo de fome.

— Desculpe pelo você-sabe-o-quê. Só me dei conta depois que você foi embora.

Um sorriso surgiu no rosto de Marigold, apesar de sua cautela. North não tinha esquecido.

— Então eu entendi certo? Você agora é vegetariano?

— Sua mãe ficaria orgulhosa.

— E ia perguntar por que você ainda come laticínios.

North riu inesperadamente. O coração dela doeu em resposta. Ele tinha uma risada incrível, divertida e profunda.

— Como vai sua mãe, aliás?

— Vai bem. Tudo bem com ela.

— Bom saber.

Ele estava sendo sincero. North e a mãe de Marigold sempre se deram bem, o que era algo notável, porque a mãe dela não gostava muito da maioria dos homens. O pai de Marigold sempre foi meio horrível, mas elas não faziam ideia do quanto até que um ano e meio antes *sua outra esposa* aparecera de surpresa na porta delas.

Levaria um tempo até essa ferida cicatrizar.

Seu pai nunca foi muito presente — por conta do trabalho como vendedor de materiais ortopédicos, passava semanas fora, ou pelo menos era o que ele dizia —, mas isso nunca incomodara sua mãe. Ela se agarrava à sua liberdade com uma força que beirava a ironia. E eles nunca foram casados legalmente, eram apenas companheiros. Por isso Marigold herdara o sobrenome chinês da mãe e não o sobrenome branco do pai. Infelizmente, fora por esse mesmo motivo que, quando a esposa verdadeira dera as caras, elas perderam a casa e a maior parte das economias. Aquelas coisas nunca tinham sido realmente delas.

Fora North quem ajudou as duas a botar a vida de volta nos eixos. Quando o conheceu, Marigold e sua mãe moravam em um apartamento sujo e entulhado enquanto economizavam para comprar uma nova casa. Não só North havia limpado e organizado o apartamento até deixá-lo habitável como também as ajudara a encontrar a casa. E então, já que o novo lar exigia vários reparos, ele fora até lá noite sim, noite não, durante as três semanas antes da mudança, para pintar e lixar paredes, consertar vazamentos, arrancar o tapete mofado, recolocar tábuas danificadas e transportar os móveis pesados. E fizera tudo isso mesmo sabendo que assim que a mãe dela terminasse de se mudar, Marigold iria embora. Ele não queria que ela partisse, mas a família dela precisava de sua ajuda.

Essa era a dívida que parecia impossível de pagar. Era por *isso* que ela estava ali.

E era por isso que eles se entendiam tão bem. Marigold respeitava a dedicação de North à família. Ela jamais teria saído de casa se achasse que a mãe não estava em condições de ficar sozinha, mas também sabia que era importante construir a própria vida — algo que a mãe sempre a encorajara a fazer, mesmo nos momentos difíceis —, e temia que North tivesse desistido de tentar fazer o mesmo.

O tom confiante voltou à voz dele.

— Quero dar uma dica pra você.

Marigold ergueu uma das sobrancelhas.

— Da próxima vez que for espionar alguém conhecido, use um chapéu. — Ele apontou para a trança dela. — Não tem como não perceber.

— Eu não estava espionando você.

— Ah, estava, sim, cem por cento espionando.

Ela deu de ombros.

— Talvez dez por cento espionando e noventa por cento me perguntando o que diabos você está fazendo aqui.

— Trabalhando. E o que é que você está fazendo aqui?

— Sua mãe disse que você estaria aqui, então eu vim.

Ele era teimoso feito uma mula.

— Por quê?

— Porque eu queria falar com você.

— E como seu plano está se saindo?

Marigold olhou feio para ele. Muito feio. E então caiu na gargalhada.

North desviou o olhar, tentando esconder um sorriso.

— Tá bom, tá bom — disse ele.

— Você é insuportável.

— Eu sei.

— E você está ridículo nesse uniforme.

— Eu estou incrível.

— Incrivelmente ridículo.

— Incrivelmente bonito.

Marigold riu de novo e ele sorriu para ela — por um breve, maravilhoso momento —, e então se virou e começou a andar.

— Vamos lá. Eu conheço um lugar.

Marigold seguiria North aonde quer que ele fosse.

Pegaram o caminho que ia até o cume, mas, em vez de seguirem até lá, North indicou uma trilha que levava à floresta. Uma placa indicava que se tratava da trilha Balsam Nature. Marigold não a vira mais cedo.

— Você escolheu um bom dia para vir aqui — disse North. — Já choveu. Em geral, chove à tarde.

— Quanto tempo até seu intervalo acabar?

North nem olhou para o celular.

— Vinte e dois minutos.

— Então não vamos perder mais tempo falando do clima.

Ele não respondeu, e Marigold interpretou seu silêncio como concordância. Adentraram o refúgio das árvores. Seus tênis esmagavam pedrinhas a cada passo.

— Se bem que... — Marigold cedeu à curiosidade alguns segundos depois. — Eu tenho uma pergunta. O que houve com esse bando de árvores mortas? Foi alguma chuva ácida ou coisa do tipo?

North parou de andar. Ficou olhando para ela.

Marigold o ultrapassou.

— Que foi?

— Você é uma péssima ouvinte.

Ela finalmente entendeu.

— Você contou quando estávamos no bondinho, né?

— Sim, eu contei quando estávamos no bondinho.

— Bem, eu estava meio distraída depois que você ficou me encarando feito um maluco.

— É uma praga de insetos. *Adelges piceae*. — Atrás dela, North voltou a andar. — São parecidos com pulgões e matam os abetos. Mas, sim, também é por causa da chuva ácida.

Marigold esperou North alcançá-la antes de tentar de novo.

— Por favor, me diga o que está fazendo neste lugar. E não ouse dizer que está trabalhando.

— Eu não estou.

Ela sentiu a pressão arterial subir.

— Você não está trabalhando.

— Neste momento, não.

Ela cerrou os dentes, cansada dos joguinhos de palavras. North pareceu se arrepender da pose de difícil, porque logo capitulou. Indicou os dizeres em sua manga. Os olhos de Marigold se arregalaram quando ela os leu.

— Voluntário? Você é um *voluntário*?

— Os guardas usam cáqui. Os voluntários e os temporários usam azul.

— Você não é nem um temporário? Você não está sendo pago? Para operar *máquinas pesadas* que carregam *seres humanos*?

— Sim, isso é ilegal.

— Mas o parque é administrado pelo governo estadual!

— Muito doido, né?

— Como assim? Eu... como assim? Como isso aconteceu?

Ele deu de ombros.

— Meu pai tem um contato aqui.

— North Drummond. — Marigold parou de andar. — Você sabe muito bem que isso não é o bastante. Preciso de mais detalhes.

North também parou. Olhou para ela com a mesma impassibilidade... até que seu olhar se suavizou.

— É, eu sei. — Ele conseguiu dar um leve sorriso. — Vamos lá. É logo ali na frente.

Os ruídos dos outros visitantes foram sumindo conforme eles passavam por uma trilha marcada com um diamante azul, um triângulo branco e um círculo branco. Marigold olhou para cima. Estavam sob uma imensa saliência rochosa.

North olhou para ela, que sorriu em resposta, aliviada.

— Tudo bem? — perguntou ele.

Marigold assentiu.

Mais adiante, chegaram a uma formação rochosa que se projetava da montanha. Era como um toldo natural sobre outra placa de pedra, criando o lugar perfeito para uma pessoa descansar. A pedra ainda estava meio úmida, mas um ponto parecia quase totalmente seco, e foi onde os dois se sentaram de pernas cruzadas. O short de Marigold ficou úmido na hora, mas ela mal notou. Seus nervos estavam à flor da pele de novo, e a ansiedade se misturava... à empolgação.

Ficou feliz em estar ali com ele. A sós. Em um lugar reservado.

North tirou o boné e o largou na rocha ao seu lado. Ele esfregou o cabelo castanho-claro, tentando desfazer o formato do boné, sem muito sucesso.

Marigold sempre gostara do cabelo de North. Tinha o mesmo marrom cálido de seus olhos.

Sorriu de novo, e ele retribuiu o sorriso. E então os dois sorrisos foram sumindo juntos. Ele parecia querer dizer alguma coisa, mas não achava as palavras. Pela primeira vez, ocorreu a Marigold que talvez não fosse fácil para ele explicar o que estava fazendo ali. Talvez ele não tivesse uma boa resposta, nem para si mesmo.

Ele finalmente falou.

— Minha irmã voltou em maio.

Marigold ficou surpresa. Seria impossível sentir-se mais surpresa.

— A gente já vinha conversando, e... ela voltou. E, dessa vez, meus pais lhe deram ouvidos.

Marigold odiava interromper, agora que ele finalmente estava se abrindo, mas não conseguiu se conter.

— Quer dizer que agora é dela? A fazenda?

Ele assentiu.

— Bom, isso... é ótimo — disse ela.

Ele assentiu de novo. Ficou olhando para as botas de caminhada.

Algo não se encaixava. Noelle voltara, uma reviravolta maravilhosa, e então North parara de falar com Marigold.

— Certo... Sua irmã assumiu a fazenda... então você precisava arrumar um emprego? Só que você disse que isso aqui não é um emprego de verdade.

— Eu vim para cá porque preciso fazer alguma coisa até descobrir o que eu *quero* fazer.

— Você quer fazer faculdade. Trabalhar na rádio pública.

North pegou uma pedra pontuda que estava sob sua bota.

— O melhor amigo do meu pai trabalha como guarda florestal aqui. Foi ele que nos falou que estavam precisando de voluntários. Eu comecei no museu, mas na minha primeira semana ele me viu dar uma palestra improvisada a um grupo e ficou surpreso. Impressionado — disse, com uma pontada de vergonha. Então continuou: — Dois dos operadores tinham acabado de pedir demissão, e os guardas estavam desesperados. Eles não gostam de trabalhar no teleférico e fazer o mesmo discurso duas vezes a cada hora. O amigo do meu pai sabia que eu tinha experiência com máquinas pesadas, então... me colocou para trabalhar aqui. Naquele mesmo dia. Eles me ensinaram os controles rapidinho, e eu já sabia das curiosidades sobre o parque por ter começado no museu. Como não estava sendo pago, achei que não precisava repetir o discurso padrão do parque.

— Deixa eu adivinhar... Os guardas receberam tantos elogios dos visitantes que botaram você ali permanentemente.

— Isso mesmo.

— Nossa. — Agora era Marigold quem encarava os tênis vermelhos. — Caramba. Você devia ficar orgulhoso. Parabéns.

— Os outros voluntários não ficaram muito felizes comigo.

Marigold ergueu os olhos.

— Porque você ganhou um emprego melhor?

— Mas tudo bem. — North deu de ombros. — A maioria vai embora depois do verão, de qualquer jeito.

— Então você pretende ficar.

Quando não recebeu resposta, a raiva dela explodiu.

— Mas eles deviam pagar você! Você devia ter salário, plano de saúde e aposentadoria. North hesitou.

— Eles vão. Se você aparecer por aqui na semana que vem, vai me ver usando calça. Marigold não reagiu.

— Só os voluntários usam short — explicou ele. — Os funcionários usam calça.

Tão rápido quanto havia chegado, a raiva de Marigold se dissipou, dando lugar à decepção. Ela puxou os joelhos para junto do peito.

— Ah.

North esfregou a nuca.

— Eles me deram a notícia hoje. Logo antes de eu ver você, na verdade.

— Foi por isso que chamaram você no escritório?

Ele assentiu.

— Me ofereceram um emprego em tempo integral e eu aceitei.

— Ah — repetiu ela.

O vento balançou as árvores. Uma gota de água caiu de um galho bem ao seu lado. Marigold estremeceu.

— Que foi? — perguntou ele, baixinho.

Marigold balançou a cabeça em negativa.

North não insistiu, mas tinha reparado que os braços dela estavam arrepiados.

— Você está morrendo de frio. Por que não trouxe um casaco?

Ela olhou feio para ele mais uma vez.

— Esse short é muito bonito mesmo.

North riu e desabotoou a camisa. Estava usando uma camiseta branca por baixo. Ele estendeu a peça de roupa para ela.

Marigold continuou emburrada.

— Anda.

Ela o fez esperar mais uns cinco segundos antes de aceitar.

— Obrigada.

Ele pareceu feliz com a vitória.

— De nada.

Marigold usou a camisa como cobertor, envolvendo os braços e as pernas, e de repente seus olhos se fecharam, trêmulos. A camisa cheirava a North, a seu suor e ao sabão que usava, às suas árvores de Natal e a mais alguma coisa com cheiro só dele, algo mais profundo que alcançava seu íntimo e arrancava memórias como um mágico fazendo um truque de cartas.

Lembrou-se do primeiro beijo deles em seu antigo apartamento, sob o brilho da árvore de Natal que North havia acabado de ajudar a decorar. Das noites em que saíam para passear em sua caminhonete, com a mão direita dele segurando a esquerda dela. Das horas passadas diante do computador dela, assistindo enquanto a voz dele dava vida às animações que ela fazia. Da primeira noite juntos. Estavam alimentando as alpacas dos vizinhos, que tinham viajado para a Flórida, e os dois foram para dentro da casa. Acabaram se queimando no atrito com o tapete da sala de jantar. Fora mais romântico do que parecia. E então a última lembrança: a vez em que ela se agarrara ao micro-ondas idiota naquele estacionamento idiota enquanto North lhe dizia que não estava interessado em um relacionamento a distância. *É melhor acabar logo com essa*

palhaçada. Fora essa a palavra que ele usara. *Palhaçada*.

— O que você está pensando?

Marigold abriu os olhos. A testa ainda estava franzida, mas agora era de preocupação.

— Onde você vai morar quando sair da casa dos seus pais?

North fez uma careta.

— Você não vai sair — concluiu ela.

— Vou, sim.

— Mentiroso.

Ele evitava olhar em seus olhos, o que só aumentou a frustração dela.

— Você pelo menos tem um bom motivo? Eles ainda precisam de ajuda ou algo do tipo?

— Eles sempre vão precisar de ajuda.

— Mentiroso — repetiu ela.

North virou-se para ela, irritado.

— Por que você veio até aqui? Hein?

— Porque você não estava mais falando comigo!

— E você não adivinhou por quê? Não entendeu que talvez eu *não quisesse* falar com você?

Ouvir aquilo foi como levar um tapa.

— Seu babaca.

A energia dele desapareceu assim que percebeu como aquilo a magoou.

— É, talvez. Provavelmente.

Marigold se sentiu uma idiota. Queria chorar, mas não na frente dele. Engoliu o choro.

— Eu vim...

North esperou.

Ela tentou de novo:

— Eu vim... salvar você.

Foi a vez dele de ficar surpreso. Franziu a testa quando ela se pôs de pé, com cada nervo de seu corpo à flor da pele. Ela abraçou a camisa dele e andou de um lado para outro diante de North.

— Meu plano era ajudar você a encontrar alguém para administrar a fazenda dos seus pais. Depois ia convencer você a se mudar para Atlanta e se matricular em uma faculdade comunitária. Aí nós juntaríamos dinheiro, ou você poderia conseguir algum empréstimo ou bolsa de estudos, ou os dois, e concluiria a faculdade em um lugar melhor. A essa altura você provavelmente seria aceito numa das faculdades estaduais. Atlanta é a cidade com mais universidades depois de Boston, sabe.

North estava de queixo caído.

— Nós juntaríamos dinheiro?

— Você. Eu quis dizer você. — Marigold estava nervosa. — Mas é que meu apartamento tem dois quartos e eu preciso de alguém para dividir o aluguel, porque estou falida. Nós ajudaríamos um ao outro, entende?

O queixo dele se enrijeceu quando ele entendeu o que Marigold estava dizendo.

— Ah. Você quer que eu vá para ajudar você a pagar o aluguel.

Mas ele tinha entendido tudo errado.

— Se não fizesse diferença pra mim com quem eu divido o apartamento, eu não estaria

aqui, já teria colocado um anúncio no jornal. — Marigold gesticulou, impaciente. — Eu quero que você more comigo.

North a encarou até ela parar de andar de um lado para outro.

— Que foi? — A voz dela falhou.

— Você me quer... como colega de apartamento.

— Isso.

Ele engoliu em seco e balançou a cabeça.

— Marigold, não posso.

— Por causa do seu novo emprego?

— Por sua causa.

— Ah. — A camisa dele ficou pendurada meio frouxa. Marigold olhou para a trilha, tentando conter o choro. — Tá, acho que ia ser estranho pra você morar com a ex-namorada que você largou.

North pareceu estranhamente magoado. Ele se levantou de um salto.

— Não!

— Não? Como assim, não?

— Eu não larguei você.

— North, eu estava lá. Você terminou comigo.

— Porque você estava indo embora e eu não podia ir junto! Eu não queria.

— Você não queria ir junto?

Ela balançou a cabeça, confusa.

— Eu não queria terminar.

— Mas... você terminou.

Os ombros dele estavam caídos, com um ar de infelicidade.

— Eu sei.

— Ah. — Não passou de um sussurro.

North cruzou os braços para proteger o pouco de dignidade que ainda lhe restava.

— Eu parei de falar com você porque era um inferno, entende? Era um inferno ouvir sobre a sua nova vida e o seu novo emprego, e eu sabia que a qualquer momento você me contaria do seu novo namorado.

— Mas nós éramos amigos. Você podia ter falado comigo. Você não me disse nada.

— Você vivia querendo que eu conversasse com a Noelle, mas eu estava com raiva dela. Foi só depois de você ir embora que eu finalmente entrei em contato com ela, então, depois que ela voltou... foi ainda pior do que se ela não tivesse voltado. Porque era tarde demais.

Havia alguma coisa errada no peito de Marigold. Seu coração estava se partindo, martelando, inchando, explodindo. Tudo ao mesmo tempo.

North arrancou a camisa que Marigold ainda apertava com toda a força, depois a vestiu e abotoou.

— O que eu quero dizer é que não posso me mudar para Atlanta porque não quero ser seu colega de apartamento. Ou seu amigo. Nunca gostei de você desse jeito. Quer dizer, é claro que gostava, mas... — Ele pegou o boné da rocha onde estivera sentado. — Sempre foi mais complicado pra mim do que pra você. Os meus sentimentos eram mais fortes.

Marigold ficou paralisada. Nunca o vira tão desamparado.

Ele enfiou o boné na cabeça.

— Você entende o que eu quero dizer?

Ela só conseguiu assentir.

— Vou voltar ao trabalho. — North se aproximou e beijou a bochecha dela de leve. — É melhor você descer pelo outro bondinho.

Marigold levou a mão à bochecha enquanto o observava desaparecer por entre as árvores. Ele não olhou para trás. Aquele beijo era a primeira vez em três meses que seus corpos se tocavam.

Seus dedos ainda tinham o cheiro dele. Isso não a fazia se sentir melhor. O beijo também não fora bom. Era como se houvesse algo se revirando dentro de sua barriga, algo que a deixava tonta e enjoada, uma compreensão tão imensa, aterrorizante e arrasadora quanto um tornado.

Tentando reunir a força necessária para se mudar, Marigold concentrara toda a sua energia em ajudar a mãe, arrumar um emprego, encontrar um apartamento, empacotar todos os pertences que já tivera na vida e dar adeus à única cidade que tivera como lar. Partir exigira determinação, e todo o resto tivera que esperar. Desde seu primeiro encontro com North, o relacionamento deles tivera um prazo de validade. Não parecera muito inteligente considerar a possibilidade de algo mais. Ou admitir qualquer sentimento em voz alta.

Marigold pensou que estava ali para resgatá-lo, mas fora bem egoísta.

Queria que North fosse morar com ela não porque queria que ele se desse bem na vida (embora quisesse), não porque precisasse de ajuda com o aluguel (embora precisasse), mas porque não aguentava passar sequer mais um dia longe dele.

Era óbvio. Era tão estupidamente óbvio.

Marigold vinha sofrendo porque estava esmagadora, perdida, completamente apaixonada por North. Como podia não saber disso até aquele momento?

North a amava. Ele a *amava*.

Marigold soltou um grito — um som estranho, estrangulado — ao se dar conta da descoberta. *Era isso que ele estava tentando dizer, não era?* Ela balançou a cabeça, livrando-se da última semente de dúvida. Pegou a bolsa e disparou pela trilha, pulando pedras e troncos caídos. O mundo se tornou mais barulhento. Pessoas falavam, brincavam, riam, gritavam. Correu pelo caminho principal, o coração quase saindo pela boca. Fez a última curva...

...no momento em que o bondinho dele sumia de vista, descendo a montanha.

O teleférico fechava às seis. O que significava que North chegaria para sua última leva de passageiros dali a noventa minutos.

Ela havia esperado o dia inteiro. Podia esperar mais um pouco.

Marigold foi até os prédios em busca de um lugar mais quente. De acordo com o termômetro ao lado da lanchonete, a temperatura não chegava a 14°C. Ela esfregou os braços,

sem saber se tremia de frio ou de medo pelo que ainda estava por vir. Não ajudou nem um pouco descobrir que seu short estava úmido e enlameado. Demorou-se no banheiro tentando limpá-lo e secá-lo com as toalhas de papel, rezando para que North não tivesse visto a sujeira quando ela estava zanzando como uma barata tonta na frente dele.

North. *North.*

Enquanto o relógio tiquetaqueava, um segundo agonizante após o outro, o nome dele ressoou por ela como uma canção. Eles sentiam a mesma coisa um pelo outro. Não era tarde demais. Não podia ser.

Foram os noventa minutos mais longos da sua vida.

Às seis em ponto, Marigold ainda estava morrendo de frio, embora o céu estivesse límpido e azul. O sol de verão só se poria em algumas horas. Os guardas haviam feito um bom trabalho ao guiar as pessoas de volta do topo, pois a área de espera estava lotada quando o *Maria* chegou. North pulou para a plataforma. Parecia exausto. Deprimido. Gesticulou para que os passageiros entrassem, e Marigold se escondeu no fim da fila, sem conseguir resistir a uma última surpresa. Sentiu um frio esperançoso na barriga.

Quando o homem alto na frente dela entrou no bondinho, North a encarou. Sua expressão se iluminou de leve antes de desabar e se tornar ainda mais triste e desalentada. Depois, transformou-se em raiva. North ergueu a palma da mão para impedi-la de entrar.

— Meu Deus. Você é mesmo a pior ouvinte do mundo.

Ele ainda se importava. Seus sentimentos por ela eram fortes. Sua reação deu coragem a ela. Marigold sorriu docemente, sabendo bem como fazer aquele último jogo.

— Por favor, me deixe entrar.

— Você está vendo esta mão oficial do governo impedindo a sua entrada?

— Mão *voluntária* do governo. E seu trabalho é me deixar entrar.

— Você está acabando comigo. — Mas desistiu, balançando a cabeça e saindo do caminho.

— E dessa vez é de propósito.

— É mesmo.

Marigold sorriu ao passar por ele.

Ele respirou fundo, preparando-se para retrucar, mas então... nada. Como se de repente estivesse aturdido. Marigold se sentou no banco mais próximo ao painel de controle. Ele fechou a porta. Ela olhou por cima do ombro e lançou outro sorriso tímido na direção dele.

North franziu a testa, mas seus olhos se iluminaram quando pegou o alto-falante.

— Senhoras e senhores, meninas e meninos. Estimados convidados e penetras insistentes.

Os outros passageiros riram.

Marigold apoiou o cotovelo nas costas do banco e ficou olhando para ele. Estava a um passo de distância. Piscou várias vezes.

Os olhos dele não deixaram os dela enquanto ele mexia nos controles, e o bondinho começou a descer.

— Em nome de todos os parques estaduais da Carolina do Norte, espero que vocês tenham aproveitado sua visita de hoje ao Monte Mitchell...

Marigold sorriu e assentiu com a cabeça.

— ...mas não a ponto de voltar tão cedo. Somos muito ocupados e temos muitos turistas a receber. O mundo está lotado de turistas. Não vamos nos lembrar de vocês, e é melhor não se

lembrarem de nós. Esqueçam que a gente existe.

Os outros passageiros continuaram a rir.

Marigold fez um biquinho contrariado bem exagerado para North.

— Eu sei. É duro. — Seu olhar malicioso tornou-se mais intenso. — É uma montanha maravilhosa, alta e imponente, e, alguns dizem, incrivelmente bonita.

Ela levou a mão à boca para abafar uma risadinha.

— As outras montanhas que vocês vão conhecer em suas futuras viagens não vão ser tão atraentes, mas... vocês tiveram sua chance. — North balançou a cabeça pesarosamente. — Escolheram descer. Não podem voltar a subir.

O restante do bondinho ainda não tinha percebido nada fora do comum, até que a voz de Marigold ressoou, em alto e bom som.

— Mas e se a gente gostar *desta* montanha? E se a gente nem conseguir visitar outras montanhas, porque ficamos caidinhos por esta aqui?

Ela sentiu vários olhares a encarando, mas não tirou os olhos de North. Sua expressão era solene — falsamente, a princípio. Depois se tornou mais sincera.

— Parece que você gosta muito desta montanha.

— Gosto mesmo.

— Entendi.

— Hoje não foi minha primeira visita. Quando fui embora da última vez, fiquei arrasada, mas não sabia por quê. Não conseguia parar de pensar na montanha. Então voltei para tentar entender o motivo.

North hesitou.

— E o que você descobriu?

— Que meus sentimentos eram mais fortes do que eu imaginava.

— Mais fortes quanto?

— Muito fortes.

— Entendi — disse North outra vez.

Alguns passageiros soltaram exclamações. Não restava uma pessoa olhando pela janela quando Marigold pôs a mão no peito.

— E agora meu coração está partido por me ver na mesma situação. Por estar indo embora. — Sua voz tornou-se suplicante. — Queria que a montanha viesse comigo, mas... até eu sei que é impossível. São necessários milhões de anos para mover uma montanha. Placas tectônicas. Terremotos violentos.

— Dinamite ajuda. — Ele se esqueceu de usar o alto-falante.

Ela deu um sorriso triste.

— Eu não tenho mais.

— Talvez você tenha usado mais do que imagina.

Cada veia no corpo de Marigold latejou quando North estendeu a mão e tocou seu cotovelo, pendurado para fora das costas do banco. Seus dedos estavam quentes.

— Além disso, não é uma montanha tão grande assim. Não chega a ser um Denali.

Marigold riu. Moveu o braço e segurou a mão de North. Apertou-a. Ele retribuiu. Os dois estavam sorrindo.

North segurou o alto-falante com a outra mão e voltou sua atenção aos passageiros.

— Senhoras e senhores, meninas e meninos, caso estejam se perguntando: sim, isso acontece em todas as descidas.

— Dá um beijo nela! — gritou alguém.

— Como podem ver escrito aqui na minha manga, sou apenas um reles voluntário. Não ganho o suficiente para entreter vocês com essas coisas.

Todos riram outra vez.

Quando North iniciou seu discurso habitual, estava deslumbrante, envolvendo os passageiros em piadas e debates. Quando passaram pelo outro bondinho, vazio a não ser pelo condutor, North tocou alegremente o sino do *Maria*. O condutor do *Elisha* fez o mesmo. Contente, Marigold ficou saboreando o carisma de North. Uma brisa suave entrou pelas janelas abertas, e a viagem de volta foi bem menos desconfortável que a de ida. Na verdade, não foi nem um pouco desconfortável.

North não soltou a sua mão antes de chegarem lá embaixo e ele precisar sair para ajudar os passageiros a desembarcarem. Muitos fizeram piadinhas ao passar por Marigold. Finalmente, North voltou para dentro. Ele tirou o boné e ajoelhou-se diante dela para olhá-la nos olhos.

— Oi.

— Oi. — As bochechas de Marigold ficaram vermelhas.

— Fico feliz que você tenha esperado o meu bondinho.

— Fico feliz que você tenha ficado feliz. Já está liberado?

— Eu vi você — disse North, ignorando a pergunta. — Logo depois de ter deixado você no topo da montanha.

Marigold inclinou a cabeça para o lado, sem entender do que ele estava falando.

— Vi o desenho que você deu ao menininho. Ele estava sentado na segunda fileira e segurava o desenho no colo. *Me* segurava. Achei que pudesse ser um sinal.

— Um bom ou um mau sinal?

— Eu não sabia.

— Você sempre foi meu personagem favorito.

Ela sorriu.

North a encarou, um início de sorriso em seus lábios.

— Estou quase pronto para ir — disse, em resposta à sua pergunta de antes. — Só preciso fazer mais uma coisa.

Marigold se inclinou na direção dele. Seu coração batia disparado, ela fechou os olhos... e então North se pôs de pé num salto, aterrissando com um *clang*. Ela abriu os olhos na hora.

Ele sorriu e ofereceu a mão outra vez.

— Você ama me provocar — disse Marigold, corando ainda mais. Mas segurou a mão dele.

Os dois saíram juntos do bondinho. Ao contrário dos dias de verão, as noites de verão eram mágicas. Os raios de sol se alongavam em uma carícia suave, as cigarras cantavam em sua orquestra de insetos e o asfalto emanava um calor preguiçoso e delicioso.

North indicou o carro dela, parado no fim do estacionamento.

— Eu encontro você daqui a pouco. Preciso passar no escritório primeiro. — A mão quente de North apertou a dela mais uma vez, bem forte e relutante, e ele entrou no prédio.

Marigold seguiu para o carro e destravou a porta. Ao abri-la, o bafo quente a atingiu como uma explosão nuclear. Abriu as janelas e fechou a porta de novo. Uma cerca de madeira

contornava o estacionamento, então Marigold preferiu se sentar ali, com os pés apoiados na madeira de baixo. O brilho do sol era como um tônico. O cheiro de madressilva e mirtilo selvagem chegava até ela carregado pela brisa. Marigold ainda não sabia o que estava prestes a acontecer, mas pelo menos já sabia por que estava ali.

Dez minutos depois, North voltou. Usava camiseta branca e calça. O short tinha desaparecido. Isso queria dizer que ele estava aceitando a calça? O novo emprego? O pânico renovado a atingiu com a mesma força que o ar quente dentro de seu carro.

North caminhou direto até ela. O estacionamento esvaziara, os dois estavam sozinhos. Seu coração estava descompassado. *Ele não quis me beijar. Não queria soltar minha mão.*

Seria o início ou o fim?

Ele parou a alguns passos de distância, percebendo o medo dela. Ou talvez também estivesse com medo.

— Tive que entregar meu uniforme. Vou sentir falta daquele short.

Marigold tentou ser firme.

— Por causa... da calça? Da promoção?

Ele balançou a cabeça. Deu um pequeno sorriso.

— Porque você... se demitiu? Você acabou de pedir demissão?

Seu sorriso aumentou. Ele assentiu.

Marigold começou a chorar. E então North disparou até ela e a abraçou. Ela ainda estava sentada na cerca, de modo que seus joelhos o acertaram bem nas costelas, mas ele apenas a apertou mais forte contra o peito. Ela ainda chorava. E ria.

— Você é mesmo um babaca — falou, a boca encostada no pescoço dele.

— Desculpe. — North também estava rindo. — Achei que fosse óbvio.

— Não era!

— Desculpe — repetiu.

— Me desculpe também.

North se afastou com cuidado para olhar nos olhos dela.

— Você não precisa pedir desculpa. Eu precisava que você viesse. Precisava mesmo que você me salvasse.

Marigold sorriu, enxugando as lágrimas. Afastou mais as pernas para abrir espaço para ele, que chegou mais perto, apoiando-se na cerca. Apoiando-se nela. Seus narizes quase se tocavam.

— É bom poder pagar minha dívida com você — respondeu ela. — Você me salvou primeiro, sabe.

North tocou suas pernas nuas, e seu sorriso se tornou malicioso.

— Sabe... essa é a primeira vez que eu vejo você de short também.

Ela riu.

— O verão cai bem em você.

Marigold suspirou, apreciando o toque dele depois de tanto tempo sem nada. Seus braços esguios envolveram os ombros largos de North.

— Também cai bem em você.

Mas quando olharam um para o outro — de perto, admirados e maravilhados —, a expressão de North aos poucos desmoronou, tornando-se vulnerável. Ela inclinou a cabeça em

uma interrogação silenciosa.

— Marigold — começou ele, a voz completamente séria —, antes que a gente continue, antes que eu me mude para morar com você, preciso dizer uma coisa. Em voz alta.

Ela assentiu. Podia ouvir as batidas do próprio coração.

— Só para o caso de não ter ficado completamente claro antes... quando eu me despedi de você lá em cima da montanha...

Ela assentiu mais uma vez.

— Eu estou apaixonado por você.

Os olhos dela se arregalaram.

— E já faz um bom tempo. Então, se isso for demais para você, se for muito...

Marigold o puxou para um beijo apaixonado, e os dois mergulharam juntos naquele contato, e jamais haviam sido tão abertos e autênticos um com o outro. As pernas dela abraçaram a cintura dele, prendendo-o. As mãos dele deslizaram até as costas dela, enfiando-se por baixo da camisa, e as dela fizeram o mesmo movimento. Estavam famintos, selvagens. Devoraram um ao outro. Seus corpos estavam suados, mas havia algo de honesto e revelador em suarem juntos.

Ela o empurrou para longe, ofegante.

— North?

— Sim? — Ele mal conseguiu pronunciar a palavra.

— Antes que a gente continue, preciso dizer uma coisa. Em voz alta.

Ele assentiu, sorrindo.

— Só para o caso de não ter ficado completamente claro antes...

Ele assentiu mais uma vez.

— Eu também estou apaixonada por você.

E então North a beijou de novo. E quando finalmente pararam — minutos, horas, dias, anos, uma vida inteira depois —, estava claro. Tudo estava claro. Finalmente estavam viajando na mesma direção.

— Para casa — disse Marigold.

Estava cheia de felicidade e luz do sol.

Entre as sempre-vivas, surgiram os primeiros vaga-lumes da noite. Piscaram à luz fraca do sol poente, um lembrete de que a luz era algo que sempre retornava.

North a ajudou a descer da cerca.

— Vamos para casa.

LEMBRANÇAS

TIM FEDERLE

Talvez eu esteja lendo Charles Dickens demais, mas hoje não parece um dia lúgubre o bastante para terminar um relacionamento, sabe?

Ah, quanto a essa história de Dickens: não foi por escolha própria. Está na nossa lista de leituras de verão para o curso que vai me ajudar a conseguir créditos universitários ainda no ensino médio, e eu quero entrar numa boa universidade, e o verão está quase acabando. Dito isso, essa coisa de terminar também não foi exatamente uma escolha minha. Mas chegou o dia de acabar: uma data combinada entre Kieth e eu. Passamos o verão inteiro esperando por esse dia como dois alegres urubus. Aliás... espere, talvez eu queira dizer abutres? É a mesma coisa? Qual é o pássaro que fica esperando a coisa morrer e parte para cima?

Se isso soou dramático, saiba que é tudo culpa do Kieth. Ele meio que me contaminou nesse verão. Kieth é ator. Ele chega ao cúmulo de soletrar o próprio nome como *Kieth*, embora tenha nascido como um velho e ordinário Keith. Não que o meu Kieth seja minimamente ordinário.

Para começo de conversa, foi ideia dele escolher o dia do nosso rompimento, por exemplo. Igual àqueles casais que esperam ansiosos por um aniversário de namoro, ou por uma viagem para acampar. Não sei direito. É tudo muito novo para mim. Kieth é meu primeiro namorado. (Já na lista de Kieth, ocupo o terceiro lugar, como ele adora lembrar.)

Cientes!

Uma mãe usando um boné de beisebol dos Pittsburgh Pirates se aproxima do meu quiosque, seguida por duas garotas com regatas idênticas azul-turquesa. São daqui mesmo, mas todos os clientes sempre são daqui. Ninguém dirige mais de sessenta quilômetros só para visitar a Sonholândia. Somos um parque de diversões extremamente regional e prestes a desmoronar, só um pouquinho melhores do que um parque itinerante.

— Boa tarde — cumprimento, fazendo o melhor para parecer tranquilo. — Posso ajudar?

Estava ali folheando meu exemplar de *Um conto de duas cidades*, me perguntando como um livro tão grande pode ser considerado um clássico.

— A gente só queria perguntar — começa a mãe (ela está prestes a perguntar onde é o banheiro) — se você sabe dizer onde é o banhei...

— Depois do toboágua, passe por baixo da placa das raspadinhas, daí vire para a direita, passando pelo gazebo, onde todo mundo fuma, mesmo sendo proibido. Não tem como errar!

E, puf!, as três sumiram. No começo do verão, eu teria tentado empurrar um chaveiro, um chapéu, qualquer coisa. Era o meu trabalho, e eu gostava de trabalhar direito. Mas quando a gente fica muito tempo no balcão de um quiosque de lembrancinhas de um parque de diversões regional, aprende que a maioria das pessoas só quer mesmo saber onde fica o banheiro. É raro

quererem uma camiseta de vinte dólares, e menos ainda um moletom de trinta dólares — e quem pode culpá-las? Por aqui, a temperatura média é infernal, e com chance de trovoadas.

Examino o céu, buscando aquele dia nublado dickensiano que não parece disposto a aparecer.

— A boa notícia — murmuro para uma gaivota — é que já consegui superar um amor antes.

Sim, eu amo Kieth. Ou acho que amo. Mas, olha, também já amei pizza — até que me tornei intolerante à lactose. Agora, mal sinto falta. Quero dizer, quase não penso em pizza.

Um bando de adolescentes passa pelo quiosque aos berros. Uma das garotas segura um balão de gás metalizado da Sonholândia, que vai flutuando atrás dela como uma pipa metálica. Abro *Um conto de duas cidades* e tento ler o mesmo parágrafo que já venho tentando ler há três dias. Talvez quatro.

Mas, então:

— Com licença... senhor?

E contra todas as expectativas, abro um sorriso.

É Kieth, entrando sorrateiramente no quiosque. Quem mais me chamaria de senhor? Senhores não têm espinhas. Senhores conseguem deixar crescer costeletas respeitáveis.

— O senhor poderia me mostrar o caminho para o Túnel do Amor?

Fecho o livro. Já sinto os olhos marejados. Tenho olhos de cães de Pavlov, e a voz de Kieth é o estímulo.

— Não temos Túnel do Amor — respondo, exatamente como no dia em que nos conhecemos.

Ele está recriando toda a cena, o modo como entrou de fininho no quiosque “atrás do Túnel do Amor”, depois de termos passado a semana inteira trocando olhares roubados no vestiário fedido dos empregados. Mesmo sob as fortes luzes fluorescentes, Kieth estava uma graça. E, ao contrário dos caras da minha aula de educação física na escola, ele realmente retribuía o olhar. Era impressionante.

— Que tipo de parque de diversões é esse, que não tem Túnel do Amor? — pergunta ele, atuando. Sempre atuando. — Quero falar com o gerente!

Kieth pousa a mão sobre meu livro, mas o afasto dele por razões secretas.

— Ha-ha. Pode parar. — Ele está com a fantasia do show. Contra o regulamento do parque. É a minha deixa. — Você não tem permissão para entrar aqui usando isso!

Só digo isso para mudar de assunto. Preciso me irritar com ele por algum motivo. Quando me irrita com Kieth, o amo menos.

Desvio o olhar para conferir a hora no celular. A próxima apresentação dele começa em dez minutos.

— Você ainda nem fez a maquiagem!

Kieth se apresenta três vezes por dia em um animado espetáculo daqui do parque. É bem ruinzinho. A Sonholândia não conseguiu os direitos de nenhuma música boa, então o show é uma mistura genérica e esquisita de várias imitações malfeitas de estilos. O medley dos anos 1950 não tem nenhum sucesso da época. O dos anos 1970 parece idêntico ao dos anos 1980. Só as perucas dão uma vaga pista histórica.

— Ai, não. — Kieth esfrega o queixo como se estivesse examinando um pêssago em busca

de amassados. — É o último dia. Vou ignorar a maquiagem para dar um descanso à pele.

Ele já tem a pele perfeita.

Cruzo os braços. Uma pequena fila se formou atrás de Kieth.

— As pessoas precisam saber onde é o banheiro — falo, gesticulando para os clientes impacientes, todos se abanando com os mapas reconhecidamente desatualizados do parque. — E você tem um espetáculo para apresentar! — Confiro a hora no celular outra vez. — Daqui a sete minutos!

Mas Kieth nem se move. Ele encosta as mãos nas minhas, fazendo-as parar de tocar a música inventada que eu estava tamborilando no balcão de vidro. Toda vez que Kieth me toca, sinto o mesmo sobressalto que senti quando ainda estava no segundo ano da escola, da vez em que fui ligar o secador de cabelo da minha mãe e acabei com o dedo preso entre o conector e a tomada.

— Na verdade, Matty, eu vim aqui com um convite para a festinha de encerramento que o elenco está organizando. Nos bastidores.

Argh. Tenho evitado os bastidores o verão inteiro. Todo aquele povo de teatro num só lugar, as vozes altas, os abraços... é demais para mim. Kieth já é suficiente. Para falar a verdade, Kieth é quase demais.

— E por que não me mandou uma mensagem de texto?

Afinal, é uma falta grave ser pego fantasiado fora do anfiteatro. Kieth poderia receber uma advertência. Não sou certinho nem nada, mas detesto quebrar regras sem necessidade.

— Ué, porque eu estava achando que você não ia gostar da ideia — explica Kieth. — Sabe como é, todo aquele povo de teatro... Então achei melhor convidar pessoalmente. Até porque gosto dessa sua carinha.

Tenho ódio de como ele me conhece tão bem. Não... na verdade, adoro isso de ele me conhecer tão bem, só odeio que o dia de hoje esteja acabando.

Entendam: amanhã, Kieth vai embora para a faculdade, e eu vou começar o último ano no ensino médio. Nós dois vamos seguir direções opostas do mapa. Não dá para pensar num rompimento mais geograficamente literal.

Ba-da-boom, ba-da-boom, ba-da-boom.

Ouvimos a gravação do instrumental genérico vindo do anfiteatro semicoberto, a uns cinco metros de distância, do outro lado do nosso projeto Maine Street com piso de pedra falsa. A rua costumava ser chamada de Main Street, mas parece que a Disneylândia abriu um processo nos anos 1990, então os proprietários só acrescentaram um *e* ao final da palavra Main — mesmo que nada naquela Maine Street lembrasse nem remotamente a região do Maine. Não tem nenhuma cabana de pescador de lagosta. Nem pescadores. Estamos na Pensilvânia. Só tem o meu quiosque, o anfiteatro e uma dúzia de “barraquinhas” com toldos de listras desbotadas, todas vendendo os mesmos doces da Sonholândia.

— E essa fila, vai andar ou não? — grita um cara com jeito de pai, esperando para falar comigo.

— Tenho que atender os clientes — falo para Kieth.

Ele solta a minha mão.

— Bem, e então? Que tal a festa de encerramento, no almoço? Você me encontra lá?

Peço que vocês, por favor, percebam que ele não consegue nem dizer “quer ir comigo”,

nem depois de cinco semanas e dois dias de, vocês sabem, namoro.

— Eu achei que a gente fosse almoçar junto — respondo. — Só nós dois. Pela última vez.

A declaração sai mais enfática do que eu pretendia, COMO QUANDO SEU MELHOR AMIGO MANDA UMA MENSAGEM TODA EM CAPS LOCK.

Buu-du-piiii, Buu-du-piiii, Buu-du-piiii.

O apito estridente e irritante tomou o lugar da música instrumental, sinalizando a contagem de três minutos para o início do show. Vários clientes em potencial deixam minha fila de uma vez só, todos me olhando de cara feia, sem nem disfarçar, saindo em busca dos banheiros. Lá se vai minha comissão.

Kieth dá uma olhada para a entrada do anfiteatro, uma parede de concreto nada acolhedora e toda pontilhada de chicletes mascados — colá-los ali era um rito de passagem da Sonholândia —, então de volta para mim.

— A gente se vê depois do show... por favor?

Nossa, vocês precisam ver esses olhinhos brilhantes dele. Kieth consegue fazer charme do nada, como se... sei lá, como se abrisse uma torneira. Uma torneira que dava vazão a um gêiser.

— Por favooooor?

Pego *Um conto de duas cidades* e uso o livro para dar uma batidinha na cabeça dele.

Kieth se inclina para a frente e me beija, coisa que não fazemos em público. Namoro entre os funcionários é contra o regulamento do parque, mas eu deixo ele me beijar. Tenho que ficar na ponta dos pés, já que ele é mais alto do que eu. E se eu nunca mais conhecer outro cara dessa altura perfeita para beijar, uma diferença de onze centímetros e meio, se eu estiver com meu par favorito de tênis Converse brancos (que tecnicamente não me serve mais, mas ostenta um nível ideal de uso e sujeira)?

Nosso primeiro beijo foi sob uma lua turva, com mosquitos zumbindo ao meu redor como um halo. Todos os meus sentidos entraram em pane. Senti o perfume da colônia que ele usa para disfarçar o cheiro de suor e o sabor de seu chiclete, vi suas pálpebras tremulando. Não fechei os olhos, porque... E se aquilo — o momento mais tórrido e mais feliz da minha vida — fosse um sonho? Quando ele se afastou para respirar e disse “Nossa, Matty, você beija mesmo muito bem”, eu ainda achava que podia ser um sonho.

Mas hoje...

— Não chore!

E isso é tudo o que ele diz, quando se afasta do beijo público e olha para o meu rosto.

Ele sempre implica comigo (de um jeito doce, eu acho?) por ser muito emotivo. Mas, a essa altura, Kieth já aprendeu que depois que começo a chorar é melhor se afastar — ou arranjar um snorkel.

— Pelo menos espere até estarmos no estacionamento!

É lá que sempre nos despedimos. Toda noite. Uma tradição.

— Está bem — falo. — Veja só... pronto! Não estou chorando.

Mas ele não está realmente ouvindo. Já está entrando no “modo atuação”, e tenho que respeitar isso. Adoro um trabalho bem-feito.

— Fui, gracinha — grita ele, saindo às pressas só um minuto antes de ter que entrar no palco.

E enquanto olho aquela bundinha absurdamente lindinha se afastar na calça de poliéster preto, tenho uma revelação, por mais estranha que possa parecer: talvez eu sinta falta de comer pizza. Muita falta. E, para falar a verdade, talvez eu nunca tenha parado de pensar em pizza desde quando tive que parar de comer pizza, quando o alergista disse que eu tinha predisposição a ser extremamente sensível à lactose.

Tem alguma coisa estranha ocorrendo na Sonholândia hoje. Nenhum parque temático é um epicentro de responsabilidade cívica, mas, mesmo com nossos padrões meio frouxos, sinto um clima de descontrole no ar.

Adultos se escondem atrás das esculturas de plantas já com as formas indistintas de tão crescidas (aquilo é um hipopótamo? Ou seria um dragão?) e saem correndo para atacar os amigos, encharcando-os com pistolas de água. Um grupo de skatistas desce a calçada da Maine Street a toda, formando um V. É a segunda vez que vejo o gerente de uma das barraquinhas de doces correr atrás de garotos com mercadoria roubada, os bolsos estufados como bochechas de esquilos cheias de nozes.

Mês passado, Kieth foi àquela barraquinha e comprou para mim um daqueles doces horrorosos e enormes em forma de boca. Na etiqueta de preço, escreveu “Ah, seus beijos são mais doces” com um marcador roxo.

Do outro lado do pátio, no anfiteatro, o show de trinta e cinco minutos está bem no meio, no auge de uma apresentação de uma banda de doo-wop só de garotas. Kieth só estará de volta ao palco daqui a quarenta e cinco segundos, então reabro o livro preguiçosamente e...

Sinceramente, quem eu quero enganar? Não vou conseguir digerir uma só palavra desse negócio. Não hoje, pelo menos.

Então tiro os óculos escuros e pego o marcador de livros — que não é um marcador de livros coisa nenhuma, e sim uma lista ultrassecreta que venho fazendo aos poucos. Uma lista de tudo relacionado a Kieth que me irrita. Acredito que vai ser mais fácil deixar esse romance no passado se eu tiver algo para me lembrar de como ele me perturba no presente.

Coisa número um: ele sempre parece estar esperando eu terminar de falar. Tipo, seus olhos ficam meio sem foco quando estou contando alguma coisa. Kieth parece uma criança na Terra das Crianças (a parte mais infantil do parque) esperando a vez de andar em um dos brinquedos. Só que o negócio com as crianças da Terra das Crianças — e eu sei bem disso, trabalhei lá como operador de brinquedos, no verão passado, ganhando três dólares a menos por hora — é que elas são péssimas em esperar a própria vez. E Kieth também.

Estreito os olhos contra o sol e me volto na direção do palco de Kieth. As garotas estão tomando todo tipo de liberdade vocal bizarra no medley de hoje, fazendo a música soar totalmente contemporânea. Estão agindo assim porque esse é o último dia do parque. Noite passada, enquanto me preparava para o que estava por vir, Kieth chamou isso de “Dia da palhaçada”.

— O que eles vão fazer, nos demitir? Ninguém vai voltar a trabalhar nessa espelunca mesmo.

Aliás, ele disse tudo isso, mas esqueceu que este aqui que vos fala está trabalhando no

parque pela segunda vez seguida. Kieth sempre esquece tudo.

Mordo a língua sem querer e encaro a dolorosa frustração como um sinal para continuar revisando a lista.

Coisa número dois: Kieth às vezes não dá muita importância aos meus sentimentos. Ele tem aquela mania de ator, fica com as sobrancelhas permanentemente erguidas, julgando tudo o que vê pela frente. A companhia inebriante de Kieth pode ser divertida — não conheço ninguém mais engraçado e sagaz. Mas, como diria minha mãe: “Há uma linha tênue entre o charme e a manipulação.”

Ah, minha mãe: uma enfermeira, uma alma verdadeiramente boa. Tipo, ela usava um daqueles adesivos de COEXIST no para-choque, com símbolos de todas as religiões, antes de virar modinha. A única pessoa melhorzinha é meu pai, a quem meus amigos se referiam como “aquele vegetariano estranhamente musculoso”. Meus pais são tão bonzinhos que, quando levei Kieth para jantar em casa, cerca de duas semanas atrás, meu pai tentou abrir a conversa com três assuntos neutros diferentes — o tempo, o sistema de transporte público instável daqui de Pittsburgh e “E seus pais, Kieth, o que eles fazem?” — antes de desistir, já que Kieth gosta de ficar no controle absoluto da conversa. (Kieth quis conversar sobre religião, já que tem orgulho de ter deixado a igreja católica há pouco tempo. Minha mãe se levantou três vezes durante o jantar — para pegar sal, para pegar pimenta e para pegar outro tipo de sal.)

Coisa número três: Kieth nunca usa a palavra “amor”.

Mas eu uso. Meus avós eram todos hippies. Amor é a moeda corrente da minha família. Gastamos amor como se fosse dinheiro, como se fôssemos as pessoas mais ricas do mundo.

Coisa número quatro: ele nunca pergunta sobre meu trabalho! Talvez Kieth ache meu trabalho desinteressante, mas eu discordo. Veja bem, eu sou pago para vender camisetas e garrafas de plástico — e já vendi mais do que qualquer outro quiosque no parque por cinco semanas seguidas, muito obrigado —, mas resolvi que meus patrões na verdade estão financiando meu futuro como cientista social. Um pesquisador na área de humanas. Um primatologista de Pittsburgh.

Entenda: para um estudioso de estranhos amador, a Sonholândia oferece quatro categorias diferentes de clientes: (1) casais mais velhos, já cansados um do outro; (2) casais de adolescentes completamente apaixonados; (3) grupos grandes com blusas iguais em tons de néon, andando pelo parque com um ar de dever cumprido que Colombo provavelmente reservou para o momento em que descobriu a América; e (4) delinquentes.

Um clássico número 4 está se aproximando do meu quiosque, o que me deixa tenso. Está quase na hora de Kieth voltar a se apresentar, e adoro o modo como ele se remexe pelo palco em seu traje espacial durante o medley “O futuro e além”. Não quero perder. Nunca perco, mesmo tendo que entortar ligeiramente o pescoço para ter uma vista bem ruim do palco.

— E aí, Matthew? — cumprimenta o garoto.

Nossa, que rebelde. Está lendo o nome no meu crachá, me chamando de “Matthew” para fazer os amigos rirem. Por favor, entendam: se você encontrar qualquer funcionário que precise usar um crachá com o nome — seja em uma mercearia ou em um parque de diversões —, saiba que ele odeia quando se dirigem a ele pelo nome. Fica a dica.

— Quanto custam as bombinhas?

Finjo coçar o ombro.

— Não vendemos bombinhas. Quer uma camiseta?

Como se esse mané tivesse como comprar uma camiseta de vinte dólares.

Dou uma olhada rápida no palco do anfiteatro — na verdade, em Kieth, em seu incrível movimento de saltar com as pernas abertas no ar, coisa que só posso descrever como “de tirar o fôlego” —, e todos os itens do meu marcador de livros são declarados obsoletos.

Quer dizer, reparem só no jeito como o rostinho dele se ilumina com o movimento... Meu namorado é muito fofo — e isso diz alguma coisa a meu respeito, certo? Só de eu conseguir atrair um namorado tão comprovadamente fofo, mesmo com minha pele imprevisível e meus pés estranhamente grandes, mesmo adiando as leituras de verão até a última semana de férias... Isso deve contar como alguma coisa boa a meu respeito.

— Jura, Matthew? — comenta o número quatro, diante do balcão. — Porque eu poderia jurar que vi umas bombinhas ali atrás.

Estou dentro do que poderia ser chamado de “torpor de Kieth”, de forma que, quando o amigo delinquente do garoto delinquente joga o corpo para a frente e grita “Bum!” bem na minha cara, solto um gritinho. (Soltar gritinhos é uma das minhas maiores especialidades, logo depois de desenvolver erupções cutâneas sem qualquer razão aparente.)

A gangue da bombinha vai se afastando, toda faceira, se cumprimentando com um high-five, até desaparecer dentro de um emaranhado de cordas que sobraram da entrada de um antigo e perigoso brinquedo de piratas.

— Delinquentes — resmungo, como se tivesse noventa anos.

Queria ter uma bengala para sacudir para eles.

Pelo menos ainda tenho tempo para ver a melhor/pior parte do show. No fim da apresentação solo, Kieth, em seu traje espacial, pula para a plateia, escolhe um estranho para levar para o palco e pergunta o nome da pessoa. E faz uma cena e tanto. Em nove de cada dez vezes, o estranho fica entre mortificado e risonho, exposto em um palco, ao sol, sendo forçado a se remexer com Kieth.

Não sei, às vezes acho que ele escolhe a pessoa que parece mais constrangida, só para ficar melhor na cena.

Mesmo assim, preciso dar o braço a torcer. Hoje, Kieth está particularmente incrível.

Quer uma boa razão? Quer que eu diga uma coisa sobre Kieth que sempre me deixa querendo mais, mesmo que ele nunca tenha perguntado sobre meu trabalho e pareça fisicamente incapaz de dizer a palavra amor?

Ele ri das minhas piadas decididamente péssimas, é isso.

Ah, e tem mais: teve uma noite de junho, quando estava estranhamente frio, ele me emprestou uma jaqueta jeans para usar no estacionamento, e o colarinho cheirava à pomada para cabelos que ele usa, da Aveda. Levei a jaqueta para casa e ainda não devolvi. (Até aquela noite, eu sempre odiei homem de jaquetas jeans.)

E também: na terceira vez em que nos beijamos, no meu carro, esqueci que estava com o aparelho móvel, e ele não se afastou com nojinho. Ele se afastou e disse: “Que engraçado!” E quando eu respondi: “Não, isso é típico de mim”, ele me interrompeu e falou: “Ainda assim

acho que você beija muito bem.”

Kieth tinha acabado de sair de um relacionamento, logo no começo do verão, e planejava ficar solteiro durante todo o tempo trabalhando no parque. Mas, segundo minhas fontes, logo no primeiro dia ele passou por mim no quiosque, a caminho do ensaio, e comentou com sua colega de trabalho:

— Se aquele garoto for gay, não respondo por mim.

Ninguém nunca tinha me considerado “encrenca”. A quem estou tentando enganar? Ninguém também nunca tinha me considerado “aquele garoto”.

Mas a razão número um por que aceitei namorar Kieth nesse verão é: ele não me deixa falar mal de mim mesmo. Nunca.

Mesmo quando estou com meus supostos amigos na escola, sou sempre o alvo mais fácil — sou o desenho do burrinho, mas nesse jogo ninguém usa vendas e todo mundo tem uma cauda para espetar, menos eu. Mas, se por acaso solto um dos meus velhos “Argh, como fiquei estranho nessa foto” ou começo com alguma gracinha autodepreciativa tipo “Ai, tenho o pior senso de direção do mundo” quando estou com Kieth, ele sempre me faz parar e pergunta: “Por que você não se dá crédito por todas as coisas em que é incrível, Matty?”

Kieth nunca me disse exatamente o que são todas essas coisas em que eu sou incrível, mas é bom saber que ele também tem uma lista. Entende?

— Quero ouvir vocês aplaudindo beeeeeeeeem alto nossos cantores e dançarinos do espetáculo “A música através das eras!”.

Ah, cara. O show acabou, e a plateia está saindo. O que significa que é hora do almoço. Ou seja: hora daquela festa idiota do elenco.

Guardo *Um conto de duas cidades* no esconderijo atrás do balcão e fico encarando a porta dos bastidores de Kieth, do outro lado do pátio retorcido pela umidade. Faço uma pequena prece. Mas a questão é: sou péssimo em rezar.

Fui criado como budista.

Então, é a melhor festa a que já fui — e a pior.

Realmente, tem meu refrigerante diet favorito e uma variedade respeitável de cookies. Mas também tem um monte de gente nova com quem eu supostamente tenho que conversar.

Ora, você deve estar pensando. Você trabalha vendendo camisetas. Deve passar o dia conversando amenidades. Mas não é bem assim. Sempre posso me esconder atrás do objetivo de vender. Ali, na festa, sinto como se tivesse que me vender. (Ainda não conheço o produto muito bem para fazer uma propaganda realmente boa.)

Além disso, o ar cheira a chulé e a fast-food. Os tijolos de concreto dão ao lugar um aspecto bastante teatral de cadeia de segurança mínima. E por que pintaram de preto os bastidores do teatro a céu aberto? Não conheço essas regras.

— Quer mais soda? — pergunta Kieth.

Estou bebendo duas vezes mais rápido que o normal, em vez de participar dessa conversa fiada — coisa que odeio.

— Não tomo *soda* — retruco —, mas com certeza aceito outro *refrigerante*.

Estou obcecado com as diferenças nos dialetos regionais. Kieth é de Delaware. Ele chama elástico de “borracha”. E refrigerante de “soda”.

E *me* chama de Matt — não de Matty, como sempre —, quando me diz que estou “indo muito bem, Matt”. Como se eu nunca tivesse ido a uma festa. Mas quanto mais fico aqui parado — o único introvertido do lugar, e ainda por cima dançando muito mal (sou incapaz de dançar. Sempre acham que estou de sacanagem quando me veem tentar) —, mais percebo que Kieth não vai me apresentar a ninguém. E isso me deixa bem chateado.

Mantivemos o relacionamento em segredo durante todo o verão — era uma coisa meio Romeu e Romeu, assim não arranjávamos problemas com a chefia. No começo era meio clandestino, até mesmo sexy, a gente sempre se encontrava no último cubículo do banheiro embaixo do Labirinto dos Monstros para se agarrar. Para dar risada quando não conseguíamos abrir os botões dos shorts jeans depressa o bastante. Mas agora, me vendo aqui, parado como um fantasma, sem ninguém me notar... lembrando que Kieth e eu quase nunca saímos juntos, e nunca fora do trabalho. É aí que percebo que Romeu e Julieta têm um fim bem trágico.

(Tive que ler para o verão, no ano passado.)

— Ei, pessoal! — grita uma menina com brincos de argola e cílios postiços.

Ela gesticula para pararem a música, leva a mão fechada aos lábios e solta um fraco tã-tã-rã-tã, querendo imitar um trompete.

Kieth pede silêncio ao elenco.

— Está na hora dos prêmios de fim de verão! — anuncia ela, e revela uma grossa pilha de papéis coloridos atrás das costas.

O pessoal aplaude.

AimeuDeus. Saio em busca de mais gelo para a bebida, só para ter o que fazer.

— Muito bem, todo mundo votou — continua a garota, do alto de um sofá marrom caindo aos pedaços. — E o primeiro prêmio, alguns diriam o prêmio mais importante de todos: Quem Tem Mais Chance de ser o Primeiro a Trabalhar na Broadway. Bem, o prêmio obviamente vai para...

— Ei, espere! — grita o único cara hétero (de acordo com Kieth). — Que rufem os tambores!

E os tambores rufam: todo aquele grupo de artistas começa a bater nas coxas em uníssono, produzindo aquele ruído rimbombante que chega a fazer uma lâmpada piscar.

Fico ali, atordoado, tentando pensar naquilo como uma pesquisa de graça sobre a humanidade. Como se eu tivesse descoberto uma tribo inca em que o chefe se comunica com os outros de forma mais estridente do que o necessário.

— Por unanimidade, o prêmio de Quem Tem Mais Chance de ser o Primeiro a Trabalhar na Broadway vai para... a Erica!

Erica — pelo menos imagino que seja ela — começa o que só pode ser descrito como uma apresentação de dança, rodopiando pelo chão gasto, quase derrubando um aspirador de pó estranhamente fora de seu ambiente e agarrando a placa com letras impressas dizendo Quem Tem Mais Chance... como uma bolsa de estudos para a Julliard.

Só eu aplaudo, sem perceber que esperam um discurso de Erica. É por isso que eu preciso ficar na minha e confiar nos meus instintos introvertidos de nunca, jamais, me envolver.

— Assim que cheguei no parque, nesse verão... — começa Erica.

E, em instantes, ela cai no choro. A verdade é que todo mundo meio que está chorando, exceto eu e Kieth. Ele coloca a mão na minha bunda negativa e se inclina para a frente.

— Você está se revelando muito companheiro — diz.

— Estou mesmo.

E, quando ele aperta minha bunda negativa: Tã-nan! Se eu tivesse que escolher um superpoder agora mesmo, seria o de parar o tempo para sempre.

Que se dane essa coisa de invisibilidade.

Erica fica falando histericamente por cerca de mil anos (chega até ao ponto de agradecer “a Deus e à liberdade”, e sem ironia nenhuma), então avançamos para os prêmios engraçadinhos. A hora do almoço vai passando diante dos meus olhos, meu estômago se revirando com o cheiro e a visão da pilha de pizzas proibidas, que ninguém parece tocar.

E aposto que nenhum deles sequer tem intolerância à lactose.

Não sei como, mas uma garota de camiseta preta rasgada e walkie-talkie na mão surge entre nós. É a única pessoa usando ainda menos maquiagem do que eu ou Kieth.

— Dez minutos para o próximo show, cambada — anuncia ela. — Então vamos acabar com essa choradeira.

Seguindo a deixa, Kieth lhe entrega o prêmio de Gerente de Palco Mais Irritante, tirando a placa de dentro da bolsa. Imagino que ele seja parte do... comitê de premiação? Eu me pergunto quanto ainda não sei sobre Kieth.

Quando pedem que a garota do walkie-talkie faça algum comentário a respeito do prêmio, ela diz:

— Não me pagam o bastante para servir de babá de vocês, mas adoro cada um aqui. E é melhor manterem contato comigo, ou vou matar todo mundo.

Até ela fica um pouco chorosa, então sai, batendo a porta de metal que dá para o palco atrás de si. Já estamos nos dois últimos prêmios quando o aparelho de ar-condicionado (já meio quebrado) desliga sozinho com um clique.

Sinceramente: eu deveria me surpreender? Kieth recebe o prêmio de Mais Galanteador. Quando é a vez dele de fazer discurso, o que sai é:

— É verdade, é verdade, podem me processar. Gosto de trocar olhares. — Ele abre a bolsa e procura alguma coisa lá dentro. — Mas só um cara roubou meu coração neste verão...

Ele olha bem para mim. Fico debatendo internamente se seria o momento de dar um passo à frente e deixar que me vejam, ou se o melhor é dar um passo atrás e deixar os holofotes para Kieth. Então não faço nada.

Já mencionei que larguei o clube de debates da escola porque sou lerdo demais para argumentar?

— Mas, ahn — continua Kieth, gaguejando e deixando a bolsa cair no chão —, o nome será mantido em sigilo, para proteger o culpado.

Todos meio que soltam uns aaahhs decepcionados, mas então passamos para o prêmio de Mais Galanteadora — outra categoria em que Erica ganha.

Eu olharia pela janela, para checar aquelas nuvens de tempestade, mas o camarim não tem janelas.

A questão é que Kieth sabe que odeio ser o centro das atenções, mas mesmo assim poderia ter dito meu nome, entende? Sei que meus sentimentos são meio contraditórios, podem me

processar se quiserem. Historicamente, sou sempre o último a ser chamado. Quer dizer, a droga do meu sobrenome começa com V. Não sou alto nem baixo. Sou notoriamente mediano nos esportes, nas artes, nos estudos. Sou um Matt-para-toda-obra, uma nota média ambulante. Mas hoje, durante essa festinha idiota nos bastidores, tenho uma última chance de ser declarado. Pelo menos neste verão.

— Belo prêmio — consigo dizer, quando Kieth se aproxima e toma o último gole do meu refrigerante.

— Um prêmio idiota — retruca ele, e se aproxima para beijar meu rosto bem no instante em que espirro.

Depois de me recuperar (porque acaba sendo uma série de quatro espirros... eu sou mesmo irresistível), Kieth me segura pelo quadril e me puxa para a frente, então continua:

— Você esqueceu o remédio para a alergia de novo, rapazinho? — Como se fosse minha mãe, ou coisa parecida.

Só que... eu realmente esqueci. E adoro o fato de ele estar preocupado. É tão bom ser objeto de preocupação. Essa talvez seja a melhor coisa de estar em um relacionamento: poder compartilhar o fardo de estar vivo.

— Meu remédio para alergia me deixa muito agitado — digo, afastando os olhos e concentrando minhas forças em não espirrar nele. — Vou sobreviver.

Toca uma campainha, e as luzes acima começam a acender e apagar, acender e apagar, acender. O ar zumba por um segundo — aquele zumbido de lâmpada fluorescente —, e chega a hora de o elenco recolocar as perucas e se preparar para o próximo show. A festa acabou.

A pizza continua intocada.

Pego um punhado de Pringles e me reabasteço de refrigerante, mas não tem mais gelo. Começo a pensar numa metáfora para isso quando Kieth diz:

— Você sabe que eu saio flertando com todo mundo, né? — Ele vai me levando para a porta do palco. Imagino que tenha percebido que não é só minha alergia em ação. — Com garotos, garotas. Não é nada pessoal.

— Talvez não seja pessoal para você.

— Mat...

— Não tem problema. Claro que eu sei que você flerta com todo mundo. — Saio para o concreto fumegante. — Você é do teatro.

Nossa, se eu achava que lá dentro estava quente, então estava errado: o sol está determinado a ganhar a aposta de que consegue me mandar para o último ano do ensino médio com uma queimadura.

— Ei. — Kieth segura meu ombro e dá uma sacudida. — Pelo menos nunca teremos que nos tornar aquilo. — Ele aponta para a calçada de concreto, logo depois das árvores falsas cujas folhas de vinil cintilam com a umidade. — Entende?

Eu entendo, porque nós dois os vimos ao mesmo tempo: um caso clássico do número um. O casal de meia-idade caminha lado a lado, mas fora do ritmo, parecendo ao mesmo tempo morrendo de calor e completamente... fartos um do outro.

— É, acho que sim — respondo, em voz baixa.

Devo admitir que Kieth foi totalmente honesto sobre não querer que fôssemos vistos como casal. Ou como nada. Isso é tudo minha culpa.

Quando mal fazia uma semana que estávamos namorando, ele se virou para mim e perguntou, mas sem muito tom de pergunta: “Será que podemos simplesmente não nos rotular, neste verão? Podemos só nos divertir?”

Dias mais tarde, quando ele mencionou que seria supermaduro determinar o dia do término com antecedência, para nos poupar “do constrangimento” de um último adeus grandioso, meu coração se elevou. Um rompimento pelo menos sinalizava um fim para algo real.

Quase espirro de novo.

— Preciso ir — digo, afastando a mão de Kieth do meu ombro. — Tem um monte de números três se aglomerando do lado de fora do quiosque.

Uma multidão ao redor, e, ainda assim, a solidão.

Leio de novo: “Uma multidão ao redor, e, ainda assim, a solidão.” É uma citação do meu livro, sublinhada e circulada com caneta azul-clara. Não fui eu que sublinhei e circulei. Já veio marcada, comprei o livro em um sebo — paguei cinquenta centavos. *Um conto de duas cidades* deve ter sido leitura obrigatória de verão de outro aluno da turma de colocação avançada, e o professor deve ter mandado marcar os trechos mais importantes. Fico me perguntando se tenho bons professores. Porque os meus não mandam a gente fazer isso.

Sempre deixo o livro de lado para parecer atencioso quando passa algum grupo pelo meu quiosque. Mas hoje ninguém para. A maioria passa direto por mim e só dá um tapinha na placa pendurada que diz “Comida de Pirata” indicando o caminho para as iguarias clássicas dos parques itinerantes.

Uma multidão ao redor, e, ainda assim, a solidão.

Então, quando abaixo a cabeça de novo, encaro o desafio de mergulhar na leitura e seguir com a prosa. Por mais de duas frases. Sem conferir o celular. Por incrível que pareça, funciona — fico encantado por uma série de parágrafos de Dickens que na verdade são curtos e, acredite ou não, fáceis de ler. Alguns são até meio engraçados. E sou pego de surpresa — sou todo sinônimos para estupefato — quando sinto um hálito quente exalar no meu rosto, seguido pelo aroma que é a marca registrada de Kieth: chiclete de hortelã.

— O que você está fazendo? — pergunto.

Mas ele já está erguendo a abertura do balcão de madeira e agarrando minha mão. O show já está quase no fim, e Kieth está usando a fantasia de traje espacial. Eu sei o que ele está fazendo.

— Vamos! — diz Kieth, eufórico, quase violento de tão determinado.

Faço corpo mole, mas Kieth é forte — uma qualidade que sempre achei extremamente excitante até aquele exato momento — e consegue me arrastar pelo chão irregular do pátio da Maine Street, passando pela parede cheia de chicletes, descendo pela plateia do anfiteatro.

Sou o único cara que Kieth escolheu para dançar o solo com ele durante todo o verão.

Eu me dou conta disso enquanto passamos depressa por fileiras e mais fileiras de garotas, todas sentadas nas arquibancadas sob o teto de tenda de circo listrada, o tecido bem fino. A música é muito mais alta lá dentro.

Fui o único cara escolhido em todo o verão, e estou imerso em uma névoa de pânico.

— É só se soltar! — diz Kieth, assim que chegamos à beira do palco.

No mesmo instante todo o elenco gesticula para que eu me junte a eles lá em cima, e o público (de no máximo vinte pessoas) deixa escapar uma salva de palmas sem vontade.

Nunca “me solto”. Estudo nos fins de semana para provas que só vão acontecer na quarta-feira seguinte. Planejo as refeições da semana com minha mãe (em uma planilha). Tiro meio milhão de selfies antes de postar a foto em que pareço mais tranquilo. E, mesmo assim, quase sempre deleteo.

Só que, não sei como, me vejo parado no meio do palco, em cima de uma plataforma meio bamba, que parece muito menos sólida do que quando a vejo do quiosque. E com o brilho dos lábios de Kieth sob as luzes, e seus olhos carregados com a agitação típica do show, e as guitarras nos transportam para outra dimensão... Não sei. Fecho os olhos e meio que mexo o corpo para cima e para baixo, e realmente tento me deixar levar.

Finja que é seu casamento. Entoo esse mantra. Finja que ele é seu marido. Como se eu estivesse me casando com um astronauta, e essa fosse nossa primeira dança.

Só que, quando abro os olhos de novo, abalado com o impacto das gargalhadas exageradas da plateia, meu astronauta não está sequer dançando comigo. Kieth está bem para o lado. Tem um sorriso diferente no rosto, meio presunçoso — ou quem sabe cheio de si. Ele nunca deixa as pessoas dançarem sozinhas — na verdade, até se empenha mais quando tem competição no palco. Quando me volto para a plateia, vejo aquele grupo de números quatro, aqueles delinquentes de antes. São eles que estão rindo. Muito. E apontando. Estou tão suado e desorientado que, sinceramente, não sei se estou fazendo piada ou se sou a piada.

Eu me viro de costas e, instintivamente, levo a mão à braguilha do short. Mas, antes de eu conseguir checar se o zíper está aberto, Kieth me vira de volta para a plateia. E, quando ele leva o microfone à minha boca, sou atingido pelo constrangimento, pela confusão em relação a... bem, a tudo. É como um pássaro batendo contra o vidro de uma janela. Depois de ele não ter me apresentado ao elenco, mais cedo, nem me convidado uma vez sequer para ir ao cinema com eles neste verão — e agora ainda por cima estar me fazendo tropeçar por ali na frente de todos, e sozinho, como um chimpanzé de Hollywood! Com o zíper aberto ou não, me sinto completamente exposto.

— E qual é o seu nome, senhor? — pergunta Kieth, a voz ampliada pelos alto-falantes.

— Você sabe a droga do meu nome — respondo, afastando o microfone com força, me recusando a me curvar naquele agradecimento obrigatório ao público.

Desço do palco e subo correndo pelos corredores do anfiteatro em direção à saída, dois degraus de cada vez. Mas paro lá no alto e me agacho para ficar cara a cara com aqueles delinquentes que queriam bombinhas. E, dessa vez, eu é que grito: “Bum!” Eles param de rir.

“*Isso foi péssimo*”, mando para Kieth por mensagem de texto, menos de cinco segundos mais tarde, enquanto vou meio correndo, meio mancando, até o quiosque. Baixo a placa de FECHADO e me escondo. E fico furioso.

Quando fico furioso com Kieth, eu o amo menos.

Depois de três tentativas, minha mãe atende o telefone.

— Oi, querido. Tudo bem?

— Mais ou menos.

Mas minha voz já está me traindo. Isso sempre acontece: minha voz chora antes dos olhos. É um saco.

— Ah, meu amor, o que aconteceu? Tudo bem?

A música de encerramento do anfiteatro toca tão alto que o chão treme sob meus tênis. Dou meia-volta e sigo em direção a Kiddie Land, toda em tons pastel, onde pelo menos não serei a única pessoa chorando. (Nenhuma criancinha sai de lá sem pelo menos uma crise de choro. É muito menos estressante trabalhar na barraca de lembrancinhas.)

— Não quero falar sobre o assunto. Quer dizer, tecnicamente eu não me machuquei nem nada do tipo. A não ser por... você sabe.

— É o dia do rompimento — completa minha mãe.

Já falei que ela é maravilhosa?

— Espere, você está no meio do turno? — pergunto, de repente me dando conta de que ela poderia estar se preparando para algum procedimento.

— Sim, mas é bom fazer uma pausa. Hoje é o dia dos acidentes de carro, eles não param de chegar.

Chego a um quiosque que ficou fechado o verão todo, já que a máquina de algodão-doce quebrou. Quando uma máquina quebra aqui na Sonholândia, ela não é consertada. Só fica ali, parada, exposta, enferrujando, virando uma espécie de monumento de si mesma.

— Mãe... você acha que eu algum dia vou... sei lá, conhecer alguém realmente incrível?

Sei que ela não pode prever o futuro, mas às vezes é bom dar uma dica do que você quer que sua mãe diga.

— Mas é claro! Você é tão bonito e inteligente! E tão jovem!

— Você só diz isso porque é minha mãe.

— Bem, sim, mas é verdade. Sei que não posso provar, mas é verdade.

No relativo silêncio atrás do quiosque de algodão-doce abandonado, ouço os bipes contínuos e as rodas rangendo no hospital onde minha mãe trabalha. Sinto algum conforto por saber que a opinião dela a meu respeito vem de sua formação técnica um pouco mais objetiva. Acho que ela teve que assinar algum tipo de juramento como enfermeira, declarando que jamais mentiria para um paciente.

— Meu bem — chama ela, depois que mergulho o traseiro, sentando no meio-fio.

Acho que já dá para dizer que comecei a chorar para valer.

— Oi — consigo dizer.

— Como posso fazer você se sentir melhor?

— Talvez você possa me ouvir chorar por mais uns dez segundos, e depois me mandar virar homem.

E é o que ela faz. Minha mãe me escuta chorar por dez segundos, talvez vinte, talvez até mesmo um minuto, então me chama de novo:

— Meu bem?

— Oi? Vai dizer que é hora de eu virar homem?

— Não. Acho que ser homem é demonstrar suas emoções. Isso realmente vai ser bom para você, pense a longo...

— Sabe, o problema... — começo, mas quase engasgo. Transformo o engasgo em uma gargalhada, para não assustar minha mãe. — O problema é que eu nem mesmo acho que Kieth seja a pessoa certa para mim. Só estou, sei lá, chateado por tudo.

— Ele realmente não é o rapaz mais gentil do mundo — comenta minha mãe. — Não mesmo.

É tão raro ouvi-la julgando alguém, não importa quem seja, que saboreio aquela declaração, absorvendo o que ela fala, mais ou menos como algum outro cara talvez saboreasse os últimos quinze minutos de um jogo de futebol.

E, ainda assim, continuo chorando loucamente.

Ergo o olhar e vejo um garoto de mãos dadas com o pai. O menino tem oito anos, talvez nove — eu com essa idade com certeza não sairia de mãos dadas com meu pai em público. (Papai e eu somos próximos, mas nossa especialidade não é o afeto, é o respeito.) Na outra mão, o menino se esforça para segurar ao mesmo tempo um balão de hélio da Sonholândia e um sorvete de casquinha enorme. São três bolas, minha gente. É demais. Ele é só um garoto, não é ninja nem mágico. O sorvete cai da casquinha, e o pai salta para a frente tal e qual um super-herói de bermuda cáqui e quase consegue pegar, mas não pega. O sorvete cai no chão praticamente em câmera lenta, nesse calor, e se espalha, formando uma poça de um verde feio no asfalto.

Meu pai teria pegado.

— Matty, meu amor — chama minha mãe. — Ouviu o que eu disse? Eu não deveria ter dito que Kieth não é muito legal? — Bipes, rangidos soam ao fundo, tem tanta coisa acontecendo do outro lado da linha. — Quer simplesmente chorar mais um pouquinho?

Fico esperando, aguardando o momento em que o garoto, agora só com a casquinha vazia nas mãos, se derrame em lágrimas. Mas ele não chora. O menino inclina a cabeça, meio surpreso, para a poça no chão, como se estivesse olhando a transformação de uma lagarta em borboleta. Então ele olha para o pai e pergunta:

— Podemos comprar outro?

E o pai responde:

— É claro que sim.

Aí percebo que é hora de parar de chorar.

O céu já está todo em tons de roxo — ele nunca fica completamente escuro nessa parte de Pittsburgh, nem mesmo às onze e quinze da noite. O cricrilar dos grilos e o canto das cigarras enchem o ar de pulsações sônicas. Eu queria já estar em casa a esta hora. Queria ter saído cedo e bloqueado o número de Kieth, para não receber nenhuma mensagem dele. Estacionar na frente de casa e descobrir que o turno da minha mãe tinha terminado às nove. E ficar torcendo para que ela tivesse se lembrado de fazer bolinhos de milho fritos, a coisa que eu mais gosto de comer quando estou me sentindo um lixo. É literalmente a comida mais gordurosa que eu conheço. A gordura absorve os sentimentos.

Mas eu simplesmente não consegui.

— Ah, você está vivo — comenta Kieth, quando me encontra no estacionamento, sentado

no capô do Honda enferrujado do meu pai, tentando terminar mais um capítulo de Dickens. Parecia uma boa pose para ser encontrado: descolado, mas distante. Só que agora não sei mais.

— Estou.

Dobro e desdobro a jaqueta jeans de Kieth no meu colo. Já havia anotado na agenda para devolvê-la hoje, tinha até pedido a minha mãe que a lavasse primeiro. Consegui cumprir a primeira parte, mas não coloquei a jaqueta para lavar. Acho que eu queria sentir o cheirinho dele uma última vez no caminho para o trabalho.

— Você sumiu — continua ele. — E agora o dia acabou.

Kieth é mais velho do que eu, mas está parecendo uma criança.

— Por que você me arrastou para o palco? — mantenho a voz firme. — Tipo, você sabe que eu tenho um pavor de palco maior que o normal.

Sem querer, começo a deslizar do capô, mas Kieth me segura pela canela e me mantém ali, balançando para fora do carro como um artista no trapézio mais baixo do mundo.

— Minha jaqueta! — exclama ele, parecendo felicíssimo por reencontrar um velho amigo. — Esqueci que estava com você.

Porque ele se esquece de tudo, é por isso. Não vou sentir falta desse cara mesmo.

— Por que você me arrastou para o palco? — repito.

— Eu vi sua cara quando não disse seu nome, na festa de despedida. Fiquei meio surpreso. Aí pensei, sei lá... Pensei que seria fofinho e marcante, ou coisa parecida. Ou ousado. Arrastar você para o palco. Fazer você sair dessa sua zona de conforto.

— E no dia do término você decide que quer dançar comigo em público. — Ergo os olhos para a Via Láctea. Durante uma das minhas fases obcecado com alguma nerdice, quando eu nunca saía de casa, decorei todas as grandes constelações que via da minha janela. — Claro que eu seria idiota o bastante para ficar surpreso. E claro que eu seria idiota o bastante para...

— Matt, eu não aguento quando você fica se diminuindo desse jeito. Então, por favor, par...

— Tá bom, tá bom, já entendi. Vou parar.

Deixo a jaqueta e o livro no capô do carro e, quando me viro para Kieth, vejo que ele está procurando alguma coisa dentro da enorme caixa de papelão em seus braços, cheia com todas as tranqueiras que deixava no vestiário. Ele tira uma folha de papel azul-néon de lá de dentro e me entrega.

— O que é isso?

— Leia.

Viro o papel.

Está escrito “Melhor Namorado”, num estilo igualzinho àquele prêmio besta que estavam distribuindo nos bastidores, cinco horas mais cedo. Tem “Matty Vukovich” escrito embaixo, na letra que Kieth usa para assinar seu nome. (Esse cara pratica o autógrafo em tudo. A letra dele deve ser mais bonita do que a da sua avó.)

— O que significa isso? — pergunto, animado demais. Escorrego para fora do capô e aterrisso de pé. O cascalho resmunga alto. Meu tornozelo ainda está dolorido de quando pulei do palco, mas estou cheio de adrenalina. — O que é isso?

— Significa que você foi o melhor cara com quem já fiquei — explica Kieth.

Baixo o braço com a placa ao lado do corpo.

— Nossa, é uma frase toda no passado.

— Matt. Hoje é o dia do término. É uma homenagem a como você é sensível. Na verdade, eu ia entregar quando estavam anunciando os prêmios de fim de verão... tipo, fiz a placa na noite passada, e tal... mas não tive coragem. Tinha um monte de gente.

— Tinha um monte de gente se abraçando.

Ele levanta a mão livre, como se para me mostrar que não está armado.

— Acho que fiquei com medo de que esse prêmio pudesse fazer você, sei lá, cair no choro.

Alguns carros começam a sair do estacionamento à nossa volta, levantando fumaça e cascalho. Ouço música alta vindo da Ilha do Diabo, o setor para maiores de dezesseis anos. Hoje o parque supostamente fecha às onze, mas parece que estão com dificuldades para colocar todos para fora.

— Ora, muito obrigado — digo, voltando a olhar para o prêmio. Talvez eu arranje um periquito, só para forrar o fundo da gaiola com esse papel. — Não entendo muito bem essa coisa de ser o melhor namorado da sua vida, já que você está terminando comigo...

Kieth segura minha mão. E, quando fala, fala baixo, coisa rara para um ator, o que me obriga a me inclinar para ouvir.

— Nós dois estamos terminando um com o outro, Matt. Concordamos com isso. Eu vou embora e...

Pego o prêmio e enfio na cara dele. O papel amassa ao redor daquele nariz enorme (e lindo e perfeito). Kieth ri.

— Cale a boca — digo. — Eu sei. Já entendi.

Ele não quer me trair. É por isso que estamos terminando, aliás. Quando chegar na escola de teatro, Kieth se verá cercado de atores (lindos e perfeitos), e ele não quer me trair. E já sabia disso desde o início do verão. Desde o início do nosso showzinho romântico sem rótulos.

Deslizo o prêmio de Melhor Namorado pela fresta da janela do carro, e o papel cai como uma pena gigante no banco do motorista. Levo as mãos ao quadril e espero Kieth falar. Funciona.

— Ai, me escute. O que estou dizendo é que eu poderia fazer uma lista com todas as razões de por que você é o melhor.

— Poderia?

— Você não tem medo de me olhar nos olhos — começa ele, na mesma hora. — Foi a primeira vez que conheci alguém assim. Todos os outros caras que namorei tinham medo de fazer isso.

— Que engraçado. Eu não sabia que eu fazia isso. — Estou prestes a mudar de assunto, para não ter que ver Kieth emperrar na lista de supostas razões por que sou o melhor em seja lá o que for logo depois daquela única declaração.

Mas, por incrível que pareça, Kieth ainda não acabou.

— Você tem pais incríveis, táí outra coisa. E amo seus pés grandes. E o último cara que namorei vivia me pressionando para beber o tempo todo, mas nós dois nunca bebemos juntos, nem uma vez. E não senti a menor falta.

Odeio cerveja. Odeio cerveja, mas amo o fato de que a lista de Kieth a meu respeito é tipo... infinita.

— E você leva o trabalho a sério, Matty, o que é muito excitante. — O nariz dele começa a escorrer. Horrores. Mas não é nojento. — Quer que eu continue?

— Quero.

— Muito bem. — Kieth respira fundo. — Você não tem medo de conversas de verdade sobre a vida... às vezes parece que você tem trinta anos... e isso me assusta. Mas eu já estava me acostumando. O que quero dizer é que, basicamente, você elevou os padrões de exigência para qualquer outra pessoa que eu venha a conhecer.

Eu mudo de posição sobre meus pés grandes que aparentemente ele ama, mas não digo nada.

— Então, por unanimidade de um voto só, você recebeu o prêmio de Melhor Namorado. O que é mil vezes melhor que o prêmio de Mais Galanteador.

Olho para o carro, porque senão vou tentar fazer ele me beijar. E, acho que como uma piada — talvez tentando deixar o clima mais leve —, pego *Um conto de duas cidades* no capô.

— Ora, também tenho uma coisa para você — digo, fazendo suspense e me afastando um pouco de Kieth. Sem deixá-lo ver, arranco uma página aleatória do livro e a entrego como se fosse um presente profundo e muito emocional. — Tome.

Mas Kieth examina a página como se fosse um mapa do tesouro, e, quando me encara, é com olhos tempestuosos. O tempo finalmente mudou.

— “Há uma força prodigiosa na tristeza e no desespero” — recita ele.

Não sei bem por quê, mas Kieth repete a frase. E mais uma vez, como se estivesse decorando alguma coisa. O eterno ator. Então finalmente entendo: dã, Kieth está lendo da folha que entreguei. Ele ergue a página para que eu veja, e a frase — “Há uma força prodigiosa na tristeza e no desespero” — está circulada três vezes em tinta azul-clara.

— Que coisa linda, Matty — diz Kieth, chorando sem pudores.

Estou falando de lágrimas no meu nível de choro. É ao mesmo tempo impressionante e desconcertante. Durante todo o verão, fiquei desejando que ele perdesse o controle pelo menos uma vez, mas agora me sinto meio “Ei, espere aí, você está roubando o meu papel!”.

— Obrigado. De verdade — completa ele.

Santo Buda, Kieth acha que eu marquei aquela frase. E que escolhi aquela página específica para dar a ele, como um presente de verdade.

— Fui muito duro com você por ser emotivo.

Kieth sacode a folha, rindo de si mesmo, limpando o nariz nos braços. São braços longos e esguios, adornados apenas com a pulseira de contas turquesa que ganhei para ele no fliperama, coisa que ele supostamente não podia usar durante o show, mas que nunca tirava.

Continuo em silêncio.

— Não há fraqueza nenhuma em chorar, você tem razão. Sinto muito por ter enchido seu saco com isso. Talvez eu mande emoldurar essa frase e pendure no meu dormitório.

Ora, qual é, montanhas-russas! Multidões berrando ao longe! Agora não é hora de silêncio! Mas até as cigarras chatíssimas estavam mudas...

— Você não podia não ser o cara mais fofo de todos os tempos, justo hoje? — pergunto, por fim. — Estou esperando isso desde junho.

Não é justo. Estávamos quites quando ele me reprimia e eu chorava. Agora finalmente estamos juntos, no mesmo nível de emoção. Bem na hora de dizer adeus.

A caixa de Kieth sacode, produzindo um som de coisa se espalhando — batom, enxaguante bucal e, estranhamente, um chinelo Adidas solitário. Ele quase a deixa cair, e estendo a mão

para ajudá-lo. Abaixamos a caixa até o chão, e noto a ponta cintilante de um pedaço de papel laminado no topo de seus pertences que, não fosse por isso, são bastante tediosos.

— Quer isso? — pergunta ele, logo quando volto a amá-lo.

— O que é isso?

— Pizza, da festa dos prêmios. Sobrou. Perdi o apetite. Você devia levar.

Ah, merda.

Pego o embrulho de pizza. Estou prestes a me lançar em um discurso de “Sou intolerante a lactose, você sabe disso! Eu contei no primeiro e no segundo encontro!”, quando Kieth me puxa para um abraço.

Ele cheira como a jaqueta jeans que passei a associar ao conceito de “namorado”. Namorados cheiram a sabão Tide, desodorante Degree, um pouquinho de suor, um pouquinho de pomada para cabelos Aveda e só um pouquinho a Kieth. Mas talvez eu esteja errado. Talvez esse não seja cheiro de namorado.

— Ter você ali perto todo dia tornou as apresentações de verão tão mais fáceis — diz ele. Ainda estamos abraçados. Esse povo de teatro. — Tipo, era um incentivo para que eu desse tudo de mim. Ninguém mais no elenco tinha isso.

Kieth se afasta. Não sei o que responder. Sinto o coração latejar. O tornozelo também. Espero que isso tudo não doa tanto depois que ele estiver em um fuso horário diferente.

— Boa sorte — digo —, nos estudos.

— Você deveria dizer “merda para você”. É assim que a gente deseja boa sorte no teatro.

Seus lábios tremem. O rosto está vermelho. Eu realmente sou o melhor namorado que ele já teve. Conquistei esse título.

Nós dois nos inclinamos para trocar um beijo, e nenhum dos dois o faz.

— Sorte minha, azar o seu — digo, naquela velha brincadeira de criança.

— Acho que é melhor eu ir. — Kieth pega a caixa. — Meu voo é bem cedo, e já estou chateado porque...

— Seu lugar é no corredor, mas você está chateado porque o assento não reclina, já que fica na saída de emergência.

Ele sorri e concorda com a cabeça.

— Você se lembra de tudo. É assustador.

Você não se lembra de nada, penso, é irritante.

Mas digo apenas:

— Suma daqui.

E ele some.

Kieth olha de relance para o Honda do meu pai, faz uma pausa, então desaparece entre dois fuscas antigos. Por algum motivo, aquilo me faz lembrar de quando Stacy Hoffner, minha melhor amiga no terceiro ano, se mudou para Youngstown, em Ohio. Éramos os melhores amigos para sempre, mas, no instante seguinte, não éramos mais. Seria um buraco eterno no meu coração, mas depois fechou. Segui em frente — mesmo que em alguma parte de mim permanecesse a cicatriz da partida de Stacy. Mas, por mais que nos marquemos, as cicatrizes também nos fazem mais fortes. Quem tem cicatrizes o bastante, arranja uma camada extra de pele. E de graça.

Aceno para a nuca de Kieth, embora a essa altura talvez eu só esteja vendo coisas.

Sim. Ele já foi.

Mas, quando me viro para entrar no carro, vejo que a jaqueta jeans ainda está no capô, perto do livro, mas não muito, como um daqueles casais de velhos. Pego o celular e mando uma mensagem para ele: “Você esqueceu uma coisa!!” E, quando estou prestes a enviar, recebo uma mensagem de Kieth.

“Pode ficar com a jaqueta, fica melhor em vc 😊”

E, apesar de tudo, sorrio.

Envolvo o livro e o embrulho de pizza com a jaqueta e coloco tudo no banco do carona. Quando sento, minha bunda amassa alguma coisa que não estava ali antes. É aquele maldito prêmio de Melhor Namorado. Desamasso a folha e a coloco no banco do carona, e tudo fica silencioso demais. Um silêncio muito alto. Então, quando ligo o carro e o rádio começa a tocar essa música velha, eu deixo. Inclusive, deixo bem alto, como se o carro do meu pai fosse o anfiteatro do parque. Só que estou seguro aqui.

É uma música razoável, como costumam ser as músicas dos anos 1960. Pelo menos não é nenhuma imitação barata. E não quero parecer um clichê de neto de hippies, mas fico hipnotizado pelo ritmo animado da guitarra e, como num transe, estendo a mão, abro o embrulho de papel laminado e — talvez em nome dos velhos tempos — dou uma mordida enorme e despreocupada na pizza proibida.

É mais deliciosa do que qualquer memória poderia sugerir.

É que as memórias não trazem o modo como o molho de tomate gelado volta à vida quando seus dentes afundam na massa. O modo como a crosta gordurosa tem gosto de noite na casa de um amigo, de piadas internas, de ter hora marcada para chegar em casa. O modo como o queijo une isso tudo.

Vai me dar dor de barriga, mas vale a pena. É pizza. O que é a vida sem o risco ocasional de comer uma pizza?

Depois que devoro a fatia, ligo os faróis, engato a marcha e, sem pensar duas vezes, estendo a mão para o banco do carona, pego o prêmio de Melhor Namorado e uso a parte de trás para limpar a boca. Então saio com o carro, passando pela segunda montanha-russa mais alta do estado, e pego a estradinha rural tão conhecida. Duas músicas mais tarde, entro tranquilamente na estrada que atravessa o bosque. Eu sou péssimo em dar passagem, mas nessa noite não me importo. Faço a curva na direção do acesso subterrâneo, passo a língua pelos lábios com um sorriso culpado de pizza e prendo a respiração ao pegar o túnel que cruza a montanha, no caminho que sempre me leva de volta para casa.

INÉRCIA

VERONICA ROTH

— Deve ter sido algum engano — falei.

Meu relógio, daqueles modelos digitais antigos, com os números em vermelho, marcava 2h07. Estava tão escuro lá fora que nem o caminho do jardim até a porta eu conseguia ver.

— Como assim? — perguntou minha mãe, distraída, enquanto pegava roupas em meu armário.

Calça jeans, casaco de moletom, meias, sapatos. Era verão, e eu tinha acordado com a barriga toda suada, então não havia a menor necessidade de usar casaco, mas não falei nada. Eu me sentia feito um peixe em um aquário, piscando devagar para as pessoas que me encaravam do lado de fora.

— Algum engano — repeti, em um tom cuidadosamente neutro.

Em circunstâncias normais, eu teria me sentido pouco à vontade por estar de calcinha e sutiã na frente da minha mãe, mas era o que eu estava usando naquela noite quando peguei no sono no meio do dever de casa. E para ser sincera a possibilidade de minha mãe ver o piercing no umbigo que eu colocara no ano anterior era a última das minhas preocupações.

— Matt não fala comigo há meses. Não faz sentido ele ter pedido para me ver. Devia estar delirando.

A câmera acoplada ao uniforme da paramédica gravara o atendimento após o acidente de carro. Matthew Hernandez — meu ex-melhor amigo — tinha, ao que parecia, pedido para falar comigo na Última Visita, um ritual que se tornara comum em casos como o dele, no qual os exames realizados pelo hospital levavam a crer que a pessoa morreria independentemente da cirurgia à qual estava prestes a ser submetida. Eles calculavam as probabilidades, estabilizavam o paciente na medida do possível e chamavam os últimos visitantes, um de cada vez, para se conectar à consciência do ente moribundo.

— Ele não pediu para ver você só na hora do acidente, Claire, você sabe muito bem disso. — Minha mãe estava tentando ser gentil, dava para ver, mas as palavras saíram meio tensas. Ela me entregou a camiseta, passando os olhos pelo piercing em meu umbigo, mas não falou nada. Vesti a camiseta e peguei a calça. — Ele fez dezoito anos.

Aos dezoito, qualquer interessado em se inscrever no programa da Última Visita (todo mundo, na época) precisava fazer uma espécie de testamento no qual listava seus possíveis escolhidos. A minha vez só chegaria na primavera seguinte. Matt era um dos mais velhos em nossa sala.

— Eu não... — Apoiei a cabeça em uma das mãos. — Não consigo...

— Você pode recusar, se preferir — disse ela, tocando em meu ombro.

— Não. — Pressionei a cabeça contra a palma da mão. — Se esse é um dos últimos desejos dele...

Parei de falar antes que acabasse engasgando.

Não queria compartilhar consciências com Matt. Não queria nem estar no mesmo ambiente que ele. Já tínhamos sido amigos — muito amigos —, mas as coisas haviam mudado. E ele tinha me deixado em uma encruzilhada. O que mais eu podia fazer? Me recusar a honrar seu testamento?

— O médico disse para irmos logo. Eles fazem a visita durante a preparação para a cirurgia, então você e a mãe dele só vão ter uma hora.

Minha mãe estava abaixada diante de mim, amarrando meus sapatos, como fazia quando eu era criança. Usava seu robe de seda florido. Estava gasto nos cotovelos e esfiapado nas mangas. Eu a via nesse robe diariamente desde que meu pai lhe dera de presente de aniversário quando eu tinha sete anos.

— Está bem.

Eu entendia. Cada segundo era precioso, como cada gota de água em uma estiagem.

— Tem certeza de que não quer que eu leve você? — perguntou ela.

Eu estava encarando a flor rosa perto de seu ombro, momentaneamente absorta na estampa familiar.

— Tenho. Tenho certeza.

Eu me sentei no papel fino, rasgando um pedaço quando me movi para trás, tentando me acomodar. A maca não era como as outras em que havia me sentado antes, para fazer exames de sangue, exames ginecológicos e testes de reflexo. Era mais macia, mais confortável. Projetada para o que eu estava prestes a fazer.

No caminho até ali, havia passado por enfermeiras em aventais azul-piscina carregando pranchetas. Por famílias preocupadas, esfregando as mãos com nervosismo, puxando as mangas do casaco. As pessoas ficam na defensiva ao menor indício de sofrimento, se encolhendo, tentando proteger as partes mais vulneráveis do corpo.

Eu não era assim. Não estava preocupada ou temerosa: estava vazia. Vaguei até ali feito um fantasma em um filme.

Com um termômetro e um medidor de pressão, a dra. Linda Albertson entrou no quarto e deu um sorriso tranquilizador. Fiquei me perguntando se ela praticava os olhares suaves e sorrisos gentis diante do espelho para não aumentar o sofrimento de seus pacientes. Ela devia ter levado um tempo para aperfeiçoá-los.

— Onze por cinco — informou ao ler o medidor da pressão. Sempre diziam o resultado em voz alta, como se alguém soubesse o significado daqueles números. Mas então, como se tivesse lido meus pensamentos, ela continuou: — Está um pouco baixa, mas tudo bem. Você comeu hoje?

Esfreguei os olhos com a mão livre.

— Não sei... Eu não... Está de madrugada.

— Certo. — As unhas dela eram azul-celeste. Parecia tão arrumadinha naquele jaleco

branco imaculado, o cabelo preso em um coque, mas eu não conseguia entender aquelas unhas. Sempre que a dra. Albertson movimentava as mãos, aquele azul chamava minha atenção. — Bem, tenho certeza de que você vai ficar bem. Não é um procedimento muito cansativo. — Devo ter feito uma cara estranha, porque ela logo acrescentou: — Quer dizer, não do ponto de vista físico.

— Cadê ele?

— Na outra sala. — respondeu ela. — Está pronto para o procedimento.

Encarei a parede como se do nada fosse desenvolver visão raio x e enxergar através dela por pura força de vontade. Tentei imaginar como estaria Matt, deitado em uma cama de hospital com um cobertor verde-claro cobrindo suas pernas. Estaria tão machucado que seria impossível reconhecê-lo? Ou seus ferimentos seriam do pior tipo, escondidos sob a pele, dando falsas esperanças a quem olha?

Ela me conectou aos monitores como se me guiasse em uma dança, as unhas azuis agarrando, prendendo, pressionando. Eletrodos foram colocados em minha cabeça, como uma coroa, e uma agulha foi enfiada em meu braço. Ela era minha dama de companhia, me arrumando para um baile.

— Qual é o seu grau de familiaridade com essa tecnologia? — perguntou a médica. — Alguns de nossos pacientes mais idosos precisam de uma explicação completa, mas, em geral, os mais jovens já conhecem tudo.

— Eu sei que vou rever lembranças que temos em comum, lugares aonde fomos juntos, mas nada além disso. — Meu dedão roçou o azulejo frio. — E que vai ser mais rápido do que na vida real.

— Isso mesmo. Seu cérebro vai gerar metade da imagem, enquanto o dele vai se encarregar da outra metade. As lacunas vão ser preenchidas pelo programa, que determina a melhor maneira de fazer isso a partir dos impulsos elétricos do seu cérebro. Talvez você precise explicar a Matt o que está havendo, por que você está indo antes da mãe dele, e ele pode ficar meio desorientado nos primeiros minutos. Acha que consegue?

— Consigo. Quer dizer, não tenho escolha, não é?

— Pois é, não tem. — Ela comprimiu os lábios. — Pode se deitar, por favor.

Obedeci, tremendo sob o avental hospitalar, o papel fino tremendo comigo. Fechei os olhos. Duraria apenas meia hora. Meia hora para alguém que havia sido meu melhor amigo.

— Conte de dez a zero — instruiu a dra. Albertson.

Era como contar os passos durante uma valsa. contei em alemão. Não sei por quê.

Não era como pegar no sono, aquela sensação intensa de afundar. Era como se o mundo ao redor desaparecesse aos poucos, primeiro a visão, depois a audição, depois a sensação do papel em contato com a minha pele e a maca macia. Senti um gosto amargo, algo parecido com álcool, e então o mundo voltou, mas não do jeito certo.

Eu não estava mais na sala de exames. Estava de pé no meio da multidão, cercada por corpos suados, pessoas respirando, olhos voltados para o palco acima, todos à espera enquanto os roadies preparavam o equipamento para a banda. Eu me virei para Matt e sorri, me

balançando nas pontas dos pés para mostrar como estava animada.

Mas isso era apenas a lembrança. Percebi que havia algo errado antes de entender o porquê, então apoiei os pés no chão. Senti um nó no estômago ao me dar conta de que aquela era a última visita, que eu havia escolhido aquela lembrança porque foi a primeira vez que senti que éramos amigos de verdade. Que o Matthew real, dos dias atuais, estava *mesmo* ao meu lado com seu tênis velho e o cabelo preto caído na testa.

Seus olhos arregalados de surpresa encontraram os meus. Ao nosso redor, tudo continuava igual. Os ajudantes ainda aparafusavam a bateria no palco e giravam os botões de ajuste dos amplificadores.

— Matt — falei, a voz rangendo como uma porta velha. — Você está aí?

— Claire.

— Matt, esta é uma visita. — Não consegui dizer “última”. Ele saberia do que eu estava falando. — Estamos nas lembranças que compartilhamos... Entendeu?

Ele olhou para todos os lados, para a garota com o cigarro sujo de batom pendurado na boca e para o garoto magrelo na frente dele, com a barba cheia de falhas e usando uma camisa xadrez apertadinha.

— O acidente — falou, a voz sonhadora e os olhos distantes. — Eu achei a paramédica meio parecida com você.

Ele estendeu a mão na direção do palco, a poeira dançando na ponta dos dedos. E sorriu. Em geral, eu não pensava nessas coisas, mas Matt estava muito bonito naquele dia, a pele morena ainda mais escura depois de um verão curtindo o sol, contrastando com o sorriso branco.

— Você está... bem? — perguntei.

Para alguém que acabara de descobrir que estava prestes a morrer, ele parecia bastante calmo.

— Acho que sim. Claro que deve ser mais por causa do monte de remédios que estão me dando, e não por ter encontrado a paz interior e aceitado meu destino.

Fazia sentido. A medicina devia ter aperfeiçoado a combinação de substâncias que deixavam o paciente à beira da morte calmo, em condições de aproveitar a Última Visita, para que ele não passasse o tempo todo desesperado. Mas, pensando bem, Matt nunca reagia às situações da forma que eu esperava, então não teria sido uma surpresa se diante da morte ele continuasse sereno como um rio tranquilo.

Ele olhou para mim.

— Esse foi o nosso primeiro show da Chase Wolcott, não foi?

— Foi. Eu me lembro bem, porque essa garota do seu lado vai queimar você com o cigarro daqui a pouco.

— Ah, verdade, essa era uma joia rara. Um lápis-lazúli. Talvez um rubi.

— Você *não* precisa escolher uma joia.

— Você sempre fala isso.

Meu sorriso desapareceu. Alguns hábitos entre amigos eram quase como a memória muscular, acionados automaticamente mesmo quando todo o resto estava diferente. Eu conhecia nossas piadas, nosso ritmo, a coreografia de nossa amizade. Mas isso não mudava o que havíamos nos tornado. Qualquer pessoa normal estaria se desmanchando em desculpas a

essa altura, desesperada para consertar as coisas antes que o tempo chegasse ao fim. Qualquer pessoa normal também estaria chorando ao ver um amigo pela última vez.

Seja normal, pedi a mim mesma, tentando forçar as lágrimas a caírem. *Só desta vez, por ele.*

— Por que você me chamou, Matt?

Meus olhos continuaram secos.

— Você não queria me ver? — perguntou ele.

— Não é isso.

Eu não estava mentindo. Queria e não queria vê-lo. Queria porque aquela seria uma das últimas vezes que estaríamos juntos, não queria porque... Bem, por causa do que havia feito com ele. Porque doía demais e nunca fui boa em suportar a dor.

— Não sei bem. — Ele inclinou a cabeça para o lado de leve. — Eu quero contar uma história, só isso. E você vai me ouvir, porque sabe que esse é o único tempo que tenho.

— Matt...

Mas não fazia sentido discutir. Ele estava certo. Aquele provavelmente era todo o tempo que lhe restava.

— Vamos lá. Não é aqui que a história começa.

Ele segurou a minha mão, e o cenário mudou.

Eu podia reconhecer o carro de Matt pelo cheiro: biscoitos de água e sal velhos e um aromatizante com “cheirinho de carro novo”, também velho, pendurado no retrovisor. Meus pés esmagaram cupons fiscais amassados e batatas chips no chão. Ao contrário dos carros mais novos, que usavam eletricidade, o dele era híbrido, então produzia um ruído entre um assovio e um zumbido.

O painel emitia um brilho azul que iluminava seu rosto de baixo para cima, fazendo o branco de seus olhos reluzirem. Ele já tinha levado em casa todos os convidados da festa que moravam nas redondezas e me deixou por último porque eu morava mais perto. Até aquela noite, nunca tínhamos trocado uma palavra, até que por coincidência acabamos no mesmo jogo de strip pôquer. Eu havia perdido um casaco e duas meias. Ele estava prestes a perder a cueca quando anunciou que era hora de ir embora. Muito conveniente.

Mesmo dentro da lembrança, corei ao pensar em sua pele nua. Ele tinha aquele corpo de quem acabara de passar por um estirão de crescimento, alto e magro e um pouquinho encurvado, como se ficasse desconfortável com a nova altura.

Peguei um dos cupons fiscais caídos no chão do carro e o apoiei no joelho para desamassar.

— Você conhece Chase Wolcott? — perguntei.

A notinha era da compra do novo álbum da banda.

— Se conheço! — disse ele, olhando para mim. — Comprei no dia em que saiu.

— Bom, eu comprei na pré-venda, três meses antes do lançamento.

— Mas você comprou o CD?

— Não — confessei. — Você é muito hipster retrô. Será que eu deveria me curvar diante do Único e Verdadeiro Fã?

Ele riu. Tinha uma risada agradável, um oitavo mais alta do que sua voz normal, mais

grave. Havia nela uma naturalidade que me deixou confortável, embora eu não costumasse me sentir bem sozinha no carro com pessoas que mal conhecia.

— Só uma leve mesura já está bom — respondeu.

Ele apertou alguns botões no painel e o álbum começou a tocar. A primeira música, “Traditional Panic”, era mais acelerada que o restante, uma mistura curiosa de sinos e guitarra. A vocalista era mulher, uma contralto que às vezes tinha uma voz mais masculina. Nos dois últimos Halloweens, eu me vesti como ela, mas ninguém tinha conseguido adivinhar a fantasia.

— O que você achou? Do álbum? — perguntou ele.

— Não é meu favorito. É bem mais animado do que os outros, um pouco... Não sei, como se eles tivessem se vendido ou algo assim.

— Eu li uma matéria sobre o guitarrista principal, o que escreve as músicas. Parece que ele sofreu de depressão a vida toda, e quando escreveu esse último álbum tinha acabado de sair de um período mais difícil. Então, agora, quando escuto as músicas, só consigo ouvir que ele se sente melhor, sabe?

— Eu tenho um pouco de dificuldade com músicas mais felizes. — Tamborilei no painel do carro. Estava usando todos os meus anéis: um feito de elásticos, um daqueles de humor, um de resina com uma formiga dentro e um anel de spikes. — Não mexem muito comigo.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Tristeza e raiva não são os únicos sentimentos que contam.

— Não foi isso que você disse — falei, tirando-nos da lembrança e nos levando de volta para a visita. — Você ficou em silêncio até chegarmos na minha casa, então perguntou se eu queria ir a um show com você.

— Achei que você talvez quisesse saber o que eu estava pensando naquele momento.

Ele deu de ombros, as mãos ainda segurando o volante.

— Ainda não concordo com você sobre aquele álbum.

— Você não ouve as músicas há quanto tempo?

Não respondi de imediato. Tinha parado completamente de ouvir música uns dois meses antes, quando todas elas pareciam perfurar meu peito como uma agulha. Por outro lado, ouvia programas de rádio o dia inteiro, deixando que as vozes tranquilizantes preenchessem meus ouvidos mesmo quando eu não prestava atenção ao que elas diziam.

— Faz um tempo.

— Então escute agora.

Escutei, enquanto observava nossa vizinhança pela janela. Eu morava na parte rica, e ele, na parte pobre. Mas a casa de Matthew, por menor que fosse, era sempre um ambiente caloroso, cheia de quinquilharias meio bregas que os pais haviam comprado anos antes. No parapeito da janela, eles ainda exibiam todos os vasos de argila que Matt fizera quando criança na aula de artes, apesar de os objetos terem cores berrantes e serem muito, muito tortos. Acima da janela, estavam os bordados da mãe dele, com rimas sobre o lar, bênçãos e família.

A minha casa — à nossa direita — era imponente, com paredes brancas iluminadas por pequenos holofotes e colunas na fachada, como se alguém tivesse tentado criar um palácio em miniatura. Quando paramos na entrada, fui tomada pela mesma apreensão que havia sentido da primeira vez. No dia, eu não queria entrar. E dessa vez também não.

Passei um tempo sentada ouvindo a segunda faixa — “Inertia” —, uma das únicas canções

de amor do álbum, sobre a inércia que levou o guitarrista à esposa dele. Da primeira vez que a ouvi, não achei a ideia nada romântica, como se ele só tivesse encontrado a mulher e se casado com ela por causa de uma força exterior à qual não pudera resistir. Mas dessa vez identifiquei na música a sensação de que ele estava sendo impulsionado para um fim específico, como se tudo na vida o tivesse levado àquele ponto. Como se mesmo seus erros, sua escuridão, o tivessem conduzido até ela.

Contra a minha vontade, meus olhos se encheram de lágrimas.

— O que você está tentando fazer, Matt?

Ele deu de ombros.

— Só quero reviver os bons tempos com a minha melhor amiga.

— Está bem. Então nos leve até o seu momento favorito.

— Você primeiro.

— Está bem — repeti. — Afinal, a festa é sua.

— E eu choro se quiser — murmurou ele, enquanto o carro e o cheiro de biscoito desapareciam.

Eu já sabia o nome dele, como às vezes acontece de você saber o nome de alguém da sua escola mesmo que nunca tenham se falado. Tínhamos uma ou duas aulas juntos, mas nunca havíamos sentado perto um do outro ou conversado.

No intervalo entre nossas lembranças, pensei na primeira vez em que o vi, no corredor, a mochila pendurada em um dos ombros, o cabelo caído no olho. O cabelo dele era preto e desgrenhado, com cachos ao redor da orelha. Seus olhos eram castanho-claros, contrastando com a pele morena — vinham da mãe, alemã, não do pai, que era mexicano —, e ele tinha algumas espinhas nas bochechas. Agora elas não passavam de marcas sutis, visíveis apenas em ambientes bem claros, pequenos lembretes de nossos oleosos catorze anos.

Vendo-o se materializar ao meu lado, fiquei me perguntando como foi que não percebi desde o início o potencial para amizade dentro dele, ardendo como uma pequena vela. Por um bom tempo, Matt foi apenas mais uma pessoa. E então se tornou o único — a me entender e, mais tarde, o único a me suportar. Nos últimos tempos, ninguém mais conseguia. Nem mesmo eu.

Primeiro, senti os grãos de areia entre meus dedos — ainda quentes depois de um dia de sol, embora ele já tivesse se posto havia algumas horas —, depois veio o cheiro de fumaça da fogueira, e então ouvi os estalos vindos do fogo. Eu estava sentada em um tronco áspero, com Matt ao meu lado, um par de bangôs em seu colo.

Os bangôs não eram seus — até onde eu sabia, Matt não tinha qualquer instrumento de percussão —, ele os havia roubado de nosso amigo Jack e batucava neles de vez em quando, como se preparando o terreno para alguém contar uma piada. Já tinham gritado com ele umas

três vezes. Matt sabia irritar e divertir as pessoas ao mesmo tempo.

As ondas quebravam nas rochas à minha direita, pedras grandes nas quais as pessoas às vezes pichavam mensagens de amor quando a maré estava baixa. Algumas estavam tão gastas que haviam sobrado apenas pedaços das letras. No meu primeiro ano do ensino médio, fiz um trabalho de artes em que as documentei e depois as expus lado a lado, da mais nova para a mais antiga, mostrando como o amor desbotava com o tempo. Pensar nisso agora me dava calafrios: me fazia pensar em como eu era nova, como ficava impressionada comigo mesma.

Do outro lado da fogueira, Jack dedilhava um violão e Lacey, minha amiga mais antiga, cantava uma versão fúnebre de “Brilha, brilha, estrelinha”, sem conseguir parar de rir. Eu segurava um graveto que tinha encontrado em um arbusto perto da areia. Tirara a casca grossa e enfiara um marshmallow na ponta, que no momento havia se transformado em uma bola de fogo.

— Então seu plano é desperdiçar um marshmallow em perfeitas condições — disse Matt.

— Você por acaso sabe como fica um marshmallow depois de muito tempo no fogo? Não sabe, porque, como não aguenta esperar, nunca chega tão longe.

— Algumas perguntas não precisam ser respondidas, sabe. Fico perfeitamente feliz em comer marshmallows torradinhos até o fim dos meus dias.

— Foi por isso que você teve que largar a aula de artes.

— Porque não tenho curiosidade em ver um marshmallow carbonizado?

— Não. — Soltei uma risada. — Porque você consegue ficar perfeitamente feliz em vez de... perpetuamente inquieto.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você está me chamando de simplório? Tipo um golden retriever ou coisa do tipo?

— Não! — Balancei a cabeça. — Quer dizer, para início de conversa, se você fosse um cachorro, seria um labradoodle...

— Um *labradoodle*?

— ...e, além disso, se as pessoas fossem todas iguais, o mundo seria um lugar bem chato.

— Ainda acho que você está sendo meio condescendente. — Ele parou de falar e sorriu para mim. — Mas dessa vez tudo bem, porque dá pra ver que você ainda está na sua fase idealista de estudante de artes...

— Que hipocrisia! — exclamei, apontando o dedo para ele. — A definição de condescendente podia muito bem ser dizer a alguém que a pessoa está passando por uma fase.

A resposta de Matt foi tomar o galho da minha mão, assoprar as chamas do marshmallow que se desintegrava, soltá-lo e então começar a jogá-lo de uma mão para outra até que esfriasse. Então ele o enfiou — meio carbonizado, mas ainda derretido por dentro — na boca.

— Acabou a experiência — disse ele, de boca cheia. — Vamos lá.

— Lá onde?

Ele não respondeu, apenas segurou meu cotovelo e me conduziu para longe da fogueira. Quando encontramos o caminho perto das pedras, ele começou a correr, então não tive escolha a não ser ir atrás. Eu o segui pelo caminho, rindo, a brisa quente de verão soprando minhas bochechas e meu cabelo.

Então me lembrei.

Ele estava nos levando para o pequeno penhasco de areia que dava para o mar. Era proibido

pular dali, mas as pessoas saltavam mesmo assim, ainda mais as da nossa idade, que ainda não tinham desenvolvido aquela parte do cérebro responsável por ponderar sobre as consequências de seus atos. Uma bênção e uma maldição.

Vi Matt disparar e pular do penhasco, debatendo-se no ar por um segundo sem fôlego até atingir a água.

Parei a alguns passos da borda. Então o ouvi rir.

— Anda! — gritou ele.

Eu sempre preferi assistir a participar de audácias desse tipo. Gostava de transformá-las em mitos, em lendas. Eu observava a vida para encontrar a história dentro dela — isso me ajudava a ver sentido nas coisas. Mas às vezes ficava cansada do meu próprio cérebro, sempre inquieto.

Dessa vez não fiquei só assistindo. Recuei alguns passos, balancei as mãos trêmulas e comecei a correr. Fui direto até a beirada do penhasco e pulei, de calça jeans, tênis e tudo.

Meu coração parou por um momento, sem peso, livre.

O vento em meus tornozelos, a sensação leve no estômago, e então cortei a água como uma faca. A correnteza me envolveu, me impulsionando até a superfície.

— Ah, agora sim — disse Matt quando vim à tona.

No instante em que nossos olhos se encontraram, eu me lembrei de onde estava de verdade. Deitada em uma cama de hospital. Sem saber quanto tempo havia se passado de fato.

— Também gosto dessa lembrança — disse ele para mim, sorrindo, dessa vez na visita, e não só na memória. — Tirando a parte em que percebi, na hora em que estava pulando, que a carteira antiga do meu pai estava no meu bolso. Foi perda total.

— Que droga — falei, surpresa. — Você nunca me contou isso.

Ele deu de ombros.

— Era só uma carteira.

Era mentira, claro. Nenhum objeto que tivesse pertencido ao pai de Matt era “só” alguma coisa, depois que ele se fora.

— Então essa é a sua lembrança favorita? — perguntou ele.

— É... eu... — Parei de falar, movendo as pernas para me manter na superfície. A água estava fria, mas não muito. — Eu nunca teria feito algo assim sem você.

— Quer saber de uma coisa? — Ele se pôs de costas e começou a boiar. — Eu também nunca teria feito isso sem você.

— Sua vez. Sua lembrança favorita. Já.

— Está bem. Mas não se esqueça, foi você quem pediu.

Sempre o achei bonitinho, mas não havia muito o que fazer, a não ser talvez tapar os olhos de vergonha toda vez que ele aparecesse. Ainda mais depois que ele cortou o cabelo escorrido e bagunçado e finalmente deu para ver seu rosto direito, com o maxilar forte e tudo. Ele tinha uma covinha só do lado esquerdo da boca. Seu sorriso era meio torto.

Os cílios eram longos.

Talvez eu tivesse ficado a fim dele se não estivesse saindo com alguém na época em que viramos amigos. E parecia que Matt estava sempre namorando alguma garota. Na verdade, eu

lhe dei conselhos sobre três namoradas diferentes: a primeira foi Lauren Gallagher, uma ginasta baixinha mas exigente que o tirava do sério; a segunda, Lacey Underhill, minha amiga desde o primeiro ano, com quem ele não tinha nada em comum, a não ser uma risada contagiante; e a terceira, uma conhecida nossa, Tori Slaughter, que bebeu todas e ficou com outro cara em uma festa de Halloween pouco depois do quinto encontro com Matt. Literalmente. Duas horas depois de ter ficado com meu amigo, ela arrumou alguém para enfiar a língua na sua boca. Esse foi o caso mais difícil, porque a menina parecia ter ficado muito triste depois do ocorrido, então Matt nem conseguiu sentir raiva dela, apesar de ter sido ele quem terminou tudo. Matt não conseguia guardar rancor, nem quando tinha direito. Para ele, era como tentar agarrar água. A não ser comigo. Ele ficou com raiva de mim por muito mais tempo do que de qualquer namorada.

Da minha parte, tive um breve relacionamento com Paul (apelido: Paul Pavoroso, dado por Matt), que envolveu alguns dias de pegação na praia durante o verão, até eu descobrir uma coleção de melecas secas no porta-luvas de seu carro, o que definitivamente cortou o clima. Tirando isso, preferia ficar sozinha.

Pelo que Lacey me contou quando eles estavam namorando, as garotas não conseguiam fazer Matt parar de contar piadas por mais de cinco segundos, o que era irritante quando elas estavam tentando conhecê-lo melhor. Nunca tive esse problema.

Ouvi a chuva caindo e o balançar do sino dos ventos pendurado próximo à porta da casa de Matt. Meu cabelo molhado estava grudado no rosto. Antes de tocar a campainha, puxei-o para trás e fiz um coque. Estava mais comprido naquela época, e o peso era pouco familiar, já que eu quase sempre cortava o cabelo na altura do queixo.

Ele abriu a porta, a tela protetora ainda entre nós. Estava de short de ginástica — com seu nome bordado logo acima do joelho — e uma camiseta velha um pouco pequena demais. Estava com olheiras — ainda mais profundas do que o normal, na verdade, porque Matt sempre estava com cara de sono, como se tivesse acabado de tirar uma soneca.

Olhou na direção da sala de estar, onde sua mãe estava sentada no sofá, assistindo à televisão. Fechou a porta e saiu para a varanda.

— Que foi? — perguntou ele, e, ao ouvir sua voz, tão oca por conta do sofrimento, senti um nó na garganta.

Tanto na lembrança quanto na visita. Nunca ficou mais fácil vê-lo naquele estado.

— Você pode sair rapidinho?

— Desculpe, Claire, mas eu... não estou com vontade de passear agora.

— Ah, a gente não vai passear. Acredite em mim.

— Tá. Vou falar com a minha mãe.

Um minuto depois, ele voltou com seus chinelos velhos (consertados com fita adesiva na sola) e me seguiu na chuva até o meu carro. A entrada de sua garagem, coberta com cascalho, era bem comprida. Com o calor do verão, o arbusto crescera bastante, cobrindo as laterais, então eu havia estacionado na rua.

A casa de Matt era velha, pequena e antiquada. Depois que a avó foi morar lá, ele perdeu o

quarto e passou a dormir no sofá da sala. Apesar do espaço limitado, a casa estava sempre aberta para acomodar quem precisasse. Eu perdi a conta de quantas vezes o pai de Matt me chamou de “filha”.

Ele tinha morrido três dias antes. O funeral fora no dia anterior. Matt ajudou a carregar o caixão, vestido com o terno grande demais que havia pertencido ao avô e cujos punhos tinham sido roídos pelas traças. Usando uma calça preta — odiava vestidos —, eu estava lá para apoiá-lo, junto com Lacey, Jack e todos os nossos amigos. Comemos canapés e dissemos a Matt que sentíamos muito. Eu suei o tempo inteiro, porque minha calça era de lã e a casa de Matt não tinha ar-condicionado. Eu tinha certeza de que ele percebeu minha camisa úmida ao me abraçar.

Ele agradeceu nossa presença, distraído. Sua mãe andava de um lado para outro com os olhos marejados, como se tivesse se esquecido de quem era e do que estava fazendo ali.

Três dias depois, Matt e eu entramos no carro, molhando os assentos por conta da chuva forte. No porta-copos havia uma raspadinha de cereja (para mim) e um milk-shake de morango (para ele). Não mencionei as bebidas, e ele também não perguntou nada antes de começar a tomar a sua.

Fiquei impressionada, ao rever a lembrança, com a facilidade com que ficamos juntos em silêncio, ouvindo a chuva cair e o ruído do limpador de para-brisa, sem falar sobre aonde estávamos indo ou o que estava acontecendo em nossa vida. Esse tipo de silêncio entre duas pessoas era ainda mais raro do que ser capaz de ter conversas descontraídas. Eu não tinha algo assim com mais ninguém.

Dirigi com cuidado pelas ruas molhadas até o estacionamento perto da praia, então parei o carro. O céu estava ficando mais escuro, não porque o fim do dia estava próximo, mas porque a tempestade estava piorando. Tirei o cinto.

— Claire, eu...

— Não precisamos conversar — interrompi. — Se você quiser só ficar sentado aqui, terminar seu milk-shake e depois ir para casa, tudo bem.

Ele olhou para baixo.

— Tudo bem.

Matt tirou o cinto e pegou o milk-shake. Ficamos olhando para a água, as ondas se debatendo por causa da tempestade. Um raio iluminou o céu, e senti o trovão vibrar em meu peito e no assento do carro. Bebi todo o xarope doce da raspadinha, deixando minha boca cor de cereja.

O raio atingiu a água diante de nós, uma linha longa e brilhante da nuvem até o horizonte, e sorri de leve.

A mão de Matt veio devagarzinho em direção à minha, e eu a segurei. Senti quase um choque quando elas se tocaram, e era impossível saber se aquela sensação vinha da lembrança ou se era algo que eu sentia no presente. Eu teria notado se isso tivesse acontecido naquele dia, não?

Sua mão ficou trêmula quando ele começou a chorar, e meus olhos também ficaram marejados, mas não a soltei. Segurei firme, mesmo quando nossas mãos ficaram suadas e o milk-shake derreteu em seu colo.

Depois de um tempo, percebi que foi nesse ponto em que a lembrança tinha acabado —

Matt havia soltado a minha mão e eu o levava para casa. Mas, na visita, Matt nos manteve ali, de mãos dadas, quentes e fortes. Mais uma vez, não soltei.

Ele botou o milk-shake no chão e secou as bochechas com a palma da mão.

— *Essa é sua lembrança favorita?* — perguntei, baixinho.

— Você sabia exatamente o que fazer — respondeu ele, também baixinho. — Todos queriam alguma coisa de mim, um sinal de que eu estava bem, mesmo *não estando*. Ou então queriam deixar as coisas mais fáceis para mim, como se perder seu pai devesse ser algo fácil. — Ele balançou a cabeça. — Mas você só queria que eu soubesse que você estava ali.

— Bem... eu não sabia o que dizer, só isso.

Foi mais do que isso, claro. Eu odiava quando estava chateada e as pessoas tentavam me animar, como se estivessem botando meu sofrimento em uma caixinha e me entregando de volta, tipo *Viu? Não é tão ruim assim*. Eu não queria fazer a mesma coisa com ele.

— Ninguém sabe o que dizer. Mas eles não param de tentar, não é mesmo? Um inferno.

Todos viam Matt como o cara que gostava de rufar os tambores para piadas que não eram piadas, o cara que brincava e implicava e provocava até dar vontade de esganar. Sempre sorridente. Mas eu conhecia seu outro lado. O Matt que preparava o café da manhã para a mãe todo sábado, que discutia comigo sobre arte, música e seus significados. A única pessoa em quem eu confiava para me dizer quando eu estava sendo pretensiosa ou ingênua. Eu me perguntei se era a única que via aquela faceta dele, a única a enxergá-lo por inteiro.

— Agora, pensando bem, é também a minha memória menos favorita. — Ele afastou a mão, evitando me encarar. — Não por ser sofrida, mas porque me lembra de como você soube me apoiar quando eu estava sofrendo... mas, quando aconteceu com você, eu a abandonei.

Eu me encolhi diante da brutalidade daquela frase, como se ele tivesse me dado um tapa.

— Você... — comecei. — Eu não facilitei as coisas. Sei disso.

Ficamos em silêncio outra vez. A chuva pesada continuou a cair, incansável, martelando o teto do carro. Fiquei observando as gotas escorrerem pelo para-brisa, transformando o mar em uma pintura abstrata, um borrão colorido.

— Eu estava preocupado com você. Em vez de ficar com raiva, devia ter dito isso.

Tentei falar em voz alta as palavras que martelavam em minha mente: *Não se preocupe comigo. Estou bem*. Queria sorrir ao dizê-las, tocar o braço dele e fazer uma piada. Afinal, era a Última Visita dele. Aquele era o momento dele, não o meu. Provavelmente era a última vez que nos veríamos, já que ele ia morrer a qualquer momento.

— Ainda estou preocupado com você — disse Matt, quando eu não respondi.

Não o levei para esta lembrança, *a* lembrança. Era estranho como a intenção era importante para a tecnologia da Visita, esse espaço estranho entre duas consciências. Eu precisava invocar uma lembrança, como se estivesse puxando a linha de uma vara de pesca, para que nós dois fôssemos levados até ela. Do contrário, eu ficava sozinha com meus pensamentos, por instantes que pareciam infinitos, pequenas metades de uma vida.

Depois da morte do pai de Matt, houve o velório e o funeral. Pessoas da igreja que ele frequentava e colegas do trabalho da mãe apareciam e levavam comida; eu, Lacey e Jack, com

uma arminha de água apontada para a janela da sala dele, tentamos fazê-lo sair de casa. Depois, veio o longo e demorado processo de organizar os pertences do pai para decidir o que guardariam e o que doariam. Eu estava lá para ajudar e testemunhei a cena toda, a mãe de Matt chorando em cima da pilha de roupas, e eu e ele fingindo que não estávamos vendo. Com o tempo, o sofrimento pareceu esmorecer, e a mãe dele voltou a sorrir um pouco. Matt voltou ao mundo, não o mesmo de antes, mas ainda assim segurando as pontas.

E então minha mãe voltou.

Eu tinha duas mães: a que me criou desde a infância e a que deixou meu pai de repente quando eu tinha cinco anos, levando apenas uma bolsa com seus pertences no seu velho Toyota. Ela voltou quando eu tinha catorze anos, mais rechonchuda e mais velha desde a última vez que meu pai a vira, mas, tirando isso, basicamente a mesma pessoa.

Meu pai insistiu para que eu passasse um tempinho com ela, que me levou até sua câmara escura, a uma hora de onde morávamos, para mostrar algumas fotos que havia tirado. A maioria era de pessoas que não sabiam que estavam sendo observadas, em poses espontâneas. Às vezes as imagens ficavam desfocadas, mas eram sempre interessantes. Conversamos sobre cada uma das imagens, e ela apontou suas favoritas e umas outras que não lhe agradavam tanto.

Eu me odiei por gostar daquelas fotos. Odiei me ver naquela câmara escura e me dar conta de que nós duas tínhamos um gosto parecido, que nos comunicávamos na linguagem secreta da arte. Mas não podia deixar de amá-la, como se os genes compartilhados também significassem corações compartilhados, e não adiantava resistir.

Eu a vi mais algumas vezes, até que um dia ela foi embora de novo. Mais uma vez, sem aviso nem despedidas, sem mandar seu novo endereço nem dar explicações. A câmara escura fora esvaziada, a casa, alugada para novos moradores. Não havia qualquer indício de que ela estivera ali.

Ela nunca foi realmente minha, então não era justo pensar que a havia perdido. E minha madrasta, que era minha mãe verdadeira em tudo o que importava, ainda estava lá, um pouco distante, mas continuava me amando. Eu não tinha o direito de sentir nada, foi o que disse a mim mesma, e, para falar a verdade, não queria sentir nada.

Ainda assim, eu me refugiei dentro de mim mesma, como um animal escavando um túnel e se encolhendo para se manter aquecido. Comecei a pegar no sono durante a aula ou enquanto fazia meu dever de casa. Acordava no meio da noite, faminta, sem conseguir parar de chorar. Parei de sair nas sextas à noite, depois nos sábados, nos fins de semana. A mesa reservada para meus projetos de arte foi abandonada. Minha mãe — madrasta, o que quer que ela fosse — me levou a especialistas em fadiga crônica, pedindo exames de sangue para saber se eu tinha anemia, passou horas na internet pesquisando sintomas, até que uma médica finalmente levantou a hipótese de depressão. Deixei o consultório com uma receita que deveria resolver as coisas, mas nunca tomei o remédio.

Foi na escola, de todos os lugares, que Matt e eu encontramos nosso fim. Três meses atrás. Estávamos só eu e ele no almoço do quinto período, em abril. O ar-condicionado estava ligado no máximo, então sentamos sob uma macieira do lado de fora, no gramado da frente. Nas últimas semanas, eu fora à biblioteca durante o horário de almoço, alegando que tinha dever de casa para fazer, mas nesse dia ele insistiu que eu almoçasse com ele.

Tentou conversar comigo, mas eu não estava conseguindo me concentrar no que ele dizia, então apenas mastiguei a comida. Em determinado momento, derrubei minha laranja e ela rolou para longe, até parar nas raízes da árvore. Estendi a mão para pegá-la e minha manga foi puxada para cima, revelando uma ferida, já cicatrizando, mas inconfundível. Eu tinha enfiado uma gilete no braço para me sentir *cheia* em vez de *vazia* — a descarga de adrenalina, de dor, era melhor que o vazio. Eu tinha pesquisado antes para aprender como esterilizar a lâmina e até onde podia ir sem furar alguma parte essencial. Só queria saber, ouvir do meu *próprio corpo*, que ainda estava viva.

Não tentei dar falsas explicações. Matt não era idiota. Não ia acreditar que eu tinha escorregado enquanto me raspava ou algo do tipo. Como se eu raspasse o braço.

— Você parou de tomar os remédios? — perguntou ele, sério.

— E você agora é o quê? Meu pai? — Puxei a manga e abracei a laranja em meu colo. — Me deixa, Matt.

— Parou ou não?

— Não, não parei. Nunca comecei, na verdade.

— O quê? — Ele olhou feio para mim. — A médica diz que você tem um problema e você nem tenta resolver?

— A médica só quer que eu seja que nem todo mundo. *Eu* não sou um problema.

— Não, você é uma garota se recusando a tomar seus remédios — retrucou ele, incrédulo.

— Eu não preciso de remédios só porque não me comporto como as pessoas querem!

— Pessoas tipo eu?

Dei de ombros.

— Ah, então você está querendo dizer que se sentir mal o tempo inteiro é uma *escolha*. — O rosto dele estava vermelho. — Perdão, eu não tinha entendido.

— Você acha que eu quero encher meu corpo de substâncias químicas e não sentir nada o tempo inteiro? — explodi. — Como é que vou ser eu mesma se tem alguma coisa alterando a química do meu cérebro? Como vou produzir qualquer coisa, dizer qualquer coisa ou fazer qualquer coisa estando praticamente lobotomizada?

— Não é isso que...

— Pare de discutir comigo como se você soubesse o que está acontecendo. Só porque você tem esse trunfo emocional na manga não quer dizer que tenha o direito de decidir o estado mental de alguém.

— Trunfo emocional? — repetiu ele, erguendo as sobrancelhas.

— É! — exclamei. — Quem sou eu para ter um problema de verdade quando estou falando com Matt-meu-pai-morreu?

Simplesmente... saiu. Eu não tinha planejado dizer aquilo.

Eu sabia que a morte do pai de Matt não era uma ferramenta para manipular as pessoas. Eu só queria feri-lo. Já fazia um ano, mas ele ainda estava sensível, ainda sofria, embora tentasse não demonstrar, e tivesse vergonha disso. Eu sabia como era difícil para ele. Nós dois nunca nos esqueceríamos de quando ele chorou no carro enquanto segurava minha mão.

Depois de semanas ignorando suas mensagens de texto, mentindo sobre por que não tinha ido encontrá-lo, perdendo a paciência por qualquer coisinha, acho que usar a morte do pai contra ele foi a última gota. Mesmo na época, não o culpei. Culpar a mim mesma era

praticamente um reflexo, de qualquer forma.

— Matt — comecei.

— Quer saber? — disse ele, levantando-se. — Pode fazer o que quiser. Pra mim já deu.

— Eu errei — disse Matt, e a boca dele foi a primeira coisa a se materializar na nova lembrança, o lábio inferior mais grosso que o superior, a boca levemente torta para o lado com a covinha. — Devia ter começado a história aqui.

Estávamos na sala de artes. As paredes eram brancas e o lugar sempre tinha cheiro de tinta e giz de cera. Na parede do fundo havia alguns suportes nos quais os alunos colocavam suas pinturas para secar ao fim de cada aula. Antes de começar a me afundar na matéria por ter deixado de entregar dois trabalhos, eu costumava ir até ali algumas vezes por semana depois das aulas para trabalhar em meus projetos. Gostava do zumbido das luzes e da paz que reinava no ambiente. Paz não era algo que eu alcançava com facilidade.

Eu estava sentada em uma cadeira, e havia eletrodos presos em minha cabeça, conectados por fios ao aparelho ao meu lado. A tela estava virada para meus colegas de turma, sentados diante de mim em um semicírculo. Adivinhei minha idade pela cor do meu esmalte — no primeiro ano do ensino médio, fiquei viciada em pintar as unhas com cores feias e berrantes, verde-limão, roxo brilhante, azul que brilhava no escuro e laranja-escuro. Eu gostava de transformar algo que deveria ser bonito em uma coisa feia. Ou interessante. Às vezes eu não conseguia ver a diferença.

Esse foi o segundo trabalho de artes mais importante no meu primeiro ano, depois das fotos das pedras do amor. Eu estava fascinada pelo que acontecia dentro do cérebro humano, como se aquilo fosse me ajudar a explicar tudo o que acontecera e ainda acontecia dentro de mim. Depois de uma súbita e estranha inspiração, eu havia me inscrito para receber uma bolsa para jovens artistas e usei o dinheiro para comprar aquele equipamento com tecnologia de ponta, uma das mais recentes inovações em neurociência. Um médico havia me ensinado a usá-lo, e logo em seguida eu o levei para a aula de artes.

Não dei qualquer explicação, apenas me conectei à máquina e exibi minhas ondas cerebrais para a turma e minha habilidade de alterá-las. Primeiro, fiz um exercício de relaxamento, mostrando como meu cérebro se comportava durante a meditação. Depois resolvi problemas de matemática. Ouvi um de meus comediantes favoritos. Conteí minha lembrança mais vergonhosa, a vez em que espirrei na frente da escola durante uma apresentação e fiquei com a cara suja de catarro. As ondas cerebrais mudavam de acordo com as atividades.

Evitei expor conflitos emocionais em minhas ondas cerebrais — deixei de fora a terrível manhã em que minha mãe não desceu para o café, quando eu tinha cinco anos, o espaço vazio em frente à garagem onde o carro dela estivera. Mantive o caos de meu coração e de minhas entranhas em segredo. Meu único interesse era mostrar a mecânica da mente, como as engrenagens de um relógio.

Quando terminei, a turma respondeu com aplausos esparsos. Meus colegas não se empolgaram muito, mas já era de se esperar. Nunca gostavam de nada que eu fazia. Uma das garotas levantou a mão e perguntou ao professor:

— Hã... Sr. Gregory? Isso conta como arte? Quer dizer, ela só mostrou o próprio cérebro.

— É uma performance artística, Jessa — respondeu o sr. Gregory, tirando os óculos. — Pense no que acabaram de ver. Ela acabou de nos mostrar *o próprio cérebro*. Um ato de vulnerabilidade. Isso é muito raro, na vida e na arte. A arte é, acima de tudo, vulnerável e corajosa.

Ele piscou para mim. O sr. Gregory era parte da paz daquela sala. Sempre parecia entender aonde eu queria chegar, mesmo que nem eu soubesse muito bem como fazer isso.

— O que nós estamos fazendo aqui? — perguntei para o Matthew da visita, franzindo a testa. — A gente nem se *conhecia* ainda.

Matt estava sentado no fundo da sala, em um dos cantos, curvado sobre um caderno. Ele sorriu para mim. A covinha de um lado só, olhos brilhantes, dentes brancos.

— Foi aqui que a nossa história começou. Você era tão... Quer dizer, a opinião deles era completamente irrelevante para você. Parecia que, enquanto todo mundo estava ouvindo uma música, você estava ouvindo outra. Nossa, eu amei aquilo. Queria ser daquele jeito.

Suas palavras me provocaram uma sensação esquisita — mais leve em algumas partes do corpo, como se estivesse me transformando em lenços de papel e asas de borboleta.

— Você acha que eu não ligava para o que pensavam de mim? — Balancei a cabeça. Não ia deixá-lo acreditar nessa mentira, não naquele momento. — Claro que ligava. Não consigo lembrar disso sem ficar vermelha.

— É compreensível. Mas eu fui àquela festa no segundo ano porque fiquei sabendo que você ia e... eu queria conhecer você melhor. Eu amei esse trabalho. Amava todos os seus projetos de artes. Era como se você tivesse se mostrado para mim, e eu queria retribuir.

Minhas bochechas ficaram um pouco quentes.

— Você nunca me contou isso.

— Bem, você já tinha dito que ficava sem graça de falar sobre seus trabalhos antigos — disse ele, dando de ombros. — Então eu preferi não tocar no assunto.

— Era com isso que eu estava preocupada, sabe? — falei, baixinho. — Em relação aos remédios. Que eles não me deixassem mais fazer isso, arte. Quer dizer, sentir as coisas, ainda que intensamente, certas vezes, é parte do que me motiva a produzir.

— Você acha que não pode se sentir melhor e continuar a produzir bons trabalhos?

— Não sei. — Mordi o lábio. — Estou acostumada a ser assim. Volúvel. Com os nervos à flor da pele. Eu fico com medo de me livrar dos altos, e até dos baixos, especialmente dos baixos, e perder tudo o que há de interessante em mim.

— Claire.

Ele se levantou, passou pelas cadeiras e se abaixou na minha frente, colocando as mãos em meus joelhos.

— Esses nervos à flor da pele não fazem parte de você. Eles são uma coisa que vive na sua cabeça, contando mentiras. Pense em tudo o que poderia fazer se você se livrasse disso. Tudo o que poderia ser.

— Mas e se... E se eu começar a tomar os remédios e eles me transformarem em uma pessoa chata e entediante? — perguntei, a voz falhando.

— Não é para isso que eles servem. Mas, se isso acontecer, você pode tentar outros. — Suas mãos apertavam meus joelhos. — E você acha mesmo que “entediante” é muito diferente

de como se sente agora?

Não respondi. Na maior parte do tempo eu estava tão perto de cair no lugar mais escuro e vazio dentro de mim que tentava não sentir nada. Então, a única diferença entre isso e um estado entediante causado pelos remédios era que pelo menos dessa forma eu ainda *podia* acessar esse lugar sombrio se precisasse, mesmo que não acessasse. E era nesse lugar, eu dizia a mim mesma, que a verdadeira Claire estava. E também onde a arte estava.

Mas talvez... Talvez não estivessem ali. Eu tinha certeza absoluta de que mudar meu cérebro ia tirar minha arte de mim, mas talvez isso me desse uma arte nova. Talvez sem o monstrinho dentro da minha cabeça eu fosse capaz de fazer mais, não menos. Era igualmente possível. Mas eu acreditava mais no desastre do que na cura.

— Tudo bem você querer se sentir melhor.

Ele tocou minha mão.

Eu não sabia por quê, mas aquelas palavras tão simples me comoveram do mesmo jeito que a música me comovia. Como se uma agulha tivesse sido enfiada em meu peito, perfurando o coração. Não tentei conter as lágrimas. Em vez de me afastar delas, de todo o sentimento, eu me deixei afundar. Deixei o sofrimento vir à tona.

— Mas como é que eu vou me sentir melhor agora? — Cobri os olhos. — Como é que eu vou me sentir melhor um dia... se você morrer?

Desabei no choro como Matt havia feito no carro comigo, segurando as mãos dele, que ainda estavam apoiadas em minhas pernas. Ele entrelaçou nossos dedos e apertou minha mão.

— Porque você precisa.

— Quem disse? — perguntei, olhando feio para ele. — Quem disse que eu preciso sentir alguma coisa?

— Eu disse. Escolhi ver você na minha Última Visita porque queria ter a chance de dizer que você vale muito mais do que o seu sofrimento. — Ele acariciou os nós dos meus dedos. — Você pode carregar todas essas lembranças com você. Elas vão durar mais do que o luto, eu prometo, e um dia vai pensar nelas e vai sentir que eu estou ao seu lado de novo.

— Acho que você está subestimando a duração do meu luto — falei, rindo e chorando ao mesmo tempo. — Sou ótima em ficar me lamentando pelos cantos.

— Algumas pessoas podem abandoná-la — disse ele, pela primeira vez ignorando uma piada para falar sobre algo mais importante. — Mas não significa que você seja alguém que mereça ser abandonada. De jeito nenhum.

Não acreditei completamente nele, mas foi por pouco.

— Não morra — sussurrei.

Depois disso, levei-o de volta para o mar, banhado pelo luar, onde havíamos ido depois de pular do penhasco. Meus tênis estavam cheios de água, o que os deixava mais pesados e quase me impedia de boiar.

— Sua cara está toda suja de maquiagem — observou ele, rindo um pouco. — Parece que está com dois olhos roxos.

— Ah, é? E eu consigo ver os seus mamilos nessa camiseta molhada.

— Claire Lowell, você está secando os meus mamilos?

— Sempre.

Rimos juntos, e nosso riso ecoou pela água. Então pulei nele, não para afundá-lo na água — ele se encolheu, achando que era exatamente isso que eu ia fazer —, mas para abraçá-lo, envolvendo seu pescoço. Ele me segurou, passando os braços pelas minhas costas, os dedos firmes na curva da minha cintura.

— Vou sentir saudades — falei, olhando para ele.

Aquele abraço me transformou em papel outra vez, casca de ovo, vidro de açúcar e folha de outono. Como foi que não reparei nesse sentimento da primeira vez?

Era a coisa mais intensa que eu sentia em dias, semanas, meses.

— Foi uma boa história, não foi? — disse ele. — A nossa.

— A melhor.

Ele beijou meu queixo. Então, com a bochecha ainda colada à minha, sussurrou:

— Você sabe que eu te amo, não sabe?

E então ele se jogou na água, fazendo nós dois afundarmos sob as ondas.

Quando acordei na sala do hospital, uma enfermeira desconhecida tirou a agulha do meu braço e grudou uma bola de algodão no furo que havia ficado. A dra. Albertson chegou para verificar se estava tudo bem comigo. Encarei suas unhas azuis para me estabilizar enquanto ela falava e eu respondia, outra pequena dança.

Fui embora assim que ela me liberou, deixando para trás meu casaco inútil, como Cinderela com seu sapatinho de cristal. E pensei que talvez ela não o tivesse abandonado para que o príncipe pudesse encontrá-la, mas porque estava com tanta pressa de escapar da dor de jamais conseguir o que queria que nem ligou para o que perderia no caminho.

O sol estava quase nascendo quando escapei do hospital por uma saída lateral para não correr o risco de ver um dos parentes de Matt. Pensar em voltar para casa era insuportável, então fui até a praia e parei meu carro no mesmo estacionamento aonde tinha levado Matt para assistir à tempestade. Porém, dessa vez eu estava sozinha, e uma sensação estranha assolava meu peito, uma dificuldade de respirar, como se estivesse prestes a desmaiar.

Minha mente tinha um mantra para momentos assim. *Não sinta nada. Não sinta nada e vai ser mais fácil.*

Cave bem fundo, dizia, e se enterre. Encolha-se para continuar segura, ela dizia, e finja que o resto do mundo não está se movendo. Finja que está sozinha, lá embaixo, onde o sofrimento não pode alcançá-la.

Olhos cegos encarando a escuridão. As batidas do coração desacelerando. Um cadáver vivo é melhor do que um coração moribundo.

O problema desse mantra era que depois que eu me enterrava não conseguia voltar para a superfície, a não ser com a lâmina de um barbeador, que alcançava meu torpor e trazia de volta as sensações.

Mas então me ocorreu, enquanto eu ouvia as ondas, que eu não queria não sentir nada por Matt. Nem por um segundo. Matt merecia pelo menos meu luto, mesmo que essa fosse a única

coisa que eu pudesse dar a ele.

Estendi a mão trêmula na direção do rádio, aumentando o volume até a música começar a transbordar do som. O álbum certo estava tocando, é claro, os sinos e a guitarra explodindo diante do suave ronco do mar.

Apoiei a cabeça no volante e ouvi “Traditional Panic” enquanto o sol nascia.

Acordei em um sobressalto quando meu celular tocou. Eu havia caído no sono com a cabeça ainda apoiada no volante. O sol já nascera, e eu estava pingando de suor por causa do calor irremediável. Fui checar meu estado no retrovisor ao atender a ligação e vi que minha testa estava com a marca do volante. Comecei a esfregá-la para ver se voltava ao normal.

— Mãe? O que foi?

— Você ainda está no hospital?

— Não, acabei dormindo aqui no estacionamento perto da praia.

— Você está brincando? Não consigo notar pelo telefone.

— Não, estou falando sério. O que houve?

— Estou ligando para avisar que a cirurgia terminou. Matt sobreviveu. Ainda não sabem se ele vai acordar, mas já é um bom começo.

— Ele... o quê? — O brilho do sol não me deixava abrir os olhos direito. — Mas os exames...

— As estatísticas não são tudo, meu amor. Sempre há uma exceção, e dessa vez foi ele.

É estranho sorrir tanto que o seu rosto dói e ao mesmo tempo chorar de soluçar.

— Você está bem? — perguntou minha mãe. — Ficou quieta de repente.

— Não. Não estou.

Ninguém nunca me disse como antidepressivos eram pequenos, então foi um choque quando os coloquei na palma da mão pela primeira vez. Como tive medo de uma coisinha tão pequena, de um verde pálido tão bonito? Sério que eu tinha mais medo daquele comprimidinho do que do choro que me fazia cair de joelhos no chuveiro durante o banho?

Mas, do seu jeito, Matt tinha me pedido que tentasse. *Só tente.*

E ele me amava. Talvez me amasse como um amigo ou um irmão, ou talvez algo mais. Não dava para saber. O que eu sabia era que o amor era um pequeno vaga-lume ao longe, piscando no momento em que eu mais precisava. Mesmo em seu sono forçado, seu corpo destruído pelo acidente e reparado cirurgia após cirurgia, ele falou comigo.

Só tente.

Então tentei, enquanto esperávamos para ver se ele acordaria. Tentei o suficiente para levar os remédios à boca. Para ir à médica toda semana, para me obrigar a não mentir quando ela me perguntava como eu estava. Para comer e tomar banho e aguentar os cursos de verão. Para acordar após oito horas em vez de deixar o sono me engolir durante o verão inteiro.

Quando conversei com a médica sobre a Última Visita, só conseguia falar os meus arrependimentos. A Última Visita me mostrou coisas que eu nunca tinha notado antes, apesar de, em retrospectiva, parecerem óbvias. Havia muitas coisas que eu deveria ter dito a ele. E no momento só me restava torcer para que ele já soubesse.

Mas ele acordou.

Acordou na última semana do verão, quando estava tão úmido que eu trocava de camiseta duas vezes por dia só para me manter seca. O sol tinha me deixado sardas no nariz e olhos permanentemente entreabertos. O último ano começaria na semana seguinte, mas, para mim, isso não significava nada sem ele.

Quando a mãe de Matt disse que eu já podia visitá-lo, botei minha caixa de arte no carro e dirigi até o hospital. Estacionei na letra *F*, como sempre, para não me esquecer de onde estava a minha vaga. *F*, a primeira letra do meu palavrão favorito.

Entrei com a caixa no hospital e me identifiquei na recepção. A mulher entediada imprimiu um adesivo de identificação sem nem olhar para minha cara. Grudei-o em minha camisa, que eu mesma fizera, derramando água sanitária em alguns pontos para deixá-los em um tom laranja-avermelhado. Sem querer eu havia manchado a parte logo acima do meu peito, o que não ficava lá muito bom.

Andei devagar até o quarto de Matt, inspirando e expirando para tentar me acalmar. A mãe dele me dera o número umas quatro vezes, além de duas explicações diferentes de como chegar até lá. Mesmo assim, tive que pedir ajuda a uma enfermeira, e ela me indicou o último quarto à esquerda.

A dra. Albertson estava parada do lado de fora de um dos quartos, analisando um gráfico. Ela olhou para mim e não me reconheceu. Provavelmente conhecia tantas pessoas em Últimas Visitas que não se lembrava do rosto de ninguém. Quando se virou, vi suas unhas, não mais azuis como o céu, e sim de um verde-abacate. Quase do mesmo tom do esmalte descascado do meu dedão. Essa era das minhas.

Entrei no quarto de Matt. Ele estava lá, deitado na cama de olhos fechados. Mas estava apenas dormindo, não em coma, segundo me disseram. Acordara na semana anterior, tão desorientado no início que não sabiam se voltaria ao normal. E então, aos poucos, tinha voltado a ser o Matt de sempre.

Era o que diziam. Eu só acreditaria quando visse com meus próprios olhos, e talvez nem assim.

Coloquei a caixa no chão e a abri. Aquele projeto em particular tinha várias peças diferentes. Peguei a mesa em que deixavam a bandeja de comida dele e a mesinha de cabeceira e as coloquei lado a lado. Achei uma tomada para o aparelho de som e o velho tocador de CDs que eu havia comprado na internet. Era de um roxo berrante e estava coberto de adesivos.

Em algum momento durante a organização, Matt abriu os olhos e passou a me encarar. Virava a cabeça bem devagar — sua coluna ainda estava se recuperando do acidente —, mas conseguia virá-la. Seus dedos se mexeram de leve. Engoli o choro e um sorriso e optei por uma expressão neutra.

— Claire — disse ele, e meu corpo vibrou ao ouvi-lo dizer meu nome. Ele sabia quem eu era. — Acho que sonhei com você. Vários sonhos, em uma ordem bem específica, escolhidos por euzinho aqui.

— Shhh. Estou no meio da minha arte aqui.

— Ah, me desculpe. Eu estou no meio da minha recuperação da morte.

— Não tem graça.

— Desculpe. Estou aprendendo a lidar com isso ainda.

Sentei ao lado dele e comecei a desabotoar minha camisa.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— O que você está fazendo?

— Várias coisas ao mesmo tempo. Preciso grudar esses eletrodos no meu peito. Lembra deles? — Segurei os fios, os mesmos que eu havia usado na aula de artes para mostrar minhas ondas cerebrais. — E também quero que a sorte esteja a meu favor.

— Que a sorte... Eles estão me drogando de novo?

— Não. Se você *estivesse* drogado, na sua alucinação eu estaria sem camisa, não?

Sorri e preendi um eletrodo no lado direito do meu peito e outro logo embaixo. Juntos eles leriam minha frequência cardíaca.

— Sem comentários. Esse seu sutiã é surpreendentemente feminino.

Era azul-marinho, com florezinhas brancas e cor-de-rosa. Eu esperei a semana toda para colocá-lo, apesar de ser meu sutiã favorito e eu usá-lo dia sim, dia não.

— Só porque não gosto de usar vestido não quer dizer que eu odeie flores — respondi. — Ok, fique quieto.

Liguei o som, que estava conectado aos eletrodos em meu peito. Meu coração batia em um ritmo constante. Respirei fundo, inspirando pelo nariz e soltando o ar pela boca. Então liguei o tocador de CD e coloquei na segunda música: “Inertia”, de Chase Wolcott.

Inércia

Sou levado em linha reta até você

Uma força impossível de resistir, e nem quero resistir

Levado até você

A bateria começou a tocar em um ritmo constante, as guitarras pulsaram em uma melodia propulsora e circular. Meu coração respondeu, batendo mais rápido conforme eu ouvia.

— O seu coração — disse Matt. — Você agora gosta dessa música?

— Eu avisei que os remédios iam mexer com a minha cabeça — falei, baixinho. — Ainda estou me acostumando com eles, então não fique muito animado. Talvez um dia eu volte a odiar o álbum.

— Os remédios — repetiu. — Você está tomando?

— Ainda estamos ajustando a dose, mas sim, estou tomando, em parte graças ao incentivo de um cara aí que eu conheço. Até agora, os efeitos colaterais incluem dores de cabeça, náusea e a sensação de que a vida pode até não ser tão ruim. O último é o pior de todos.

A covinha reapareceu em sua bochecha.

— Se você achou essa mudança nos batimentos legal, vou mostrar algo ainda mais

impressionante.

Desliguei a música.

— Tá... — disse ele, estreitando um pouco os olhos.

Eu me levantei e apoiei a mão na cama ao lado do ombro dele. Meu coração, ainda batendo pela caixa de som, acelerou. Eu me curvei para mais perto e pressionei meus lábios contra os dele bem de leve.

Sua boca se moveu junto à minha, finalmente respondendo. Ele levou a mão à minha bochecha, afastando o cabelo caído em meu rosto, então a pousou em minha nuca.

Meu coração sacolejava como um trem acelerado. Aquela coisa dentro de mim — aquele órgão pulsante que dizia que eu estava viva, que estava bem, que estava construindo uma vida melhor — foi a trilha sonora de nosso primeiro beijo, e foi bem melhor que qualquer música da minha banda preferida.

— A arte — falei, quando nos afastamos — é vulnerável e corajosa.

Com cuidado, eu me sentei na beirada da cama, perto de seu quadril. Seus olhos castanho-claros seguiram cada um de meus movimentos. Não havia qualquer indício de sorriso em seu rosto e em sua testa franzida.

— A Última Visita é para dar às pessoas a chance de dizer tudo o que precisam antes de perder alguém. Mas, quando fui embora naquele dia, achando que você ia me abandonar para sempre, percebi que tinha mais uma coisa que eu precisava dizer.

Apertei o cobertor, momentaneamente tímida.

Meu coração continuou a bater cada vez mais rápido.

— Então — disse ele em voz baixa. — Pode falar.

— Tá bem. — Eu pigarreei. — Tá bem, eu falo. Vou falar.

Ele deu um sorriso grande e torto.

— Claire... você me ama?

— Isso. Eu amo você.

Ele fechou os olhos só por um segundo, um leve sorriso nos lábios.

— Esse sutiã foi bem maneiro — começou ele. — Mas você não precisava da sorte a seu favor. — Ele sorriu ainda mais, se é que isso era possível. — Tudo sempre me levou até você.

Sorri. Depois me estiquei e apertei o play do tocador de CD. Então, me acomodei ao lado dele na cama, com cuidado para não machucá-lo.

Ele acariciou meu cabelo, levou minha boca até a dele outra vez.

Em silêncio, sem precisar de palavras, ouvimos “Inertia” de novo, e de novo, e de novo.

AMOR É O ÚLTIMO RECURSO

JON SKOVRON

Caro leitor, quero assegurá-lo de que esta não é uma história de amor, nem um romance, não importa o que você possa ter lido na capa. Já existem muitas histórias assim, obrigado. Não, esta é uma história sobre duas pessoas que insistiam em acreditar que o amor era coisa de tolos.

O primeiro dos protagonistas é Lena Cole. Lena tinha olhos azuis penetrantes, feições belas e marcantes e longos cabelos negros que usava presos para trás de um modo prático, mas ainda assim muito atraente. Ela caminhava pelo Hotel del Arte Spa e Resort com a confiança da experiência e do hábito. Embora tivesse acabado de completar dezoito anos, nos poucos verões em que trabalhara no resort, ela se tornara um membro indispensável da equipe.

Lena passou pela sala de jantar, já preparada para o café da manhã.

— Bom dia, sra. Nalone.

Uma senhora loura oxigenada ostentando um bronzeado intenso bebericava um copo de mimosa.

— Bom dia, Lena.

Lena Cole conhecia o nome e a rotina de cada hóspede dos últimos três anos e era capaz de reconhecê-los só de olhar. A sra. Nalone, já divorciada várias vezes, era uma hóspede regular. Seu filho, Vito Nalone, de dezenove anos, só saíria da cama dali a uma hora.

Lena continuou avançando pelo corredor. Quando passou pela sala de jogos, disse:

— Está quase na hora de iniciar os trabalhos, Zeke.

Um animado rapaz de dezesseis anos, com cabelos negros e espetados, estava sentado em um pufe, destruindo zumbis em uma enorme TV de tela plana. Ele usava a camisa polo branca e o short cáqui-escuro que eram o uniforme de toda a equipe do hotel. Zeke desligou o jogo e saudou Lena com uma continência enérgica.

Ela sorriu e seguiu em frente, cumprimentando hóspedes e balançando a cabeça cordialmente para os outros membros da equipe. Quando chegou ao saguão, viu o gerente. Assim como Lena e Zeke, Brice Ghello usava o uniforme dos funcionários. Tinha cabelo muito curto, com apenas uma pequena franja se projetando para a frente, perfeitamente paralela ao chão.

— Ah, Lena, que bom. Eu estava prestes a lhe mandar uma mensagem. — Brice examinou a prancheta como se o objeto contivesse todas as verdades do universo. O que, na cabeça dele, era verdade. — Preciso que você pegue Arlo Kean na estação de trem.

— Ah, sim — concordou Lena. — O garoto novo. Já decidiu para onde ele vai ser designado?

Brice balançou a cabeça.

— Só leve ele para a reunião de meio-dia. Lá eu decido. Ah, e não se esqueça de checar os Ficollo antes de ir.

— Estava a caminho agora mesmo.

Lena foi de elevador até a suíte da cobertura. Magnus Ficollo não era hóspede, era o proprietário. Não era o tipo de proprietário que guardava a cobertura para hóspedes VIP. Ele achava que a maior vantagem de ser dono de um resort era poder usufruir da cobertura sempre que ele e a filha quisessem. E, no começo do verão, quando as chuvas de primavera já tinham passado, mas ainda não fazia aquele calor intenso do meio da estação, os dois gostavam muito de ficar por lá.

A principal responsabilidade de Lena era garantir que o sr. Ficollo e sua amada filha, Isabella, tivessem tudo de que precisassem. Quando bateu à porta, foi Isabella quem abriu.

A garota arregalou os olhos e envolveu Lena em um abraço.

— Que bom ver você! Como foi o ano, estudou bastante?

Lena sorriu com carinho e se demorou um instante retribuindo o abraço, antes de se soltar. Nos anos em que trabalhara para os Ficollo, aprendera que Isabella, como muitas dessas herdeiras bilionárias do pessoal que só anda de jatinhos particulares, já tinha tudo de que precisava na vida — a não ser um bom amigo.

— O ano foi produtivo como sempre, srta. Ficollo.

— Mas você se divertiu?

Os olhos de Isabella brilhavam, e seu sorriso era tão implacavelmente animado quanto no verão anterior.

— Com certeza, srta. Ficollo.

Isabella uniu as mãos diante do corpo.

— Você viu? Meu labirinto ficou pronto!

— Ficou lindo, mesmo.

Isabella levou Lena até a varanda, que oferecia uma vista do resort inteiro. Dava para ver a piscina, com o bar dentro, as quadras de tênis e de basquete, os jardins, o campo de golfe e a última adição ao terreno: o labirinto com paredes de sebe, instalado especialmente para Isabella. A jovem soltou um suspiro satisfeito.

— É tudo o que eu queria. Este vai ser um verão incrível.

— Tão incrível quanto o do ano passado — comentou Lena.

— Você topa uma partida de tênis essa manhã?

— Infelizmente preciso buscar o novo membro da equipe na estação de trem. Podemos deixar para a tarde?

— Claro que sim. Um novo membro da equipe? Que legal! Adoro gente nova.

Lena franziu o nariz arrebitado.

— Gente nova traz mudanças.

Caso você ainda não tenha percebido, nosso segundo protagonista é o novo empregado já mencionado, Arlo Kean. Ao contrário de Lena, Arlo já estava bem acostumado a mudanças.

Três escolas em três anos, cada uma mais rígida que a outra. A mãe até poderia ter ficado brava por ele ser expulso com tanta frequência, só que a mulher também tinha o hábito de mudar a cada ano, tanto de emprego quanto de namorado. Mas o que faltava em permanência a Arlo e sua mãe, eles compensavam com sua incrível capacidade de adaptação. Era por isso que a mãe tinha começado a namorar um dos homens mais bem-sucedidos de Nova York. E esse último namorado tinha conseguido um trabalho de verão para Arlo em um elegante resort no interior. Comparado ao trabalho que arrumou em um depósito no verão anterior, parecia que seriam três meses no paraíso.

Quando desembarcou do trem, Arlo passou os dedos pelos cabelos castanho-claros encaracolados. Precisavam de um corte, ficavam caindo tanto em cima dos olhos que devia ser de propósito. O rapaz examinou a multidão em busca da pessoa que viria buscá-lo. Então sorriu, vendo uma garota da sua idade erguendo uma placa em que estava escrito “Kean”. A garota era bonita, com um rosto daquele jeito que ia mudando dependendo do ângulo. Olhando de um jeito, ela parecia ter feições elegantes e bem marcadas, afiadas como uma lâmina. Por outro ângulo, seus olhos pareciam arder com um fogo interior. Coincidentemente, Arlo gostava de brincar tanto com facas quanto com fogo.

Ainda sorrindo, foi até ela e apontou para a placa.

— Sou eu.

A garota o examinou de cima a baixo.

— Bem, você no mínimo vai poder contribuir para a parte estética. Vamos lá. Você foi o último funcionário a chegar. Temos que estar de volta até meio-dia.

Enquanto a seguia para o pequeno estacionamento ao lado da estação, Arlo decidiu que aquela coisa de contribuir para a parte estética era um elogio.

— Você trabalha no resort?

— Trabalho. — Ela apertou o botão no chaveiro que destrancava o utilitário preto híbrido.

— Então não consigo imaginar como a estética precisaria de qualquer contribuição — comentou ele, acomodando-se no assento do passageiro.

A garota deu um sorrisinho e ligou o carro.

— Acho que sempre tem como melhorar.

— E você tem namorado?

— Não — respondeu ela, com toda a calma, sem tirar os olhos do caminho.

— E quer ter?

— Não.

— Ah. É. Eu também prefiro não complicar as coisas.

A garota voltou os olhos astutos para ele.

— Claro que prefere.

— Ei, não era pra soar assim.

Ela voltou a atenção para a estrada.

— E era para soar como?

— Ahn... — Arlo pensou nas várias possíveis respostas e rejeitou todas. — Talvez seja melhor eu simplesmente calar essa minha boca e ficar sendo lindo.

— Eu estava prestes a sugerir isso.

É, caro leitor, é assim que acaba o primeiro encontro dos nossos dois protagonistas: sem

nem uma cena adorável ou qualquer coisa de amor à primeira vista. Afinal, essas coisas só acontecem nos romances bobos. E, mesmo que isso aqui fosse uma história de amor — o que com certeza não é —, sei que os leitores com bom discernimento, feito você, nunca iriam tolerar artifícios tão banais.

A sra. Patricia Nalone estava deitada à beira da piscina. O médico tinha lhe dito, e mais de uma vez, que naquela idade ela não deveria tomar banho de sol. Era praticamente um convite ao câncer de pele. Mas a sra. Nalone não se sentiria a mesma sem o bronzeado intenso — ou caso permitisse que o grisalho natural tomasse seus cabelos oxigenados. Então estava deitada na espreguiçadeira, a pele curtida cintilando de loção bronzeadora e um copo de vinho gelado na mão, mesmo ainda não sendo nem meio-dia.

— Francamente, Vito — ia dizendo ao filho, em uma voz que já tinha sido ardente, mas que fora arruinada por meio século de cigarros e álcool. — Não sei qual é o seu problema.

— Não tenho problema nenhum, mãe — respondeu Vito Nalone, distraído.

Estava mais concentrado na postura enquanto se exercitava com um pequeno haltere. O levantamento de peso não era uma prática que se limitava apenas à quantidade de peso erguida. De nada adiantaria usar os instrumentos mais pesados se a postura não fosse otimizada para contribuir o máximo possível para a definição e o tamanho dos músculos.

De certo modo, Vito era muito parecido com a mãe. Sua pele também estava reluzindo com a loção bronzeadora, embora fosse lisa e cobrisse bem firme o físico jovem e bem cuidado. Vito não clareava os cabelos escuros, apenas se permitira algumas poucas mechas loiras.

— Então por que você não convida a Isabella Ficollo para sair? — Patricia teria franzido o cenho, mas a aplicação recente de botox a impediu.

Vito deu de ombros, todo musculoso.

— Não tenho muito interesse.

— E como você pode não se interessar pela única herdeira de bilhões de dólares?

Vito deixou o peso no deque da piscina e se recostou na cadeira. Olhou para o gerente da equipe de funcionários, Brice Ghello, que passava apressado e de cenho franzido, examinando uma prancheta. Brice emanava uma honestidade quase exagerada — coisa que Vito achava um traço extremamente charmoso. Ele soltou um suspiro.

— Não sei, mãe. Só não estou a fim dela.

A equipe do Hotel del Arte se reuniu na quadra de basquete ao meio-dia em ponto. Tinha muita gente, a maioria universitários e alunos do ensino médio. Arlo olhou para as cestas, desejoso. Ficou imaginando se os funcionários teriam permissão para usá-las. Não que uma regra proibindo o uso fosse impedi-lo, mas com certeza faria diferença para seus planos.

Um garoto mais novo, de uns quinze ou dezesseis anos, entrou na quadra e parou ao lado dele. E também olhou desejoso para a cesta.

— O que acha? — perguntou Arlo. — Será que deixam a gente jogar à noite?

O garoto uniu as mãos diante do corpo, como em uma prece — ou como se implorasse.

— Esse é Zeke Zanni — apresentou Lena, que estava ali perto.

— Oi, Zeke. — Arlo estendeu a mão.

— Zeke não fala — comunicou Lena.

— Por que não?

A garota deu de ombros.

— Ele nunca contou. — Ela apontou para a frente da multidão. — Brice vai começar.

Brice Ghello parecia só um pouco mais velho do que Arlo, com talvez uns vinte anos.

— Olá, pessoal. Podemos começar, por favor? — Ele examinou a prancheta enquanto esperava as conversas cessarem. — Como gerente aqui no Hotel del Arte, quero dar as boas-vindas a todos vocês neste primeiro dia do verão, o começo da alta temporada. Alguns dos hóspedes já chegaram. Muitos chegarão em breve. Para os poucos novatos deste ano, peço que me procurem depois da orientação para pegar o uniforme e decidirmos as tarefas de cada um. É preciso usar o uniforme durante todo o tempo que estiverem em serviço, assim os hóspedes saberão quem procurar caso precisem de ajuda.

Arlo examinou o uniforme: camisa polo branca e um short apertado que parecia curto demais. Então sussurrou para Lena:

— Todos os shorts são assim?

A garota o encarou com um sorriso enorme.

— É uma das minhas coisas preferidas de trabalhar aqui.

— Achei que você não quisesse namorar.

— Há uma distância enorme entre apreciar a visão de caras bonitos de short e namorar.

— E onde eu fico, exatamente, entre esses dois?

Lena inclinou o corpo para trás e examinou seu traseiro.

— Se não se revelar um completo idiota, talvez haja uma possibilidade de avanço.

Zeke cutucou Arlo com o cotovelo e lhe lançou um olhar de encorajamento.

— Na língua dela, isso foi um elogio? — perguntou Arlo.

O outro assentiu.

— Quero que fique bem claro — dizia Brice — que, mesmo que cada um de vocês tenha responsabilidades individuais, a satisfação de nossos hóspedes vem em primeiro lugar. Não importa o que estiverem fazendo, se um hóspede lhes pedir qualquer coisa, obedeçam. Entenderam? Muito bem, vou pedir aos novatos que venham aqui falar comigo, o restante do pessoal pode voltar aos seus postos.

O grupo se dispersou, e Lena cutucou Arlo.

— Vamos lá ver que trabalho você vai pegar. Brice tem um talento excepcional para encontrar a função certa para cada um.

Os dois avançaram contra o fluxo de gente até Brice. Arlo percebeu que Zeke os seguia.

— Qual é o seu trabalho, Zeke? — Não sabia como o garoto ia responder, mas achou um pouco grosseiro perguntar para Lena, e não para ele.

Zeke ergueu as mãos juntas, como se estivesse segurando um taco de golfe invisível, então deu uma tacada e fingiu proteger os olhos, como se observasse a suposta bola atravessando o ar.

— Você é caddie? Não é um trabalho ruim. Talvez eu consiga algo parecido.

— Oi, Brice. Trouxe o cara novo. — Lena apontou Arlo com o polegar. — Ainda não se provou um completo idiota.

— Muito bem. — Brice coçou o queixo e estreitou os olhos, examinando o novato.

— Como assim, não vou botar o Chapéu Seletor? — perguntou Arlo.

— Piscineiro — declarou Brice.

— É sério isso? — Arlo ignorou Lena e Zeke, que riam baixinho.

— Com certeza — confirmou Brice, muito sério. — A piscina é um dos lugares mais populares do resort. Preciso de alguém com boa aparência, mas esperto o bastante para cuidar de si mesmo e de quem mais estiver no deque. Você sabe nadar, não sabe?

— Sei, mas...

— Excelente! É um trabalho importante. Na verdade, acho que é melhor eu mesmo cuidar do seu treinamento.

Arlo percebeu a expressão sincera no rosto do novo chefe e forçou um sorriso.

— Maravilha.

— Ah, Lena! — chamou uma voz animada do outro lado da quadra de basquete. Uma garota mais ou menos da idade dele, de camisa polo rosa e saia branca, acenou com uma raquete de tênis. Arlo teve que estreitar os olhos quando olhou para ela, que estava contra o sol. O halo iluminado tornava a garota uma visão quase angelical — Já está livre para jogar?

Lena abriu um sorriso caloroso.

— É claro, srta. Ficollo. Já estou indo. — E se virou para os rapazes. — Muito bem, meninos. O dever me chama.

Arlo ficou olhando Lena se afastar, pensando em como o short do uniforme também lhe agradava. E deixou escapar um suspiro baixo.

Brice seguiu seu olhar.

— Não vai rolar.

— Ah, eu me considero um otimista — declarou Arlo.

— Bem, boa sorte com isso. — Brice pegou Arlo pelos ombros e o virou na direção da piscina. — Acho que você vai descobrir que o trabalho de piscineiro pode ser extremamente recompensador de outras formas. Aliás, eu trabalhei na piscina, no meu primeiro ano. Pode ser interessante, você vai ficar impressionado.

— Mal posso esperar — retrucou Arlo. Enquanto Brice o guiava em direção à água, ele virou para trás, olhou para Zeke e perguntou, sem emitir qualquer som: — Basquete depois do trabalho?

Zeke ergueu os dois polegares, concordando.

— Muito bem — começou Brice, os olhos cintilando de prazer. — O piscineiro tem duas responsabilidades principais: manter o pH da água sempre em equilíbrio e limpar a superfície, para que a água sempre esteja cristalina!

— Aquele cara com quem você e Brice estavam falando é o novo membro da equipe? — perguntou Isabella, fazendo seu saque com uma postura animada e ardilosa que levava anos

para aperfeiçoar.

— Sim. É o novo piscineiro — respondeu Lena, devolvendo a bola.

— E você está tentando fingir que não sabe o nome dele? — Isabella mandou a bola de volta. — Você, Lena Cole, que sabe o nome de todo mundo?

Lena errou a devolução. Foi andando tranquilamente até a cerca, para pegar a bola que caíra ali perto.

— O nome dele é Arlo Kean.

— Ele é uma gracinha — comentou Isabella.

— Ele é encrenca.

Se fosse obrigada, Lena teria admitido que o achava atraente. E o fato de ele se comunicar com Zeke assim tão fácil era mais um ponto a favor do garoto. Mas alguma coisa em Arlo Kean a deixava só um pouquinho insegura. O que era uma sensação da qual Lena não gostava nem um pouco.

— Sabe qual é o seu problema, Lena?

— Por favor, srta. Ficcollo, me diga qual é — respondeu ela, quicando a bola na raquete.

— Você é muito rápida em julgar os outros. Talvez ele só tenha parecido sinônimo de encrenca quando vocês se conheceram. Com alguns garotos, é preciso olhar um pouco mais fundo para encontrar a verdadeira beleza.

— Como no caso do jovem sr. Elore? — Lena apontou com a raquete para trás da quadra de tênis, para a entrada do resort, onde Franklyn Elore e a mãe acabavam de chegar.

— Ah, Franklyn... — Quando viu o rapaz, a postura atrevida e animada de Isabella se derreteu feito um caramelo ao sol. — Este verão, ele parece ainda mais saído de um sonho, não acha?

— Se por saído de um sonho você quiser dizer que ele vive fora da realidade...

Franklyn lembrava a Lena um daqueles poetas românticos, estilo Byron ou Shelley. Era dono de um olhar intenso, roupas sempre amassadas e um ar de inocência nostálgica, isso aliado a uma completa falta de noção em relação ao que acontecia ao redor. Lena ficou olhando o rapaz empurrar um carrinho cheio de livros com dificuldade pela calçada, tentando impedir que o conteúdo se espalhasse pelo jardim. Os cabelos e óculos estavam meio tortos, os cadarços, desamarrados.

Mas ele não era o grande culpado daquilo, já que sua mãe não era muito melhor. A dra. Elore seguia atrás do filho com um leitor de e-books na mão, mal conseguia andar sem esbarrar no que estivesse pelo caminho, de tão concentrada na leitura. Os cabelos, também bagunçados, as roupas igualmente amassadas. Mas, enquanto Franklyn lembrava os poetas românticos, a mãe tinha a aparência típica dessas professoras de universidades de elite que raramente viam a luz do dia — precisamente o que ela era. Todo ano, o sr. Elore mandava a esposa e o filho para passar o verão no Hotel del Arte, e Lena não podia culpá-lo por ficar para trás.

— Franklyn, querido — começou a dra. Elore, sem desgrudar os olhos do e-reader. — Considerando a estirpe superior de *Comentários sobre a guerra gálica*, não vejo por que concentrar suas leituras de verão de latim em um tolo sentimental feito Virgílio.

— Mãe, é porque estou mais interessado na alma da linguagem do que na política — retrucou Franklyn, ainda tentando passar com o carrinho ao lado da quadra de tênis onde as

duas jogavam.

— Pronto para o meu saque, srta. Ficollo? — perguntou Lena, enfática.

Isabella pareceu sair do transe e, com esforço supremo, catou seus pedaços de caramelo derretido do chão e reformulou a postura de herdeira atraente.

— Sim, é claro. Pode mandar quando quiser.

Mas, no exato momento em que Lena sacou, o carrinho de Franklyn tombou para a frente, espalhando os livros pela calçada como grossas cartas de um baralho latino.

— Minha nossa!

A voz suave de Franklyn atraiu o olhar de Isabella bem no instante em que a bola de tênis chegou. Em vez de bater na raquete, a bola bateu na cabeça da jovem, que caiu na quadra com um baque nada elegante.

— Isabella! — Lena pulou por cima da rede e correu até ela.

Franklyn se virou ao ouvir o nome.

— Srta. Ficollo! — Ele passou cambaleando por cima dos livros, quase tropeçando em um exemplar da *Eneida* antes de se equilibrar e ir correndo até Isabella.

Lena ajudou a herdeira a se sentar e examinou a marca vermelha em sua testa. Era inteiramente possível que, um tanto irritada pela eterna paixão de Isabella por Franklyn, tivesse sacado com um pouco de força demais. Um pequeno hematoma já se formava na testa dela.

Franklyn ficou de pé ali, parado, apertando as mãos.

— Srta. Ficollo! Está tudo bem?

Isabella abriu os olhos, as pálpebras trêmulas. Um sorriso delicado se formou em seus lábios rosados enquanto ela dizia:

— Ah, Franklyn, por favor. Me chame de Isabella.

— I-sa-bel-la. — Ele separava cada sílaba, como se examinasse a apresentação de uma orquestra, um grupo de instrumentos por vez, só para entender como tudo se juntava para produzir um som tão lindo. — Bem, Isabella...

— Diga, Franklyn — incentivou ela, ofegante.

— Fico feliz que esteja bem.

E fugiu.

Isabella soltou um suspiro.

— Talvez ele não goste de mim, afinal.

A jovem herdeira estava tão acostumada a todos serem expansivos nas demonstrações de afeto que nunca precisou desenvolver o talento de detectar qualquer afeição em pistas sutis.

— Acho que não é o caso.

Isabella franziu o cenho, mas, mesmo um pouco zozza e de cenho franzido, continuava empertigada — prova de que anos de treino e dedicação podem dar bons resultados.

— Você só está tentando me animar.

Lena baixou os olhos para a testa machucada de Isabella e sentiu uma pontada de culpa.

— Tenho uma ideia. Para compensar essa bolada na sua testa, quer que eu investigue?

— O segredo é o movimento do pulso — disse Brice, demonstrando o melhor método para

recolher folhas mortas e insetos moribundos da superfície da piscina. Ele segurava uma ponta da longa haste de metal sem muita força enquanto a rede na outra ponta mergulhava na água cheia de cloro e de um tom intenso de azul. — Tem que afundar a rede de lado, para não fazer marola, daí é só erguer a ponta por baixo do que quiser capturar.

— Entendi. — Arlo tentou ajeitar o short apertado para deixá-lo mais confortável.

— Não quero que você fique sobrecarregado com tanta coisa nova. Talvez seja melhor deixar para explicar como aspirar o fundo da piscina amanhã.

— Aaah, tem certeza? Eu odiaria adiar tanto isso — retrucou Arlo, displicente.

Brice assentiu.

— É, acho que você tem razão. Vamos resolver isso logo.

Arlo estremeceu. Tinha que aprender a manter a boca fechada. Agora precisava de uma distração.

— Ei, aquele musculoso bronzeado ali está de olho em você.

Brice ruborizou da testa até o pescoço.

— Não seja ridículo. Aquele é o filho da sra. Nalone, uma das nossas hóspedes mais estimadas.

— E daí...?

— E daí que, mesmo se ele estivesse de olho em mim, o que provavelmente não está...

— Olha lá, se não acredita. Ele ainda está de olho. E eu diria que está bem óbvio.

— Eu não vou olhar. E não importa, porque somos estritamente proibidos de... ter qualquer envolvimento com os hóspedes.

— Ah... — Arlo ficou olhando enquanto o chefe remexia a longa haste de metal da peneira.

— E essa é uma regra rígida?

O rosto de Brice adquiriu um tom de vermelho tão intenso que parecia quase roxo.

— Eu só estava me perguntando quanto você planeja fiscalizar o cumprimento dessa regra — explicou Arlo.

— Eu, ahn... Minha nossa, olhe a hora! — Brice fez uma cena, mostrando o relógio. — A dra. Elore e o filho já devem ter chegado. É melhor eu ir me certificar de que eles não estão precisando de nada. — Ele empurrou a haste de metal da peneira para Arlo. — Você, ahn... continue com a limpeza. — E saiu apressado na direção do hotel.

Arlo sorriu. Passagem do aspirador adiada com sucesso por mais um dia. Aquela sua boca grande também o tirava de muitas encrencas, e talvez fosse por isso que ele nunca aprendia a lição.

— Ah, quase esqueci. — Brice reapareceu, falando em um tom apressado: — Se você vir a dra. Elore, faça o que for preciso para mantê-la longe da sra. Nalone. Prometi ao sr. Ficollo que este ano não haveria necessidade de chamar a polícia nem pedir uma ambulância.

— Entendido — respondeu Arlo, embora na verdade não tivesse entendido nada.

Imaginou que seria algo óbvio de entender, caso fosse preciso.

Depois que Brice foi embora, Arlo deu uma olhada na área da piscina. Não tinha muito o que ver. A piscina era em formato de L, a parte mais longa com raias para nadar. Também havia uma banheira de hidromassagem, um bar molhado e um galpão onde ficava o material para cuidados da piscina. O deque era rodeado por espreguiçadeiras. Alguns poucos nadadores iam e vinham lentamente pela água, e várias pessoas estavam deitadas em espreguiçadeiras.

Entre elas, a estimada sra. Nalone e seu filho.

Então aquele seria o seu verão. Definitivamente melhor do que o depósito, mas Arlo estava pensando em como melhorar ainda mais. A saída mais óbvia era fazer o chefe relaxar um pouco. E parecia que o jeito mais eficiente para conseguir isso era arranjar uma companhia para a cama dele.

Arlo limpou a piscina, aproximando-se aos poucos dos Nalone. Ainda não tinha um plano, mas achou que ouvir a conversa entre mãe e filho poderia dar algumas pistas.

— Você é impossível, Vito. — O rosto da sra. Nalone estava parcialmente coberto por enormes óculos escuros. Ela parecia uma Barbie que tinha caído em uma fritadeira. — Não é como se eu estivesse pedindo a você que chamasse uma herdeira feia para sair.

— Isabella é mesmo bonita — concordou Vito, sem animação.

— Ela parece boa no rala e rola — insistiu a sra. Nalone.

— Rala e rola, mãe?

— Ué, os jovens não dizem mais isso? — A mulher deu de ombros. — Não importa, ela é fantástica. Eu queria ter aqueles peitinhos empinados.

— Mãe!

— Qual o problema? Teria me poupado uma fortuna em plásticas! — Ela tomou um longo gole do vinho e se virou para Arlo. — Ei! Piscineiro!

— Sim, madame?

A sra. Nalone franziu o cenho por trás dos óculos enormes.

— Você é novo?

— Sim, madame. Hoje é o meu primeiro dia.

— Uau! — exclamou ela, de um jeito que deixou Arlo um pouco nervoso. — E qual é o seu nome?

— Arlo, madame.

— Por causa daquele cantor de folk?

— Isso mesmo, madame.

A sra. Nalone deixou escapar um resmungo de desprezo.

— Odeio folk. Vou chamar você de Piscineiro.

— Como quiser, madame — retrucou Arlo, lembrando-se de como Brice fora enfático ao falar que era preciso manter os hóspedes satisfeitos. Não se importava de entrar naquela brincadeira. Era melhor do que limpar a piscina.

— Ah, gostei de você. — A sra. Nalone umedeceu os lábios vermelhos, cobertos por uma grossa camada de batom.

— Mãe! — repreendeu Vito.

A sra. Nalone dispensou a repreensão com um gesto e continuou falando com Arlo:

— Já conheceu a srta. Ficcollo, a filha do proprietário?

— Eu a vi rapidinho e de longe, madame.

— Serve. Você diria que ela parece boa no rala e rola?

Arlo olhou para Vito, sem saber como responder.

Vito soltou um suspiro.

— Não tem problema, deixa ela seguir com isso.

Arlo se virou para a sra. Nalone.

— Sim, madame.

— Quão boa? — pressionou a mulher.

— Extremamente.

— E você tem algo contra herdeiras bilionárias? — insistiu ela.

— De forma alguma, madame.

A sra. Nalone se recostou na espreguiçadeira, uma expressão satisfeita despontando na parte inferior do rosto.

— Viu só? O Piscineiro tem mais bom senso do que você, Vito.

Ela baixou os óculos para direcionar ao filho toda a intensidade de seu olhar severo. O jovem se encolheu e olhou em volta, buscando uma escapatória.

Arlo se sentiu mal pelo rapaz. Mas aquilo tudo era muito informativo, considerando seu plano de arranjar alguém para ocupar a cama de Brice, ainda que não fosse particularmente encorajador. Vito talvez não tivesse se assumido, pelo menos para a mãe, e isso complicava um pouco as coisas.

O jovem abriu um sorriso.

— Ih, mãe, olha. Os Elore chegaram.

A sra. Nalone se sentou na espreguiçadeira.

— É mesmo?

A sra. Nalone pulou da espreguiçadeira e foi correndo para o bar da piscina. Lá estava uma mulher que parecia mais vestida para um safári do que para um banho de sol, com short cáqui e camisa de manga curta combinando. Ela usava óculos grossos e tinha uma testa excepcionalmente grande.

— Aquela é a dra. Elore? — perguntou Arlo.

— Com certeza — respondeu Vito.

— Ah. — Arlo observou as duas sorrindo e se abraçando. — Meu chefe me mandou manter as duas afastadas.

— Ah, mas isso é mais tarde. — Vito se levantou e saiu andando para o campo de golfe. — Ainda estamos no primeiro dia, então... lá pela hora do jantar?

— Os lábios dela são como... rosas organicamente cultivadas. Os cabelos como... macarrão sem glúten.

Ter uma mente poética não necessariamente garantia a habilidade de fazer poesia. Mas aquele não era o primeiro poema ruim que Franklyn escrevia sobre Isabella, e Zeke já desenvolvera tolerância a isso. Ele estava deitado sobre uma leve colina, passando os dedos pela grama cuidadosamente aparada, enquanto Franklyn Elore afundava em um banco próximo, com caderno e caneta na mão. Os dois conjuntos de tacos de golfe jaziam na grama. Nenhum deles entraria em ação naquele dia.

Franklyn franziu o cenho enquanto examinava o que escrevera.

— Ah, macarrão, não... Os fios sempre se embolam, e o cabelo de Isabella nunca fica bagunçado. — Ele gemeu e rolou, saindo do banco para se deitar ao lado de Zeke, os braços e as pernas bem abertos. — Você não acha Isabella a garota mais linda que já existiu?

Zeke sorriu e assentiu, tentando encorajá-lo.

Franklyn ergueu o caderno.

— Não adianta, Zeke. Não existe a menor possibilidade de eu conseguir capturar um encanto tão transcendente em meras palavras.

Mais uma vez, Zeke sorriu e assentiu.

Franklyn estreitou os olhos.

— Você só está querendo me agradar, não é mesmo?

Zeke deu de ombros.

Franklyn suspirou e deixou o caderno cair.

— Você me trata como se eu fosse um doente, um inválido. É isso que é o amor? Uma doença da alma?

Zeke deu um tapinha carinhoso na cabeça do rapaz apaixonado.

— O amor me faz sofrer. Física e mentalmente. — Franklyn fechou os olhos, sentindo o sol da tarde em seu rosto. — Queria que houvesse um modo de contar a ela... — Soltou outro suspiro. — Não, é impossível. Ela com certeza não está interessada em mim. Como poderia estar?

Os dois continuaram deitados no campo de golfe, os olhos fechados. Aos poucos, perceberam o som de passos se aproximando.

— Ora, ora. Só podia ser Franklyn Elore, com tantos suspiros e gemidos no ar.

Franklyn abriu os olhos e viu Vito sorrindo em pé ali ao lado. Ele estendeu a mão.

— Pode me ajudar a levantar?

— Na verdade, estava pensando em me juntar a vocês. — Vito se deixou desabar do outro lado de Zeke. — Imagino que você já tenha visto a Isabella.

— Ela está ainda mais adorável do que no verão passado.

— Ela está mesmo mais encorpada. Minha mãe está louca de inveja.

— Sua mãe ainda quer que você a convide para sair?

— Mas é claro. Os bilhões de dólares suavizam, na hora de engolir a inveja.

— E se você simplesmente... sei lá, contasse a verdade?

— Você não está falando sério, né?

— Bem, resolveria o problema — retrucou Franklyn, na defensiva.

— Eu sei. Já quase contei. Quase mesmo, mas aí... — Ele balançou a cabeça. — Simplesmente não consigo.

Zeke repetiu o tapinha gentil, dessa vez na cabeça de Vito, que sugeriu:

— Sabe, Franklyn, se você convidasse a Isabella para sair, seria muito bom para nós dois.

— Ah, agora é sua vez de dizer absurdos.

— Não é tão absurdo assim. — Foi a vez de Vito ficar na defensiva.

— Eu não tenho a menor chance, ela é muita areia para o meu caminhãozinho.

— É verdade — admitiu Vito.

— E mesmo que por um milagre ela aceitasse, você sabe que minha mãe nunca aprovaria.

— Acho que essa história da sua mãe, de exigir uma média acadêmica elevada, é um pouco exagerada — comentou Vito. — Nem todo mundo consegue tirar nota máxima todo trimestre.

— Na verdade, eu a convenci de que uma média um pouco menor às vezes pode ser boa para ajudar a pessoa a se desenvolver melhor.

— Mas mesmo assim! Ouvi dizer que Isabella acabou o ano um pouquinho acima da média, o que já é mais do que eu consigo. Ela não é burra.

— Claro que não é. Mas vai explicar isso para a minha mãe...

Foi a vez de Franklyn receber outro tapinha carinhoso de Zeke.

Os três continuaram ali, deitados e em silêncio, a não ser pelo canto ocasional de algum pássaro, o ruído do vento agitando a grama e o barulho de um taco acertando a bola, vindo de alguém que realmente jogava golfe ao longe.

— Eu vi o Brice hoje, estava treinando o novo piscineiro — comentou Vito. — Ele leva tudo tão a sério. É uma gracinha.

— Você devia chamar Brice para sair — sugeriu Franklyn.

— Logo depois que eu contar que sou gay para a minha mãe?

— Você pode falar com ele em segredo. Sempre faziam assim, nos velhos tempos.

— Ela ia descobrir — retrucou Vito. — Não sei como, mas ia. E, de qualquer forma, acho que Brice não está interessado em mim.

— Mesmo com esses músculos e tudo mais? — Franklyn estendeu a mão por cima de Zeke e cutucou o enorme bíceps de Vito.

— É, né? Mas ele nunca nem olha para mim. Talvez ele simplesmente... não goste de músculos.

— O que seria muito injusto.

— O amor é injusto — retrucou Vito.

— E desesperador — completou Franklyn.

Zeke deu um tapinha carinhoso na cabeça de cada um ao mesmo tempo.

— Às vezes me sinto meio culpado por eu e Vito jogarmos tudo em cima de você, Zeke — comentou Franklyn.

— Ah, ele não se importa, não é, Zeke? — perguntou Vito.

O jovem soltou um sorriso presunçoso. Meu caro leitor, se você já teve que passar horas a fio rodando por um campo de golfe, no calor, levando uma bolsa de golfe cheia de tacos e bem difícil de carregar atrás de outra pessoa, com certeza ia preferir ficar deitado à sombra, ouvindo as reclamações de garotos ricos sem prestar muita atenção.

Lena e Isabella estavam na sauna, sentadas relaxando em suas roupas de banho. Lena não gostava muito daqueles cômodos projetados especificamente para passar um calor desagradável. E gostava menos ainda de pular na piscina absurdamente gelada logo depois. Mas a dra. Elore sugerira isso a Isabella, no verão anterior, dizendo que seria bom para o corpo. E, embora Lena tivesse argumentado que a dra. Elore fosse ph.D em história antiga, não em dermatologia, aquilo se tornara um ritual diário no fim da tarde.

— Me conte alguma coisa sobre o novo piscineiro — pediu Isabella.

O calor era um desafio até mesmo para o entusiasmo dela. Na sauna, o melhor que a jovem conseguia era mostrar uma leve vivacidade.

— Não tenho muito para contar — explicou Lena, meio evasiva. — Conheci o garoto hoje de manhã.

O problema de pessoas animadas demais era que elas às vezes puxavam um assunto que o interlocutor claramente queria evitar.

— De onde ele é? Onde estuda? Está solteiro?

— Ele é da cidade, mas parece que já se mudou várias vezes. E estuda numa escola diferente todo ano. Sinceramente, eu não o teria contratado, considerando o currículo. Mas ele é conhecido de um dos amigos do seu pai.

— Ah, então ele tem contatos! — comentou Isabella. — Que misterioso!

Lena secou o suor que escorria da testa.

— Por que você não para com essa história?

Isabella fez biquinho.

— É que seria muito mais divertido ficar babando pelo Franklyn se você também estivesse babando por outra pessoa.

— Digamos que, hipoteticamente, eu considere o sr. Kean atraente. Mesmo que fosse o caso, eu não sou o tipo de garota que fica babando por alguém.

Isabella esfregou as mãos suadas.

— Mas, mesmo assim, não seria tão ruim dar só um pouquinho de incentivo ao rapaz. Pode ser uma boa ter ele por perto, neste verão.

— Ah, você quer usar o menino? — perguntou Lena.

— Mas é claro! Para que mais servem os garotos? Podem ser usados para tudo: carregar coisas, construir, consertar, lembrar. E alguns também são muito bons de se olhar.

— Realmente, há vantagens práticas e estéticas em se ter um por perto — admitiu Lena.

— Só pense um pouco a respeito, está bem? Pronta para pular na piscina?

A sauna feminina dava para os vestiários. Lena e Isabella passaram por um grupo de mulheres mais velhas nuas e seguiram para a piscina. Quando já estavam chegando na entrada, ouviram a inconfundível voz estridente da sra. Nalone.

— Seu filho ainda está solteiro porque é um nerd destrambelhado que não tira o nariz dos livros!

— Ora — interrompeu a voz sem expressão da dra. Elore —, e o seu filho ainda está solteiro porque é um brutamontes ignorante que mal consegue formar uma frase!

— Já começou? — perguntou Lena.

— Espero que as duas ainda não tenham começado a jogar coisas uma na outra — comentou Isabella.

As meninas se apressaram em sair para o deque da piscina. A sra. Nalone e a dra. Elore permaneciam lá, paradas, irritadas, olhando feio uma para a outra. Ao que parecia, ainda não tinham começado a jogar coisas, mas não ia demorar — para azar de Arlo, que estava bem no meio das duas, diretamente na linha de fogo.

Ele ergueu as mãos.

— Ei, senhoras, por favor! Vamos fazer uma pausa, precisamos manter a calma!

— Bibliotecária piranha! — gritou a sra. Nalone.

— Vagabunda analfabeta! — retrucou a dra. Elore.

— Ai, o que aquele garoto está fazendo? — murmurou Lena.

— Sendo heroico e corajoso — respondeu Isabella, dando um cutucão na amiga.

— O heroísmo é supervalorizado, e a coragem sempre vem acompanhada da estupidez —

retrucou Lena. — Além do mais, não vai adiantar nada se ele acabar inconsciente, nocauteado por uma garrafa de vinho.

— Sempre achei que o Sauvignon Blanc de 1998 era um vinho leve — comentou Isabella.

— Infelizmente, a garrafa machuca do mesmo jeito, não importa a uva e o ano da safra.

A sra. Nalone ergueu a garrafa de vinho, segurando-a pelo gargalo com ambas as mãos, pronta para acertar a cabeça de Arlo caso ele não saísse da frente. Mas o rapaz permanecia firme e forte entre elas. Não, corrigiu-se Lena. “Firme” soava muito atraente e elogioso. Ele permanecia teimosamente entre elas. Sim, soava bem pior.

— Vagabunda, eu? — resmungou a sra. Nalone. — Vou quebrar essa sua cabeça enorme e cheia de livros!

— Duvido que esses seus braços atrofiados tenham massa muscular o bastante para sequer levantar essa garrafa! — retrucou a dra. Elore.

— Lena, faça alguma coisa — pediu Isabella. — Ninguém quer que o coitado do Arlo se machuque.

Lena suspirou.

— Acho que é melhor mesmo.

— É isso mesmo, sua cadela pomposa — gritou a sra. Nalone. — Vamos acabar com isso de uma vez por todas!

— Ah, se vamos! — gritou a dra. Elore.

— Ora, minhas senhoras. — Lena entrou tranquilamente na cena, ao lado de Arlo. — Isso não pode acontecer.

— Nem tente me deter! — berrou a sra. Nalone, erguendo a garrafa de vinho.

— Mas não vou mesmo — respondeu Lena. — Só que, se as senhoras querem mesmo acabar com isso de uma vez por todas, então o melhor é fazer direito.

A sra. Nalone baixou a garrafa só um pouquinho.

— Como assim fazer direito?

— Ora, com um duelo, é claro — respondeu Lena. — E imagino que seus filhos vão ser escolhidos para tomar o seu lugar, caso vocês morram. Posso pedir a Arlo que providencie as pistolas? — Ela olhou primeiro para a sra. Nalone, depois para a dra. Elore, e as duas pareciam perplexas com a sugestão.

— Ora... Eu... — gaguejou a sra. Nalone. — Nunca usei uma pistola na vida!

— É, acho que isso a colocaria em desvantagem — concordou Lena. — Então é melhor pedir os floretes? É um pouco antiquado, mas tem bem menos chance de causar um ferimento fatal. Os duelos com espadas costumam terminar no máximo com pequenos desmembramentos.

— Desmembramentos? — Os olhos da dra. Elore pareceram ainda mais arregalados por detrás dos óculos.

— Ah, não precisa se preocupar muito, doutora — respondeu Lena. — A medicina fez avanços impressionantes em matéria de próteses.

— Mas... também nunca lutei com ninguém com uma espada — interveio a sra. Nalone.

— Acho que não faria muita diferença — comentou Lena. — Afinal, eu duvido que a senhora já tenha lutado com uma garrafa de vinho de cem dólares. E tenho certeza de que não preciso lhe informar que, não importa o resultado do duelo, a garrafa quebrada será cobrada na

conta do seu quarto.

— Cem dólares? — A sra. Nalone olhou para o vinho.

— Sim — confirmou Lena. — Seria melhor escolher uma arma mais resistente e apropriada. E então, o que vai ser? Lanças? Arco e flecha? Facas?

A sra. Nalone a encarou.

Lena se virou para a dra. Elore.

— Parece que a sra. Nalone está deixando a escolha a seu cargo, doutora. É bem elegante da parte dela, considerando as circunstâncias. Qual é a arma de sua preferência? Se quiser o mínimo de derramamento de sangue possível, sugiro algo rombudo, como um cassete. Ou quem sabe bastões de beisebol. Afinal, já começou a temporada.

A dra. Elore ficou pálida.

— Bem, se nenhuma das duas está disposta a escolher, vamos ter que adiar o duelo.

— Sim... — concordou a sra. Nalone. — Acho melhor mesmo...

— Concordo — disse a dra. Elore.

Houve um longo silêncio, enquanto todos se encaravam. Nunca acontecera nada remotamente parecido no Hotel del Arte.

Brice apareceu à porta. Ele olhou ao redor e percebeu o clima estranhamente silencioso.

— Tudo bem por aqui?

— Tudo ótimo — respondeu Lena.

— Maravilha. Bem, está na hora de se arrumarem para o jantar.

Todo mundo no deque deixou escapar um suspiro de alívio.

— Obrigado pela ajuda — disse Arlo a Lena, enquanto os hóspedes entravam no hotel.

— Ajuda?

— Sim. Quer dizer, eu tinha a situação sob controle, mas agradeço mesmo assim.

Lena estava prestes a informá-lo de que nada parecia estar sob controle. Mas, quando olhou para o rosto sorridente do rapaz, para o cacho caindo sobre um dos olhos, lembrou-se da sugestão de Isabella. Não ia doer se fizesse algum esforço. Então, Lena sorriu:

— Foi muito corajoso entrar no meio das duas daquele jeito, já no primeiro dia. Foi bem idiota. Mas também corajoso.

Aquela migalha de encorajamento teve o mesmo efeito que água em uma planta quase seca. Arlo literalmente desabrochou: as costas ficaram eretas, o sorriso se abriu, os olhos brilharam. Lena, que não costumava ter o hábito de desperdiçar elogios, achou a reação interessante e potencialmente útil.

— Mas foi mesmo muito inteligente o seu jeitinho de fazer as duas desistirem da briga — concedeu Arlo.

— Acho que nós dois formamos uma boa dupla — comentou Lena.

O rapaz estufou o peito, orgulhoso.

— Concordo.

— Bem, preciso me trocar para atender os Ficcollo.

— Tenho que admitir que eu não achava que você era do tipo de garota que usa biquíni — comentou Arlo.

— Por que não? — Lena se virou e saiu andando na direção da porta. — Eu sei que fico fantástica de biquíni.

— Mais uma coisa com a qual eu concordo — murmurou Arlo. Então falou, mais alto: — Ah, ei, Zeke e eu vamos para a quadra de basquete depois do trabalho. Se não tiver outros planos, você podia dar uma passada por lá.

Lena parou e considerou o convite. Tinha que admitir que fora muito bem pensado. Incluir Zeke dera um tom cordial, sem pressão, que eliminava o risco das constrangedoras promessas de amor de que ela fora alvo no passado. Além disso, tinha um assunto para discutir com Zeke.

— Talvez eu vá.

— Ótimo! — O sorriso que ele abriu pareceu ameaçar rasgar o rosto ao meio.

Enquanto seguia para a sala de jantar, Lena se perguntava o que acabara de colocar em ação. Arlo reagira à gentileza dela com o entusiasmo de um cachorrinho. Sem dúvida um cachorrinho adorável, precisava admitir. Se não fosse mais cuidadosa no modo como ofereceria futuros elogios, poderia muito bem se pegar fazendo daquilo um hábito.

— Ah, você deveria ter visto, Zeke — dizia Arlo, tentando fazer uma cesta. — Ela negociou com aquelas duas malucas. — A bola bateu na tabela e passou pelo aro. Zeke a pegou e passou de volta para Arlo. — E tem mais: disse que a gente formava uma boa dupla. — Ele deu uma risadinha e tentou um novo arremesso. — Que tal?

A bola girou na cesta e caiu para fora. Zeke pegou o rebote, mas saiu quicando a bola até a linha de três pontos.

— Ah, espero que você não se importe, mas eu a chamei para vir aqui depois do trabalho — avisou Arlo.

Zeke deu de ombros e fez a cesta de três pontos.

— Boa! — Arlo pegou a bola e a quicou algumas vezes, encarando o céu noturno. Parecia muito mais estrelado ali, no campo. — É só que... nunca conheci uma garota como Lena. E olha que já conheci muitas garotas. Ela é... bem interessante... e descolada... e linda... e sempre briga quando eu faço merda. Eu meio que gosto disso. — Ele passou a bola para Zeke. — Não que eu esteja apaixonado, nem nenhuma doideira do tipo. A pior coisa que pode acontecer com um cara é ele começar a amar uma garota. O amor deixa as pessoas idiotas.

Zeke revirou os olhos e quicou a bola com força para Arlo, que a pegou e girou no dedo. Zeke bateu palmas, impressionado.

— Maneiro, né? Mas olha só isso. — Arlo manteve a bola girando enquanto a passava para a frente e para trás entre as mãos, então sob uma das pernas e por trás das costas.

Zeke bateu palmas de novo.

— Você está mais para Globetrotter do que astro da NBA. — Lena tinha acabado de chegar, estava parada de braços cruzados ao lado da quadra. — Não sei por que, mas não estou surpresa.

Arlo jogou a bola bem alto, inclinou-se em uma rápida medida e pegou a bola que caía.

— Como foi o primeiro dia? — perguntou ela.

— Mais empolgante do que eu esperava.

Lena se virou para o outro rapaz:

— E o seu primeiro dia de volta, Zeke?

Ele ergueu o polegar, então pegou a bola de Arlo e tentou outra cesta.

— Zeke, odeio colocar você nessa posição tão delicada, mas prometi a Isabella que perguntaria. Você foi caddie de Franklyn hoje à tarde, não foi?

Zeke deu um sorrisinho forçado e assentiu, talvez se perguntando se o trabalho da tarde fora o de caddie ou de terapeuta.

— Ele comentou alguma coisa sobre Isabella?

Zeke levou uma das mãos ao coração e outra à testa, fazendo uma expressão meio apavorada e meio apaixonada.

— Foi o que pensei. Ele continua com medo demais de chamá-la para sair. Ah, bem... Acho que vai ser a mesma coisa do verão passado. Os dois vão ficar trocando olhares, cada um de um lado da mesa.

Zeke mostrou a língua pra ela.

— É verdade — concordou Lena. — Mas não podemos fazer nada.

— Qual é o problema? — perguntou Arlo.

— Franklyn e Isabella são secretamente apaixonados um pelo outro há anos, mas nenhum dos dois tem coragem de tomar uma atitude.

Arlo quicou a bola entre as pernas.

— É, parece que eles precisam de um empurrãozinho.

— De quem? — Lena parecia genuinamente perplexa.

— Da gente, ué.

Lena e Zeke se entreolharam, desconfortáveis. Então ela falou:

— Isso parece meio invasivo, para não dizer pretensioso.

— Prefiro os termos “solícito” e “proativo” — argumentou Arlo.

— Você pode manipular as palavras do mesmo jeito que manipula essa bola, mas no fim das contas dá no mesmo — retrucou Lena.

— Parece que você está com medo da mudança. — Arlo arremessou, e a bola atravessou o aro com um sibilo.

— E parece que é disso que você mais gosta — retrucou Lena.

— Só quando é para o bem — argumentou o rapaz. — Pense bem. Tem esse problema da Isabella e do Franklyn, e tem o drama do Brice e do Vito. Todo mundo fica orbitando um ao redor do outro, mas nenhum deles faz nada.

— Como é que você sabe sobre Brice e Vito? — perguntou Lena.

— Porque eu não sou cego. Ah, não me diga: isso também vem se arrastando há anos.

Culpados, Lena e Zeke trocaram um olhar.

— Pensem só em como os dois casais seriam muito mais felizes juntos — insistiu Arlo. — E em como seria mais fácil se eles parassem de reclamar e de suspirar uns pelos outros.

Zeke pôs a mão no ombro de Lena e a encarou, suplicante.

— Você também quer isso? — perguntou ela.

O jovem assentiu enfaticamente, muito sério.

— Se vocês dois acham assim tão importante.... — Lena cruzou os braços e encarou Arlo com cautela. — Qual é o seu plano?

Arlo sorriu.

— Algo que precisa da dedicação de nós três.

No dia seguinte, por sugestão de Lena, Isabella convidou a dra. Elore, Franklyn, a sra. Nalone e Vito para explorarem juntos o novo labirinto que o pai mandara instalar para ela. Além disso, também por sugestão de Lena, Isabella insistiu para que Arlo e Brice ficassem ali por perto, caso alguém se perdesse ou precisasse de ajuda.

A dra. Elore e Franklyn ficaram um tanto intrigados com a ideia de explorar um labirinto, já que os dois adoravam quebra-cabeças. E é claro que Franklyn aproveitaria cada chance de ficar perto da srta. Ficollo.

A sra. Nalone e Vito ficaram menos empolgados com o convite. A mulher sempre ficava meio irritada de perder algum tempo de exposição direta ao sol, e o evento foi bem na hora do levantamento de peso de Vito. Mas a sra. Nalone viu no convite uma oportunidade para juntar o filho e a srta. Ficollo, e Vito ficou mais interessado quando soube que Brice estaria presente.

Brice estava muito preocupado com o que poderia acontecer ao resort longe de olhos atentos, mas seria difícil recusar a solicitação da srta. Ficollo.

— Obrigada a todos por vir — disse Isabella, quando o grupo se reuniu na entrada sul do labirinto. Ela abriu um sorriso que, se tivesse sido devidamente testemunhado e documentado, poderia ter ganhado o recorde de sorriso mais empolgado de que já se teve registro. — Vamos começar a aventura!

— Tem alguma programação? — perguntou a dra. Elore, que aprovava planos, programações e cronogramas.

— Fico feliz por ter perguntado, doutora — respondeu Isabella. — Sim. Não podemos andar pelo labirinto num grupo tão grande. A sra. Nalone, Vito e eu, acompanhados por Lena, vamos pegar a entrada sul, bem aqui. A dra. Elore e Franklyn, acompanhados por Arlo e Brice, vão pegar a entrada leste. Nós nos encontraremos no centro, onde tem uma fonte linda, e será servido um delicioso piquenique de almoço. Não parece incrível?

— Parece mesmo! — concordou a sra. Nalone, satisfeita porque Vito e a srta. Ficollo iriam passar tanto tempo juntos.

Talvez aquilo acendesse uma faísca entre os dois.

Os demais responderam concordando com menos entusiasmo. Franklyn estava esperançoso para ficar no grupo de Isabella, e Vito tinha torcido para ficar com Brice.

— Maravilha! — exclamou a herdeira. — Então vamos começar. E tentem não se perder. Seria uma pena perder o piquenique.

Os grupos se dividiram e entraram ao mesmo tempo por acessos separados. Mas o que Lena e Arlo não tinham contado a ninguém era que Zeke já estava dentro do labirinto, só esperando pelo sinal.

Existem labirintos que mais parecem trilhas encantadoras, e existem os labirintos de verdade, feitos de sebes impenetráveis de três metros de altura. O de Isabella pertencia à última categoria. Quem não conhecia a jovem talvez se surpreendesse com sua paixão por aqueles

caminhos confusos. Isabella não tinha simplesmente mandado fazer um labirinto, ela mesma o projetara. Só que isso fora no ano anterior. Ela sabia que não conseguiria se lembrar de cada curva e desvio, então resolvera levar o mapa do projeto, caso algum de seus convidados se perdesse e precisasse ser resgatado. Mas não conseguira encontrar os mapas. Lena a assegurara de que os mapas acabariam aparecendo, e que tinha plena confiança de que Isabella conseguiria guiar a todos com os caminhos ainda em sua memória.

Lena continuou mostrando essa confiança mesmo depois que ficou bem claro, tanto para a sra. Nalone quanto para a dra. Elore, que Isabella tinha uma péssima memória.

— Eu poderia jurar que era essa curva que levaria para a próxima seção — comentou a jovem, praticamente falando sozinha.

— Vito, meu filho, tente ver se pode ajudá-la — sugeriu a sra. Nalone, lançado um olhar incisivo ao filho.

Para ela, havia poucas coisas mais atraentes do que um homem assumindo o comando da situação. E presumiu, erroneamente, que Isabella também pensava assim.

— Mas sou péssimo com labirintos — confessou Vito, que não se incomodava em assumir o comando da situação, desde que de fato pudesse ajudar ou fosse especialmente talentoso no assunto.

A sra. Nalone deixou escapar um suspiro exasperado. Então puxou Vito para o lado, ficando para trás enquanto Isabella e Lena faziam uma curva.

— Você ainda não entendeu? — sibilou ela. — Essa é a sua chance de tomar uma atitude!

— Você ainda não entendeu que eu não vou fazer isso?

A sra. Nalone soltou o braço do filho e se apressou para alcançar as garotas. Estava claro que Vito não tomaria uma atitude. Talvez estivesse com medo de Isabella rejeitá-lo, por mais absurdo que isso pudesse parecer. Se ela mesma falasse com Isabella em nome do filho, talvez a moça mostrasse algum lampejo de interesse por ele. E isso deixaria Vito confiante para convidá-la para sair. Sim, isso funcionaria.

Mas, quando a sra. Nalone fez a curva, Isabella e Lena tinham desaparecido.

— Como você sabia sobre esse desvio? — perguntou Isabella, enquanto ela e Lena avançavam sozinhas por uma trilha longa e reta.

— Ah, só lembrei do caminho que peguei na primeira vez em que testamos o labirinto.

Lena sentiu uma pontada de culpa. Não gostava de mentir para Isabella. Mas tinha prometido a Arlo que não confessaria que tinham roubado (pegado emprestado sem avisar, como insistira ele) os mapas, pelo menos até depois de o plano dar certo.

— Queria ter uma memória como a sua — comentou Isabela, melancólica. — Mas não parece que estamos trapaceando?

— Isso foi mais para nos afastar da sra. Nalone — explicou Lena. — Espero que não se importe.

— Não mesmo. Foi você quem insistiu que eles ficassem no nosso grupo. Eu teria preferido os Elore.

— Eu não imaginava que a sra. Nalone ia empurrar o filho para cima de você com tanta

determinação — falou Lena.

— Ela está empurrando Vito para cima de mim? — perguntou Isabella, perplexa.

— Você não tinha percebido? Ela tenta juntar vocês dois há anos.

— Mas o Vito não é gay?

— Acho que ela ainda não percebeu.

— Nossa, então é a única — comentou Isabella. — Acha que ela vai continuar com isso o verão todo? Que chato.

— Talvez ela desista, se você deixar mais claro que está interessada em outra pessoa.

— Você está falando do Franklyn? — Isabella soltou um suspiro. — Ele foge sempre que eu tento me aproximar de um jeito mais informal. Franklyn já deixou bem claro que não está interessado em mim desse jeito.

— Pelo contrário — argumentou Lena.

— Como assim?

— Você não acha que o sr. Elore é de uma natureza mais delicada?

— Ora, sim, é claro.

— Que ele tem uma alma poética?

— A mais poética que já conheci.

— Então não seria possível que as suas tentativas de aproximação sejam tão extravagantes para a natureza discreta e sensível dele no que se refere a relacionamentos afetivos que o rapaz simplesmente não saiba como lidar com o próprio ardor?

Isabella arregalou os olhos.

— Será que eu tenho um efeito tão grande sobre ele?

Lena sorriu.

— Eu descobri por fontes confiáveis que sim.

— Ah, Lena! — Isabella agarrou as mãos da amiga. — Então o que eu preciso fazer para arrebatá-lo aquele coração delicado?

— Talvez um poema conquiste o poeta? Algo que lhe permita expressar seus sentimentos sem deixá-lo arrebatado com sua beleza.

— Mas eu sou péssima com poesia. Adoro, mas não conseguiria escrever um verso nem que a minha vida dependesse disso.

— Eu posso ajudar — ofereceu Lena.

Isabella apertou as mãos da amiga.

— Você faria mesmo isso? Quando podemos escrever?

— Por que não começamos agora mesmo?

Lena sacou um pequeno caderno e uma caneta do bolso.

Isabella estreitou os olhos.

— Lena, estou sentindo que tem algum plano em andamento.

— Plano, srta. Ficollo? Não sei do que você está falando. Sempre tenho papel e caneta à mão.

— Nesses três anos em que nos conhecemos, nunca soube disso.

— Bem, então posso lhe pedir simplesmente que acredite em mim, dessa vez? — perguntou Lena, muito séria.

— Lena, sua boba! — exclamou Isabella, pegando a caneta e o caderno. — Eu nunca

duvido de você. Bem, como vamos começar?

— Como assim vocês têm um plano? — sussurrou Brice para Arlo.

Os Elore estavam bem mais à frente, mas Brice nunca corria riscos. E, naquele momento, isso era um problema.

— Não tem muito mistério — retrucou Arlo. — Lena, Zeke e eu montamos um plano para juntar Franklyn e Isabella e precisamos da sua ajuda. — Arlo decidiu que era cedo demais para informar a Brice que ele faria mais do que apenas ajudar. — E pare de roer as unhas.

— Quê? — Brice afastou a mão da boca com uma expressão culpada.

— Lena me disse que, quando eu revelasse nosso plano, você talvez se sentisse tentado a voltar a roer as unhas para lidar com a pressão.

— Que bobagem! — Brice franziu o cenho, desdenhoso. — Que nem essa ideia horrível de juntar os dois. O que temos a ver com Franklyn e Isabella serem ou não um casal?

— Ah, Brice, não fale assim — pediu Arlo. — Pense nos rostos sorridentes dos dois, quando finalmente estiverem juntos.

— Pense nos sussurros, nas risadinhas, nas mãos dadas... — retrucou Brice. — Nas demonstrações públicas de afeto.

— Prometo que você mal vai notar — falou Arlo, que acreditava que só quem não estava tendo muita atividade em matéria de beijos não gostava de ver outras pessoas se beijando... E isso era algo que ele queria resolver para Brice. — Escute só, você só precisa se afastar um pouco com nossa querida doutora enquanto eu resolvo as coisas com Franklyn.

Brice o encarou, meio irritado.

— Isso não vai terminar bem.

— Isso depende de como você encara os casais apaixonados — retrucou Arlo.

— Está bem, mas vocês ficam me devendo essa. Os três.

Arlo respondeu com uma piscadela.

— Beleza. Agora vamos atrás dos nossos hóspedes.

Eles se apressaram na direção dos Elore, que já iam dobrando uma curva.

— A história dos labirintos de sebe é bem curiosa — dizia a dra. Elore.

— Hum — murmurou Franklyn, que não parecia nem um pouco interessado.

— É mesmo, doutora? — perguntou Brice, talvez um pouco mais animado do que o aconselhado. — Eu ficaria feliz em saber mais a respeito!

— É mesmo? — perguntou a dra. Elore.

— Sempre amei compartilhar curiosidades com os outros hóspedes. — Brice abriu um sorriso. — Isso dá a eles uma experiência mais completa aqui no Hotel del Arte.

A doutora pareceu satisfeita.

— Ah, que perspicaz e admirável. Muito bem, então. Acredito que os primeiros labirintos de sebes tenham sido construídos em meados do século XVI, embora haja registro de estruturas semelhantes a labirintos em jardins ainda no século XV...

A doutora ia fazendo seu discurso, e ela e Brice aos poucos foram avançando, enquanto Arlo e Franklyn ficavam para trás.

— Você é o novo piscineiro, não é? — perguntou Franklyn.

— Arlo Kean, a seu serviço, sr. Elore.

— Segundo dia no trabalho e já está sendo convidado para eventos especiais? Você deve ter causado uma ótima impressão.

— Fico feliz em dizer que a srta. Cole me acha indispensável.

— É mesmo? — Franklyn pareceu impressionado. — Lena Cole é muito inteligente e capaz. Você não poderia ter recomendação melhor.

Chegaram a uma interseção que seguia em quatro direções diferentes. A doutora e Brice seguiram para oeste. Franklyn estava prestes a ir atrás, quando Arlo perguntou:

— Sr. Elore, está vendo isso?

E apontou para um pedaço de papel enrolado e preso em uma das sebes no corredor norte, onde Zeke já lhe avisara por mensagem de texto que tinha deixado o papel, depois de pegá-lo com Lena.

Franklyn parou e olhou para aquilo.

— Será que é um bilhete?

— Devo pegá-lo? — perguntou Arlo.

— Acha que é uma boa ideia? — perguntou Franklyn, nervoso.

— A sorte é melhor para aqueles que ousam — recitou Arlo. E, sem esperar por mais encorajamento, pegou o papel. Quando o desenrolou, fingiu surpresa. — Parece estar endereçado ao senhor.

— É? — perguntou Franklyn, com o tipo de surpresa normalmente reservado a declarações como “Você foi aceito na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts”.

Arlo estendeu o bilhete.

— Veja você mesmo.

Meio receoso, Franklyn pegou o bilhete. Arlo ficou feliz em ver que Brice levara a doutora por outro caminho e que ela não podia ver nem ouvir o filho.

— Minha nossa! — exclamou Franklyn. — Escute só isso!

— Posso mesmo? — perguntou Arlo. — Não quero me intrometer.

— Eu preciso que você escute. E que me diga se estou acordado ou sonhando! Preciso de você para entender o que está escrito neste bilhete, para não me iludir interpretando o que eu gostaria que estivesse escrito.

— Farei o meu melhor, senhor — prometeu Arlo.

Franklyn pigarreou e recitou:

Para meu amado Franklyn:

Trago palavras delicadas para a delicadeza do seu coração.

E pela falta de habilidade, peço perdão!

Sei que, com um sorriso tímido, eu deveria apenas ruborizar docemente,

Mas minha falta de descrição vem desse amor insistente.

Como nosso começo, ofereço-lhe essas linhas

Embora sejam mais de sentimento que de arte, essas palavras minhas

É que sem você eu nunca me sentirei completa de todo

Então peço que, ao me ver, responda ao meu coração e sem engodo.

— *Com o mais profundo amor e afeição, sua querida Isabella.*

Franklyn agarrava o papel, amassando-o, acometido pelos tremores da paixão. Ele encarou Arlo com um olhar suplicante.

— Isso é mesmo verdade? Nunca achei que a vida poderia ser cruel a ponto de mostrar meus sonhos se tornando realidade, para então arrancá-los de mim. Mas também nunca imaginei que fosse tão benevolente a ponto de realizar todos eles.

Arlo assentiu, sempre com uma resposta pronta.

— Acho que o senhor está agindo de forma muito inteligente ao ser cauteloso. Poderia ter sido escrito por outra pessoa.

Franklyn examinou o papel.

— Mas parece muito com a letra dela, que sei que é bem vivaz.

Arlo espiou por cima do ombro.

— Parece a letra dela. Mas não poderia ter sido forjada?

— Imagino que sim — admitiu Franklyn. — Mas com que intenção? Além do mais, o tom da carta é bem similar ao discurso dela.

Arlo achou ter identificado muito a voz de Lena no texto, mas ficou feliz por Franklyn não ter sido particularmente objetivo em sua análise.

— É verdade. Então as evidências confirmam que esse bilhete é mesmo de Isabella.

Franklyn balançou a cabeça, maravilhado.

— Como um homem pode ter tanta sorte?

— Sorte? — repetiu Arlo. — Isso está mais para azar.

— Azar? Como assim?

— Me parece bem claro que a srta. Ficollo o quer só para si — explicou Arlo, com tristeza.

— Sim — concordou Franklyn, com um sorriso sonhador tomando o rosto.

— Com uma paixão tão profunda — continuou Arlo, com a voz sombria, adotando o discurso poético do rapaz ali ao lado —, ela não se satisfará com menos do que a união de suas almas.

— Acha mesmo? — Franklyn encarou o bilhete, os olhos vidrados, a expressão de puro êxtase.

— Temo que seja melhor o senhor dizer adeus à liberdade. De agora em diante, seus lábios pertencem apenas à srta. Ficollo.

— Ah, Deus. — Lágrimas escorriam dos olhos de Franklyn.

— Calma, calma. — Arlo deu tapinhas nas costas dele. Então estreitou os olhos, pensativo. — Espere aí. Se sairmos desse labirinto agora mesmo, talvez o senhor ainda possa escapar dos braços da srta. Ficollo.

Franklyn o encarou, horrorizado.

— Você deve estar brincando!

— O senhor prefere o amor e a srta. Ficollo à liberdade?

— Prefiro o amor e a srta. Ficollo a todas as riquezas do mundo! A todo o conhecimento que se pode adquirir! Você diz que devo evitar os abraços dela, mas anseio por isso desde o primeiro momento em que a vi. Os olhos dela me transportam. A voz me acalma. As palavras me transformam. Não há ninguém no mundo que eu considere mais linda, mais nobre ou mais

verdadeira.

— E você realmente sente isso tudo em relação a ela? — perguntou Arlo.

— Isso multiplicado por mil, e ainda mais! — exclamou Franklyn.

— E por que nunca se declarou para ela?

— É a minha maldita timidez que me trai — admitiu Franklyn. — Quando olho para o rosto radiante da srta. Ficollo, as palavras me abandonam.

— Ora, o senhor faz um belo trabalho dizendo à srta. Ficollo como se sente quando não está olhando para o rosto radiante dela.

— Como assim? — Franklyn parecia confuso.

Arlo agarrou o rapaz pelos ombros e o girou. Paradas não muito distante dali, no corredor sul, estavam Isabella e Lena.

— Ah, meu querido Franklyn! — Isabella estava com os olhos marejados. — Você realmente se sente assim?

Franklyn estava paralisado, incapaz de se mover. Mas então se libertou do gelo do próprio medo.

— A sorte realmente é melhor para aqueles que ousam. É por isso que digo sim, Isabella! Eu a amo há tanto tempo que nem consigo me lembrar de uma época em que não a amava. Você é meu único e verdadeiro amor, agora e sempre!

— Essa é a parte em que você beija a donzela — murmurou Arlo, dando um empurrãozinho em Franklyn.

O rapaz a princípio cambaleou, então correu para os braços de Isabella, já abertos para recebê-lo. Os dois trocaram um beijo demorado e intenso.

Lena parou ao lado de Arlo.

— Até agora, o plano está indo bem.

— Eu diria que sim — concordou Arlo. — Aliás, que poema adorável.

— Foi mais fácil do que eu esperava — admitiu Lena.

— Bem, tome cuidado. Há quem diga que o amor é contagioso. Daqui a pouco você pode começar a escrever versos por vontade própria.

— Acho que consigo resistir. Mas e quanto a você?

— Por sorte, fui vacinado contra o amor. Uma mistura de inteligência e bom senso.

— É um alívio ouvir isso — retrucou Lena.

Ficaram em silêncio, assistindo ao beijo dos amantes.

Esse autor que vos escreve é da opinião de que as pessoas falam demais. Palavras, que deveriam ser usadas apenas para comunicação, com frequência são usadas para o oposto. Enquanto nossos protagonistas permaneciam parados lado a lado, sem a proteção de seus escudos de palavras, testemunhando a união que haviam orquestrado juntos, não conseguiam evitar estar intensamente conscientes da presença um do outro. Do calor do corpo do outro, do aroma particular, do subir e descer da respiração no peito. De qualquer movimento perceptível. Talvez Arlo tenha se inclinado ligeiramente em direção a Lena. Talvez até seja possível supor que não foi intencional. Mas, como todo mundo sabe, há uma força atrativa entre as partículas e, quanto mais próximas, mais forte a atração. Assim, esse leve movimento teve efeito em Lena, que também se inclinou ligeiramente na direção de Arlo. Isso continuou por vários minutos, a distância entre os dois heróis encolhendo gradativamente enquanto crescia o

interesse de um pelo outro. Mas, antes que houvesse contato, uma força oposta apareceu.

— Mas o que está acontecendo aqui? — Era a dra. Elore, de braços cruzados, a grande testa franzida acima dos óculos grossos. Brice estava parado ao lado dela, parecendo infeliz. — Franklyn, o que você e a srta. Ficollo estão fazendo?

Franklyn e Isabella se afastaram, constrangidos.

Brice se apressou em direção a Arlo e Lena, que tinham aumentado outra vez a distância entre si.

— Me desculpe! Zeke nos trouxe de volta. Acho que foi cedo demais.

— Não é problema nenhum — respondeu Lena. — Eu mandei uma mensagem de texto para Zeke, alguns minutos atrás, pedindo que os trouxesse de volta. — Ela se virou para a mãe de Franklyn. — Dra. Elore, a senhora sabe perfeitamente bem o que eles estão fazendo. E não deveria estar surpresa, já que seu filho é apaixonado pela srta. Ficollo há anos.

— É, sim, uma surpresa — retrucou a dra. Elore. — Porque eu proibi expressamente esse relacionamento.

— E por quê? — perguntou Lena.

— Não que seja da sua conta, mas ela não é inteligente o bastante para ele.

— Mãe! — Franklyn passou um dos braços ao redor de Isabella, em um gesto protetor. — Não precisa ser tão insensível!

— Como a senhora sabe que ela não é inteligente o bastante? — pressionou Lena.

— Pela média acadêmica dela, é claro — explicou a doutora. — Ela admitiu que não tirou nota máxima no último trimestre.

— Ah, mas a senhora sabe por que não foi a nota máxima?

— Ah, Lena — interveio Isabella, ainda mais ruborizada. — Não sei se precisamos discutir isso...

Lena inclinou a cabeça para Isabella.

— Espero que perdoe minha ousadia, srta. Ficollo. — Então se virou de volta para a dra. Elore. — Ela não tirou nota máxima porque abandonou a eletiva de História das Mulheres. O professor era um homem de visão tão estreita sobre a história das mulheres que sequer reconhecia que Rosalind Franklin contribuiu para a descoberta do DNA. A srta. Ficollo achou o ponto de vista dele desagradável e o chamou para uma conversa em particular para pedir a ele que ampliasse seus pontos de vista. O professor se recusou. É claro que a srta. Ficollo poderia ter continuado na aula ou trocado de eletiva. Mas ela não suportava a ideia de um professor com mentalidade tão estreita nos louvados corredores de ensino. Então ela organizou um boicote coletivo à matéria, com apoio de três quartos da turma, entre meninos e meninas. O professor reprovou todos em retaliação, mas, por causa das atitudes corajosas da srta. Ficollo, ele e a matéria estão sendo reavaliados pela direção da escola.

A dra. Elore se voltou para Isabella.

— Isso é verdade, srta. Ficollo? Considera a integridade dos estudos tão importante que foi capaz de sacrificar sua média acadêmica por isso?

— Sim, dra. Elore.

A mulher olhou para o filho.

— Franklyn, parece que lhe devo um pedido de desculpas. Seu gosto para mulheres é impecável.

- Isso significa... — começou o rapaz.
- Que você e a srta. Ficollo têm a minha bênção.
- Ah, Franklyn! — exclamou Isabella.
- Ah, Isabella! — exclamou Franklyn.

E o beijo recomeçou. A dra. Elore achou que aquele seria um ótimo momento para seguir em frente e localizar a área do piquenique.

— Você me prometeu que eu não teria que ficar assistindo a essas coisas — reclamou Brice.

— Não se preocupe — retrucou Arlo. — Em breve você estará ocupado demais para perceber.

— E o que isso quer dizer? — perguntou Brice.

Mas, antes que Arlo pudesse responder, uma voz feminina e áspera indagou:

— O que está acontecendo aqui?

Todos se viraram para o corredor norte, de onde a sra. Nalone e Vito encaravam Franklyn e Isabella. A sra. Nalone estava horrorizada, mas seu filho não conseguia conter a alegria. Atrás deles estava Zeke, com um sorrisinho presunçoso.

— Eu... não entendo! — continuou a sra. Nalone. — Você prefere Franklyn, esse nerd, ao meu Vito!?

— Bem... — Isabella lançou um breve olhar constrangido para Vito, então para a mãe dele. — Eu amo Franklyn. E Vito nunca demonstrou interesse.

— Viu só? — A sra. Nalone se voltou para o filho. — Você perdeu a chance!

— Que pena... — respondeu o jovem, sarcástico.

— Por que tem se comportado desse jeito insuportável? Parece determinado a negar minhas vontades! Você me odeia tanto a ponto de desprezar essa joia de moça só para me atingir?

— Pelo amor de Deus, mamãe, o mundo não gira ao seu redor! — retrucou Vito, irritado. — Não tomei a iniciativa porque estou apaixonado pelo Brice!

A sra. Nalone abriu a boca, fechou e voltou a abrir. Uma miríade de emoções teria contorcido seu rosto, não fosse pelas já mencionadas injeções de botox.

— Vito, isso é um absurdo!

— Por quê, mamãe? Você é homofóbica?

— É claro que não, querido. A homofobia está fora de moda! — retrucou a sra. Nalone. — Acho absurdo você ter se apaixonado por um gerente de resort. Que vida você vai levar?

Àquela altura, o rosto de Brice estava de um tom de vermelho tipicamente reservado aos tomates.

— Sra. Nalone! Se me permite, quero falar não como gerente da equipe do Hotel del Arte, mas pura e simplesmente como homem. Posso lhe assegurar que, caso venha a ter um relacionamento com o sr. Nalone, eu poderia dar a ele o estilo de vida a que está acostumado.

— Mas e quanto a mim? — retrucou a sra. Nalone.

— Mãe! — Vito parecia chocado.

— Oi? — indagou Brice.

— Quem vai me sustentar? — inquiriu a sra. Nalone.

Houve um momento de silêncio absoluto.

— Se a senhora precisa de dinheiro — interveio Isabella, hesitante —, tenho certeza de que

meu pai teria o maior prazer em ajudá-la a conseguir uma colocação.

A mulher apenas encarou Isabella, horrorizada.

— Se me permitem a intromissão — disse Lena —, tem uma questão mais premente do que a viabilidade de um emprego para a sra. Nalone.

— E qual é? — indagou Franklyn.

— Já ficou claro que Vito está apaixonado por Brice. E que Brice é capaz de sustentar o estilo de vida a que Vito está acostumado. O que ainda não determinamos é se Brice deseja um relacionamento.

— Obrigado — declarou. — Isso é...

— Muito presunçoso! — intrometeu-se Arlo. — Vocês acham que a equipe do Hotel del Arte está aqui para atender a todos os seus caprichos?

Franklyn, Isabella e Vito se entreolharam, confusos.

— É claro que não — respondeu a herdeira. — Prezo muito pela minha amizade com Lena.

— Não sei como teria suportado todos esses verões sem o apoio silencioso porém incansável de Zeke. — Foi a vez de Franklyn.

— E eu nunca iria presumir que Brice gosta de mim como eu gosto dele — completou Vito.

— Ótimo! — retrucou Arlo. — Porque ele não gosta!

— Espere aí... — tentou Brice.

— Antes de mais nada — continuou Arlo —, precisamos lembrar que é expressamente proibido que os empregados do Hotel del Arte se envolvam romanticamente com os hóspedes.

— É mesmo? — perguntou Isabella.

— Não me lembro de ter visto isso no manual de conduta — comentou Lena.

— Não é bem expressamente... — admitiu Brice. — É mais uma... ahn, orientação?

— Então não é uma regra! — recomeçou Arlo. — E daí? Nosso querido sr. Ghello não está nem interessado em namorar o sr. Nalone.

— Eu não disse isso... — manifestou-se Brice.

— Porque ele é heterossexual! — concluiu Arlo.

— Você é? — perguntou Vito.

— Não, sou bem gay — respondeu o gerente.

— Mas quem se importa! — Arlo ainda não tinha terminado. — Não podemos presumir que ele gosta de homens musculosos e bronzeados só porque é gay. Ele odeia homens musculosos.

— Na verdade, eu gosto de músculos — interveio Brice.

— Ótimo! — retrucou Arlo. — Então ele gosta de músculos. Mas não podemos esperar que ele se sinta atraído por um homem tão submisso à mãe!

— Na verdade, eu acho bem bonitinho — interveio Brice. — Para ser sincero, foi uma das razões por que eu não quis forçar a barra. Eu não queria criar um problema no seu relacionamento com a mãe.

— Então ele acha a relação de Vito com a mãe bonitinha! — Arlo não parava. — Mas não podemos esperar que um homem hedonista, vibrante e livre se acomode tão cedo. O sr. Ghello tem sementes para plantar! Conquistas a fazer! Corações a partir!

— Na verdade, eu sou bem caseiro — interveio Brice, mais uma vez.

— Sim! Mas, tirando isso tudo, ele não quer se envolver romanticamente com o sr. Nalone

porque... — Arlo encarou Brice, na expectativa. — Ah, qual é, eu não posso ser o único a listar as razões. O que mais?

— Não consigo pensar em nada — respondeu Brice.

— Ah. — Arlo pareceu desanimado. — Tem certeza?

— Eu tenho certeza — começou Brice, segurando a mão de Vito — de que adoraria levar você para jantar em algum lugar fora do resort, para nos conhecermos melhor. Está interessado?

Vito abriu um sorriso.

— Muito.

Lena cutucou Arlo. Ele tentou ignorar o calor que o toque dela provocou em seu peito.

— Você quase exagerou — sussurrou ela no ouvido dele.

Para Arlo, foi mais ou menos impossível ignorar o arrepio que percorreu seu corpo com o hálito de Lena em seu ouvido, então ele achou que o mais justo a se fazer era devolver na mesma moeda.

— Que nada, foi perfeito — sussurrou de volta, notando, satisfeito, que Lena estremeceu de leve.

— Mas suponho que, no fim das contas, deu tudo certo — comentou ela.

Arlo sorriu.

— Você tem que admitir que foi divertido.

Um sorriso foi se abrindo lentamente no rosto de Lena.

— Sim, para falar a verdade, foi mesmo.

— Muito bem, srta. Cole. — Isabella encarou Lena com dureza, nem um pouco animada.

— E o senhor também, sr. Kean. Suponho que ambos estejam muito satisfeitos com o papel de cupido.

Arlo deu de ombros.

— Acho que estamos.

— Foi pensando no que era melhor para vocês, de coração — defendeu-se Lena.

— Não duvido disso — retrucou Isabella. — Mas vocês deixaram escapar um detalhe dessa história toda. Não acha, Franklyn? — Ela piscou para o novo namorado.

Franklyn franziu o cenho.

— Que aspecto?

Isabella suspirou e sussurrou alguma coisa no ouvido dele. O jovem arregalou os olhos e encarou Lena e Arlo com um sorriso travesso.

— É verdade, minha querida Isabella.

— Mas será mesmo... — começou Brice.

— Acho que é, sim — completou Vito.

— O que estamos perdendo? — indagou Arlo.

— Está bem óbvio que eles estão se referindo a nós dois — respondeu Lena.

— Eu e você? Apaixonados? — perguntou Arlo, incrédulo.

— Parece que é isso que estão sugerindo.

— Apaixonado? Eu? Isso é um absurdo!

— Pessoas apaixonadas perdem toda a capacidade de pensar logicamente — concordou Lena.

— O bom senso vai embora pela janela — completou Arlo, assentindo, inclinando-se de novo na direção dela.

— Qualquer capacidade de raciocínio os abandona — continuou Lena, também se inclinando na direção dele.

— Acho que nunca vou me apaixonar — declarou Arlo, inclinando-se só mais um pouco. — Nem mesmo por uma mulher tão maravilhosa e atraente quanto você.

— Eu concordo plenamente — acrescentou Lena, também se aproximando um pouco mais. — Não faz a menor diferença que você quase possa se comparar a mim no ponto de vista intelectual e que fique incrível nesse short apertado. Eu nunca me permitiria sucumbir a algo tão banal quanto o amor.

Àquela altura, os dois já estavam tão próximos que se encaravam diretamente nos olhos. Mas ainda não se tocavam, e o minúsculo espaço entre eles quase parecia estalar. Se a atração pudesse ser convertida em eletricidade, teriam abastecido o resort por um ano.

— Eu até seria capaz dizer — completou Arlo, com a respiração acelerada de falar tanto, claro, e não pela dificuldade em manter aquela distância mínima entre eles — que a única pessoa com quem eu poderia algum dia pensar em passar o resto da vida seria alguém que deteste tanto o amor quanto eu.

— Concordo — disse Lena, a respiração tão acelerada quanto a dele, sem dúvida porque queria mostrar que era capaz de respirar tão rápido quanto. — E, agora que estabelecemos que nenhum de nós jamais consideraria o amor como opção, suponho... — ela pegou as mãos dele, sentindo a centelha percorrer seu corpo — que não haveria risco se tivéssemos algum tipo de relacionamento íntimo.

Arlo entrelaçou mais as mãos com as dela, até sentir a pulsação acelerada de Lena.

— Já que somos as únicas pessoas sãs na Terra, o bom senso determina que somos perfeitamente adequados um para o outro.

— Só falta um último teste antes de termos certeza.

Lena se inclinou tanto na direção dele que os narizes dos dois quase se tocaram.

— E qual é? — perguntou Arlo, os olhos meio vidrados.

— Odeio gente que beija mal. Então preciso verificar seus talentos nesse quesito.

— Então verifique — autorizou Arlo.

E ela obedeceu. E foi um processo de verificação muito longo. Ninguém poderia dizer que Lena Cole não era meticulosa. Quando Arlo finalmente acabou de demonstrar seu entusiasmo em beijá-la até que estivesse satisfeita, quase todos os outros já tinham se retirado para o piquenique.

— Isso foi suficiente, sr. Kean — comentou Lena, ofegante, contra o rosto dele.

— Fico extremamente aliviado por receber sua aprovação, srta. Cole — retrucou ele, também ofegante.

Os dois ouviram um aplauso lento e educado ali perto. Então se viraram, dando de cara com Zeke, que ria sem fazer barulho.

— Parece que o sr. Zanni já previa esse desfecho — comentou Arlo. — Talvez desde o início.

— Isso explicaria por que ele quis tanto que cooperássemos nesse plano — sugeriu Lena. — Suponho que se ache muito esperto, sr. Zanni.

Zeke assentiu.

— Não se preocupe, srta. Cole — falou Arlo. — O verão está só começando. Tenho certeza de que vamos encontrar um par adequado para o jovem sr. Zanni.

Zeke balançou a cabeça com veemência.

— Concentrarei meus esforços nisso — disse Lena.

E, lamento informar, querido leitor, que eles cumpriram a promessa. Porque não há ninguém mais insistente nas virtudes do amor do que os que já estão sob seu domínio. E foi por isso que escolhi contar esta história para vocês.

Veja bem: eu sou Zeke Zanni. E lamento admitir que os enganei. Como sem dúvida já descobriram, esta é uma história sobre o amor. E, como estou apaixonado, escrevi este conto na esperança de que os leitores se juntem a mim nesta tolice que é se apaixonar. Porque, se formos todos tolos, talvez haja alguma sabedoria nisso que chamamos de amor.

BOA SORTE E ADEUS

BRANDY COLBERT

Audrey e eu estamos deitadas nas margens arenosas do lago Michigan, na Foster Beach, quando ela me conta que vai para São Francisco.

Há quem discorde, mas acho a Foster Beach a melhor praia de Chicago. Uma brisa sopra do lago, correndo por nossos braços e pernas nus, antes de se afastar para a campina de relva bem cuidada, sombreada por árvores altas e frondosas, onde pessoas fazem churrasco e jogam bola. Ali perto de onde estamos, na areia, crianças jogam água umas nas outras nas águas rasas da margem, os pais a poucos metros, os narizes enfiados em sacos de papel do mercado. Não é o tipo de praia em que a gente pensa ao ouvir a palavra “praia” — a água não é salgada, e a cidade está longe de ser tropical. Mas é bom estender uma manta e ficar sentada, bem no meio de julho, comendo doces da confeitaria com minha prima enquanto bronzeamos as pernas.

— São Francisco? Vai participar de algum protesto? — pergunto, estendendo a mão para pegar um folhado de cereja no saco de papel entre nós.

É o meu doce favorito da Swedish Bakery: camadas de massa crocante recheadas com geleia escura e muito doce de cereja. Encontrei Audrey na Clark Street por volta das dez da manhã e fomos direto da confeitaria para a praia, caminhando preguiçosamente enquanto comíamos bolinhos de nozes-pecã e pãezinhos doces.

— Não — responde Audrey.

Ela estava deitada de barriga para cima, apoiada nos cotovelos, as pernas esticadas à frente, mas sentou-se ao dizer isso.

Estendo o saco de papel para ela, ainda tem um pãozinho de banana no fundo. Audrey balança a cabeça, recusando, e só então percebo que ela está de mãos cerradas apoiadas no colo. Que ela aperta os lábios sem cor, mas que quase sempre estão pintados de um vermelho-morango que contrasta bem com sua pele marrom. Também fico imóvel. Não ousou lamber a gota de geleia na ponta do dedo mindinho: já sinto a notícia ruim pairando no ar morno de verão.

— Vou me mudar para lá... com Gillian.

O doce cai da minha mão e aterrissa na areia — com o lado da geleia voltado para baixo, claro.

— Ela conseguiu um emprego lá — explica Audrey, hesitante, atenta à minha reação. — Um bom emprego.

Depois disso, o que eu fiz foi pegar o folhado coberto de areia. Nem me dou ao trabalho de segurar pelas bordas. Ela vai embora. A única pessoa além da minha mãe que sempre me entendeu — que realmente me conhece — vai se mudar para um lugar a mais de três mil

quilômetros de distância. A Califórnia parece outro planeta, se comparada a Chicago. Não é nem no mesmo fuso horário.

Cerro o punho e deixo a geleia se espalhar, manchando a palma da mão.

— Rashida... — começa Audrey, mas eu interrompo.

Minha garganta dói por causa do aperto súbito que sinto, mas consigo falar:

— Fico feliz por você.

Porque é isso que devo dizer para a prima que sempre esteve ao meu lado. É a coisa mais madura a dizer — uma preocupação muito frequente na minha cabeça de dezessete anos. Acho que é isso que acontece quando somos forçados a amadurecer cedo demais.

— Fica mesmo? — Audrey relaxa, aliviada pela mentira, mesmo olhando para o doce esmagado. — Eu estava com medo de você ficar brava.

Brava não é bem a palavra. Desapontada? Possivelmente. Mas qualquer coisa além de felicidade que eu venha a expressar nesse exato momento não fará bem a ninguém. Audrey vai embora porque Gillian quer ir, e ela quer ficar com Gillian. E Audrey não é a minha mãe de verdade, mesmo tendo assumido o papel não oficial de substituí-la, há quatro anos.

— Na verdade, vai ser só um ano sem você, não é mesmo? — comento. — Quer dizer, eu me formo no fim do verão que vem. Talvez acabe indo para lá também.

Nunca considere a possibilidade de morar na Califórnia, a ideia nunca nem tinha passado pela minha cabeça. Mas era isso que eu precisava dizer para convencer Audrey de que não entraria em colapso quando ela fosse embora — o que é mais importante do que umas mentirinhas.

— Preciso jogar isso fora — anuncio, me levantando com os restos do folhado de cereja.

A lata de lixo fica no limiar da praia, onde a areia encontra a grama. Limpo a areia da parte de trás do short rasgado e, descalça, me afasto de Audrey para jogar o doce no lixo.

Enquanto ando, estendo o braço para a frente. A geleia deu um jeito de subir pelo braço, deixando uma mancha grudenta perto do cotovelo. No caminho até a água, passo por crianças aos berros e banhistas cochilando, além de algumas pessoas usando jeans e camisa de mangas compridas, como se tivessem chegado à praia por acaso e aproveitaram para ficar um pouco por ali.

Sinto a água fria do lago nos pés, cobrindo meus dedos, chegando aos tornozelos. Entro um pouco mais antes de mergulhar as mãos. Lavo a geleia, olhando para a água, para as pequenas ondas que avançam pela superfície tão lentamente que nem parecem estar se movendo. Talvez eu devesse continuar andando, entrar no lago Michigan e me deixar levar pela maré. Não como minha mãe se deixou levar por um frasco inteiro de antidepressivos, mas só... até encontrar uma vida em que não tenha que ficar vendo as pessoas partirem.

Quando volto, encontro Gillian ajudando Audrey a sacudir a areia da manta. O que ela está fazendo aqui? E como chegou tão rápido? Não fiquei longe nem por cinco minutos. Gillian é boa em chegar depressa — afinal, mal faz um ano que ela e Audrey estão juntas. Respiro fundo e finjo não perceber o sorriso falso no rosto das duas.

— Oi, Rashida — cumprimenta Gillian, e o sorriso aumenta. — Tudo bem?

— Tudo. Ótimo — digo.

Audrey enfia a manta dobrada debaixo do braço. Ela voltou a me observar, e sei que preciso dizer alguma coisa para deixar ela e Gillian mais tranquilas, mas não consigo.

— Eu estava aqui pelas redondezas e pensei em dar uma carona de volta para vocês — explicou Gillian.

— Legal — digo. E completo: — Obrigada.

Ela para de tentar conversar comigo. Vou me arrastando atrás das duas até o carro, observando Gillian enquanto roo a unha do polegar. Ela é bem atlética — Audrey contou que Gillian era da equipe de corrida da faculdade — e tem o cabelo comprido com tranças, que chegam ao início das costas. A pele dela é de um marrom bem claro, daquele tom ambíguo que faz desconhecidos pararem para perguntar se ela é miscigenada. E ela pronuncia o próprio nome de um jeito que dá a impressão de que tem um U depois do G, como em “guelras”, e sempre acabo pensando em peixes.

Gillian se acomoda diante do volante do velho Toyota e destranca a porta do passageiro que aparentemente não abre por fora. Fico me perguntando se é nesse carro que elas vão para São Francisco, se a coisa vai ficar dando defeito em cada estado por onde passarem, se Audrey vai se arrepender de ter concordado com a mudança — o que com certeza seria um prenúncio da nova vida delas juntas.

— Ei — diz Audrey, baixinho, antes de abrir a porta, e segura meu ombro para que eu me vire em sua direção, em vez de continuar olhando para o chão. — Eu amo Gillian. Quero que você saiba que eu não iria embora se não tivesse muita certeza disso. Mas tenho. Eu amo Gillian demais para não ir junto.

Amor.

É uma palavra tão idiota. Ela me ama, mas é um tipo diferente de amor — e não é o bastante para fazê-la ficar.

Três semanas mais tarde, quando o apartamento de Audrey já está cheio de caixas empilhadas, e na geladeira só resta um ovo solitário e um pote de pickles, me vejo na casa dos pais dela, beliscando um prato de cubos de queijo disposto ao lado da mesa de jantar.

Audrey não quer nenhuma comoção por conta da partida. Não é muito o estilo dela. Audrey odeia chamar atenção, provavelmente por causa do trabalho como ativista. Ela está acostumada a fazer muito pelos outros, organizando manifestações, contatando políticos, levantando fundos para organizações não governamentais que lutam contra injustiças... Mas a mãe dela insistiu em fazer uma festa de despedida decente, então em breve todos os familiares, amigos e agora ex-colegas de trabalho de Audrey e Gillian estarão reunidos na casa da minha tia Farrah e do meu tio Howard, em Rogers Park.

Ainda é cedo, e ainda estou comendo queijo, quando vejo Audrey do outro lado da sala, abraçada com Gillian na frente do toca-discos, examinando uma pilha de vinis. Gillian dá um gritinho e pega um álbum, e vejo Audrey se inclinar para perto da cabeça da namorada para ver melhor. Enfio um pedaço de queijo de sabor bem forte na boca e desejo que não fosse tão difícil ser legal com a pessoa que minha prima ama. E não seria tão difícil se o amor de Audrey por Gillian não a estivesse levando para longe.

De repente a música começa a tocar nos alto-falantes, e meu tio Howard vem em direção à mesa de comida balançando a cabeça no ritmo.

— E dizem que vocês, jovens, não têm bom gosto para música. Mas não a minha filha. Minha garota sabe o que é bom! — Ele estala os dedos para enfatizar.

— Nunca ouvi essa — comento, dando de ombros, sem sorrir, porque não preciso fingir que estou de bom humor para o tio Howard.

Ele sempre está feliz, mas não é o tipo de pessoa que fica o tempo todo lembrando aos outros que precisamos ser gratos pelo que temos. Tio Howard genuinamente sempre vê o lado bom das coisas, mesmo depois de todas as merdas que já viveu, morando em Chicago há quase sessenta anos.

— Ah, então você está tendo uma aula gratuita sobre os clássicos da Motown. — Ele dá um puxão na aba da boina de tweed enfiada na cabeça morena de cabelos raspados. — The Marvelettes... um dos grupos femininos mais incríveis de todos os tempos.

— Melhor que The Supremes?

Ele arqueja, surpreso, finge espiar por cima do ombro e se inclina mais para perto.

— Não deixe sua tia ouvir você falando isso. É um tópico polêmico nesta casa.

Sorrio, mas só um pouquinho. Tio Howard toca no meu ombro e diz:

— Vai ser legal visitar São Francisco, não vai? Podemos fugir daqui naquelas épocas em que Chicago fica fria e insuportável.

Olho de relance para Audrey, parada sozinha diante do toca-discos, encarando o celular. Ela é bonita, mas está mais arrumada esta noite, com um minivestido preto de renda e mangas compridas. O cabelo escuro está liso, penteado para trás, preso em um coque apertado. E está usando batom de novo.

— Mas São Francisco também é meio fria, não é? — comento, me lembrando de quando minha mãe voltou de uma exposição de arte que acontecera por lá em agosto dizendo que tinha precisado comprar um casaco.

Tio Howard abre um sorriso, mostrando que sabe que minha rabugice não tem nada a ver com ele e ataca a tigela de azeitonas.

Vou até a cozinha beber água, mas paro na porta de repente. Gillian está diante da bancada acompanhada de um cara, os dois de costas para mim, e considero me virar e ir embora antes que me vejam. A festa de despedida também é para ela, mas não tenho nada de bom a dizer a Gillian, por isso talvez seja melhor simplesmente evitá-la.

Então acabo pisando num ladrilho meio solto, e os dois se viram para mim. Não tenho escapatória.

— Ah, oi, Rashida. — Os olhos de Gillian têm um brilho tão animado quanto a voz. Vejo um copinho de plástico azul na bancada, ao lado do cotovelo dela, perto de uma garrafa de vodca aberta e de uma jarra de suco de laranja. — Esse é o meu irmão, Pierre.

A primeira coisa que reparo em Pierre é a covinha no queixo. Parece esculpida tão perfeitamente que tenho vontade de tocar para ver se é real. Mas todo ele vale um olhar mais atento, da pele escura e suntuosa até os óculos de armação preta, com aqueles olhos castanhos suaves atrás das lentes.

— Oi. — Pierre atravessa a cozinha e estende a mão. — Rashida? É um prazer.

Eu sabia que Gillian tinha um irmão, mas não que era da minha idade. Nem que ele era assim. Passo os olhos pelo cabelo afro bem cortado, pensando em como deve ser macio. Pierre sorri, mostrando dentes que eu teria certeza de que haviam sido alinhados por aparelho, exceto

por um dos de baixo, que era ligeiramente torto.

Gillian tosse e dá risadinhas voltando para a pia, e é aí que percebo que Pierre está parado, com a mão estendida, e eu ainda não me movi nem disse uma palavra. Estou congelada, olhando para ele. Limpo a mão na saia rodada e florida que estou usando, a barra poucos centímetros acima dos joelhos, e aperto a mão dele. Dou um breve sorriso para Pierre e olho para Gillian, tomando um longo gole do copo azul, então digo:

— O prazer é meu.

Gillian indica a vodca.

— Quer um drinque?

Eu a encaro com certa incredulidade.

— Você não pode estar falando sério.

— Olha, não quero me gabar, mas faço um Screwdriver fantástico! É um coquetel de vodca com suco de laranja — explica ela, rindo.

— Olha, eu acho uma péssima ideia, Gillian. Minha família inteira está aqui.

A não ser meu pai, claro. Ele já devia ter chegado, mas o jantar com Bev deve estar divertido demais. O que, no fim das contas, me faz ter vontade de aceitar a oferta de Gillian. Mas não gosto tanto assim de bebidas alcoólicas. Já tomei cerveja e alguns drinques às escondidas, feitos com os produtos roubados de um armário de bebidas, mas álcool só me deixa com sono.

Pierre me encara franzindo o cenho, como se não conseguisse acreditar em como eu estava sendo grossa com a irmã dele.

Mas Gillian não parece ter se ofendido, ou então está se escondendo por trás da vodca. Ela abre o mesmo tipo de sorriso que deu na praia, tampa a garrafa e fala:

— Bem, você sabe onde me encontrar, se mudar de ideia. — E sai da cozinha.

Passo por Pierre para pegar uma garrafa de água e acho que deveria dizer alguma coisa — qualquer coisa que tirasse aquela expressão do rosto dele —, mas não sei o que, e ele também vai embora.

Encontro tia Farrah sentada no último degrau da escada, no caminho para o banheiro. Ela não está fazendo nada, só está ali, sentada, examinando as mãos, mas o modo como seu corpo se apoia na balaustrada parece tão triste que me sento ao lado dela. Olho para o enorme retrato de família emoldurado em madeira pendurado na parede oposta — Farrah, Howard e a pequena Audrey, quando ela ainda usava prendedores de cabelo cor-de-rosa.

Descanso a cabeça no ombro da minha tia.

— Eu quero que esta noite acabe logo. Mas também não quero, porque isso significa que só tenho mais dois dias antes de ela ir embora.

Tem sido mais fácil ficar perto da tia Farrah, mas no começo, logo depois que minha mãe se foi, eu achava muito desconfortável olhar para ela. Além de irmãs, eram muito parecidas. Não fisicamente — minha tia é curvilínea feito eu, com bastante peito e bunda, e minha mãe era mais alta e esguia. Tenho a pele da cor castanho-avermelhada da mamãe, marrom com subtons de vermelho, e Farrah tem a mesma pele de um tom claro de castanho de Audrey. Mas minha

tia e minha mãe tinham tantos trejeitos em comum, coisas em que eu nunca tinha reparado antes.... Tipo mexer na orelha quando está perdida em pensamentos, ou mastigar a haste dos óculos quando está ansiosa.

Era Farrah quem deveria ter ocupado o lugar da minha mãe, mas Audrey assumiu o posto antes que qualquer um pudesse pensar em fazer isso. Ela é sete anos mais velha que eu, o que costumava parecer uma diferença enorme, mas agora que vou para o último ano do ensino médio, parece menor. Talvez Audrey pense que já estou bem grandinha e não preciso mais dela.

— Eu entendo, meu bem. — Tia Farrah suspira. — Fico achando que ela vai mudar de ideia ou que vai dizer que era só uma piada. Howard disse que preciso deixá-la ir, que Audrey já tem vinte e quatro anos. Mas isso não é fácil para as mães. Nunca é.

Ela se dá conta do que acabou de dizer no exato instante em que meu corpo fica rígido. E tenho vontade de sair correndo dali, de nunca mais ser a pessoa que faz os outros pensarem duas vezes antes de falar, mas minha tia passa o braço ao meu redor e me puxa para mais perto.

— Você sabe que eu estou do seu lado, minha querida. — Tia Farrah cheira a morango. — Sempre que sentir saudades dela, venha até aqui, me ligue, ou as duas coisas. Está bem?

Esse “dela” pode se referir tanto a minha mãe quanto a Audrey, e fico com medo de não aguentar a combinação da saudade das duas.

Poucos minutos mais tarde, enfio a mão na água fria da torneira da pia do banheiro e esfrego a lateral do rosto e a testa. E afofo os cabelos curtos, pretos, armados e crespos. Então examino o armário de remédios da minha tia, como sempre faço quando estou na casa dela.

Prendo a respiração enquanto me certifico de que nada mudou. O frasco sépia de melatonina. Multivitamínicos para mulheres. Remédios para pressão. Nenhum antidepressivo.

Deixo escapar um suspiro de alívio. No momento em que estou recolocando o frasco laranja de remédio para pressão no lugar, a porta do banheiro se abre de repente. Eu me assusto e deixo o frasco cair no piso de cerâmica. O frasco se abre, e os comprimidos de tia Farrah se espalham por todos os lados.

— Merda.

Sem nem tirar os olhos do chão, me abaixo para recolhê-los. Se já é ruim vasculhar o armário de remédios da minha tia regularmente, ser pega fazendo isso então...

— Eu ajudo você.

É o pé que o entrega. Ele usa All Star preto de cano médio, com cadarços brancos encardidos e rabiscos de caneta azul nas laterais da sola de borracha. Eu já tinha reparado nos rabiscos quando estávamos na cozinha, mas estava longe demais para lê-los. Agora estou com muita vergonha para ficar olhando.

— Obrigada.

Afasto a parte de baixo da cortina do chuveiro para resgatar alguns comprimidos. Espero que Pierre peça desculpas por não ter batido antes de entrar, mas, durante essa última meia hora, o humor dele ficou tão ruim quanto o meu.

— Sabe, seja lá o que você estiver sentindo, não deveria descontar na minha irmã — comenta ele, se inclinando para catar os comprimidos ao pé da pia.

— Que absurdo! — Isso é o bastante para me fazer encará-lo. — Ela estava oferecendo álcool a uma adolescente em uma festa de família. Você acha que isso é uma boa ideia?

— Primeiro que não é uma festa de família. É uma festa. E também é para os amigos dela. — Pierre se levanta e deposita alguns comprimidos na borda mais larga da pia. — E você não estava preocupada de verdade com a bebida. Só estava sendo babaca com ela.

Abro a boca para dizer que ele está errado, mas nós dois sabemos que eu realmente fui babaca. Ainda assim, não estou preparada para admitir isso em voz alta — principalmente para ele.

— Tenho o direito de sentir o que estou sentindo — retruco, mal conseguindo segurar o frasco laranja com firmeza o bastante para jogar os comprimidos lá dentro.

Pierre franze o cenho e endireita os óculos.

— Eu não disse que você não tinha esse direito, só que não precisa ser grossa com a minha irmã. Você não é a única que está chateada com a mudança. Só está sendo dramática. Não é como se elas fossem morrer.

Ao ouvir isso, meu corpo todo começa a tremer. Consigo me controlar o bastante para fechar o frasco e enfiá-lo de volta no armário. Mas Pierre percebe. E começa a dizer alguma coisa, estendendo a mão para segurar meu braço, mas passo depressa por ele sem dizer uma palavra — é a segunda vez naquela noite.

E consigo sair do banheiro sem mandá-lo à merda.

A casa está bem cheia, todo mundo comendo, dançando, rindo e conversando alto, confirmando que é mesmo uma festa, e está no auge. Reconheço amigos de Audrey e Gillian de alguns protestos, e vejo pessoas da igreja que tia Farrah e tio Howard frequentam, onde participei de alguns cultos ao longo dos anos. Mas tem muita gente que eu não conheço. O que me lembra o comentário de Pierre, que essa não é uma festa só para a minha família, e sinto um pouco de vergonha.

Meu pai chegou, o que deveria me deixar mais tranquila, mas não deixou. Ele veio com Bev, a nova namorada, que é secretária da Escola de Artes de Chicago, onde ele trabalha como professor de História da Arte. Bev é sem graça. Imagino que ela seja legal, mas não consigo não me perguntar o que meu pai vê nela. Ele acha legal ela ser estável? Previsível? Reservada? Minha mãe não era nenhuma dessas coisas, e nunca achei que deveria ser.

Papai acena para mim e me junto a ele perto do toca-discos, abrindo caminho por entre convidados que seguram copos de vinho e longnecks de cerveja recém-tiradas do freezer gotejando de tão geladas. Passo por Gillian, parada perto da janela grande atrás do sofá, conversando com alguém que não conheço. Gillian é sempre cheia de energia, mas nunca a vi assim, gesticulando com movimentos amplos para pontuar cada palavra da frase, o rosto se contorcendo em expressões que acho que não eram para ser tão cômicas quanto parecem. Olho para as mãos dela e, como imaginei, o copo de plástico azul continua lá.

— Como foi o jantar? — pergunto ao meu pai, só para ser educada.

Eles me convidaram, mas recusei, dizendo que tinha combinado de chegar mais cedo para ajudar na arrumação. O que era verdade, mas, quando cheguei, eles já tinham terminado a limpeza, pendurado a faixa (BOA SORTE E ADEUS!) e arrumado a comida. Então só me restou ficar beliscando pretzels e dando palpites sobre as opções de roupa da minha tia. Mas meu pai não precisava saber disso, porque eu preferia ficar na casa da minha tia sem fazer nada antes de uma festa para celebrar a partida da minha pessoa favorita no planeta a ficar sentada em um restaurante com ele e a namorada.

— Ah, fomos a um restaurante de frutos do mar novo, lá em River North — comenta Bev, um pouco ofegante, e eu nunca a vi tão empolgada assim. — Os mexilhões são incríveis!

— Você perdeu, Rashida. — Papai se inclina e beija minha cabeça. — A melhor ostra que eu já comi.

— Sou alérgica a frutos do mar — lembro a ele. — Então é até melhor que eu não tenha ido.

— Ah, eu sabia disso — responde papai, mais do que depressa, alisando a barba. A barba de professor, como minha mãe chamava. Depois que ela morreu, começaram a despontar pelos grisalhos entre os fios negros. — Só decidimos o lugar depois que você disse que não poderia ir junto.

Não acredito nisso. Papai era distraído, para dizer o mínimo, mas nos últimos dias parece ainda mais esquecido, principalmente quando o assunto sou eu. Vou embora para a faculdade daqui a um ano, e às vezes me pergunto se ele vai ficar mais feliz quando eu estiver longe.

— E como vai você, Rashida? — Bev coloca uma mecha do cabelo chanel castanho-claro atrás da orelha. — Já começou a pensar na faculdade?

Ela parece mais nervosa do que o normal. Reparei que está olhando ao redor o tempo todo. Então fica visivelmente relaxada quando repara na presença de um cara louro, e percebo que Bev está nervosa por ser uma das poucas pessoas brancas na festa. Eu me pergunto se ela repara que meu pai é uma das poucas pessoas negras no ambiente, quando sai com ele. Será que o potencial desconforto dele passa pela cabeça dela?

— Já pensei — respondo, e por pouco consigo evitar dar de ombros.

Não tenho como não pensar nisso tendo um pai professor. Ele não está me pressionando para nenhuma carreira em particular, mas sempre toca no assunto, querendo saber se já comecei a considerar as primeiras possibilidades de carreira mais seriamente e a pensar em possíveis universidades. Papai vai aceitar qualquer escolha que eu faça, desde que o campus não seja em Chicago. Acho que a minha presença o faz lembrar demais da minha mãe.

— Tem alguma ideia do que quer cursar? — pressiona Bev.

Obviamente sem perceber que não quero falar sobre o assunto com ela naquele momento. Nem nunca, para falar a verdade.

— Ainda não tenho muita certeza. Talvez Linguística. Ou Sociologia.

Ou, pensando bem, horticultura. Durante o verão e a primavera, eu e minha mãe não passávamos uma única semana sem trabalhar no quintal nos fundos de casa durante a manhã, antes de o sol ficar forte demais, sujando as mãos na terra da nossa horta. Cuidar das plantas era relaxante e fazia com que eu me sentisse competente. Deixei tudo morrer depois da morte dela.

Inclino a cabeça para o lado.

— O que você cursou, Bev?

Meu pai se vira para mim de repente, mas não olho para ele, não quero ver o rosto dele. Meu pai sabe que estou apenas sendo má, que tenho plena consciência de que existe uma boa chance de que a formação de Bev não tenha relação com o trabalho de recepcionista.

Audrey me salva. Ela aparece do nada, cumprimentando meu pai com um beijo no rosto e um sincero:

— Lis, que bom ver você! — Ela diz o mesmo para Bev, então se vira para mim. — Vamos jogar bocha lá nos fundos e precisamos de mais uma pessoa. Topa?

Respondo sim antes mesmo de minha prima terminar a frase. E, quando pego a mão dela e sigo para o quintal, eu me pergunto como vou sobreviver sem Audrey por perto, para me resgatar.

Sinto uma pontada no coração quando saímos para o pátio. Audrey não me disse que Pierre estaria ali.

Ele está parado na beira do gramado, uma silhueta alta além do alcance da lâmpada que derrama luz sobre a varanda e as bolas de bocha alinhadas na grama recém-aparada. Pierre olha para mim, e nenhum de nós sorri antes de desviar os olhos. Gillian remexe o corpo ao som de uma música imaginária, parada perto da balaustrada que circunda o deque, ainda com o copo na mão. Seus olhos estão desfocados, até um pouco ensandecidos, enquanto percorrem o pátio.

O ar está úmido e quente, perfumado com o doce aroma das rosas de tia Farrah, as flores gordas de tons pastel pontilhando a treliça no limiar do deque. Mais cedo, tio Howard pendurou pisca-piscas brancos pela varanda, e agora as luzes cintilam suavemente ao nosso redor, já ligadas meses antes do Natal. A noite está linda. Até pareceria romântica, se eu tivesse outra companhia que não minha prima, sua namorada bêbada e um cara que me odeia.

Nem mesmo Audrey e Gillian estão conseguindo se divertir. Audrey segura a namorada pelo cotovelo, e não sei dizer se é uma demonstração de afeto ou se é só para ajudá-la a manter o equilíbrio. Gillian pousa o copo de plástico com força na balaustrada, segura o rosto de Audrey entre as mãos e cola a boca na dela. Não parece muito agradável, e minha prima se afasta depressa, balançando a cabeça. Ela diz alguma coisa, tão baixinho que não consigo ouvir. Pierre assiste a tudo da garagem no fundo do quintal, chocado.

Alguns instantes depois, estamos espalhados no gramado, separados em times. Audrey quase escolheu fazer dupla com Gillian, mas o olhar que lancei deixou bem claro que não era uma opção. Pierre também deve ter ficado aliviado, mesmo não parecendo muito feliz com Gillian. Ela cruza as tranças ao redor do queixo, formando uma barba improvisada, e começa a recitar o Discurso de Gettysburg, de Abraham Lincoln.

Eu me viro para minha prima:

— Ela está...

É só o que consigo dizer antes de Audrey interromper, irritada:

— Ela está bem. Tudo tranquilo. Vamos jogar.

Nossa. Audrey nunca é grossa comigo. Ela em geral é bem equilibrada, e sempre fui a queridinha dela. Mas agora está com a testa tão franzida que uma ruga profunda se formou

entre as sobrancelhas, e com os lábios bem fechados, e nem dá um sorrisinho arrependido.

Audrey e eu vencemos no cara ou coroa, e sugiro que ela comece. Gillian grita, alto o bastante para ser ouvida em todo o quarteirão:

— Vai, meu amor!

Eu até pensei que a empolgação desenfreada da namorada abriria um sorriso no rosto de Audrey, mas minha prima a ignora e faz a pequena bola branca sair rolando pelo gramado.

Passamos pela primeira rodada sem maiores incidentes, exceto por Pierre pedindo a cada dois segundos que a irmã falasse baixo. Gillian fala sem parar e bem alto. Olho de relance para Audrey. Minha prima não está nem tentando esconder a irritação, de braços cruzados e olhando para a frente. Lanço uma bola vermelha com força demais, e ela rola até o fundo do quintal e bate na cerca.

— Bola anulada — anuncia Pierre, num tom presunçoso.

Olho emburrada para ele. Pierre só deve estar feliz porque a atenção foi desviada da irmã — ao menos por um momento.

É a vez de Gillian, por sinal, mas ela está andando a esmo. Tropeça no aglomerado de bolas de bocha verdes e vermelhas, tirando algumas do lugar, e cai na gargalhada quando consegue arruinar o jogo. Gillian é feito uma queima de fogos de artifício muito depois do feriado de Quatro de Julho, uma criancinha aprendendo a andar. Está oficialmente trêbada.

Audrey suspira.

— Bem, acho que chega disso aqui.

— Acho que pra ela a festa acabou — conclui Pierre.

Gillian saltita para os fundos do quintal e começa a girar sob o varal vazio, cantando tão desafinada e com as palavras tão arrastadas que nem dá para entender a música. As tranças voam livres ao redor do rosto, batendo na testa suada enquanto ela se remexe ao som do coro de grilos enchendo a noite. É isso que Audrey vai ter que aguentar quando estiverem em São Francisco? Isso é novidade? Ou talvez Gillian nunca tenha sido muito resistente ao álcool, e eu só descobri agora.

— Temos que tirar ela daqui — diz Audrey. — Eu poderia levar Gillian de volta para o meu apartamento, mas todo mundo vai notar que eu sumi.

— Eu a levaria de carro para casa, mas não tenho carteira. — Pierre enfia as mãos nos bolsos do jeans azul-escuro. — Talvez desse para pegar um táxi, mas...

Audrey balança a cabeça.

— Você não vai pegar um táxi de volta para o subúrbio. Vai custar uma nota, e tenho certeza de que ninguém aqui tem muito dinheiro sobrando. — Ela hesita, então inclina a cabeça para mim. — Rashida, você pode levar os dois de carro para o meu apartamento?

Eu a encaro, boquiaberta.

— Mas nós três precisamos ir?

— Sim, ela está muito doida — responde Audrey, de um jeito que parecia tão óbvio que até me arrependi de ter falado —, então vai ser necessário mais de uma pessoa para levar Gillian em casa e colocá-la na cama.

— O que você vai dizer para a nossa família... e os amigos dela? — pergunta Pierre, claramente tão sem vontade quanto eu de assumir aquele desafio. Ele aponta para a casa, de onde os sons da festa tinham começado a vazar para a varanda. — Não é melhor eu entrar e

dizer alguma coisa?

Audrey morde o lábio inferior e olha de relance para a porta dos fundos, a silhueta dos convidados visível na porta de tela.

— Vou dizer que ela passou mal por causa de alguma coisa que comeu no almoço.

— Mas e se ela não quiser dormir na sua casa? — pergunto.

Pierre e eu estamos nos esforçando para pensar em todas as desculpas possíveis para evitar termos que levar Gillian para a casa de Audrey juntos, mas Gillian também não parece muito disposta a ir embora. Parece que ela ficaria feliz em saracotear um pouco mais.

— Ah, Gillian vai apagar daqui a uns dez minutos. — Minha prima apoia as mãos nos quadris estreitos. — Ela não vai oferecer muita resistência.

E Audrey sabia que nós dois também não ofereceríamos muita resistência, porque ela é o tipo de pessoa a quem todo mundo obedece. Já a vi assumir o controle de uma multidão de centenas de manifestantes.

Nós três conseguimos conduzir Gillian pelo pátio dos fundos, passando para a lateral da casa bem no momento em que os primeiros convidados começam a se aventurar para o deque. Pierre e Audrey a seguram pelos braços, um de cada lado. Gillian se distrai com tudo o que passa por seu campo de visão — um chapéu de festa cintilante, vermelho, branco e azul, esmagado contra o meio-fio; pétalas cor de creme caindo da árvore inclinada sobre a calçada; um gato malhado solitário andando à nossa frente.

— Gatinho! — grita ela, e se joga na direção do vira-lata esquelético.

O gato foge, os olhos arregalados, e guiamos Gillian para o carro. Audrey estava certa: os olhos dela já estão se fechando, as palavras saindo mais arrastadas à medida que mover os lábios vai ficando mais difícil.

Pierre abre a porta, e Gillian se joga para dentro do carro imediatamente, ocupando dois lugares. As pernas dela estão frouxas, moles feito macarrão. Pierre deixa que fiquem penduradas para fora do carro por um instante e diz:

— Acho melhor eu ir atrás com ela.

Dou de ombros, tentando deixar claro que não tenho opinião formada sobre nada que esteja acontecendo. Só estou nessa porque não tenho opção.

Audrey fica olhando os dois se acomodarem no banco de trás e se inclina para espiar Gillian pela janela, antes de se virar para mim, curvando os ombros, cansada, mas com gratidão no olhar.

— Boa sorte. Até logo. — Ela me dá as chaves do carro de Gillian e fecha a mão ao redor da minha por um instante. — E obrigada.

Dentro do carro, coloco o cinto de segurança. Gillian já apagou. Pierre ajeitou a irmã, apoiando a cabeça dela em seu colo. Reluto em falar com ele, mas tenho que perguntar:

— Botou o cinto?

— Sim — responde ele, num tom tão brusco quanto o meu. Então hesita. — Para onde vamos?

— Andersonville.

— É longe?

Ah, certo. A família de Gillian mora nos subúrbios, em Oak Park. Eu me pergunto com que frequência Pierre vem ao centro, se conhece outras áreas daqui, se Andersonville é o único

lugar aqui que ele não conhece. Então fico irritada comigo mesma por ficar pensando nisso. Já sei tudo o que preciso saber sobre Gillian e a família dela.

— Deve levar uns dez minutos — digo, conferindo outra vez o cinto de segurança.

Enquanto ajeito o retrovisor, vejo Pierre assentir. Então acendo os faróis. Ainda não toquei na ignição.

— Qual é o problema? — pergunta Pierre.

— É que... já faz um tempo que não dirijo. Ainda mais à noite.

Meu pai tem carro, e posso dirigir sempre que ele não está usando, mas moramos em Bucktown, perto do metrô e de pontos de ônibus, e nunca falta táxi se eu realmente precisar. Papai anda reclamando que a região é muito movimentada, dizendo que seria melhor nos mudarmos para um lugar mais tranquilo. Mas aquela é a casa em que moramos com minha mãe, mesmo com as plantas mortas e tudo mais, e acho que meu pai sabe que nosso relacionamento frágil tem mais chances de se sustentar se ficarmos ali até eu ir embora para a faculdade.

— Não precisa ter pressa — diz Pierre. — Você disse que não é longe.

— Pois é. Não é longe.

Giro a chave, e música clássica preenche o carro enquanto o motor liga. Fico surpresa, não conheço ninguém que escute música clássica e que não tenha a idade do meu pai. Gillian parece mais o tipo que gosta de música pop, hip-hop ou música eletrônica — alguma coisa com uma boa batida, combinando com sua energia inesgotável. Mas fico feliz com a melodia de instrumentos de corda inundando o carro. É tranquilizante.

Ajeito as mãos na posição certa no volante e dirijo alguns quilômetros abaixo do limite de velocidade. Sou ultrapassada algumas vezes, mas ninguém parece irritado comigo. Bem quando começo a me sentir mais confortável ao volante, Gillian choraminga durante o sono, e o barulho vai ficando cada vez mais alto. Quando paro em um semáforo, olho para os dois no banco de trás pelo retrovisor, mas Pierre parece ter tudo sob controle. Sob a luz suave dos postes que iluminam o carro, eu o vejo esfregar o ombro da irmã, sussurrando tão baixo que mal consigo ouvir:

— Tá tudo bem, Gilly. Estamos quase chegando.

Ele continua a confortá-la até os gemidos pararem, logo substituídos por um ronco baixo. O som da respiração irregular de Gillian se mistura à música clássica que sai dos alto-falantes — em dado momento, os roncoss saem numa sincronia tão perfeita com uma parte particularmente dramática da música que Pierre e eu não conseguimos segurar o riso. Nossos olhos se encontram no retrovisor quando paramos de rir.

— Você é uma boa motorista — comenta ele, baixinho, e passa o resto do caminho olhando pela janela.

O que para mim é ótimo, já que levo tempo demais para controlar o rubor intenso que coloriu meu rosto com esse elogio tão banal. E fico me perguntando o que mudou desde que entramos no carro. Porque, cinco minutos atrás, eu mal conseguia olhar na cara dele, mas agora meu rosto parece em chamas. Audrey sempre diz que devo dar às pessoas o benefício da dúvida, e eu nem sempre concordo, mas talvez Pierre não seja tão ruim quanto pensei. Talvez.

Por algum milagre, encontro uma vaga pouco depois do prédio de Audrey. E, por mais sorte ainda, é grande o bastante para não precisar manobrar. Suspiro de alívio — se me visse

tentando manobrar um carro estranho numa vaga apertada, Pierre com certeza retiraria o elogio —, mas minha alegria não dura muito. Gillian não consegue ficar acordada por tempo o suficiente para sair do carro. Ainda de olhos fechados, ela tenta bater em Pierre quando ele dá tapinhas em seu rosto anunciando que é hora de se sentar. Gillian não tem nenhuma reação quando chamo seu nome em voz alta, nem quando puxo a barra de sua calça.

— Audrey mora no terceiro andar — digo, já que é óbvio que teremos que carregá-la escada acima. — E não tem elevador.

— Merda. — Mas Pierre suspira e ajeita os óculos. — Pode me ajudar a botar ela nas minhas costas?

A tarefa é complicada do início ao fim. Gillian até continua em boa forma por conta da época em que praticava esporte, mas parece um peso morto quando tentamos colocá-la sobre os ombros de Pierre. Ela acorda algumas vezes e tenta nos afastar — me empurra com tanta força que preciso me equilibrar e depois sair de perto.

— Mas que merda — reclamo, secando a testa úmida.

— Eu é que vou ter que carregar essa mulher por três andares de escada — retruca Pierre, os braços envolvendo a cintura de Gillian com força.

— A gente não ia precisar fazer isso se... — Eu me interrompo, mas não sou rápida o bastante.

Pierre olha para mim, irritado.

— Se o quê?

— Deixa pra lá.

— Você não é a única que está insatisfeita. — Sua voz está tensa, e percebo que qualquer trégua que tenhamos estabelecido no carro se foi. — Será que a gente pode simplesmente parar de reclamar e levar ela daqui, para acabar logo com isso?

Eu nunca tinha reparado em quantas portas temos que abrir antes de chegar ao apartamento de Audrey — o portão, a entrada da portaria, a porta interna que leva à escada. Quando enfio minha cópia da chave na fechadura, quinze minutos mais tarde, penso que as medidas de segurança talvez sejam supervalorizadas.

— Como... uma pessoa tão pequena... pode ser... tão... pesada... dormindo? — grunhe Pierre, carregando Gillian para o quarto, no fundo do apartamento.

A cama já sumiu, junto com o restante da mobília. Só resta o colchão inflável onde Audrey vai dormir até a hora da viagem. Pierre deposita Gillian no colchão ligeiramente flácido, e eu puxo as cobertas até o queixo dela. Gillian chuta as cobertas e se vira para o lado, o que nos poupa uma etapa de trabalho — os filmes me ensinaram que não se deve deixar pessoas bêbadas dormirem de barriga para cima.

— Cacete — comenta Pierre quando saímos do quarto. — Foi mesmo uma merda. — Apesar de estável, sua respiração está pesada, e ele se inclina para a frente, a palma das mãos plantadas nas coxas.

— Quer beber alguma coisa antes de voltar? — Parece o mais educado a sugerir.

Ele aceita, e vamos para a cozinha minúscula, onde espero que Audrey tenha deixado alguma coisa para beber. Há uma pequena pilha de copos descartáveis na bancada, ao lado de um rolo de papel toalha.

— Acho que o melhor que tenho a oferecer é água da bica.

— Água da bica ainda é água — diz Pierre.

Encho um copo, que ele esvazia depressa, o pomo de adão se movendo quando engole.

Eu me afasto para que ele mesmo encha o copo de novo e abro a geladeira. O pote de pickles agri-doce já desapareceu, só resta um ovo marrom na prateleira de cima. Audrey adora cozinhar. Eu me sinto meio desconfortável vendo a cozinha tão vazia.

Um gemido emerge do fim do corredor, urgente e gutural.

— Aud — geme Gillian, não muito alto, mas o bastante para ouvirmos. — Audie, preciso... Aud...

Corremos de volta para o quarto, onde Gillian tenta levantar do colchão, mas não consegue. Ela desiste, e a cabeça tomba para fora do colchão de ar.

— Eu... vou...

Disparo pelo corredor em busca da lata de lixo do banheiro e coloco-a abaixo da cabeça de Gillian bem a tempo. Depois de fazer um barulho horrível ela vomita, e o cheiro é horrível. Vou para longe enquanto Pierre afasta as tranças do rosto da irmã. A pele marrom-clara dela está quase pálida, mas, no mesmo tom de voz tranquilizador que usou no carro, Pierre fala que vai ficar tudo bem.

Ele se senta com Gillian enquanto ela vomita e geme, até que resta apenas ânsia de vômito, e ela cai para trás no colchão. Pego um copo de água para ela, e Pierre a convence a tomar alguns goles antes que ela role de volta para o colchão.

— Olha, não quero que você fique pensando que Gilly é uma bêbada babaca — diz Pierre, levantando-se. — Às vezes ela bebe demais quando fica nervosa. E estava meio nervosa por causa de hoje à noite.

Eu o encaro, franzindo o cenho, confusa.

— Por causa da festa?

— Porque ia ver todo mundo se despedindo da Audrey. Gillian acha... — Ele abaixa a voz, mesmo com os roncoss altíssimos vindo do colchão. — Ela acha que vocês a odeiam por ela estar levando sua prima embora.

Eu deveria tranquilizá-lo, dizer que é claro que não odiamos Gillian, que Audrey é adulta e estava indo embora por vontade própria. Mas não digo nada disso. Porque não importa se é ou não justo, uma parte de mim realmente odeia Gillian. Ela está levando a minha prima embora. Audrey não sairia de Chicago se não tivesse conhecido Gillian, porque Audrey ama Chicago. Mesmo quando a cidade está coberta de gelo e neve escura e suja, quando o vento frio faz a temperatura chegar a dois dígitos negativos, Audrey insiste em dizer que esta é sua cidade favorita.

— Ah. — Pierre ergue as sobrancelhas. — Gillian não está errada.

— Ninguém odeia Gillian. — Não de verdade. Hesito, porque tenho medo de que minha voz acabe embargada, como acontece toda vez que penso na partida da minha prima. — Mas amamos muito Audrey. Só isso.

Ele assentiu. Não é um gesto de desdém, ele só balança a cabeça mantendo contato visual comigo, um gesto que deixa claro que ele ouviu. E compreendeu.

— Bem, a gente não pode largá-la aqui desse jeito. — Pierre solta um suspiro enquanto saímos do quarto. — Ela vai ficar muito confusa se acordar sozinha. E se alguma coisa acontecer com ela por minha causa... Eu preciso ficar. Se sua prima não se importar, claro.

— Ela não vai se importar, mas o que você vai ficar fazendo aqui?

Examino o apartamento vazio. Não tem nem televisão, nem mesmo uma revista ou um livro perdido. Tudo já foi levado ou encaixotado e deixado em um canto da sala. Minha voz ecoa naquele nada, e penso em como seria deprimente ficar sentado ali sozinho.

— Não me incomodo muito com o silêncio. — Ele dá de ombros. — E você com certeza quer voltar para a festa...

Parte de mim quer mesmo voltar... Audrey vai embora daqui a dois dias. Mas essa festa de despedida não é do tipo muito divertido. A bocha, a bebida e a alegria orquestrada pela Motown parecem forçadas, como se estivéssemos fingindo que é uma reunião qualquer em uma noite qualquer de sábado. E não posso nem me esconder com meu pai, não com Bev ali sendo constrangedora e fazendo as perguntas erradas.

Considerando o modo como as coisas começaram, não dá para acreditar que ficar aqui com Pierre seja a melhor opção. Mas penso em toda essa viagem de carro, em como ele foi doce com a irmã. E não posso ignorar o fato de que os únicos momentos daquela noite em que não me senti envolvida por uma nuvem de ansiedade foram os que passei com ele. Talvez brigar não seja muito melhor do que ficar ansiosa, mas aceito qualquer emoção que se sobreponha a essa tristeza lancinante. E, bem... agora não estamos brigando.

— Ou eu poderia ficar — digo, e fico chocada com a confiança com que as palavras saem da minha boca.

Como se estivessem certas no contexto.

Como se nós estivéssemos certos neste contexto. Juntos.

Um sorriso se abre lentamente em seu rosto negro de pele macia.

— Ou você poderia ficar.

Cometi um erro.

Passaram-se alguns minutos, ainda estamos parados no meio da sala, encarando o piso de madeira, o teto... Qualquer coisa, menos um ao outro. E se nossa trégua silenciosa for apenas isso, se só funcionar quando estamos em silêncio?

— Estou morrendo de fome — comenta Pierre, de repente, quebrando a tensão. — Vi uma pizzeria nessa mesma rua, mais lá para cima. Sabe se é boa?

— Dá para o gasto.

Isso o faz sorrir.

— Quer dividir uma? Eu topo qualquer coisa, menos aquela pizza de massa alta daqui de Chicago.

Arregalo os olhos.

— Espera... sério que você não gosta da nossa pizza?

Pizza pode ser um assunto controverso, em Chicago. Quando sua cidade é conhecida por alguma comida específica, é quase traição comer outra coisa. Mas a verdade é que eu não gosto da massa de pizza típica de Chicago, e acho que nunca vou gostar.

— Sei que isso faz o pessoal daqui me achar esquisito, mas realmente odeio. — Ele faz careta. — É muito massuda.

— Então nós dois somos esquisitos — confesso, dando um sorrisinho.

Ele sai, e vou dar uma olhada em Gillian. Ela está no sétimo sono, ainda deitada de lado, mas o quarto continua fedendo demais, então vou na ponta dos pés abrir a janela, dando a volta no colchão. A lua de verão está imensa, brilhando através do vidro, o luar tão intenso que dá para ver as marcas retangulares na parede, onde ficavam os quadros de Audrey. Passei tanto tempo naquele quarto que consigo visualizá-lo exatamente como era antes de tudo ser empacotado — da placa na mesa de cabeceira com uma citação de Fannie Lou Hamer, uma ativista de direitos civis (“Estou farta de estar farta”), até as estantes cheias de Baldwin, anzóis, Lorde e Morrison, incluindo o velho elefante de pelúcia chamado Freddie, que ficava em cima da cama.

Há memórias em cada canto deste apartamento: a mesa de bistrô onde eu resolvia equações comendo a comida que tia Farrah mandava para lá, o sofá de dois lugares onde tirei incontáveis sonecas da tarde, o espaço entre a mesinha de centro e a poltrona, onde eu me sentava de pernas cruzadas enquanto Audrey trançava meu cabelo.

Tudo isso acabou. Mas talvez a melhor parte seja não poder voltar aqui depois que Audrey se mudar. Porque a dor da falta da minha mãe às vezes me atinge de repente, em casa: acho que estou bem, até que ela vem de algum lugar, de uma rachadura no piso do banheiro, onde minha mãe tinha deixado cair a chapinha; de um cartão de aniversário com “Te amo para sempre, Rah” embaixo de uma pilha de papéis velhos. Sempre me espanto, e este é o pior tipo de surpresa: a lembrança permanente de que a vida é apenas temporária.

Pierre volta trazendo uma caixa grande de pizza e duas sacolas da loja de conveniência cheias de bebidas.

— Não sabia do que você gostava, então trouxe tudo o que consegui carregar.

Tem um energético de embalagem azul e um de embalagem roxa, além de três tipos de refrigerante, um energético em lata, suco de maçã e água com gás. Agradeço, mas me afasto depressa para guardar tudo na geladeira. Fico um pouco constrangida com a consideração dele. Meu pai me conhece a vida toda e não se daria a esse trabalho. Se ele não soubesse do que eu gosto de beber — e não saberia sem perguntar —, provavelmente não compraria nada.

Pierre pega o energético azul, escolho o suco de maçã, e nos sentamos na sala vazia com a pizza e um rolo de papel toalha. Ele abre a caixa e revela uma gloriosa pizza de massa fina, a minha metade de cogumelos e pimentão vermelho, a dele de calabresa e pepperoni.

— Você é vegetariana? — pergunta Pierre, pegando uma fatia.

— Eu era. — Pego uma fatia. — Minha mãe não comia carne, mas meu pai é o maior carnívoro do planeta. Às vezes é mais fácil comer o que ele faz, já que somos só nós dois.

— Sua mãe...?

— Morreu.

Pierre come um pedaço e toma um gole da bebida azul.

— Sinto muito.

— Obrigada.

Essa é a parte da conversa em que ficam esperando eu contar como ela morreu, também conhecida como a parte em que começo a me ressentir da pessoa com quem estou conversando. Mas não sinto essa expectativa em Pierre. Ele permanece no agora, no presente, sem exigir qualquer explicação. Isso me enche de uma espécie de conforto desconcertante mas

agradável.

Devoramos a primeira fatia em silêncio, e talvez eu devesse me preocupar com a possibilidade de a gordura escorrer pelo queixo, mas estou com fome demais para ligar.

Na metade da segunda fatia, Pierre comenta:

— Eu tinha um irmão mais velho.

Limpo a boca com um papel toalha e o encaro, confusa. Mas, antes que eu possa dizer qualquer coisa, Pierre continua:

— Quando eu tinha quinze anos, ele levou um tiro e morreu na rua de casa.

— Nossa!

Não era o que eu pretendia dizer, mas claro que estou surpresa — tanto pelo modo como o irmão dele morreu quanto por eu não saber daquilo, mas sobretudo por Pierre também fazer parte do meu clube. Muita gente já perdeu um avô ou uma avó no ensino médio, mas é diferente quando se trata da morte do pai ou da mãe. E deve ser o mesmo com um irmão. Ninguém fala sobre esse clube secreto, mas dá para saber quando encontramos outro membro.

— Sinto muito. — É a minha vez de dizer isso. Porque conheço essa sensação: as pessoas ficam horrorizadas ao descobrir como foi que alguém próximo de você morreu, e no final das contas você tenta fazê-las se sentirem menos envergonhadas pela reação. — Eu não sabia... Gillian nunca comentou.

Pierre termina a fatia, amassa o papel entre os dedos e leva as pernas para junto do corpo, apoiando os braços nos joelhos.

— Não foi em Oak Park. Eu nasci no South Side. Meus pais nunca se casaram, e meu pai volta e meia aparecia, mas era raro. Minha mãe é enfermeira na maternidade de um hospital.

South Side? Sei menos sobre Gillian do que pensava. Audrey nunca mencionou que a namorada já tinha morado naquelas bandas. Talvez tenham se mudado depois que Pierre nasceu. Mas eu podia jurar que minha prima tinha comentado que os pais de Gillian ainda estavam juntos.

Pierre pigarreia.

— Depois do que aconteceu com meu irmão, minha mãe quis que eu saísse daquele bairro. Tem gente na nossa rua que sabe quem atirou em Braden, mas ninguém denunciou. Ninguém. Meu irmão era... aquele típico garoto de ouro, sabe? Aluno exemplar, bom em todos os esportes, legal com quem não merecia. E minha mãe não queria que o mesmo acontecesse comigo. Então fui morar com Gillian e a família dela. Gillian não é minha irmã de verdade... somos meio que irmãos adotivos. Minha mãe conhece o pai dela do hospital.

Fico surpresa por não ter percebido isso antes, já que Gillian e Pierre não são nada parecidos. Mas muitos irmãos e irmãs não se parecem. E Audrey e a namorada sempre tinha se referido a ele como irmão de Gillian, sem maiores explicações.

— É esquisito morar com eles?

— No início, era. — Ele olha de relance na direção do quarto, como se Gillian pudesse ouvi-lo, mas ela continua apagada. — Sinto falta da minha casa e de morar com a minha mãe. E queria que ela não se culpasse pelo que aconteceu com Braden. Ela sempre fala que se não estivesse trabalhando demais, talvez... Nossa, odeio quando ela faz isso. Minha mãe não tinha como evitar o que aconteceu. Nem Braden tinha como evitar. Ele não estava fazendo nada de errado. Às vezes, essas coisas terríveis simplesmente acontecem.

— Sim — respondo, baixinho. — Acontecem.

— A família de Gillian é incrível. Eles me acolheram totalmente. E... só para você saber, é por causa da Gilly que estou morando lá, afinal.

— Você não tinha dito que sua mãe e o pai dela se conheciam?

— É verdade, mas no começo a gente não sabia disso. Gillian participou de um protesto quando Braden morreu. Ela foi até nós e se apresentou. Todo mundo sabia quem éramos por causa dos jornais. — Ele hesitou. — E Gillian começou a aparecer cada vez mais. Aparecia depois do colégio e se oferecia para me levar à biblioteca, ou íamos a jogos do White Sox nos fins de semana. As pessoas sempre comentavam como era triste o que tinha acontecido com a nossa família, mas Gilly foi a única que se esforçou de verdade para garantir que eu ficasse bem.

Talvez Gillian fosse mais parecida com Audrey do que eu imaginava... Todos tinham se mostrado preocupados com a criança que minha mãe deixou para trás após tomar um frasco de comprimidos, mas essa preocupação foi se diluindo depois do funeral, à medida que as semanas passavam. Além do meu pai, Audrey era a única que aparecia todos os dias para ver como eu estava e se certificar de que eu tinha comido e feito o dever de casa, que me levava para passeios no lago e a museus, para me manter ocupada e me tirar de casa.

— Sinto muito pelo que aconteceu com Braden.

Toco o braço de Pierre sem pensar e afasto a mão depressa. Mas foi bom sentir a pele dele nos meus dedos.

Pierre me encara, os olhos sérios mas bondosos por trás dos óculos. Então assente, abaixando a cabeça em um movimento rápido, como se estivesse colocando um ponto final numa frase.

— Obrigado. Vai fazer três anos no mês que vem.

— Às vezes, fico irritada quando as pessoas não lembram o dia em que minha mãe morreu. Meu pai e eu sempre passávamos o dia juntos, mas, no ano passado, eu acordei e ele não estava em casa. Me senti tão...

— Abandonada?

— Sim. — Amasso meus cachos com uma das mãos. — Exatamente.

No dia, eu e meu pai acordávamos cedo e preparávamos o café da manhã preferido da minha mãe, fritada de cogumelo e espinafre, então íamos ao florista mais caro do bairro e deixávamos tulipas no túmulo dela.

Mamãe amava flores, principalmente as tulipas que tomavam o centro de Chicago na primavera. Mas seu amor pelas tulipas acabou se tornando uma piada da família: mamãe tinha a melhor mão para plantas de que já tivemos notícia, mas sempre se esquecia de plantar bulbos de tulipas no outono. Sempre colhíamos nossos delicados caules de aspargos, acelga e rúcula e tirávamos da terra beterrabas cor de sangue que manchavam nossos dedos quando picadas. E depois de passarmos dias inteiros cavando, limpando, plantando e regando o quintal, pegávamos o trem para a Magnificent Mile só para ela ver as tulipas. As flores de cores fortes e folhas pontudas decoravam as calçadas cheias de turistas com sua beleza simples. Ela se inclinava mais para perto de mim enquanto caminhávamos entre a multidão e dizia: “Espere só até as nossas nascerem, ano que vem... Essas vão ficar parecendo coisa de amador.” E todo ano mamãe se esquecia dos bulbos, até que o solo estivesse duro demais para cavar, recusando a

nova vida.

Pierre e eu ficamos sentados ali sem dizer nada, e me pergunto se arruinei a noite. Até amigos e familiares ficam meio desconfortáveis quando falo da minha mãe. Percebo que eles fazem um esforço para evitar, mas a linguagem corporal sempre os denuncia. Só que Pierre não parece desconfortável, então continuo falando.

— Minha mãe era pintora. Não tenho irmãos, e, sinceramente, ela e meu pai me mimaram muito. Tudo era lindo até... Eu não sabia que minha mãe tinha depressão. Meu pai sabia, é claro, e me lembro de alguns dias em que ela não saía da cama, mas eu não entendia por quê. Ninguém falava comigo sobre isso. Então ela se foi, e eu tinha só treze anos. Agora fico obcecada procurando remédios no armário da minha tia... — Olho de relance para Pierre, para ver como ele reage à confissão, mas sua expressão não se altera. — Quero saber exatamente quando ela começar a se sentir ansiosa ou deprimida, porque... e se depressão for uma coisa genética?

— Você acha que é? — Pierre apruma o corpo e olha para mim.

Eu me concentro na covinha de seu queixo e me pergunto se algum dia terei uma chance de tocá-la.

— Não. Quer dizer, acho que não. Mas fui burra demais para ver o que estava acontecendo com a minha mãe, e se também estiver sendo burra para perceber os sinais na minha tia... ou em mim?

Pierre solta um suspiro, e na mesma hora percebo que o que falei foi pesado demais para esta sala, para esta noite. Mesmo para outro integrante do clube secreto, mesmo quando estamos compartilhando nossas histórias de vida.

— Sabe, tenho a sensação de que os negros acham que não precisam tomar remédio para doenças mentais. Como se devêssemos ser fortes demais para isso. É uma estupidez — comenta Pierre, sem qualquer hesitação. — Não somos sobre-humanos. Tomei antidepressivos por um tempo, depois que meu irmão morreu. E nunca achei que tomaria... mas ajudou.

— Acho que essa é a pior parte. — Meus olhos estão secos, mas minha voz sai falhada. — Ela estava tentando melhorar. Sabia que precisava de ajuda, mas não foi o suficiente.

— Mas você sempre vai saber que ela tentou, certo? Eu sabia que precisava me manter firme por causa da minha mãe. Os remédios ajudaram... e você era próxima da sua mãe, não era?

Faço que sim, encarando meus pés.

— Ela estava tentando por você. Tenho certeza.

No fundo, eu sempre soube disso, mas ouvir Pierre dizer em voz alta, diretamente para mim... é mais importante do que qualquer cartão ou ligação telefônica ou um “sinto muito” que recebi nos últimos quatro anos. É tudo para mim.

— É horrível perder alguém — diz Pierre, e sinto que ele está me observando, então retribuo seu olhar com um sentimento novo de respeito. Porque Pierre está me encarando. Não é um olhar vago, que seria mais confortável se estivesse voltado para outra pessoa qualquer. — Não paro de lembrar a mim mesmo que não estou perdendo Gillian. Ela vai embora da cidade, mas ainda estará por perto.

— É.

Mas desvio o olhar, porque é demais para mim. Ele é muito... *ele*. Sabe o que dizer e no

momento certo. Não sei como pode ser tão bom nisso tendo acabado de me conhecer.

— E aposto... Bem, sei que você sente o mesmo com Audrey. Já ouvi falar muito de você, antes mesmo de nos conhecermos. Ela não vai se esquecer de você, Rashida.

— O que você ouviu sobre mim? — pergunto, de repente.

Isso deixa o clima mais leve. E o faz sorrir.

— Só coisas boas — responde Pierre. — Que você é inteligente. E doce, mesmo quando tenta esconder. E que Audrey ama você mais do que qualquer outra pessoa.

Não respondo. Só me concentro em respirar fundo e piscar com força, tentando ignorar o aperto no peito, a estranha pressão que faz com que meu esterno pareça prestes a se romper como um dique rachado. Olho para os tênis de Pierre para me distrair, tentando entender o que está escrito de caneta azul nas laterais rachadas e encardidas. A princípio acho que são só rabiscos, palavras e frases que se juntam sem fazer sentido. Mas então vejo um “vós” e um “tenhais”.

— São versículos da Bíblia?

— Não. — Ele dá um sorriso tímido. — São frases de *Hamlet*. Eu sou meio fissurado em Shakespeare. Vou para a DePaul no outono, e às vezes acho que seria melhor seguir o caminho mais prático e cursar Biologia por lá, mas na verdade quero entrar para o curso de roteiros.

— O que diz a citação?

— É... — Pierre hesita, tentando pensar em como responder. — É aquele trecho que diz “E isto acima de tudo: sê fiel a ti mesmo”. Isso me salvou depois que Braden morreu. Eu queria descobrir quem foi que atirou nele, fazer o que fosse preciso para vingar a morte do meu irmão. Mas eu não... não conseguiria suportar se alguma coisa acontecesse. — Ele dá de ombros, como se estivesse tentando afastar alguma lembrança. — Eu não sou assim. Então lia essa frase todo dia, para lembrar a mim mesmo que a vingança não me levaria a lugar algum, só à cadeia, ou talvez à morte.

Não conheço nada de Shakespeare além de *Romeu e Julieta*, mas poderia passar a noite toda ouvindo Pierre falar sobre *Hamlet* e sobre o que Shakespeare significa para ele.

Nós nos encaramos. Desviamos o olhar — ele se volta outra vez para o tênis, eu examino a caixa de pizza manchada de gordura —, mas quando tento dar uma olhada furtiva para ele, Pierre já está me encarando de novo. Acho... Não: tenho certeza de que quero beijá-lo. E, pelo jeito como ele examina cada parte do meu rosto com aqueles olhos castanhos gentis, indo das maçãs do meu rosto até meus cílios, passando pelos lábios — especialmente os lábios —, acho que também quer.

Engulo em seco, mas não é o suficiente para acalmar meu coração acelerado. Deve estar batendo alto o bastante para ele ouvir, e com tanta força que ele deve estar vendo meu coração saltando para a frente e para trás, para a frente e para trás, através da blusa cinza.

Deveríamos ter ouvido os passos subindo as escadas do lado de fora do apartamento, ou a comoção lá fora, no nosso andar, ou o barulho da chave na porta. Mas Pierre chegou mais perto. Está perto o bastante para eu conseguir ver cada cachinho de seus cabelos, sentir o cheiro limpo de sabonete em sua pele.

Então, quando Audrey irrompe dentro do apartamento com um “Ah, meu Deus, vocês ainda estão aqui?”, ficamos, no mínimo, perplexos. Na hora que vejo meu pai parado atrás dela, minha surpresa se transforma em horror. Não estávamos fazendo nada, mas é óbvio que

estávamos prestes a fazer alguma coisa.

— Bem, pelo menos agora sei por que vocês não estavam respondendo às mensagens — comenta Audrey, abrindo um sorriso quando repara o que todos já estavam percebendo.

— A gente, é... — Mas não sei como terminar a frase. Quase beijei Pierre, e todos nesta sala sabem disso. Meu rosto está em chamas.

Pierre se levanta e estende a mão para me ajudar a levantar também.

— Gillian passou mal — explica ele, e não sei como consegue manter a voz tão controlada. — A gente não queria deixá-la sozinha, e acho que acabamos nos esquecendo de avisar.

Audrey vai ver como Gillian está. Eu poderia matá-la por nos deixar a sós com meu pai. Dou um sorriso desconcertado para ele.

— Desculpe pela preocupação, pai.

— Você não pode simplesmente desaparecer assim e não avisar ninguém, Rashida. — Ele balança a cabeça. — E se você não estivesse aqui? E aí?

Ele eleva a voz conforme fala, mas não quero acalmá-lo. Chateei meu pai, mas ele está pensando em mim. Estava preocupado comigo, e eu não sabia se algum dia voltaria a vê-lo tão preocupado. Mesmo que não fosse dessa forma que eu gostaria que essa preocupação se manifestasse.

— Da próxima vez eu fico mais atenta — prometo. — Esqueci de conferir o celular e... Bem, achei que ninguém sentiria a minha falta.

— Como pode pensar uma coisa dessas? — Ele chega mais perto de mim, o bastante para eu ver a preocupação genuína em seus olhos, ver como ela teria se transformado em desespero se eu não estivesse ali. — Rashida, você... Eu sempre sinto sua falta quando você está longe, meu bem. Sempre.

E o tom intenso em sua voz me faz pensar sobre como ele toda noite dá uma olhada no meu quarto antes de se deitar, mesmo depois que já trocamos boas-noites. Ou como pareceu mais chateado do que eu quando deixei as ervas daninhas da horta crescerem acima da altura dos joelhos, como a cada ano ele me pergunta se quero envelopes de sementes da chácara, para recomençar. E me lembro de como, no dia em que conheci Bev, ela me contou que uma das primeiras instruções que recebeu quando começou a trabalhar na escola foi sempre passar minhas ligações para o meu pai, não importava o que ele estivesse fazendo.

O amor do meu pai não é efusivo, minha mãe é que era assim. Ela amava de um jeito grande, pleno e colorido, e isso se traduzia na sua arte e na nossa horta e, mais do que tudo, no meu pai e em mim. Mas ele sempre esteve presente. Do jeito dele, mas sempre presente.

Meu pai sorri por trás da barba antes de se virar para Pierre e perguntar:

— E quem é esse?

— Sou Pierre, senhor. — Ele se adianta para trocar um aperto de mão firme com meu pai. — Irmão da Gillian. Sinto muito por não termos dado notícias, mas quero que saiba que Rashida está segura comigo.

Meu pai não parece muito mais tranquilo, mas aceita o aperto de mão de Pierre. Audrey volta do quarto e anuncia que Gillian continua “completamente apagada”.

— Querem uma carona de volta para a festa? — Papai esfrega a nuca enquanto se dirige até a porta. Dá para ver que ele já superou a situação.

E então finalmente percebo que Bev não está parada ao lado dele, ansiosa. Não consigo

acreditar que meu pai a deixou na festa sem nenhum conhecido, e ela ainda parecia tão nervosa com isso. Talvez meu pai tenha dito a Bev que aquele era um assunto de família, que era melhor ela não ir junto. Ou talvez a sugestão tenha sido da própria Bev. Mas, seja qual for o motivo, não pude deixar de perceber que meu bem-estar foi considerado mais importante do que o conforto dela.

Audrey boceja e coça a lateral do nariz.

— Preciso voltar para me despedir de algumas pessoas, mas não posso deixar Gillian aqui...

— A gente pode ficar — sugiro, sem olhar para o meu pai ou para Pierre.

Mas quero muito, muito, que meu pai concorde, porque apesar de toda a agitação dos últimos cinco minutos, não esqueci o que quase aconteceu entre mim e Pierre. E quero voltar àquele momento. Quero que ele não tenha sido arruinado para sempre.

Audrey dá de ombros.

— Por que não? Eu já volto, tio, e posso fazer com que Rashida chegue bem em casa.

Meu pai parece não gostar da ideia. Percebo pelo modo como esfrega a barba. Mas acaba concordando.

Talvez seja porque já tenho dezessete anos. Ou talvez porque tenha percebido que, há mais ou menos um ano, já não pode mais tomar decisões por mim. Ou talvez meu pai veja que Pierre pode ser alguém que vá me fazer feliz.

Abraço meu pai e Audrey antes de eles irem embora, numa agitação muito menor do que quando chegaram. Audrey olha para trás antes de sair e diz, só mexendo a boca sem emitir sons: “É melhor você me contar tudo depois.” Ela fala de um jeito tão exagerado que poderia muito bem ter gritado.

Fico vermelha, a porta se fecha e Pierre olha para mim.

Sorrio, embora tenha voltado a sentir um pouco de vergonha agora que estamos sozinhos de novo.

— Bem, isso foi...

— Constrangedor? — completa ele.

— Para dizer o mínimo.

A cacofonia de roncoss vindos do quarto recomeça, o que nos faz rir. Pierre aponta para a porta de correr da cozinha.

— Ela abre?

— Sim, dá para uma varanda — respondo, abrindo a porta.

Fico surpresa em ver que a pequena mesa de plástico e as duas cadeiras continuam lá, no piso de madeira.

— Não acredito que ficamos a noite toda confinados aqui dentro. Venha.

Ele pega minha mão e me leva para fora. E a sensação do toque de Pierre é milhares de vezes melhor do que senti mais cedo, quando encostei brevemente em seu braço. A mão dele é quente, macia e seca, e ele não solta a minha, mesmo quando já estamos na varanda.

Os pisca-piscas que ficavam entrelaçados na grade sumiram, sacrificados para o deque do meu tio e da minha tia, mas o luar entra pelas frestas da grade, criando um efeito similar. A varanda dá para o beco, e a vista das caçambas transbordando de lixo e do asfalto esburacado não é grande coisa, mas é um lugar reservado. E é tranquilo, ainda mais com o som de piano ao fundo, vindo de um prédio do outro lado da rua. Não é nem de longe tão refinada quanto a que

ouvimos no carro de Gillian, mas é uma música clássica, bonita e perfeita para esta noite.

Pierre escolhe a cadeira mais afastada da porta, limpando-a antes de se sentar. Vou para a outra cadeira, mas ele me puxa delicadamente pelo braço e faz com que eu me sente em seu colo.

— Se incomoda? — pergunta, quando me viro para encará-lo.

— Não. — Então, pressiono suavemente o dedo mindinho na covinha de seu queixo. — Se incomoda?

— Um pouquinho. — Mas ele diz isso com um sorriso e continua sorrindo quando contorna meu lábio inferior com o polegar.

Estremeço, dividida entre o desejo de que aquela sensação dure para sempre e a ânsia por mais. Nossas cabeças se inclinam mais para perto uma da outra ao mesmo tempo. Lentamente, porém determinadas. E, quando enfim nos beijamos, é incrível. Pierre passa as mãos ao redor da minha cintura e as abaixa um pouco mais, os dedos roçando as minhas costas. Sua boca é macia e doce contra a minha, mas cheia de uma energia que me convence de que ele quer isso tanto quanto eu. Nós nos afastamos por um momento, mas só para ele tirar os óculos.

— Espera — peço, porque quero ver como ele fica sem óculos.

Ele pisca para mim, e fico aliviada em ver que é o mesmo Pierre. O mesmo Pierre que ama Shakespeare e detesta a pizza típica de Chicago, que compreende o que significa perder uma pessoa que sempre esperamos que estivesse ao nosso lado — e que também sabe amar as pessoas que fazem o melhor possível para tornar essa ausência menos dolorosa.

Quando meus lábios encontram os dele para um segundo beijo, penso que talvez dizer adeus não seja tão ruim assim.

Talvez só queira dizer que estou abrindo espaço para uma nova pessoa.

NOVA ATRAÇÃO

CASSANDRA CLARE

Era um parque de terror itinerante. Você sabe do que estou falando. Palhaços malignos espreitando na escuridão, as luvas brancas manchadas de sangue. Tendas de lona esfarrapadas, balançando na brisa quente do verão. Crianças sinistras dando risadinhas e correndo entre as sombras. O labirinto de espelhos que mostra reflexos distorcidos e aterrorizantes. O homem cujas tatuagens rastejam por sua pele, o carrossel que volta no tempo, a mulher barbada munida com uma faca e a vidente que traz apenas más notícias.

Enfim, um típico parque itinerante. Você já viu milhares deles em filmes ou na TV, leu sobre o assunto em livros, escutou músicas sobre eles. Mas provavelmente não os conhece tão bem quanto eu, já que cresci em um.

Pois é, essa sou eu. Lulu Darke, filha única de Ted Darke, o dono do Parque de Terror Itinerante Cheio de Mistérios, Magia e Aquilo Que É Melhor Não Ver. Minha mãe morreu quando eu era pequena, então meu pai me criou em nossas andanças pelo país com o parque, fazendo uma parada em qualquer cidadezinha onde os moradores gostassem de um bom susto. Nossa época de maior movimento é o verão, quando as noites são quentes e inquietas e os casais estão atrás de uma desculpa para se agarrarem em um dos túneis — O Túnel do Amor ou O Túnel do Terror, dependendo do gosto de cada um. No restante do ano, arranjamos um buraco qualquer, contratamos novas atrações, e eu faço minhas aulas do ensino médio on-line.

Há quem ache meio estranho eu não andar com pessoas da minha idade. Na infância, meus melhores amigos eram a mulher barbada e Otto, o Forte. Apesar do estereótipo que cerca os homens fortes, Otto não tem nada de burro. É um gênio incompreendido que lê Proust no original em francês e me ensinou geometria quando eu tinha dez anos. Só preciso do parque e do meu pai.

Bom, isso foi antes de maio, quando meu pai fez as malas e sumiu.

Não que eu quisesse pensar nisso no momento. Tínhamos acabado de chegar em uma nova cidade. Era sábado à noite, nosso dia de estreia, e estávamos lotados. Nos espalhamos no campo, perto o suficiente da cidade para que as pessoas viessem andando, mas longe o bastante para ninguém ligar para a polícia reclamando do barulho.

Gritos apavorados vinham do Big Top, o que significava que tudo estava correndo às mil maravilhas. Garry, o Gemedor recolhia os ingressos. Ele não tinha muitos talentos além de saber soltar gemidos meio fantasmagóricos, mas o mantínhamos no parque por bondade.

Apesar do público satisfeito, a venda de ingressos estava devagar. Isso já fazia um tempo, desde antes de meu pai desaparecer. Ele me deixou um desses cartões bregas de papelaria com balõezinhos na frente. O bilhete dizia que ele devia dinheiro a gente do país inteiro e por isso

precisava fugir. *Não se culpe*, disse ele. *Não espere ter notícias minhas por um tempo*. E eu não tive.

O parque só não fechou ainda porque meu tio Walter, irmão mais velho do meu pai, nos manda dinheiro. Era ele quem administrava o parque, até se casar com uma mulher rica com um filho adolescente e se acomodar em uma vida estável e medíocre. Na única vez em que vi o enteado de Walter, o garoto comeu algodão-doce demais e vomitou em mim. Isso faz dez anos.

Agora, a única coisa que nos mantém funcionando são o dinheiro emprestado do meu tio e sua promessa de que apareceria em breve para nos tirar do buraco. A esposa dele morreu, e ao que parece ele está doido para voltar ao ramo. Talvez volte, talvez não. O que eu sei é que o meu negócio de família, meu parque de terror itinerante, está prestes a falir. Não é de se admirar que minhas unhas estejam completamente roídas.

— Lulu — chamou Ariadne, a sereia sexy. Estava fora do tanque aquela noite, passeando pelo parque em sua cadeira de rodas motorizada. — Reggie está gripado. Ele precisa de você no túnel.

— O do Terror?

— Até parece que o Reggie ia pôr os pés no Túnel do Amor.

Resmunguei, frustrada. Estava fazendo meu trabalho favorito: administrar a barraca de doces. Era de se esperar que palhaços malignos acabassem com o apetite das pessoas, mas acontecia justamente o contrário. Os sustos aumentavam a fome e ainda faziam com que todo mundo tivesse uma vontade súbita de se pegar. Vendíamos muitas gostosuras, incluindo strudel, pirulitos de caveira, algodão-doce néon e raspadinhas vermelhas FEITAS COM SANGUE DE VERDADE.

O “sangue” era só xarope de milho, mas isso era o de menos. As pessoas engoliam, literal e metaforicamente.

— Você não pode ir? — perguntei.

Ariadne mexeu o rabo de sereia e me lançou um olhar.

O trabalho de Reggie consistia em espreitar nas sombras e assustar as pessoas com um grito ensurdecedor. Era muito cansativo. Suspirei.

— Tá bem... Mas vou levar uma raspadinha.

Apesar de estar a caminho de um trabalho chato, meu ânimo melhorou enquanto cruzava o parque. O verão estava no ar. O verão, minha estação favorita. Amava as noites quentes, o cheiro de pipoca e repelente, a brisa ocasional que balançava meu cabelo e arrepiava os pelos da minha nuca. Amava pular no tanque de Ariadne durante o dia, quando o parque estava fechado, e tomar banho de sol na grama, lendo um livro.

As pessoas me olharam com desconfiança quando me abaixei e entrei no Túnel. Provavelmente achavam que eu era uma vândala que não tinha permissão para estar ali e só queria quebrar alguma coisa. Não usávamos uniformes no parque, mas, mesmo assim, meu visual — vestidinho preto de lese, meia-calça com estampa de aranha e botas Doc Martens — não dizia exatamente “oi, eu trabalho aqui”. Além disso, tinha acabado de pintar o cabelo com as cores do arco-íris, principalmente porque meu pai nunca me deixou fazer isso, então esse

era o meu jeito de mandá-lo à merda depois do que fez.

Andei pelo Túnel, mantendo-me na área dos funcionários, onde as máquinas chiavam e o chão estava besuntado de óleo. Do outro lado da parede vinham os gritos dos otários — quer dizer, *clientes* — divertindo-se na viagem cheia de solavancos pelo percurso escuro, com pilhas de ossos brilhando de cada lado e vampiros, assombrações e demônios que pulavam para tentar agarrar os carrinhos.

O parque sempre fora a vida do meu pai. Eu me lembrava do brilho em seus olhos ao falar dele para mim quando eu era pequena.

— As pessoas vêm aos nossos espetáculos para levar sustos, é verdade, mas também para viver. Sentir a magia. Não é qualquer circozinho que vai proporcionar isso. Elas vêm para se sentirem corajosas, como se estivessem encarando as forças das trevas. — Ele puxou meu cabelo de leve. — Alguns espetáculos por aí não sabem quando parar — disse, em um tom meio derrotado. — Acham que se as pessoas querem o sombrio, ainda que de mentira, então podem tê-lo. Mas o preço que se paga por essa maldade, Luluzinha... é alto. Eu digo: se é um mundo sombrio o que as pessoas querem, dê a elas sombras com feixes de luz.

— Assustador e engraçado — falei. — Que nem palhaços.

Ele rira e bagunçara meu cabelo, e eu havia entendido que aquelas eram as coisas mais importantes para ele, o parque e eu. Mas ele nos abandonara sem nem pensar duas vezes, e agora sofriamos as consequências de seus atos. Eu não dormia nem comia direito. Não parava de ter pesadelos em que perdíamos tudo, levavam nossos equipamentos e eu era abandonada em um terreno baldio com alguns palhaços malignos desempregados.

Desemprego não é piada para quem trabalha em parques itinerantes. É bem difícil conseguir um novo trabalho — não há mais tantos festivais como o nosso hoje em dia. Era como se todo mundo que trabalhava no parque fizesse parte da minha família, até mesmo Mephit, o demônio escamoso que vivia debaixo do carrossel. E no momento minha família estava deprimida: Ariadne não ficava mais em seu tanque, os acrobatas viviam bêbados e não conseguiam mais se equilibrar na corda bamba, Otto estava desanimado demais para levantar peso e Etta, a mulher barbada, estava com alopecia — ou seja, queda de cabelo. Apenas os palhaços estavam felizes, mas só porque tinham se apaixonado um pelo outro e viviam alegres o tempo inteiro, o que é justamente o que não se espera de palhaços que deveriam ser o pior pesadelo do público.

Meu ânimo caiu vertiginosamente outra vez.

Cheguei até o ponto onde Reggie ficava — um vão escuro entre uma pilha de tesouro pirata amaldiçoado e um amontoado de caixões abertos — e coloquei minhas presas falsas de vampira. Então, ouvi vozes.

— Isso aqui é um lixo — disse uma voz masculina e arrogante. — Você viu a mulher barbada? Ela parecia estar com sarna.

— Concordo plenamente. — Outra voz masculina, grave e ainda mais metida. Aquilo me irritou na hora. — O carrossel está quebrado, os espelhos do labirinto precisavam de uma limpeza e até agora não vi aquele cara que arranca as cabeças das galinhas com uma dentada.

Aff. Ninguém fazia isso hoje em dia. Os clientes vegetarianos ficavam furiosos. Que cara babaca.

— Este lugar está caindo aos pedaços — disse a primeira voz, ficando mais alta. Que ótimo. O carrinho deles estava vindo na minha direção, e eu teria que pular e assustá-los. Talvez eu

devesse deixá-los passar. Eles provavelmente não ficariam muito impressionados comigo. — O demônio deles deve ser patético.

Você deve estar se perguntando o que é falso em um parque de terror. Os otários sempre se perguntam isso. A resposta é: parte é real e parte é falsa. É tão real quanto você quer que seja e tão falso quanto você torce para que seja. E tudo que não pode ser explicado sobre o parque, tudo que vem da verdadeira magia, acontece por causa de Mephit. Ele era a bateria que mantinha nossas luzes acesas.

Patético. Ao ouvir isso, senti uma explosão de raiva. Mephit *não era* patético. Ele era o avatar de uma força maligna antiquíssima. Como podiam dizer uma coisa dessas?!

Sem parar para pensar, pulei do vão no momento em que o carrinho deles apareceu. Com um grito aterrorizante, joguei minha raspadinha na direção dos dois.

Houve um berro irritado. O carrinho parou de se mover, e eu me vi encarando os rostos furiosos e sujos de raspadinha vermelha do meu tio Walter e de seu enteado Lucas, o garoto que tinha vomitado em mim dez anos antes.

Quinze minutos depois, e eu continuava em estado de choque. Tio Walter tinha me mandado entrar no trailer luxuoso em que ele viajara até o parque. Eu precisava admitir que era mesmo chique. As paredes eram revestidas com madeira de verdade, e havia aço cromado e latão polido por toda parte.

Ele me conduziu até um sofá de veludo, e Lucas, ainda de cara feia, sumiu no corredor, indo lavar o rosto imundo. Ouvi a porta bater e o chuveiro sendo ligado.

— Me desculpe, de verdade — falei.

— Ah, não foi nada. — Tio Walter era como uma foto fora de foco do meu pai. Sua aparência era meio borrada, inclusive os olhos quase castanhos e a mandíbula indistinta. Suas mãos eram rosadas e macias. — Foi só uma brincadeirinha infantil. Não precisa se desculpar.

Mais sons raivosos vieram do fundo do trailer. Lucas andara atrás de nós desde que tínhamos saído do Túnel do Terror, recusando-se a falar comigo ou fazer contato visual. A raspadinha de cereja o atingira em cheio. A bebida respingara em tio Walter, mas Lucas parecia ter acabado de assassinar os Muppets.

Tio Walter se inclinou para a frente.

— Espero que você pense em mim como um segundo pai.

— Meu pai não morreu.

— É claro. Não quis dizer que vim substituí-lo. Eu seria mais como... um apoio.

— Não posso pensar em você como um tio? — perguntei, esperançosa.

Naquele momento, Lucas saiu do banheiro, ainda pisando duro. Continuava emburrado e enfiava uma camiseta pela cabeça. Sou uma garota honesta, então admito que dei uma boa olhada. Ele usava calça jeans de cós baixo e uma camiseta cinza velha que lhe caía muitíssimo bem. Não havia reparado em seus músculos enquanto voltávamos do Túnel, nem tinha notado o cabelo preto e os olhos verdes, minha combinação favorita. Em seu pescoço havia uma corrente de prata cheia de cadeados e penduricalhos, mas o colar não o deixava feminino. Muito pelo contrário.

Fechei a boca, pois não queria que meu tio me pegasse devorando seu enteado com os olhos. Não lembrava que ele era tão sexy, mas ninguém parece muito sedutor quando está vomitando em cima de você.

— Você estragou minha camisa — falou ele. — Minha camisa *favorita*.

— Lucas — começou tio Walter —, Lulu está passando por um momento muito difícil. Não acha que deveríamos ser mais compreensivos?

Lucas pensou um pouco.

— Não.

Alguém bateu à porta. Com um olhar irritado, Lucas a abriu. Era Strombo, o adestrador de animais. Em geral, treinava os leões e os tigres, mas também ensinava aos ratos a coreografia da Dança da Morte. As pessoas tinham medo de ratos, mas nunca entendi por quê. Eu gosto deles.

— Chefe — começou Strombo. Percebi que ele estava falando com meu tio. Isso doeu. Meu pai sempre fora o *chefe*. — Já fechamos tudo. Todo mundo está na tenda para a reunião.

— Obrigado, meu caro — disse Walter. — Estarei lá em um minuto. Tenho certeza de que vão achar o que tenho a dizer sobre o futuro do parque... inspirador.

— Como quiser, chefe.

Strombo estava prestes a sair quando Walter pôs a mão em seu ombro.

— Vou inspecionar os animais amanhã. — A voz de Walter ficou mais grave. — Decidirei quais ficam e quais vão embora. Prepare-se para um novo regime.

Strombo pareceu preocupado. Ele nunca se desfazia dos animais, nem mesmo de Throckmorton, a pantera banguela. E não devia nem saber o que significava *regime*. Provavelmente achou que teria que fazer uma dieta.

Houve um momento de silêncio desconfortável depois que Strombo fechou a porta. Walter se pôs de pé com muito esforço. Era um homem magro, mas agia como se carregasse um grande peso nos ombros.

— Preciso ficar sozinho no trailer por alguns instantes. Lulu, Lucas, talvez seja melhor vocês irem logo para a reunião na tenda. — Ele deu uma risadinha. — Lulu e Lucas. Parece que foram feitos um para o outro!

Minhas bochechas coraram. O rosto de Lucas se fechou de raiva. Seu cabelo ainda pingava. Ele lembrava uma xícara de café: molhado, gostoso e amargo. Fiquei me perguntando se era imoral cobiçar meu primo postiço. Depois de refletir, concluí que não. Não éramos parentes de verdade. Nem tínhamos o mesmo sangue.

Eu me levantei do sofá de um pulo.

— Sem problema.

Era uma noite de verão perfeita, com vaga-lumes piscando no campo ao redor do parque. Levei Lucas até a tenda principal, andando em zigue-zague por entre as barraquinhas.

— Quando vocês chegaram? — perguntei, depois de algum tempo em silêncio, tentando desesperadamente pensar em algo para dizer.

Ele olhava em volta, inexpressivo, examinando o lugar. Parques são meio horripilantes à

noite, e parques de terror são ainda mais horripilantes. Sombras sinistras dançavam entre as tendas.

— Há algumas horas — respondeu.

Os últimos clientes, garotas de regata e meninos de short, saíam pelo portão. A grama estava cheia de saquinhos de pipoca vazios, guardanapos e casquinhas de sorvete, mas tudo estaria limpo na manhã seguinte.

— Você acha que as pessoas que vêm aqui pensam que é tudo de mentira? Ou de verdade?

— Elas pensam o que pensam. — Dei de ombros. — Se elas acham que estão bebendo sangue de verdade, vendo vampiros e assistindo a Strombo ser comido por um leão? É melhor que não acreditem, ou seria aterrorizante demais.

— E é perigoso? Alguém já morreu?

— Claro que não! — Fiquei mortalmente ofendida. — Meu pai sempre dizia que era preciso muita magia para fazer algo real parecer falso na medida certa.

Lucas balançou a cabeça, o cabelo preto caindo no rosto.

— Não entendi.

— Bom, se você não gosta de noivas fantasmas ou de crianças dando risadinhas macabras, pode ir ao Túnel do Amor.

Apontei para a entrada purpurinada, um pontinho rosa em meio a um mar de tons escuros.

Ele sorriu. Seu rosto inteiro mudou. Meu coração quase parou.

— E o que acontece por lá?

— Eles borrifam poção do amor no ar — expliquei, quando paramos na barraca de doces. Destranquei o portãozinho do balcão e entrei. — Não muito, só o suficiente para você ficar mais afetuoso.

Abri o freezer industrial e remexi ali até encontrar o que estava procurando: uma raspadinha vermelha. Pus uma tampa no copo.

Lucas me observou com as sobrancelhas erguidas.

— Está com sede? — perguntou ele.

— Na verdade, não.

— Você não conseguiu terminar sua outra raspadinha porque ela acabou na minha cara?

— Vocês estavam falando mal do parque. — Saí da barraca. — Ninguém fala mal do parque. Além disso, da última vez que nos vimos, você vomitou em mim. Então estamos quites.

— Eu vomitei de nervosismo. Era uma criança nervosa.

Passamos pelo Misterioso e Macabro Museu das Miragens. Quando eu era pequena, era a minha atração favorita, com seus corredores ladeados por superfícies refletoras brilhantes que levavam a um grande ambiente com espelhos gigantescos que deixavam você alta ou baixa, curvada ou partida ao meio, velha ou nova. Agora eu tentava não olhar demais para nenhum deles quando precisava entrar ali. Os rostos nos reflexos podiam acabar me surpreendendo, e não em um bom sentido.

— Você estava nervoso com o quê? — perguntei.

Sob o luar, nos aproximávamos do carrossel. Os cavalos relinchavam e se empinavam, aterrorizados. Nas tábuas e no pilar central da estrutura haviam sido pintados rostos gritando.

Era um ótimo lugar para ficar sozinho e pensar na vida.

Lucas parecia não acreditar na pergunta.

— Com seu pai me enfiando na frente daquele demônio apavorante.

Eu ri.

— Ah, Mephit. Pensei que você o achava patético.

Lucas ficou ainda mais incrédulo.

— Mephit é o demônio do parque?

Então ele sabia mais do que eu pensava. A verdade é que cada parque de terror itinerante tem o próprio demônio. Um demônio de verdade. Ele é o coração do parque, o responsável por alimentar a escuridão e imbuir nas atrações um ar perigoso, deixando os visitantes com os nervos à flor da pele.

— Isso mesmo.

Subi no carrossel com um pulo e passei por entre os cavalos para chegar ao cilindro central. Ele brilhava com o brinquedo em funcionamento, mas agora estava apagado. Bati em uma tábua e ela se abriu, revelando uma escada. Já estava entrando quando parei e me virei para Lucas.

— Você não vem?

Ele deu de ombros, resignado, e me seguiu.

A escada levava a um buraco cavado às pressas, iluminado por algumas lâmpadas alimentadas pelo gerador. Estava quente ali. O fosso abaixo devia estar ainda pior.

— Mephit! — chamei. — Mephit, vem jantar!

Lucas pareceu horrorizado, embora, para ser justa, não tenha saído correndo.

— *Eu sou o jantar* do demônio?

— Não seja ridículo — falei, enquanto Mephit saía de seu fosso.

É difícil descrever um demônio. São todos diferentes entre si, e nenhum deles parece com nada do nosso mundo. A coisa mais parecida com Mephit seria um gato gigantesco sem pelos e com enormes olhos azuis e orelhas triangulares. Bom, e com o focinho cheio de presas, asas de morcego e um rabo escamoso comprido que chicoteava o chão impacientemente. Estendi a raspadinha vermelha na direção dele. Ao contrário das vendidas na barraca de doces, aquela era mesmo feita com sangue. De vaca, mas Mephit não ligava. Desde que estivesse bem gelada, ele bebia sem problemas. Sua língua elástica como a de um sapo puxou o copo da minha mão. Ele o engoliu de uma só vez, mastigando o gelo ensanguentado, e sorriu.

— Uau! — exclamou Lucas enquanto eu coçava atrás da orelha de Mephit, a pele como borracha quente. Mephit estava conosco havia tanto tempo que passara a gostar de humanos. Lucas chegou mais perto. — Posso... fazer carinho nele?

— Claro — respondi, surpresa.

Recuei e Lucas se aproximou, esfregando delicadamente o nariz atrás da orelha de Mephit. O demônio ronronou como um motor enferrujado. Gato daquele jeito e Mephit gostava dele? Eu estava ferrada.

Chegamos na tenda principal atrasados para o grande discurso de tio Walter, que nos olhou feio quando aparecemos. Os funcionários do parque estavam sentados na arquibancada com um ar sombrio. Otto piscou para mim, mas percebi que ele não parecia animado. Os palhaços estavam de mãos dadas, chorando. Strombo estava agachado no chão com Throckmorton. Ariadne olhou em nossa direção, examinando Lucas com interesse.

Walter estava de pé diante de algo quadrado coberto por uma cortina de veludo.

— Este é o começo de um novo dia para o Parque de Terror Itinerante Cheio do Sobrenatural, Irreal, Assustador e Grotesco, por Walter Darke.

Reggie levantou a mão.

— Sim, meu caro? — perguntou Walter.

Eu começava a suspeitar de que ele chamava todo mundo assim para não precisar gravar os nomes das pessoas.

— Isso tudo é ótimo, mas... — começou Reggie, hesitante. — Onde vamos conseguir tanto poder? Quer dizer, você está falando de coisas de grande magnitude, realmente malignas. É muita areia para nosso caminhãozinho. Você precisaria do equivalente demoníaco de um gerador nuclear.

Walter deu um sorrisinho superior.

— Felizmente, é justo isso o que nós temos. — Ele puxou o pano que cobria a jaula. Foi um gesto bem teatral, à altura de um parque itinerante. — Eis aqui Azatoth!

Lucas apertou meus ombros, preocupado com minha reação, como se achasse que eu fosse soltar um grito apavorado. Não gritei, mas as mãos dele eram quentes e agradáveis.

A coisa na jaula não era tão grande, mas era lisa e escorregadia. De um jeito sutil e desagradável, lembrava um tubarão. Ao contrário da maioria dos demônios, não tinha garras, ferrões ou nada do tipo, apenas uma pele cinza indefinida e um corpo que terminava em uma cabeça com uma boca imensa. Os dentes pareciam ter sido encontrados em vários lugares diferentes. Eram irregulares, pontudos, pareciam feitos de cacos de vidro. Os olhos eram pretos e opacos como crateras na lua. Eles me deixavam tonta. E um pouco enjoada.

Otto se levantou.

— Não.

Walter olhou para o homem com uma expressão sombria.

— Como assim, *não*?

— Este é um demônio do tipo Keres. — Otto pegou seu casaco e o vestiu. — Nada de bom vem de um parque que funciona com esse tipo de energia. Sombrio é uma coisa, maligno é outra. Não é tudo igual.

Pensei em meu pai. *Mas o preço que se paga por essa maldade, Luluzinha... é alto.*

O rosto de Walter azedou.

— Mais alguém pensa assim? Porque vocês têm todo o direito de partir com o senhor...

— Otto — completou Otto.

— Isso, com o sr. Otto. Só não esperem voltar.

Havia algo traiçoeiro e frio na voz dele. Como se falasse no mesmo tom que a aparência do seu demônio.

Algumas pessoas se puseram de pé. Ariadne empurrou sua cadeira porta afora, de cabeça erguida. Strombo seguiu Otto, carregando Throckmorton. No fim, porém, saíram menos pessoas do que eu teria imaginado. A maioria continuou onde estava. Talvez estivessem curiosos, ou talvez, como eu, não tivessem para onde ir.

Lucas me acompanhou até meu trailer. O restante dos empregados se arrastou para os próprios trailers e tendas, como zumbis.

Quando chegamos na parte central, vi Walter ao longe, conduzindo Azatoth em uma longa corrente de metal preta que refletia o luar. Ele o fez entrar na estrutura que eu vira mais cedo perto do trailer do meu tio, um domo de metal esquisito que brilhava como uma nave espacial.

— Onde seu pai achou Azatoth? — perguntei.

— Meu padrasto, não meu pai. — O tom de Lucas não foi hostil, apenas triste. — Não sei. Depois que minha mãe morreu, ele ficou inquieto. Saía bastante para dirigir, desaparecia no meio da noite. Achei que talvez estivesse deprimido. Um dia voltou para casa com Azatoth. Disse que queria voltar para o ramo dos parques itinerantes. Foi a primeira vez que ele pareceu feliz desde a morte dela.

— Isso foi antes de meu pai ir embora? — perguntei.

Ele assentiu.

— Walter estava animado para abrir seu próprio espetáculo, mas quando ficou sabendo do seu pai disse que devíamos vir para cá, para ver se você estava bem. Ele disse que sempre amou este parque.

Eu sabia que deveria me sentir grata. Mas não conseguia. Tudo estava mudando, e não do jeito que eu queria.

— Sinto muito pela sua mãe. Meu pai ainda está vivo, mas... sei como é perder alguém. — Engoli em seco, e então as palavras seguintes escaparam: — Quando alguém abandona a gente, acabamos nos perguntando se fizemos alguma coisa errada, se foi por nossa causa que eles foram embora.

O olhar dele se tornou mais suave.

— Não, você não fez nada errado. — Ele ficou em silêncio. — Esse é seu trailer?

Tínhamos chegado. Não era difícil encontrar meu trailer. Nas laterais, Otto tinha escrito *Lulu* com tinta dourada e glitter. Pensei em convidar Lucas para entrar. Podíamos sentar e conversar um pouco, talvez, mas quando vi ele já estava se virando para ir embora.

— Boa noite, Lulu.

Ele tocou no meu braço de leve e se embrenhou entre as sombras.

O parque mudou muito nas semanas seguintes.

Sereias carnívoras foram postas em um tanque gigantesco, com uma placa que dizia NOVA ATRAÇÃO. Nossos palhaços malignos felizes foram substituídos por palhaços com facas afiadas e olhares assassinos. Walter contratou uma bruxa com sangue escorrendo da boca para vagar pelo parque e alertar as pessoas sobre a morte vindoura. Casais saíam do Túnel do Terror meio sonolentos, com marcas de mordidas no pescoço. O preço dos ingressos dobrou. Estávamos ganhando dinheiro — muito —, mas aquilo não dava uma sensação boa.

Continuei trabalhando na barraca de doces, mas comecei a notar a diferença nos clientes que compravam cachorros-quentes e refrigerantes. As mãos deles tremiam. Seus olhares estavam realmente atormentados. Alguns choravam, principalmente os que haviam saído do Museu das Miragens.

Na saída do parque, trêmulos e em estado de choque, passavam por Walter, que sorria e apertava a mão deles.

— Vocês se divertiram muito. Recomendem a gente para seus amigos.

Eles assentiam, concordando, os olhos opacos e escuros como os de Azatoth.

Passei a guardar folhetos sobre universidades debaixo do balcão. Sempre planejei fazer um curso de administração on-line e assumir o parque quando meu pai se aposentasse. Queria atualizá-lo e alegrá-lo um pouco, talvez botar uns fogos de artifício, dançarinos e mais tecnologia. Não faria nada estranho demais, apenas daria uma modernizada. Mas agora estava me perguntando se haveria algo para fazer por ali. Os jovens sorridentes nos folhetos pareciam debochar de mim — será que entenderiam de onde eu vinha? Ou me achariam esquisita? Será que eu me adaptaria? E, mais importante: quem pagaria por meus estudos?

Só havia uma coisa boa naquele verão. Toda noite, Lucas ia comigo alimentar Mephit. Walter não o expulsara do parque, mas agora que Azatoth fornecia energia para o lugar, não restara muito para nosso velho demônio fazer. Lucas e eu entrávamos no carrossel e levávamos o sangue gelado até o fosso de Mephit. Ele abria os olhos azuis brilhantes e nos encarava com tristeza, como se sentisse falta de ser o coração do festival. Como se sentisse falta do meu pai e de como as coisas eram. Eu fazia carinho em seu nariz.

— Você não é o único.

Depois disso, Lucas e eu conversávamos. De alguma forma, tê-lo por perto me fez perceber que eu não sabia nada sobre outras garotas, sobre como elas agiam. Às vezes, enquanto assistiam aos namorados xingando e se aborrecendo por terem perdido algum jogo, elas olhavam em minha direção, e nossos olhares pesarosos se encontravam por um segundo. Eu passei a gostar delas e a me perguntar como seria fazer o ensino médio em uma escola de verdade, e não pela internet.

Mas não era algo que eu desejava. Tinha crescido entre a poeira, os cheiros e a música do parque, e ali era o meu lar. Era por isso que aqueles folhetos sobre universidades me assustavam tanto, mas também era por isso que eu aguardava ansiosamente as noites, para conversar com Lucas.

Nós nos sentávamos na grama seca sob a imensa lua de verão, tomando raspadinhas ou comendo o algodão-doce enjoativo. Tínhamos um acordo tácito de não falar sobre nada relacionado a nossos pais ou ao parque. Conversávamos sobre música — eu conhecia mais, porque os brinquedos tocavam músicas o tempo todo — e sobre os lugares que já tínhamos visitado. Eu viajara pelo país inteiro, conhecia todos os estados, da Golden Gate Bridge até o Tappan Zee.

Lucas viajara o mundo inteiro. Ele me falou da Torre Eiffel, e eu contei sobre o cassino Paris em Las Vegas. Ele falou sobre Stonehenge, e eu, sobre Carhenge. Ele contou do gelato de limão que tomou na costa Amalfitana, e eu falei do derramamento de petróleo que vi na costa do Golfo. Descobri que ele ria muito, na verdade, e que era bom em me fazer rir também. Tanto que eu nem ligava se às vezes a gente ficasse acordado até o amanhecer.

Quarta à noite, eu estava tentando reprimir um bocejo enquanto entregava cones de raspadinha, quando ouvi um grito. Parecia um grito de dor. Um grito *familiar*.

Larguei o cone de papel com gelo picado e passei correndo pelo cliente confuso até a parte central, de onde tinha vindo o grito.

Era Lucas.

Walter o escolhia para os piores trabalhos — fazer faxina depois do espetáculo no Big Top, lavar o carrossel, limpar os espelhos do Museu das Miragens.

Essa noite ele era a “vítima” do Bola no Alvo, e as garotas fizeram fila para tentar derrubar o garoto bonito na água. Eu não as culpava. Eu culpava a sereia carnívora que tinha se escondido no tanque, aguardando pacientemente até o momento de morder o tornozelo de Lucas.

Quando cheguei, as pessoas gritavam enquanto Lucas escalava a lateral do tanque. Ele tinha arrancado o assento e o usava para manter a sereia longe. Ela estava boiando, de braços cruzados e com uma expressão de poucos amigos.

— Está tudo bem, pessoal! Continuem circulando! — falei, enquanto ajudava Lucas a se levantar. Seu tornozelo sangrava, embora fosse difícil saber quanto, já que o sangue se misturara com a água. Ele estava atônito. — Venha comigo — falei, baixinho, levando-o o mais rápido possível para meu trailer.

Lucas estava sentado em uma pilha de toalhas na beirada da minha cama enquanto eu terminava seu curativo. Ele usara algumas toalhas para se secar, e o cabelo preto estava arrepiado como a plumagem de um pato.

— Walter vai ficar furioso — disse ele quando me levantei, limpando as mãos.

O curativo era um amontoado de gaze e Band-Aids, mas eu achava que ia servir.

— Ele vai ficar aliviado por você estar bem — respondi, surpresa.

Lucas olhou ao redor, examinando o trailer. Foi estranho perceber que ele nunca tinha entrado ali. Era meu santuário, meu espaço, onde ninguém podia me incomodar. Uma colcha de veludo cobria a cama e havia fitas métricas, tecidos e material de costura por toda parte. Quando se está sempre indo de um lugar para outro, é difícil fazer compras, então aprendi a costurar minhas próprias roupas. Naquela noite, estava usando uma saia estilo anos 1950 com poodles cor-de-rosa e um suéter vermelho curto.

Fiquei me perguntando se Lucas tinha achado meu trailer estranho, diferente do quarto de uma adolescente normal. Afinal, era parte de uma caravana, feito para ser preso a um caminhão e levado estrada afora. E, pensando bem, se Lucas não tinha percebido até agora que eu não era uma adolescente normal, não perceberia nunca mais.

Ele balançou a cabeça.

— Meu padrasto não liga. Não de verdade.

Eu me sentei na cama, evitando ficar perto demais dele.

— É um saco o que ele está fazendo, empurrando para você os trabalhos mais chatos. Mas isso não quer dizer que ele não se importe com você.

Ele se virou para mim. Seus olhos lembravam o xarope da raspadinha de limão.

— Posso contar uma coisa que mais ninguém sabe?

Assenti.

— Minha mãe não morreu. Ela fugiu e me deixou para trás. Abandonou a gente. — Ele examinou o curativo no tornozelo. — Já faz anos, e ela nunca ligou para saber como eu estava.

Fiquei em silêncio, chocada.

— Sou um peso morto para Walter desde então. Tudo que ele queria era voltar para o ramo dos parques, mas teve que esperar eu terminar o ensino médio. Me formei em maio.

— Então... você vai para a faculdade depois do verão?

— Não sei. Ainda não decidi.

Seus olhos ficaram mais escuros. Agora estavam da cor das folhas de um pinheiro.

Segurei a mão dele.

— Você não é um peso morto para ninguém. Eu vi como se esforça para ajudar, faz todos aqueles trabalhos. Um peso morto não faria isso.

Nossos olhares se encontraram. Ele se inclinou para a frente e eu também, nossos lábios a um milímetro de distância. Podia sentir a respiração dele. Não conseguia me mexer. Era como se meu corpo tivesse travado, tamanha a expectativa.

Ele fez um muxoxo impaciente.

— Vem cá.

Então me puxou para mais perto, e nós nos beijamos.

Fechei os olhos e vi as luzes do parque. Lucas tinha gosto de açúcar e água. Sua boca se moveu sobre a minha, doce e quente. Levei uma das mãos à bochecha dele. Era macia, com um leve indício de barba por fazer. Corri os dedos pelo ombro dele e então nos afastamos, tremendo e sorrindo.

— Acho que eu entrei no Túnel do Amor por engano e inalei aquelas coisas lá dentro — comentou Lucas, a voz cálida e suave.

Ri, sentindo arrepios pelo corpo inteiro.

— Não é assim, pode confiar em mim. Eu entrei lá uma vez quando era mais nova e foi tipo... — Franzi o nariz. — Só conseguia pensar em poemas ruins e caixas de chocolate. Falei “eu te amo” para Otto. E para Throckmorton.

— Então... — Ele beijou minha orelha. — É tipo o amor de um cartão brega. Não é amor de verdade.

— Exato.

Queria beijá-lo de novo, mas a imagem de um cartão brega, com um monte de balões na frente, estava vívida em minha mente.

Eu me afastei.

— Espera um segundo...

Ele pareceu confuso, e vi marcas do meu batom rosa em sua pele.

— O que foi? Qual o problema?

— Nada. Ou talvez tudo. — Apoiei as mãos em seu peito. — Como você sabe que a sua mãe fugiu?

— Minha mãe? — Ele me encarou. — Você quer mesmo falar sobre a minha mãe? Tá bem... Ela deixou um bilhete.

— Você lembra o que dizia?

Ainda me olhando como se eu estivesse maluca, ele pegou a carteira no bolso da calça. Era daquele tipo com várias divisórias de plástico. Em uma delas, intocado pela água, estava um pedaço de papel dobrado.

Ele me entregou. Estava marcado, amassado e rasgado, mas ainda dava para ler o que

estava escrito: *Não posso ficar.... Não se culpe... Não espere ter notícias minhas.*

Apertei o bilhete contra o peito e olhei para ele.

— Lucas. Nós temos um problema.

De manhã, fui acordada por uma batida forte na porta. Depois, veio um rosnado pavoroso. Fui ver o que era, enrolada em um roupão felpudo rosa, segurando um candelabro, pronta para atacar qualquer besta ameaçadora.

Abri a porta. Tio Walter estava parado nos degraus lá fora. Azatoth espreitava atrás dele em sua corrente de metal, uma mancha de escuridão doentia em meio à grama pisoteada.

— Trouxe uma coisa para você, Lulu. — Tio Walter segurava um envelope pardo. — Como seu pai fugiu, acabou nos deixando em uma encruzilhada com a justiça. Nós dois vamos ter que tomar algumas decisões sobre o parque. Eu estava pensando em mantê-lo aberto até setembro, talvez, e depois ir para o sul e montar acampamento em um lugar mais quente.

— Tudo bem. — Era impressão minha ou Walter estava mais amigável que o normal? Peguei o envelope abarrotado de papéis. Não me pareceu uma ideia ruim deixar o parque aberto até o outono. — Vou assinar e devolvo mais tarde.

Ele sorriu. Não foi um sorriso muito agradável.

— Por quê? Está com alguém aí dentro?

Fiquei feliz por Lucas ter ido embora. Na véspera, tínhamos parado de nos beijar para falar sobre os bilhetes deixados por nossos pais e o que faríamos a seguir. Quando o expulsei, às três da manhã, ainda não havíamos chegado a nenhuma conclusão.

— Não é da sua conta — respondi, já começando a fechar a porta.

Ele me impediu. Fiz força para empurrá-la, mas não consegui. Walter era muito mais forte do que parecia.

— Vejo você na barraca de doces, Lulu — disse ele, soltando a porta, que bateu na hora.

Era possível ouvir o silvo de Azatoth de dentro do trailer.

— Eddie Ligeiro? — repetiu Lucas. — Você conhece um cara chamado Eddie Ligeiro?

— Conheço.

Já era noite, e eu estava na barraca de doces. Escrevi num papel TODAS AS COMIDAS ESGOTADAS e pendurei na frente da barraca, para que as pessoas me deixassem em paz.

— Ele é advogado. E faz contratos na velocidade da luz.

— Lulu...

Ele se apoiou no balcão. Estava de camiseta preta, o que, por algum motivo, fazia sua pele parecer bronzeada e deixava seus olhos muito verdes. Queria pular o balcão e beijá-lo, mas negócios primeiro.

— Tem *alguma coisa* acontecendo. Meu pai e sua mãe fugiram. Deixaram bilhetes quase idênticos. Os dois falaram para não esperarmos notícias. — Cruzei os braços. — Sabe outra

coisa estranha? Quando foi embora, Otto me deu seu número e endereço, mas, toda vez que eu ligo, ele nunca atende.

— As pessoas não são confiáveis — disse Lucas. — Não dá pra contar com elas. Quer saber o que é estranho? Walter está acumulando poções. Com certeza está tramando alguma, mas não sei o quê.

— Lulu! Aqui, Lulu!

Era Eddie Ligeiro acenando para mim.

Eddie conhecia bem o funcionamento dos parques itinerantes. Quando eu era pequena, ele cuidava do carrossel. Então fora para a Faculdade de Direito. Disse que o parque de terror tinha sido o treinamento perfeito. Sua família trabalhava no ramo, e dizia-se que eles tinham sangue vampiresco. Talvez tivessem mesmo. Eu só via Eddie à noite, e ele era muito pálido. Mas eu tentava não julgar.

— Oi, Eddie. Quer uma raspadinha? É por conta da casa.

Ele balançou a cabeça.

— O que houve? — perguntou ele. — Por que precisava me ver com urgência?

— É sobre o meu pai. E...

— Edward Veloz! — Era tio Walter. Estendi a mão para arrancar a placa que dizia TODAS AS COMIDAS ESGOTADAS, mas Lucas tinha sido mais rápido. Ele jogou o papel atrás do balcão e se virou para o padraсто. Walter estava com um sorriso de orelha a orelha, mas era aquele sorriso escorregadio de tubarão. — Edward, quanto tempo!

Eddie Ligeiro levou a mão ao chapéu.

— É Eddie, na verdade. Eddie Ligeiro.

— Você agora trabalha como advogado — disse Walter. — Ah, eu me lembro de quando você controlava o carrossel. — Ele olhou para mim. — Resolveu pedir para um advogado olhar aquele contrato, não foi?

Lucas me lançou um olhar desconfiado. Eu não tinha contado do contrato para ele e havia falado com Eddie por telefone.

— Eu sempre dou uma olhada em todos os documentos da Lulu — disse Eddie Ligeiro, embora fosse mentira. — Sou amigo da família.

— Bom saber que você tem faro para negócios. Ao contrário do seu pai. — Ele assentiu na minha direção, mas não parecia muito feliz. — Deixe os papéis no meu trailer quando estiver tudo pronto, está bem?

Fiz uma careta. Ninguém gostava de ir ao trailer de Walter, porque Azatoth dormia acorrentado a um toco de árvore ali perto. No meio da noite ele uivava como um trem solitário. Eu não sabia como Lucas aguentava.

Walker saiu andando, os ombros caídos. Peguei o envelope de debaixo do balcão e o entreguei para Eddie. Ele puxou o maço grosso de papéis e assobiou.

— Lulu, o que é isso? Por que esse monte de papel dizendo que você vai passar o parque para o nome do seu tio? Seu pai é o dono, não você. E cadê ele, aliás?

— Ele fugiu. Você não ficou sabendo? Parece que estava cheio de dívidas.

Mas Eddie Ligeiro balançou a cabeça.

— Sem chance. Seu pai era ótimo com dinheiro. Ele fez uma poupança para a sua faculdade, fundos de aposentadoria e pensão...

— Não estou entendendo, Eddie. Que história é essa?

— Seu pai não devia dinheiro nenhum — disse ele, com firmeza. — E, de qualquer forma, se alguma coisa acontecesse com ele, o parque seria seu até Mephit morrer.

— Até Mephit morrer? — repeti. — Sério?

Eddie Ligeiro assentiu.

— O demônio é que faz o parque de terror ser o que é. Outro demônio significa outro parque. Mas Mephit é muito antigo, deve viver uns mil anos. Então por que você passaria o parque para Walter?

— Eu não passaria. — Eu me virei para ver a reação de Lucas, mas ele tinha ido embora atrás do padrasto. Olhei para Eddie. — Eu nunca abriria mão desse lugar, ou de Mephit.

— Foi o que pensei. — Ele me entregou o envelope. — Tome cuidado, Lulu, ouviu bem? Não estou gostando nada disso.

Apertei os papéis contra o peito. Meus pensamentos estavam a mil, e não gostei nada das conclusões a que estava chegando.

— Nem eu.

Seus olhos se voltaram para algo atrás de mim.

— Ah, e tem água benta nessa máquina de gelo. Você sabia disso?

Ele se virou e foi embora, desaparecendo entre as sombras.

Água benta.

Olhei para a máquina de gelo, aterrorizada. Realmente aterrorizada, não do jeito que ficamos quando vemos palhaços com maquiagem assustadora ou assombrações pulando na nossa frente no Túnel do Terror. Mas sim como ficamos quando somos traídos.

Pensei em todas as vezes em que peguei aquele gelo, derramei o sangue por cima e levei até Mephit...

Corri na direção do carrossel. A noite de verão estava quente e abafada. Ouvi o carrossel, mesmo de longe, tocando sua canção familiar. Na metade do caminho, alguém se pôs na minha frente. Dei um grito.

— Lulu — disse uma voz rouca.

Era Lucas. Estávamos na parte central, entre o Tiro com Besta e o Teste da Marreta, o antigo brinquedo de Otto. Ele havia sido substituído por um cara esquisito com uma marreta gigantesca. De vez em quando ele acertava o brinquedo com a marreta e o sino tocava, arrancando comemorações não muito empolgadas da multidão. Quis lhe dizer que a ideia do jogo era deixar as pessoas tentarem vencê-lo, mas não havia tempo.

— Seu padrasto tem dado água benta para Mephit. — Segurei a mão de Lucas e comecei a arrastá-lo na direção do carrossel. — Não sei quando ele começou. Mephit é um *demônio*... ele está sendo envenenado!

— Lulu — disse Lucas, me puxando para ficar de frente para ele —, deixa isso pra lá.

— Eu *não* vou deixar isso pra lá! Mephit é... parte da família! E seu padrasto quer que eu passe o parque para ele...

— Lulu. — Ele me encarava fixamente. — Eu te amo.

Isso me fez parar.

— *O quê?*

— Eu te amo. Desde a primeira vez em que a vi.

Ele me puxou para mais perto. Os sons do parque nos cercavam, os gritos vindos de todos os lados, as músicas diferentes tocadas ao mesmo tempo. A noite estava quente e nossos corpos se moldaram um ao outro. Suas mãos deslizaram até minhas costas.

— Lulu — sussurrou ele. — Diga que me ama.

Fiquei sem reação. Nunca tinha gostado tanto de um garoto, e amava nossas conversas e como ele me fazia rir, mas...

Mas ele parecia em transe. Distraído. Como se tivesse batido com a cabeça. Estreitei os olhos.

— O que houve, Lucas? — perguntei, com firmeza. — Você está bêbado?

Ele balançou a cabeça.

— Walter tentou me convencer a ajudá-lo. Quando percebeu que não estava funcionando, me deu... alguma coisa.

— O que era?

— Não era o que ele pensava. Tinha duas garrafas na mesa, e eu as troquei de lugar quando ele não estava olhando. Acho que pretendia me dopar...

Finalmente reconheci o ar distraído.

— Poção do amor. Era uma poção do amor do Túnel.

Ele esfregou os olhos.

— Tinha gosto de chiclete de morango. Fingi estar desmaiado até ele sair do trailer. Ele já devia saber que caso se livrasse de Mephit não precisaria da sua assinatura...

— Ai, meu Deus.

Eu me desvencilhei de Lucas e corri em direção ao carrossel. Ele foi atrás de mim, chamando meu nome.

Várias pessoas começaram a gritar comigo, furiosas, achando que eu estava furando fila. Algumas crianças choravam. Talvez achassem que eu ia empurrá-las do cavalo. Talvez estivessem estranhando os olhos enlouquecidos de Lucas.

Pulei no cilindro central e levantei uma das tábuas. Lucas ainda estava me chamando. Entramos e fechamos a porta.

— Lulu — disse ele, arfando, enquanto eu disparava escada abaixo. — Olha, eu não quero fazer parte dos planos do meu padrasto. Nunca faria mal a você.

— Vai deitar em algum lugar até ficar sóbrio, Lucas. — Nunca tive uma noite tão estranha como essa. Chegamos até a beirada e olhei para baixo. Mephit estava deitado em posição fetal no fundo do fosso. O terror assolou meu peito.

— Mephit! — gritei. — Mephit!

Ele ergueu a cabeça devagar. Seus olhos azuis tinham desbotado até ficarem de um branco pálido. Pobre Mephit. Tinha sido envenenado e, sem saber, eu estivera ajudando o culpado esse tempo todo. Se algo acontecesse, eu nunca me perdoaria.

Fiquei de joelhos.

— Mephit, você precisa tirar essa água benta de dentro do seu corpo. Você precisa vomitar.

Mephit emitiu um som fraco e abaixou a cabeça de novo.

— Você não pode chegar e falar pra um demônio vomitar — disse Lucas, quase de volta ao normal. — Eles não devem conseguir fazer isso por vontade própria.

Lancei um olhar contrariado para ele.

— Lulu — disse Lucas, em tom gentil —, meu amor, eu a pouparia disso se pudesse.

Mephit gemeu como se estivesse com dor. Olhei para Lucas, pensativa, então estendi a mão.

— Me ajuda a levantar.

Ele obedeceu. Caí em cima dele, e não foi acidente. Seu olhar se tornou mais caloroso.

— Você me ama? — perguntei.

— Eu venero você.

Mephit grunhiu, dessa vez completamente enojado.

Fechei os olhos e torci para que o demônio me perdoasse pelo que estava prestes a fazer.

— Me beija. Lucas, me beija.

Lucas me puxou para si e começou a me beijar.

— Eu te amo — declarou-se, dando vários beijinhos na minha bochecha. — Você é a garota mais linda que eu já vi. Amo suas roupas malucas, seu cabelo arco-íris, amo como você me faz rir e o seu cheiro de rosas...

Mephit soltou um arroto terrível, altíssimo. Me afastei de Lucas no momento em que Mephit começou a vomitar um xarope dourado e brilhante no chão.

— Que *nojo* — disse Lucas.

— É sério que eu cheiro a rosas? — perguntei, curiosa, enquanto Mephit olhava com desconfiança para a gosma amarela.

Seus olhos já estavam voltando ao tom azul de sempre e o pelo cresceu de novo nas partes que tinham ficado carecas.

— Lulu... — Lucas arregalou os olhos. — Acho que o efeito está passando.

Dei uma risadinha. Talvez estivesse um pouco histérica, visto que estava entre um menino bêbado de poção do amor e um demônio estrebuchante.

— Caramba, o que foi que eu falei pra você? — perguntou Lucas, desesperado, puxando o próprio cabelo. — Lulu, o que eu falei?

— Só que você me amava e... *Mephit!*

A última palavra foi um grito, porque Mephit saiu de seu fosso. Em todos aqueles anos, nunca o vira usar as asas de morcego. Era o que estava fazendo naquele momento, disparando escada acima, com um olhar determinado.

— Ah, não!

Saí correndo atrás do demônio, mas ele era muito rápido. Saiu do carrossel, arrancando a porta das dobradiças, e contornou os cavalos pintados.

Lucas e eu fomos atrás dele, enquanto os controladores dos brinquedos gritavam, desesperados. O parque estava estranhamente vazio. Walter devia ter fechado tudo enquanto estávamos lá embaixo. Continuamos atrás de Mephit, que voava direto para o labirinto de espelhos.

— Pare agora! — gritou Lucas.

Talvez ele achasse que Mephit fosse comer alguém. Talvez Mephit fosse *mesmo* comer alguém.

Todo mundo parou para olhar. No caso, outros funcionários do parque, atraídos pela gritaria e pelo demônio voador. Mephit foi direto para o Museu.

Hesitei antes de entrar. Ouvi Mephit lá dentro, rosnando, e também outro barulho, um silvo que me fez gelar. Lucas me alcançou, trazendo a marreta do homem forte na mão direita.

— Deixa que eu vou — falou, parecendo determinado, mas não muito feliz. — Você fica.

— Achei que o efeito da poção tivesse passado.

Antes que Lucas pudesse responder, ouvimos um barulho de vidro se partindo. Ele entrou correndo e eu fui logo atrás.

Versões distorcidas de nós dois se formavam nas paredes conforme seguíamos para o coração do labirinto. Quando chegamos, encontramos Mephit e Azatoth parados de frente um para o outro, bem no meio do lugar. Nenhum dos dois tinha reflexos nos gigantescos espelhos que cobriam as quatro paredes, ao contrário de mim e de Lucas. Pensei ter visto meu pai de relance em um dos espelhos, mas eu sempre pensava ter visto meu pai em algum lugar. Espelhos nem sempre dizem a verdade. Era por isso que eu detestava aquele lugar.

— Ah, sim — disse uma voz vinda da porta. Um terceiro reflexo surgiu quando Walter entrou. Todos se viraram para olhar, até mesmo os demônios. Walter ficou surpreso e contrariado ao ver o enteado, mas seu rosto logo assumiu uma expressão neutra. — Você me desobedeceu, Lucas. Traiu nossa família. E ajudou essa garota a salvar esse demoniozinho xexelento dela.

Mephit rosnou.

Os olhos de Walter eram feios e malignos.

— Este parque é meu. Sempre foi meu. Eu sou o filho mais velho, mas nossos pais eram burros demais para entender o que isso significava. Deixaram tudo para Ted. Tive que me casar com uma mulher rica para pagar as contas. E ainda aturar o fedelho dela.

Ele olhou com ódio para Lucas, que segurou a marreta mais firme. Eu me senti mal por Lucas, desprezado pelo único pai que teve. Se estivesse em seu lugar, teria dado com aquela marreta na cara de Walter, mas Lucas é uma boa pessoa.

— Acabou, Walter. Nós sabemos que você envenenou Mephit. Que você forjou os bilhetes dos nossos pais — disse Lucas.

Se eu ainda tinha alguma dúvida sobre o caráter do meu tio, a expressão de ira e surpresa no rosto macilento dele confirmou todas as minhas suspeitas.

— Você os matou? — perguntou Lucas. — Foi isso que aconteceu? Eles estão mortos?

Era a pergunta que eu não quis fazer.

O rosto de Walter se contorceu em um sorriso.

— Prepare-se, garoto, pois você está prestes a ir para o mesmo lugar que eles...

Lucas jogou a marreta.

Walter se abaixou, e a arma passou por cima de sua cabeça, atingindo o espelho atrás dele.

E do buraco no espelho, saiu... meu pai.

Ele estava com a mesma aparência de sempre. Calça cargo folgada, casaco de lã grosso com cotoveleira de couro. Fazia frio na noite em que ele fugira. Meu pai olhou com ódio para Walter.

— Seu miserável... Achou que podia roubar o parque de mim, me trancou aqui dentro, me prendeu com magia negra...

— Thaddeus. — Walter empalideceu, recuando um passo. — Eu posso explicar... — Ele se virou para o demônio. — Azatoth, pega! Pega ele!

Azatoth soltou um silvo e avançou, mas foi abocanhado por Mephit, cujos olhos brilharam como chamas quando ele jogou a cabeça para trás e engoliu o outro demônio em duas bocadas.

Mephit começou a inchar. Era como se consumir o outro demônio o tivesse enchido de energia. Ele cresceu sem parar, seus olhos ficaram da cor do céu noturno e fileiras de dentes irregulares como presas de tubarão surgiram em sua boca. Ele avançou na direção de Walter, um rosnado baixinho vindo de sua garganta.

Walter uivou de medo e pulou para trás, para dentro do buraco no espelho quebrado. Foi possível ouvir o eco distante de seu grito, e então o espelho se fechou de novo, voltando a ser uma superfície prateada comum.

— Pai!

Pulei nele, que me envolveu em um abraço apertado. Mephit se sentou e começou a lambear o próprio pé achatado, muito concentrado.

— Lulu. — Meu pai acariciou minha cabeça. — Lulu, minha querida.

Eu me virei, ainda abraçada a ele, e olhei para Lucas. Ele estava tenso, triste.

— Então seu pai voltou, hein? Fico feliz por você, Lulu.

Ele estava sendo sincero.

— Vamos lá, garoto. Ainda tem outros espelhos.

Lucas olhou para ele, confuso, então seus olhos se iluminaram. Em seguida, pegou de novo a marreta e começou a quebrar os espelhos. Cada um deles, menos o de Walter. Otto saiu de um, depois Strombo, os palhaços apaixonados e, finalmente, uma mulher de cabelo castanho com os olhos verdes de Lucas.

— Mãe — disse ele, jogando a marreta no chão para que se abraçassem como duas pessoas que pensaram que jamais se veriam de novo. E acho que eles eram mesmo essas pessoas.

Na noite seguinte era o Quatro de Julho, então fizemos uma festa no parque. Otto encontrou alguns fogos de artifício e os soltou, e, ao lado de minha família do parque, vi o céu ficar vermelho, depois branco e depois azul. Quase todos os empregados de Walter foram saindo de fininho. Alguns ficaram, prometendo ao meu pai que seriam bonzinhos — ou, pelo menos, que só seriam malvados de acordo com as regras dele.

O carrossel — com a ajuda de Mephit — tocava “The Star-Spangled Banner” e “The Yellow Rose of Texas”.

Meu pai contou que estava em seu trailer quando Walter apareceu do nada dizendo que havia gastado o dinheiro da mulher comprando Azatoth, um demônio tão terrível que tinha energia para sustentar qualquer coisa. Então ameaçou meu pai: disse que se ele não abrisse mão do parque e fosse embora, se arrependeria. Meu pai respondera que jamais desistiria do parque e que o desaparecimento da esposa de Walter era muito suspeito. Foi o bastante. Usando Azatoth, Walter prendeu meu pai no espelho. Era para lá que ele mandava qualquer um que o contrariasse, inclusive a mãe de Lucas.

Meu pai e a mãe de Lucas tinham se tornado bons amigos enquanto estavam presos lá

dentro.

— É uma ótima mulher — disse ele.

Walter também a tinha manipulado. Não era um bom dono de parque, mas era um excelente golpista.

— Walter não contou com duas coisas — disse meu pai, pondo carinhosamente a mão em minha cabeça. Estávamos sentados na grama, comendo pipoca caramelada. — Ele subestimou Mephit. Só porque nosso espetáculo não fere as pessoas, não significa que Mephit não seja poderoso. Ele é um dos demônios mais antigos e poderosos do mundo. Não me surpreende que tenha devorado Azatoth assim que seus poderes voltaram.

— E qual foi a outra coisa?

— Você. Minha filha tão inteligente, que descobriu os planos malignos de Walter. Estou tão orgulhoso de você.

Eu o abracei.

— Obrigada, pai.

Ele me soltou.

— Eu vi os folhetos de universidades na barraca de doces. Ainda não sei bem o que fazer com o dinheiro que lucramos durante a administração de Walter... Talvez eu doe para a caridade, mas sei que tem mais do que o suficiente para mandar você para uma faculdade.

Eu assenti.

— Quero estudar Administração. Para aprender a gerenciar este lugar e assumi-lo quando você se aposentar.

Ele sorriu, orgulhoso, mas, antes que pudesse responder, uma voz nervosa nos interrompeu.

— Será... será que eu posso falar com a Lulu um minutinho?

Era Lucas. Ele tinha trocado a camiseta e a calça jeans de sempre por calça cáqui e camiseta de botão branca. Estava bronzeado, com cara de verão.

Meu pai olhou para mim e eu fiz que sim. Ele se levantou, dando a Lucas um olhar exageradamente intimidador antes de se afastar para conversar com os outros. Otto estava explicando a história dos saxões e dos normandos para Strombo, a mãe de Lucas e Ariadne. Strombo fazia carinho em Throckmorton.

Lucas se sentou ao meu lado. Os fogos de artifício ainda explodiam no céu, e o brilho que emanavam me permitiu ver o rosto dele — olhos verdes e com os lábios comprimidos, o cabelo penteado para trás. Estava fofinho, mas eu me lembrava dos nossos beijos e sabia que ele não era assim *tão* fofo.

— Aquelas coisas que eu falei mais cedo, quando tomei a poção do amor... Eu...

— Você não estava falando sério — completei, mais do que depressa. — Eu sei, eu entendo.

— Não, não era isso que eu ia dizer. — Ele olhou para o nada, mordendo o lábio inferior. — Eu lembro quando você contou da vez em que tomou a poção e só conseguia pensar em poemas ruins. E entendi o que você quis dizer, porque a verdade é que amor verdadeiro não faria o Mephit vomitar.

Dei uma risadinha desanimada.

— Tá, não me expressei direito — continuou ele. — Eu vi como você lutou por esse parque. Como lutou para mantê-lo aberto, pelos seus amigos, pelo seu pai, até por Mephit. Eu

amo... o quanto você ama este lugar. E isso me faz pensar que o amor verdadeiro, não aquele dos cartões bregas ou da poção do amor, é assustador, forte e incrível. E eu acho... que estou me apaixonando por você.

Senti como se meu coração tivesse levado uma marretada.

— É sério?

Ele olhou para mim. Sorriu de leve.

— É sério.

Estendi a mão e acariciei a bochecha de Lucas.

— Eu também.

E então o beijei. Acho que acabei estragando o visual fofinho ao passar as mãos por seu cabelo e despenteá-lo todo, e ainda por cima amarrotei sua camisa. E acho que ele fez o mesmo comigo.

Quando finalmente nos separamos, estávamos sorrindo.

— Mas você vai embora — falei, entrando em pânico. — Vai para casa com sua mãe. Não vou ver você de novo.

Lucas balançou a cabeça.

— Minha mãe quer investir no parque. Eu falei para ela que fui muito feliz aqui. Que este foi o único lugar que me fez feliz enquanto estive com Walter. — Ele sorriu, e seu sorriso iluminou a noite. — Ela disse que eu podia ficar, e que seu pai ia me ensinar a administrar o parque. Se você não se incomodar.

Eu o puxei para mais perto outra vez.

— Contanto que eu não tenha que salvar você do Bola no Alvo de novo.

Lucas riu.

Eu me aconcheguei em seus braços enquanto os últimos fogos de artifício se apagavam. Acima de nós, Mephit voava bem alto, e era possível ver sua silhueta iluminada pela lua.

MIL MANEIRAS DE TUDO ISSO DAR ERRADO

JENNIFER E. SMITH

Quando o vejo na outra ponta do corredor do supermercado, congelo.

Não é que eu não queira falar com ele. Na verdade, passei o verão inteiro torcendo para isso acontecer. Observando-o agora — com a mesma velha calça cáqui e camisa azul-clara, os chinelos já gastos nos calcanhares e o cabelo um pouco mais longo do que estava da última vez que passei a aula inteira de espanhol olhando para ele —, é difícil acreditar que só se passaram seis semanas.

Parece que foi há uma eternidade.

Ultimamente, venho sonhando acordada com a possibilidade de encontrá-lo, imaginando todo um cenário, onde ele surge quando estou na praia com amigos, e decidimos fazer um passeio pelo lago para colocar a conversa em dia, ou onde ele entra de repente na lanchonete, bem na hora em que estou contando uma piada particularmente engraçada, e todos na mesa estarão rindo da minha espirituosidade fascinante quando ele se aproximar para me cumprimentar.

Mas, no momento, estou horrorosa. Acabei de sair do trabalho, e há uma mancha enorme e roxa na barra da minha camiseta branca da colônia de férias, provavelmente resquícios do picolé de alguém, e uma mancha de grama no meu ombro, de quando Andrew Mitchell me derrubou durante um cabo de guerra surpreendentemente agressivo. Meus joelhos estão sujos de terra e uma das minhas sandálias está remendada com fita adesiva, resultado de uma perseguição a Henry Ascher quando brincávamos de galinha choca. Estou suada, queimada de sol e exausta, sem contar que ainda estou usando o crachá que fiz na aula de artesanato, no qual está escrito “Annie” em uma letra tão irregular e garranchuda que parece ter sido feito por uma das crianças.

Mesmo assim, quando vejo Griffin Reilly no fim do corredor, não consigo me afastar.

Ele está examinando atentamente um saco de balas. Então o segura como uma bola de basquete e o arremessa na direção do carrinho de compras, que está a uns bons dois metros de distância. O pacote bate na lateral do carrinho e faz o metal tilintar antes de cair no chão com um tchun.

— Belo arremesso — digo. Eu me aproximo, e ele dá um sorrisinho enquanto se inclina para pegar o saco. — Minha vez agora.

Sem dizer nada, Griffin levanta a mão em um movimento fluido, arremessa o saco na minha direção. Por pouco consigo pegá-lo. Sem hesitar, me posiciono para o arremesso, mas ele balança a cabeça.

— Perto demais.

Recuo alguns passos, nervosa por estar sendo observada por aqueles olhos cinza. Dessa vez, o saco faz uma trajetória perfeita no ar e aterrissa no centro do carrinho. Eu me viro para ele com uma expressão triunfante.

— Nada mal — comenta Griffin, assentindo.

— Sou melhor com uma bola de basquete de verdade.

— Ah, é?

— Na verdade, não — admito. — Sou péssima. Mas sou ótima naquelas máquinas de basquete.

— Aquelas máquinas de arremesso, de fliperama?

— Essas mesmo — respondo. — Sou maravilhosa nas máquinas de arremesso.

— E nada modesta também — comenta Griffin, supersério.

— Poxa — digo, dando de ombros —, é que eu sou muito boa, aí fica difícil ser modesta, sabe?

Ele apoia um dos braços em uma prateleira cheia de pacotes metálicos de biscoito.

— Só quero ver — diz Griffin, sem olhar diretamente para mim.

Ele tem essa mania de abaixar a cabeça quando fala, e é sempre um desafio saber o que está pensando. É irritante, intrigante e desconcertante, tudo ao mesmo tempo. Na aula de espanhol, eu fazia várias perguntas a Griffin só para observá-lo se virar para mim sem nunca me encarar, os olhos inexpressivos indo da minha testa para a mesa. Eu me perguntava se ele gostava de mim, se tinha medo de mim, ou alguma outra coisa completamente diferente.

Por meses a fio, aquilo foi tudo o que houve entre a gente: perguntas sobre conjugações verbais e pretéritos perfeitos, holas e muchas gracias e adiós. Não tínhamos nenhum amigo em comum. Na verdade, era difícil saber se tínhamos alguma coisa em comum. Estudávamos em uma escola grande, e só fui ver Griffin pela primeira vez na aula de espanhol do señor Mandelbaum. Mas assim que bati os olhos nele eu soube que precisava conhecê-lo.

Griffin não facilitou as coisas. Havia algo estranhamente cauteloso e ao mesmo tempo direto demais nele. Na maior parte do tempo, era tranquilo e excessivamente educado, mas também era capaz de ser honesto de uma forma surpreendente. Uma vez lhe perguntei se havia algo em meu olho, e ele se virou, me examinou com cuidado e deu de ombros.

— Tem — respondeu. — Remela.

Mas havia outro detalhe importante sobre Griffin: ele era lindo de morrer. O cabelo castanho bagunçado, o maxilar quadrado, aqueles olhos azul-acinzentados fantásticos, sem mencionar a altura absurda — ele era uns bons trinta centímetros mais alto do que eu, as pernas sempre apertadas contra o fundo da própria mesa na sala de aula, e poderia se passar por um surfista, um esquiador, ou um personagem durão e intenso de algum filme.

O único problema era que, por alguma razão, Griffin conseguia arruinar aquela beleza toda usando a mesma roupa todo santo dia: calça cáqui e uma camisa azul-clara. Era um uniforme bem estranho, e o fazia parecer um escoteiro, um vendedor de Bíblias, ou alguém que trabalhava no escritório mais chato do mundo.

Seu jeito esquisito de se vestir não era o suficiente para impedir que as garotas o devorassem com os olhos durante o almoço, que era o único outro momento em que eu o via. Griffin normalmente ficava na dele, comendo sozinho, ouvindo música, sempre lendo alguma coisa no celular, e eu não sabia dizer se ele era realmente muito bom em ignorar a atenção que

recebia ou se simplesmente não percebia nada.

Havia algo magnético nele. Sempre que o via, eu sentia uma vontade absurda de pegá-lo pelos ombros, sentá-lo em uma cadeira e fazê-lo se abrir comigo. Griffin era um enigma que, por razões que eu não conseguia entender direito, queria desesperadamente resolver. Mas não dava para descobrir muita coisa tendo apenas breves momentos durante as aulas de espanhol básico. Eu precisava de mais tempo com ele. E queria que passássemos esse tempo falando em nossa própria língua.

Agora, no supermercado, os olhos de Griffin se desviam de mim para checar as filas nos caixas, e não sei dizer se está atrasado ou só entediado. Mas algo no fato de encontrá-lo ali, fora de contexto — longe do ambiente da escola —, me deixa momentaneamente corajosa.

— Você já foi ao Hal's? — pergunto, em um impulso.

— Aquele bar no McKinley?

— É um fliperama também. Talvez pudéssemos... — Paro por um instante, torcendo para ele pegar a deixa, mas Griffin não fala nada.

Ele arrasta os chinelos no piso de linóleo brilhoso, e a sugestão paira entre nós, constrangida e inacabada.

Nunca fiz isso antes — seja lá o que for que eu estou tentando fazer. Nunca chamei ninguém para sair, e agora não tem como não sentir uma pontada de arrependimento por todas as vezes em que fui a pessoa que ficou calada em uma situação dessas: demorando para responder uma mensagem de texto me chamando para sair, pigarreando após a sugestão de um cineminha, hesitando diante de um convite mais formal para um baile na escola. Gostaria de voltar atrás e evitar todos aqueles segundos extras. Porque isso... essa pausa horrorosa, esse silêncio constrangedor... é brutal.

Aponto para o saco de balas no fundo do carrinho e tento uma última vez.

— Talvez pudéssemos ver quem ganharia em um jogo de verdade...

Por um segundo, tudo indica que Griffin vai dizer não. Seu rosto está inexpressivo e ele parece terrivelmente tenso. Eu fico tensa, me preparando para ser rejeitada bem ali, no corredor 8 do supermercado. Mas, então, a expressão dele fica mais serena, e suas feições se suavizam.

— Combinado — diz ele, finalmente. — Que tal amanhã?

Naquela noite, enquanto escovo os dentes, minha irmã mais nova, Meg — ela tem onze anos e é minha sombra oficial —, se encosta na porta do banheiro que compartilhamos.

— Então — pergunta ela, piscando os olhos de um jeito exageradamente sonhador —, é um encontro?

Penso por um momento, então cuspo a pasta de dentes na pia.

— Acho que não — respondo.

Estou em outro planeta naquela manhã, pensando no momento em que o carro de Griffin vai aparecer no estacionamento da colônia de férias, mais tarde; pensando no vestido que guardei no banheiro dos funcionários para não ter que usar meu uniforme encardido de novo; pensando em como meu coração foi às alturas quando o vi ontem... Na verdade, estou pensando em muitas coisas, menos nas vinte crianças de seis e sete anos correndo pelo campo de futebol brincando de “estátua”, esbarrando umas nas outras, cambaleando, caindo, feito bêbados em miniatura. Então, de repente, ouço um grito estridente.

Volto à realidade no mesmo instante, correndo pelo campo até ver Noah, que está agachado no chão, com os joelhos encolhidos, as mãos tapando as orelhas, a cabeça abaixada, apenas um tufo do cabelo ruivo à mostra.

Uma menina chamada Sadie Smith está ao lado dele, de olhos arregalados.

— Só encostei nele pra pegar — diz ela, nervosa e confusa.

Dou uma palmadinha no ombro de Sadie, tentando tranquilizá-la.

— Está tudo bem — digo. — Pode ir brincar com outro amiguinho.

Mas a menina permanece ali, os olhos fixos em Noah, que começa a se balançar. Eu me viro e vejo que todos estão observando. Não dá para saber se estão ali parados como estátuas porque foram pegos ou apenas por curiosidade.

Vejo Grace, uma das monitoras iniciantes, passando pelo prédio da escola, que a colônia de férias usa durante o verão. Ela está trazendo o lanche da tarde: uma caixa gigante de picolés, que vão deixar as crianças meladas e agitadas por causa do açúcar, mas que são sempre o ponto alto do dia.

— Hora do lanche — aviso.

E, de repente, todos disparam pelo gramado em direção a Grace, mais animados do que em qualquer outra brincadeira daquela manhã.

Agora, sozinha com Noah, eu me sento ao lado dele, e o menino solta um gemido baixo, o único momento em que interage comigo. Fazia cerca de um mês que ele estava na colônia, e eu já havia aprendido que aquela era a melhor tática. No começo, quando isso acontecia, eu tentava conversar com ele, ou acalmá-lo de algum modo. Certa vez, até tentei pegar a mão dele, o que acabou se mostrando a pior coisa que eu poderia ter feito. Noah puxou a mão na mesma hora e voltou a uivar.

Espio sob os braços dele, que apertam com força os joelhos, o rosto ainda escondido entre as pernas. As bochechas estão rosadas por causa do calor, a boca torcida para um lado, e há uma única lágrima presa em seu olho direito, o que parte meu coração.

— Oi, Noah — falo, baixinho.

Ele enrijece o corpo.

Eu me sento, pego um punhado de grama seca e deixo que voem com a brisa em direção ao lago. Ao longe, os outros alunos da colônia de férias correm com o picolé na mão, os queixos pegajosos e as blusas já manchadas. Os garotos mais velhos jogam basquete na quadra, o som da bola batendo no chão retumbante como a batida de um tambor.

No primeiro dia da colônia de férias, o sr. Hamill, o diretor — um homem de meia-idade que trabalhava como professor de educação física na maior parte do tempo e sempre estava com o apito pendurado no pescoço —, pediu que eu chegasse uma hora mais cedo. Era o meu terceiro verão como monitora ali, e presumi que receberia uma promoção. Eu já trabalhava na

colônia há alguns anos, e no começo via aquele emprego apenas como uma forma de ganhar um dinheirinho extra. Adorava ir para a colônia de férias quando era criança, e trabalhar lá me pareceu uma alternativa melhor do que ficar empacotando compras, servindo sorvete, ou qualquer dos outros empregos que talvez considerassem contratar uma garota de catorze anos cuja única experiência profissional até ali fora como babá.

Mas hoje, depois de um bom tempo correndo atrás de crianças, colando Band-Aids, cantando músicas que acabam saindo terrivelmente desafinadas e supervisionando o uso de glitter durante a aula de artes, eu passara a gostar de verdade do trabalho. No entanto, todos sabiam que era mais fácil cuidar de crianças mais velhas, que costumam ser mais autossuficientes, menos propensas a se debulhar em lágrimas, a se perder, ou a esquecer de passar filtro solar. Por isso, pensei que naquele verão eu seria a responsável por elas.

Mas, em vez disso, descobri que o sr. Hamill queria conversar comigo sobre Noah.

— Escute, Annie — disse ele, com um forte sotaque de Chicago que não era ouvido com frequência ali no subúrbio. — Vamos tentar algo novo este verão. Se não funcionar, não funcionou, tudo bem.

Eu assenti.

— Tudo bem...

— É um novo aluno — continuou ele, parecendo nervoso, o que não era comum. — Ele tem, hã, um distúrbio. É autista. Sabe como é. Por isso, quis conversar com você antes, porque pode ser bem complicado lidar com ele. Noah não é de falar, mas acho que estão tentando trabalhar isso. Ele é bastante agitado também. Os pais o levaram a uma colônia de férias especial no ano passado, mas o lugar não conseguiu manter o garoto ocupado por muito tempo. Parece que ele tem muita energia.

— Então, ele vai ficar no meu grupo.

— Isso. Ele tem seis anos, é um dos seus. É preciso que você seja paciente, mas também o envolva no maior número de atividades que conseguir, entende? Vamos ver o que acontece, desde que esteja tudo bem para você.

— Pode deixar! — respondi, com animação, porque é o tipo de coisa que eu faço.

Sorrio, concordo e tento fazer o melhor que posso. Sempre foi assim. Se meus amigos estão brigando, sou eu que vou lá acalmar as coisas. Se alguém está chateado comigo, passo o tempo todo com um aperto no peito até conseguirmos resolver a situação. Se alguém me pede um favor, ou me propõe um desafio, ou precisa de alguma coisa de mim, a resposta é sempre sim.

E se as crianças na colônia de férias não estão se divertindo, sinto como se eu tivesse fracassado.

E é por isso que cuidar do Noah é tão difícil. Conversei bastante com a mãe dele ao longo do mês e entendi que o menino só precisa de tempo. Mas sentada ali, na grama quentinha, observando seus ombros se sacudirem... me pergunto até quando vou aguentar essa situação. Mais angustiante ainda é a sensação de que, não importa o que eu tente, simplesmente não consigo me conectar com ele.

Eu sou boa com essas crianças. Sei que Emerson é alérgico a amendoim e que devo separar um picolé vermelho para Connell. Sei que Sullivan sempre que puder vai querer brincar de kickball, uma espécie de beisebol para crianças, e que Ellis gosta de se sentar no meu colo depois do almoço. Caroline guarda um coelho de pelúcia na mochila, e Will usa a meia da

sorte de astronauta todo dia. Georgia canta baixinho quando está nervosa, e Elisabeth fica radiante quando elogiamos suas cambalhotas.

Há uma chave para cada fechadura, um macete que funciona com cada criança.

Com todas as crianças, exceto Noah.

Ficamos sentados ali por um bom tempo. Orientadas por um dos monitores iniciantes, as outras crianças foram para o ginásio jogar queimado, e o sol está a pino no céu plano e límpido. Mas Noah continua agachado, todo encolhido. De vez em quando dou um tapinha de leve em seu ombro, o que causa um pequeno sobressalto no menino.

Finalmente, pouco antes da hora da saída — quase como se estivesse cronometrando o tempo —, Noah levanta a cabeça.

— Você está bem? — pergunto, mas ele não responde.

Seus olhos estão fixos no prédio da escola, onde as outras crianças fazem fila para ir embora.

— Prometo que amanhã vamos fazer uma brincadeira diferente.

Não sei se foi a brincadeira de estátua que detonou tudo, ou um toque inesperado nas costas, ou se foi apenas o sol, a grama e o dia ao redor dele. Pode ter sido qualquer coisa. E era aterrorizante não saber exatamente o quê.

Mas ainda assim continuo falando, parecendo desesperada até para mim mesma.

— Vamos tentar jogar pique-bandeira — prometo, embora todo dia tentemos uma brincadeira nova e cada dia termine da mesma forma. — Ou de “batatinha frita 1, 2, 3”. Ou de “seu mestre mandou”! Acho que você ia adorar brincar de “seu mestre mandou”...

Noah não diz nada. Só fica parado na grama, o rosto totalmente inexpressivo, então se levanta, limpa os joelhos e começa a andar até o estacionamento.

Não é muito, mas interpreto aquilo como um sim. E vou atrás dele.

Todos os dias, o horário da saída é um caos: meia hora tentando organizar o trânsito e guiando as crianças, enquanto as mães lançam olhares irritados para os carros na frente delas; as babás gritam para que seus pupilos não esqueçam as lancheiras; e os monitores fazem o melhor possível para que ninguém seja atingido por uma minivan avançando a passos de tartaruga.

Hoje, sou a responsável por organizar a saída, o que significa basicamente ficar parada no meio da confusão e torcer para não ser atingida por um retrovisor. São apenas duas e sete da tarde, e mais da metade das crianças já foi para casa. O restante está sentado com as perninhas cruzadas embaixo das árvores que ficam na entrada da escola. Elas mexem nas mochilas, trocam pulseiras da amizade ou arremessam coisas nos monitores iniciantes. Tudo está correndo bem, sem atrasos, mas ainda assim não consigo parar de olhar para o relógio. Griffin vem me pegar às duas e meia, e geralmente as últimas crianças só vão embora por volta de duas e vinte, o que só me deixa com dez minutos para me arrumar. Levei minha roupa favorita, um vestido de alcinha amarelo-claro que provavelmente é um pouco arrumado demais para um fliperama. Mas não há a menor chance de eu usar minhas roupas suadas da colônia de férias. Não dessa vez.

Às duas e dezoito, há três crianças restantes: os gêmeos idênticos de oito anos, que se

vestem exatamente da mesma forma — até nos tênis laranja —, e Noah, que está sentado de costas para o estacionamento, socando com determinação o tronco de uma árvore.

A maior parte dos monitores já foi embora. Só restamos eu e Alex Sanchez, um garoto do último ano que adora implicar com as minhas sardas, que vêm se multiplicando a cada dia. Alex é bem legal comigo, mais do que precisaria ser, na verdade, levando-se em conta que é um ano mais velho e o astro do time de futebol americano.

Isso é o bom do verão: as hierarquias cotidianas se desfazem como castelos de areia nesta época do ano. Tudo muda, se acomoda e assume uma nova forma.

No verão, somos todos iguais.

Logo a mãe dos gêmeos aparece — cheia de desculpas —, e Alex vai embora, dando um sorrisinho para mim.

— Até amanhã, Sardas — diz ele, a caminho de seu carro.

São duas e vinte e dois e o estacionamento está silencioso. Noah está agachado, ainda de frente para a árvore, e vejo suas vértebras através da camiseta fina da colônia de férias. O vento agita seu cabelo ruivo enquanto ele examina a ponta desfiada do cadarço do tênis.

Atrás de nós, a porta da escola se abre e o sr. Hamill sai, com um post-it rosa colado no dedo. Ele me entrega o papel com um olhar envergonhado, e percebo que há um número de telefone anotado ali.

— Tentei ligar algumas vezes para a mãe dele — diz o diretor. — Mas ninguém atende, e tenho que sair para ir ao dentista. — Ele aponta para a boca e se contrai. — Coroa quebrada.

Na mesma hora olho para o estacionamento, onde o carro de Griffin logo vai aparecer.

— Me sinto péssimo por isso — continua o sr. Hamill, com um suspiro. — Mas a mãe dele não costuma se atrasar, não sei o que aconteceu. Você se importa de esperar com ele?

Noah se vira para a gente. Nossos olhares se encontram por um milésimo de segundo.

São duas e vinte e oito.

— Claro que não! — digo. Porque esse é o tipo de coisa que sempre digo. — Problema nenhum.

Quando o carro de Griffin — velho, barulhento e azul — surge no estacionamento, às duas e meia em ponto, estou ligando pela segunda vez para a mãe de Noah. Desligo o celular, ligeiramente em pânico. Não era para ser assim. Noah agora está dando voltas na árvore, arrastando os dedos pelo tronco áspero, e me lembro novamente da pequena mochila no banheiro, na qual coloquei não só uma muda de roupas, mas também desodorante, perfume e escova de dentes. E, neste exato momento, preciso desesperadamente de todas essas coisas.

Mas não há tempo para nada disso: Griffin já está vindo na minha direção, a mão levantada, meio constrangido, olhando ora para mim, ora para Noah, que parou de andar em círculos e agora apenas nos encara.

— Oi — digo, e Griffin sorri.

Ele está usando a camisa azul e a calça cáqui de sempre, mas o cabelo está penteado e um pouco úmido. E embora hoje esteja fazendo uns cens graus — com o ar tão úmido que chega a pesar —, Griffin de algum modo parece inacreditavelmente refrescado.

O que só faz com que eu me sinta ainda mais esfarrapada.

— Oi — diz ele.

— Desculpa mesmo — começo a dizer, antes mesmo de ele chegar até mim. Indico Noah com a cabeça, e dou de ombros, impotente. — A mãe ainda não chegou, então preciso esperar com ele, o que significa que não posso...

— Tudo bem — diz Griffin. — Eu espero com você.

— Não precisa, sério — retruco na mesma hora.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Eu sei — continua ele, com determinação. — Mas quero esperar. Se não quisesse, não teria oferecido.

As palavras dele pairam entre nós por mais tempo do que deveriam, até que finalmente digo:

— Ok, então.

— Ok, então — repete ele, assentindo, passando por mim e indo até Noah.

Os dois se encaram por um instante e desviam o olhar logo em seguida. Griffin dá um passo à frente, e Noah recua um passo, como dois dançarinos praticando uma coreografia conhecida. Há uma longa pausa, e eu os observo, curiosa para ver o que vai acontecer a seguir. Finalmente, Griffin levanta a mão em uma espécie de aceno.

— Oi — diz. — Eu me chamo Griffin.

Noah estreita os olhos e inclina a cabeça. E então, para minha surpresa, responde:

— Oi.

Não é que Noah não fale nunca. Só que ele raramente faz isso no momento certo. Se fazemos uma pergunta, ele desvia o olhar. Se o cumprimentamos, ele nos ignora. Se tentamos incluí-lo em uma brincadeira que exija que ele cante ou fale, ele fica em silêncio. Quando fala, geralmente é consigo mesmo.

Por isso, agora, ao ouvi-lo responder a um cumprimento como se fosse algo que fizesse todo dia, sinto minha garganta se apertar com uma emoção inesperada.

— O que vamos fazer enquanto esperamos? — pergunta Griffin, sem tirar os olhos do menino pequeno e assustado à sua frente.

Prendo a respiração, e o silêncio parece se estender por uma eternidade.

Estou prestes a me intrometer — a ir ajudá-lo, quebrar o silêncio, sugerir uma brincadeira —, quando Noah fica de pé e diz:

— Basquete.

Griffin, veja só, se sai melhor com uma bola de basquete do que com um saco de balas. Assisto à partida da beira da quadra, com o celular colado ao ouvido, tentando pela milésima vez falar com a mãe de Noah, sem sucesso. Griffin faz outra cesta, e Noah corre para pegar a bola.

— Agora estou com medo da nossa disputa na máquina de arremesso do fliperama — comento, desistindo da ligação.

Já tinha deixado várias mensagens, e não havia muito mais que eu pudesse fazer. Só me restava esperar.

— Olha, sei não — diz Griffin, sem olhar para mim —, alguém me disse que você é incrivelmente boa.

— Nossa, quem disse isso?

Os cantos da boca dele se curvam em um sorrisinho.

— Você.

— Ah... — Eu sinto o rosto quente. — É verdade.

Noah está tentando quicar a bola, basicamente batendo nela com a palma da mão aberta, e Griffin vai até ele, se inclina e o ensina a bater com mais suavidade. Cruzo os braços e observo a cena com interesse. Fico esperando que a qualquer momento Griffin faça algum movimento errado e desestabilize Noah, como sempre acontece comigo quando toco os ombros dele, falo muito alto ou me aproximo demais. Mas isso não acontece. Griffin parece saber instintivamente o que não fazer e, por causa disso, Noah falou mais com ele nos últimos vinte minutos do que comigo durante todo o verão.

Admito que estou com um pouco de ciúme.

— Ei, Noah. — Bato palmas, e o menino se encolhe. — Passa a bola pra cá.

Ele para de quicar a bola e olha para mim, inexpressivo. Então, se vira novamente para Griffin e passa a bola para ele.

— Obrigado, camarada.

Griffin dá passos rápidos ao redor de Noah e dispara para a cesta. Há algo extremamente fluido nos movimentos dele quando está com a bola nas mãos. Ele é alto e esguio, e toda a sua rigidez e cautela habituais parecem desaparecer.

— Minha vez — diz Noah, e Griffin passa a bola para ele com cuidado.

— Você tem jeito com ele — comento, quando Griffin para ao meu lado. O pátio da escola está em silêncio, a não ser pelo barulho de um cortador de grama ao longe, e o sol da tarde banha as árvores ao redor do campo de futebol. — Você tem irmãos ou irmãos mais novos?

Ele balança a cabeça.

— Sou filho único.

— Está explicado, então.

— O quê?

— Por que você nunca conversou com ninguém em espanhol.

Ele me olha de esguelha.

— Conversei, sim.

— Claro, quando o señor Mandelbaum fazia uma pergunta.

Na quadra, Noah arremessa na direção da cesta, mas a bola sobe apenas meio metro, antes de cair com um baque pesado.

— Você também nunca falava — argumenta Griffin.

— Falava, sim.

— Puedo ir al baño? Isso não conta.

— Ei — digo, rindo. — E eu tinha culpa de precisar ir al baño?

Griffin ergue uma das sobancelhas.

— Duas vezes por aula.

— O señor Mandelbaum era chato demais — admito. — Na maioria das vezes eu só ficava lendo no corredor.

— En inglés? — pergunta Griffin, e eu dou risada.

— Si — respondo. — En inglés.

Ficamos parados ali, observando Noah arremessar a bola inúmeras vezes. Depois de um tempo, seus braços já estão cansados, e cada arremesso é mais curto do que o outro. No final Noah está atirando a bola para cima e esquivando-se quando ela cai.

Quando a bola rola na minha direção, eu a pego e faço um arremesso, mas não me saio muito melhor do que Noah. A bola mal chega perto da rede.

— Está vendo só? — comento, com a testa franzida. — É por isso que o fliperama é melhor.

Olho de relance para Griffin, que parece estar se divertindo. Me ocorre, então, que, independentemente do que estiver acontecendo aqui — esse projeto de encontro que já era meio questionável desde o início, mesmo antes desse desvio no percurso —, provavelmente está sendo péssimo. Com um playground vazio como cenário e um menino de seis anos como companhia, como seria diferente? Com certeza não estava sendo da forma que eu havia imaginado em todas as vezes que tinha ficado encarando a nuca de Griffin na aula de espanhol.

Mas, independentemente do motivo, Griffin parece quase feliz.

E me dou conta de que também estou.

— Vamos brincar de caballo — sugere Griffin, e Noah deixa escapar uma risadinha inesperada.

— Caballo — grita o menino, e ergue um dos braços. — Caballo, caballo!

— O que é caballo? — pergunto a Griffin, que já está andando até a cesta. Quando ele se vira para mim, não consegue conter o riso.

— É cavalo — diz ele. — En español.

Já são quase quatro da tarde, e estou realmente preocupada com o atraso da mãe de Noah. Tenho medo de que algo muito sério tenha acontecido com ela.

A boa notícia é que ele parece não ter percebido nada. Depois de finalmente se cansar de jogar basquete, Noah está deitado na grama, um dos braços cobrindo os olhos, para protegê-los do sol, um dos pés se movendo em algum ritmo desconhecido.

— Já se passaram duas horas — comento com Griffin.

Estamos sentados lado a lado na sombra, com as costas apoiadas no muro da escola. Nossos ombros estão separados por poucos centímetros, e nossos joelhos quase se tocam. Fico torcendo para ele se aproximar mais. Mas Griffin não faz isso.

— É muito tempo — responde ele, observando os campos de futebol vazios a distância. — Muita coisa pode acontecer em duas horas.

Inclino a cabeça para trás e fecho os olhos. Esse é exatamente o pensamento que estou tentando evitar. Sinto o olhar de Griffin me examinando, e minha vontade é me virar para encará-lo. Mas sei que, se fizer isso, ele vai desviar os olhos mais uma vez, aqueles olhos inexpressivos que parecem um peixe assustado, tão rápidos em se afastar.

— Talvez tenha acontecido alguma coisa com ela — comenta Griffin, e me viro para ele, irritada.

— Ai, nem fala isso.

— Por que não?

— Porque... — começo, mas hesito.

— Porque pode ser verdade — completa ele, e seu tom é prático demais, tem uma objetividade que me deixa desconfortável.

Não consigo decidir se é porque o que ele disse é verdade ou se porque raramente sou tão honesta assim comigo mesma.

— Tenho certeza de que está tudo bem — digo, depois de pigarrear.

— Com base em quê? — pergunta Griffin.

Seu tom não é desafiador. Na verdade, não parece haver nenhuma emoção em suas palavras. Está só perguntando.

— Porque sim — respondo, em dúvida. — Porque tem que estar.

Griffin parece pensativo.

— Isso não faz muito sentido.

— E quem foi que falou que tem que fazer sentido? — pergunto, no exato momento em que meu telefone vibra no chão.

Fico aliviada ao ver na tela o número que estive discando a tarde toda, e viro um pouco para o lado.

Assim que atendo, sou inundada por uma enxurrada de palavras, apressadas, frenéticas, em tom de desculpas.

— A irmã dele quebrou o braço brincando no balanço — explica a mãe de Noah. — Num minuto ela estava balançando as pernas, em outro já estava pulando, e tudo ficou tão caótico com a ambulância, o hospital, o gesso que ela teve que colocar. Não tenho o telefone da colônia de férias aqui, e meu marido está fora da cidade a trabalho, e...

— Tudo bem, não tem problema — digo, pelo que parece ser a milionésima vez naquela tarde. — Estamos com ele aqui. Noah está ótimo.

— Chego aí em três minutos — avisa ela, e desliga.

Deixo escapar um suspiro longo e aliviado.

— Viu só? — Eu me viro para Griffin. — Está tudo bem.

— Ué — comenta ele, dando de ombros —, as opções sempre foram apenas duas. Ou tudo ficaria bem ou não.

Alguns minutos mais tarde, enquanto caminhamos até o estacionamento, fico surpresa ao ver Noah estender a mão e pegar a de Griffin.

Sem me dar conta, eu paro.

Nunca tinha visto Noah iniciar contato físico com alguém antes. E mais: também nunca tinha visto Griffin fazer isso.

Mas agora os dois estão andando de mãos dadas, como se fossem velhos amigos, como se aquilo acontecesse todo dia, como se não fosse a coisa mais extraordinária do mundo.

Já de noite, minha irmã abre a porta do meu quarto e pergunta, com os olhos brilhando.

— E então? Foi um encontro?

Penso em Griffin, com sua camisa azul, o lampejo de surpresa em seu rosto quando Noah pegou sua mão, a proximidade entre nós quando nos sentamos apoiados no muro da escola, o modo como as nuvens se deslocavam sobre a gente, o mundo muito em silêncio ao nosso redor.

Eu me lembro de nossa conversa no estacionamento. Já estava tarde demais para irmos ao fliperama e decidimos deixar para outro dia. Mas, quando vi Griffin indo para o carro, fui tomada por uma onda de pânico, com medo de deixar o próximo encontro em aberto e, sem pensar, falei:

— Amanhã?

Ele parou.

— Mañana — concordou ele, com um sorriso que me deixou zozona.

— *Annie*. — A voz de Meg está carregada de impaciência, e percebo que ela ainda está esperando por uma resposta.

— Sim?

— Foi um encontro? — pergunta ela, de novo.

Balanço a cabeça.

— Não — respondo. — Foi melhor que isso.

Na manhã seguinte, com todas as crianças reunidas no ginásio, onde começamos o dia, pergunto a elas do que gostariam de brincar.

— De queimado! — diz Nadim Sourgen.

— De pique-bandeira! — diz Gigi Gabriele.

— De nada! — sugere Tommy King.

Eles confabulam um pouco — cabeças unidas, sussurros, algumas risadas. Então, do nada, Noah se manifesta:

— Caballo!

Um silêncio de surpresa preenche o ambiente. As outras crianças olham fixamente para Noah, como se tivessem esquecido que ele estava ali.

— O que é caballo? — pergunta Jake Down.

— É cavalo em espanhol — explico.

— Tipo cavalo de montar? — pergunta Lucy Etherington.

— É uma espécie de jogo de basquete — digo, sorrindo para Noah, que já está de pé, com as mãos na cintura, pronto para jogar. — Vamos de caballo, então.

Dessa vez, não vou me arriscar. No fim do dia, antes mesmo do horário de saída, deixo Grace e outro monitor iniciante tomando conta das crianças e corro até o banheiro para colocar meu vestido.

Quando saio do frescor do prédio para o calor da tarde, todos os alunos param para me olhar. Eles só me viram com um rabo de cavalo bagunçado, a mesma camisa branca e o mesmo short verde todo dia. Só me viram cansada, suada e estressada.

Mas agora estou usando um vestido amarelo levinho que balança enquanto caminho, e meu cabelo escuro está solto, dançando pelos ombros. Coloquei perfume, desodorante e até um pouco de maquiagem. E, pela expressão no rosto das crianças, fica claro que pareço uma pessoa completamente diferente.

— Você está com um cheiro bom — diz Tommy O’Callaghan, surpreso.

— Está cheirando a flores — confirma Wells von Stroh.

— Obrigada — digo, torcendo para que Griffin tenha uma reação semelhante.

Todos os pais chegam na hora hoje, até a mãe de Noah, que acena quando me vê, com uma expressão exausta. A irmã do menino está no banco de trás e levanta um dos braços para mostrar o gesso rosa-shocking. Sigo com Noah até o carro e ele mantém sua distância habitual, mas quando a mãe abaixa o vidro da janela para perguntar como foi o dia do filho, Noah olha para ela.

— Jogamos caballo — diz ele, sentando-se no banco de trás.

— O que é caballo? — ouço-a perguntar enquanto o carro se afasta, e ainda estou sorrindo quando vejo Griffin atravessar o estacionamento.

A primeira coisa que percebo é que ele está usando uma camisa diferente. Estreito os olhos para me certificar de que não estou vendo errado, mas é verdade. Essa é exatamente do mesmo modelo que as outras, só que xadrez azul e branca. Demoro um instante para notar que ele está de jeans — a calça está um pouco comprida, e Griffin dobrou a barra, mas ela continua arrastando no chão, fazendo um barulho discreto enquanto ele caminha.

— Uau — digo, quando ele chega. Griffin nem se dá ao trabalho de fingir que não está encarando o meu vestido e, de repente, isso realmente começa a parecer um encontro de verdade. — Você está ótimo.

— Ah. — Ele levanta o olhar e volta a abaixar. — Sim, minha mãe... — Griffin para e deixa escapar uma risadinha envergonhada. — Minha mãe me disse para não contar que foi ela que me ajudou a escolher essa roupa. Mas acho que foi o que acabei de fazer.

Eu também dou risada.

— Acho que sim.

— Ela também me falou para dizer que você está bonita.

— Sua mãe parece ser uma mulher esperta — digo.

O rosto dele fica vermelho. É muito bonitinho: esse garoto que parece ser tão esperto e cheio de truques, como se soubesse exatamente o que fazer em um encontro, na verdade recebe conselhos da mãe. O constrangimento dele é muito charmoso e totalmente inesperado, mas em vez de me deixar mais à vontade, isso me deixa mais nervosa, pois percebo que realmente gosto dele.

— Vamos?

Olho de relance para trás, para os alunos que restaram agora estão nos observando, curiosos,

e para os outros monitores, que sorriem e assoviam. Com certeza vão me encher de perguntas no dia seguinte. Só espero saber como responder a elas até lá.

Griffin abre a porta do carro para mim, e logo penso: *encontro*. Mas então ele parece determinado a garantir que nossos braços não se toquem acidentalmente, e volto a ficar em dúvida. Griffin se enrola um pouco para colocar a chave na ignição, e assim que saímos do estacionamento ele liga o rádio. Fico surpresa ao ouvir a voz cadenciada de um repórter da NPR, uma rádio pública, fazendo um resumo das notícias do dia.

— Jurava que você era do tipo que gosta de rock clássico — comento. Griffin na mesma hora abaixa o volume do rádio. — Ou talvez música clássica mesmo.

— Gosto de ouvir as notícias — admite ele, depois de uma longa pausa, tão longa que é difícil dizer se o comentário é uma resposta ao que eu falei antes, ou apenas uma declaração aleatória. — Gosto de saber o que está acontecendo no mundo.

— Sabichão — brinco.

Ele dá de ombros.

— Gosto de fatos. E de estatísticas. Tem algo meio tranquilizante neles.

— Em estatísticas? Tem algo nelas que me dá dor de cabeça, isso sim.

— Foi por isso que me interessei por basquete. — Ele tamborila no volante, atento ao caminho. Passei tanto tempo olhando para a nuca de Griffin, ou tentando fazer com que ele me olhasse nos olhos, que nunca parei para observar o perfil dele... a curva delicada do nariz, a cicatriz logo abaixo do olho direito, as maçãs do rosto perfeitas, o modo como o cabelo caía sobre as orelhas. — Por causa dos números.

— Com certeza a parte mais empolgante do jogo — digo, com um entusiasmo zombeteiro, e o vejo começar a fazer que não com a cabeça, mas logo depois se contendo.

— Você está brincando — afirma Griffin, e eu confirmo.

— Estou.

— Mas é sério — continua ele. — Acho que estatísticas podem ser muito legais, mas é mais do que isso. É um jogo de ângulos. Quer dizer... Pensa só: se você ficar parada em um lugar e arremessar a bola do jeito certo uma vez, deveria ser capaz de ficar parada ali toda vez e fazer a mesma coisa, certo? Tecnicamente falando, você deveria ser capaz de arremessar e fazer uma cesta todas as vezes.

— Sim, mas não é assim que funciona — digo. — Porque não somos robôs. Basta uma contração muscular, e a bola vai para a esquerda. Ou nossa mão se ergue um pouco mais alto do que na vez anterior, sem que a gente perceba. Há sempre mil maneiras de dar errado.

— Exatamente — concorda Griffin. — Mas essa é a parte legal. Você também pode ajustar um conjunto de fatores e ainda conseguir fazer a cesta do mesmo ponto, mesmo arremessando de um modo completamente diferente. Portanto, também há mil maneiras de dar certo.

Olho para ele.

— Isso é uma ameaça, Griffin?

— Por causa da máquina de arremesso do fliperama? — Ele balança a cabeça. — Não, tenho certeza de que você vai ganhar de mim.

— Então, preciso confessar que tínhamos uma máquina dessas no porão da minha antiga casa, por isso passei muito tempo treinando nela. Mas já tem anos.

— O que aconteceu?

— Ah — digo, piscando algumas vezes, enquanto ele entra em outra rua. À nossa frente, o sol começa a baixar no céu, e os prédios foram substituídos por um borrão de árvores. — Tivemos que... A gente se mudou alguns anos atrás. De uma casa para um apartamento. Então... não havia mais espaço para nada disso.

Ficamos em silêncio por um momento, e Griffin muda a posição das mãos no volante.

— Bom, mesmo assim, jogar nessas máquinas não é tão bom quanto jogar basquete de verdade. As bolas são pequenas demais.

— Talvez suas mãos é que sejam grandes demais.

— Por isso também — concorda Griffin. — Mas, na máquina, todos os ângulos ficam confusos.

— Ah, então você vai colocar a culpa do seu fracasso iminente na matemática?

— Com certeza.

Logo à frente, uma placa de madeira antiga anuncia o Hal's Bar e Restaurante. Há poucos carros no estacionamento.

Lá dentro está tão escuro que nossos olhos levam alguns segundos para se acostumarem. O barman dá uma olhada rápida quando entramos, e só. Ninguém está nem aí. O Hal's é um estranho híbrido de restaurante familiar, fliperama e bar. Nos fins de semana, o lugar fica lotado de meninos e meninas loucos para resgatar prêmios insignificantes com seus tíquetes. Mas, durante a semana, ele passa uma sensação de abandono — os clientes de sempre debruçados em silêncio no balcão, dando pequenos goles em suas bebidas e assistindo a jogos de beisebol em uma televisão velha no canto.

Passamos pelo bar e entramos no salão dos fundos, que está cheio de máquinas de fliperama pesadas e enormes como Pac Man, pinball e air hockey, além de um desses tanques gigantescos cheios de bichos de pelúcia para serem pegos com inúteis garras de metal. O lugar está silencioso, empoeirado e totalmente vazio, o que não é tão surpreendente para uma tarde de quarta-feira no meio do verão. Ninguém escolheria passar um dia lindo de sol na penumbra de um fliperama. A não ser, ao que parecia, Griffin e eu.

— Fichas — digo, e vamos até a máquina.

Insiro algumas notas e as fichas caem, tilintando na bandeja de metal. Griffin está atrás de mim, esperando enquanto pego as fichas, e meu coração acelera. Algo na quietude deste lugar — que foi feito para estar cheio de gente, de luzes e de barulho — me dá a impressão de que saímos do mundo real.

— Ei — diz ele, baixinho.

Eu me viro, com as mãos recheadas.

— Sim?

Na luz embaçada que entra pela janela, os olhos de Griffin ficam muito, muito azuis, e a pequena cicatriz embaixo do olho esquerdo está mais evidente.

— Eu só... — começa ele, mas para.

Há um jogo do Cubs, um dos times de beisebol de Chicago, passando na TV na sala ao lado, e o som distante dos aplausos parece ao mesmo tempo crescer e sumir na quietude do fliperama. Griffin estende a mão e, por um segundo, acho que vai pegar a minha. Mas então nós dois olhamos para baixo, e percebo que ainda estou segurando uma pilha de fichas. Em vez de pegar minha mão, Griffin pesca uma moeda. Ele a joga para cima com o polegar, e ela

aterriça na mão dele num movimento perfeito.

— Coroa — diz ele, distraído.

— Quais são as probabilidades? — brinco, a voz um pouco hesitante, e Griffin me olha de um jeito engraçado.

— Cinquenta-cinquenta — responde ele, e se encaminha para a máquina de arremesso.

O momento se perde de vez. É sempre assim com Griffin: qualquer progresso em nossa relação tende a evaporar completamente em questão de segundos. Não importa quanto eu ache que estamos em sintonia, não importa quanto eu tente, nunca dá em nada. Sempre preciso começar tudo de novo em uma próxima vez.

Eu o sigo até a máquina, na qual dois pequenos aros estão presos lado a lado, com uma rede que desce na direção dos dois jogadores; assim, toda vez que arremessamos, a bola volta rolando em nossa direção, um estoque infinito que só é interrompido quando o tempo acaba e a campanha soa.

Griffin já está arregaçando as mangas. Ele pega uma das bolas, que tem cerca de dois terços do tamanho de uma bola normal de basquete e cabe com facilidade na palma da mão dele.

— Essas são bem leves — diz, enquanto examina a bola.

— Sabe quem ia adorar essas bolas? — pergunto, pegando uma também. — Noah. Você viu como ele teve dificuldade ontem? Jogamos de novo essa tarde, e as bolas comuns são muito pesadas para ele. Mas com essas, aposto que ele até conseguiria fazer uma cesta.

— E ele conseguiria quicar também — diz Griffin, batendo com a bola algumas vezes no piso de madeira.

— Talvez pudéssemos ganhar uma para ele.

Eu aponto para a vitrine no canto, que está cheia de prêmios.

Nunca liguei para aqueles prêmios. Só o dinheiro que eu ia ter que gastar com fichas para trocar por tíquetes e ganhar qualquer brinquedo ali era umas dez vezes o valor do brinquedo em si. Mas, em uma das últimas prateleiras, vejo uma pequena bola de basquete verde e branca, meio escondida por um elefante de pelúcia.

— Tem até as cores da colônia de férias.

Griffin se vira para as cestas da máquina.

— Bem, se você é tão boa quanto diz, eu poderia afirmar que há uma possibilidade de ganharmos.

— O truque — digo, me virando também — é se posicionar do jeito certo.

A máquina liga, emanando luzes piscantes e sons retumbantes, e o cronômetro no placar começa a fazer a contagem regressiva a partir de dez. Pego a primeira bola, me posiciono e preparo o arremesso. Ao meu lado, Griffin faz o mesmo, todo concentrado.

Então, a campanha soa e deixo a bola voar. Ela bate no aro, mas antes mesmo que caia na canaleta, já arremessei a segunda, que entra na rede com um sussurro delicioso, embora eu esteja empolgada demais para perceber. Arremesso de novo, e de novo, me movimentando em um ritmo constante, como se aqueles gestos estivessem gravados em minha memória muscular, um retorno às horas que passava jogando no nosso porão, antes de meu pai perder o emprego e termos que vender os brinquedos, antes de nos mudarmos para uma casa menor e, posteriormente, para um apartamento minúsculo, antes de as brigas começarem, das noites em que ficávamos acordadas até tarde, minha irmã encolhida na cama comigo, com um travesseiro

cobrindo as orelhas para não ouvir os gritos e xingamentos. Antes de tudo isso... Antes de aprendermos a fingir que estava tudo bem e que éramos felizes, antes de entendermos que sorrisos eram bons para esconder o que não queríamos dizer, e que palavras podiam ser usadas como escudo. Ali, naquele fliperama, voltei a uma época em que éramos só nós quatro no porão, as paredes de concreto ressoando com o ruído alegre de nossas risadas e nossos aplausos.

Continuo me movimentando em um ritmo cadenciado, como uma máquina, sem parar e sem enxergar nada ao meu redor, e, quando termina, mesmo depois que o relógio mostra os zeros e a campainha já parou de tocar há séculos, continuo arremessando as bolas que ainda estão à minha frente, até que todas acabam. Então, eu fico parada ali, as mãos vazias, os olhos piscando.

— Uau — diz Griffin, encarando o placar.

Eu não apenas ganhei dele, eu arrasei com ele. O placar foi 88 a 42.

— Uau — repete ele. — Você estava numa espécie de frenesi louco.

— Sim — digo, sem saber dizer se eu já tinha saído daquele estado e me perguntando se eu realmente queria sair. — Acho que estava.

Jogamos a tarde toda.

— Revanche — pede Griffin, partida após partida, e eu o venço todas as vezes.

Embora meu número de vitórias aumentasse a cada jogo, também ficava cada vez mais divertido.

— Isso é um absurdo — diz ele, rindo, depois de nosso décimo primeiro round, em que o venço por 76 a 62.

Ele se apoia na mesa de sinuca atrás da gente, balançando a cabeça.

— E você achou que eu estava só me gabando... — digo, com um sorriso.

— Você estava — retruca ele. — Só que é realmente tão boa quanto falava.

Eu me sento na mesa de sinuca ao lado dele, e fico ali, balançando as pernas.

— Isso é que é espírito esportivo.

Ele parece surpreso.

— É verdade... e é estranho. Odeio perder.

— Não me diga... — brinco, mas ele balança a cabeça.

— Não, estou falando sério. Odeio perder, de verdade. Odeio fazer coisas em que não sou bom, por isso, se gosto de alguma coisa, me dedico muito a ela, mas se não gosto, não me envolvo de jeito nenhum. Sou oito ou oitenta.

— Não me parece tão ruim ser assim.

— Mas é — diz ele, coçando a nuca. — Ninguém gosta de gente que não sabe perder.

— Você não me parece ser tão mau perdedor assim.

— Sim, bem, essa é a questão — continua ele. E se vira para me olhar, para realmente me olhar, pela primeira vez, e há algo em conseguir capturar o olhar dele que me dá a sensação de ter ganhado um prêmio. — Com você, não pareço me importar tanto por ter perdido.

A vitrine abriga uma seleção confusa de prêmios de qualidade duvidosa. Na prateleira de cima há cestas cheias de bolinhas de borracha, balas, chaveiros e anéis de plástico. Na de baixo, os prêmios mais valiosos — bichos de pelúcia e morcegos infláveis, bolas de futebol em miniatura e máquinas de chiclete —, todos caros demais e um pouco empoeirados.

Griffin e eu nos debruçamos no vidro, o ombro dele roçando o meu, fazendo meu coração bater mais forte. Quero que ele perceba isso, que se incline mais, que se vire e me olhe de novo, ou que pegue minha mão, me puxe mais para perto ou me beije... que faça qualquer coisa.

Mas ele não faz nada disso.

Griffin esfrega o vidro empoeirado com a manga da camisa. Sob a luz que entra pela janela, parece tão lindo e tão distante...

Ficamos em silêncio por muito tempo, por tempo demais, e começo a ficar ansiosa e a procurar algo para preencher o silêncio, porque é o que sempre faço. Mas me detenho e decido que agora é a vez dele, o que só me deixa mais aflita. Porque, de repente, parece muito importante o que Griffin vai dizer a seguir. De repente, parece que ele tem o poder de guiar esse talvez-quem-sabe-um-encontro para uma direção ou para outra.

Fico encarando um sapo laranja de plástico enquanto espero, e o bicho me encara de volta pelo vidro embaçado. Por favor, que ele diga alguma coisa relevante, penso. Por favor, que ele diga algo romântico.

Mas, depois de um tempo, Griffin franze a testa.

— Esses prêmios são uma enganação — diz ele, e todas as minhas esperanças vão por água abaixo. Ele aponta para a bola de basquete, que está mais no fundo. — Em que mundo aquilo vale quinhentos tíquetes?

— Talvez possamos pagar a diferença — sugiro, mas ele balança a cabeça, rejeitando a ideia.

— Eles ganham muito mais dinheiro quando temos que jogar para ganhar os brinquedos.

— É muito fofo da sua parte, Griffin. Pensar em Noah.

— Não é para o Noah — diz Griffin, os olhos ainda na vitrine. — É para mim.

— Ah... — Eu o encaro, confusa. — Ah... Eu não... Tudo bem.

— Annie — diz ele, se virando para mim e sorrindo. — Estou só brincando.

Deixo escapar uma risada de alívio.

— Desculpe. É só que você não costuma... quer dizer, você é sempre tão... acho que eu não...

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Está tentando dizer que não sou muito engraçado?

— Não — digo, então paro e reconsidero. — Bem... sim.

Griffin sorri.

— Sem problemas. Não sou mesmo.

— Mas você tem um monte de outras qualidades — acrescento, e observo enquanto ele apoia as mãos na vitrine e balança o corpo para a frente e para trás. — Você é diferente.

Algo passa pelo rosto dele, e seu maxilar fica ligeiramente tenso.

— De um jeito bom — completo, mais do que depressa. — Você não é como as outras pessoas. É legal. Não um legal fingido... realmente legal. E não é cheio de si, mesmo...

Ele me encara, curioso.

Balanço a cabeça.

— Deixa pra lá. Só estou tentando dizer que é muito bom estar com alguém que não fica fazendo joguinhos como os outros caras. Você é sincero. Talvez seja a pessoa mais sincera que já conheci.

— Annie.

— Estou falando sério — continuo, me sentindo um pouco zozona.

Não sou de fazer discursos como esse e mal consigo acreditar que estou dizendo tudo isso, mas há algo em Griffin que me faz querer contar a ele tudo o que andei pensando. E é o que faço.

— E você foi incrível com Noah, ontem. Venho tentando estabelecer algum contato com ele durante todo o verão e não consegui, então você aparece e...

— É porque tenho síndrome de Asperger.

— ...você lidou tão bem com ele, e vocês dois se entenderam... — Paro no meio da frase, sem saber se escutei direito. — O quê?

Griffin se vira para mim, embora não me olhe nos olhos.

— Tenho síndrome de Asperger. Ou... autismo, acho. Quer dizer, é assim que estão chamando agora.

Há um longo momento de silêncio, e embora esteja desesperada para preenchê-lo, não consigo pensar em nada para dizer. Preciso escolher as palavras com cuidado. Não quero falar alguma coisa idiota. Mas, no fim, tudo o que consigo soltar, baixinho, é:

— Ah.

E me arrependo no mesmo instante. A interjeição paira entre nós como um ponto final que chegou cedo demais a uma conversa que torço para estar apenas começando.

— Sim — diz Griffin, o rosto totalmente inexpressivo.

— E...

— E é por isso que ajo do jeito que ajo, suponho. — Ele enfia as mãos nos bolsos da calça. — Nem sempre sou bom em conversar. E, de vez em quando, acabo sendo sincero demais. — Griffin dá de ombros. — Por isso, às vezes é difícil no colégio, e por isso não tenho muitos amigos, e por isso não gosto de falar a respeito, e por isso...

Quando ele para de falar, mordo o lábio, esperando que continue. Nunca tinha ouvido Griffin falar tanto de uma vez, e o pensamento me ocorre rápida e subitamente, como uma peça final se encaixando em um quebra-cabeças: é por isso.

Por isso Griffin é tão quieto na escola. Por isso é tão obcecado por números e fatos. Por isso nunca parece perceber quando estou brincando. Por isso é sempre tão retraído, tão fechado. Por isso é tão difícil para ele me olhar nos olhos.

Griffin respira fundo e, quando volta a falar, é como se arrancasse as palavras direto da minha mente.

— É por isso que... — diz ele, se forçando a me encarar — ...que, bem, não tenho muitos encontros.

— Então isso é um encontro? — pergunto, sem pensar.

Griffin agora parece duplamente constrangido.

— Não — diz ele, e balança a cabeça logo depois. — Não sei.

Meu rosto fica quente. Esfrego a testa.

— Ah, sim, entendi...

— Não quis presumir...

— Não, nem eu...

Há uma breve pausa, e ficamos estudando nossos pés com grande dedicação, até que Griffin deixa escapar um suspiro.

— Eu meio que queria que fosse.

Olho para ele.

— Queria que fosse...?

— Um encontro — diz ele, bem no momento em que o barman enfia a cabeça no salão e encara a gente, com clara desconfiança.

— Está tudo bem aqui atrás? — pergunta o homem.

Não sei bem o que responder.

Griffin assente.

— Tudo bem, sim.

— Tivemos alguns roubos nos últimos tempos. — Ele aponta para a vitrine, como se estivesse cheia de diamantes, e não de pulseirinhas coloridas de borracha e ioiôs. — Então, se quiserem algum prêmio, têm que falar comigo...

Griffin e eu falamos ao mesmo tempo.

— Está tudo bem — respondo.

— Já estamos indo embora — diz ele.

— Muito bem — diz o barman, claramente satisfeito em ouvir isso. — Até a próxima.

— Claro — responde Griffin, mas não parece muito convencido.

No caminho de volta, o silêncio no carro é opressivo, e tenho a sensação de que há um modo fácil de resolver isso, se ao menos eu conseguisse encontrar as palavras certas ou fazer a pergunta certa.

Mas tenho muito medo de fazer a pergunta errada.

Uma das mãos de Griffin está no volante, e a outra está apoiada na marcha entre nós, e tudo o que eu queria era segurá-la. Mas não faço isso. Apenas observo as veias em sua mão, a unha irregular do polegar, os nós dos dedos, a curva do pulso.

Essa é minha especialidade. Algumas pessoas são boas em matemática, outras em esportes. Eu sou boa em dizer a coisa certa na hora certa. Sou a pessoa ideal para melhorar o clima depois de uma briga ou discussão, ou para fazer alguém sorrir, ou para escutar seus problemas. Consigo romper com delicadeza até o mais constrangedor dos silêncios, animar qualquer um que esteja desanimado, melhorar humores por pura determinação. Para o bem ou para o mal, sou uma excelente ouvinte, uma aliada incansável, uma defensora determinada.

Mas, neste momento, me sinto perdida.

Quero dizer “Isso não muda nada”.

Quero dizer “Não é nada de mais”.

Quero dizer “Vai ficar tudo bem”.

Mas muda. E é. E talvez não fique.

Não sei bem como começar, mas começo, depois de um pigarro:

— Escute, desculpe se eu...

Mas Griffin se inclina para a frente, liga o rádio e coloca o volume no máximo. A conversa claramente está encerrada e, embora ele esteja sentado exatamente no mesmo lugar de antes, à mesma exata distância de mim, eu posso senti-lo se retraindo, se afastando cada vez mais, até quase não conseguir mais vê-lo.

Griffin me deixa na escola, onde meu carro é o único que resta no estacionamento, sozinho sob um feixe de luz amarela. Ele para ao lado do carro, mas não desliga o motor, e fico sentada ali, em silêncio.

— Eu me diverti — digo, e, mesmo sob a luz azul do início do crepúsculo, vejo um dos cantos da boca dele se curvando. É óbvio que não acredita em mim. — De verdade — insisto. — Foi muito divertido.

Ele não responde, apenas assente com relutância.

Dou um suspiro, abro a porta e saio, mas assim que a fecho, me inclino e me apoio na janela.

— É sério. Obrigada.

Dessa vez, ele deixa escapar um grunhido, como se eu tivesse dito alguma coisa ofensiva. Então, me dou conta de que não sou eu que estou com dificuldade de lidar com aquela situação. É ele.

Griffin passa a marcha e começa a se afastar, mas corro atrás do carro.

— Ei! — grito.

Enfio a mão pela janela aberta e ele se vira para mim, surpreso, pisando no freio. Eu me abaixo novamente e o encaro com determinação. Dessa vez, ele me encara também, mas com uma espécie de olhar desafiador. Ele está me desafiando a dizer a coisa errada, e agora entendo que sempre vai ser assim, independentemente da minha reação. É como se ele estivesse rejeitando este momento há tanto tempo que é quase como se não se importasse com o desfecho. Griffin já se convenceu de como vai ser. Já decidiu como eu me sentiria em relação a tudo isso, sem me dar tempo para descobrir como eu realmente me sinto.

Mas, ao menos daquela vez, não sinto vontade de agir como outra pessoa quer que eu aja. Não tenho vontade de concordar com nada, ou de ser agradável, ou de dar um sorriso e fingir que estou feliz.

Pela primeira vez, quero ser sincera.

— Eu também achei que fosse um encontro — digo a ele, com o rosto em chamas. — Quer dizer, eu queria que fosse.

— Olha, você não precisa...

— Griffin. — Pronuncio seu nome com tanta determinação que ele me olha. É difícil distinguir a expressão em seu rosto, pois a noite está cada vez mais escura. — Não estou

falando só por falar. Não estou tentando ser educada. Gosto mesmo de você, ok?

É verdade. Não estou dizendo isso para fazê-lo se sentir melhor. Ou porque me sinto mal por ele, ou até mesmo porque ele é tão bonito que chega a me distrair de qualquer outra coisa. Estou dizendo porque é um fato. E se passo tanto tempo dizendo coisas gentis sem necessariamente acreditar nelas, por que não deveria dizê-las quando são algo em que eu acredito mesmo?

— Gostei de você desde a primeira aula de espanhol. — Ele desvia o olhar novamente, e me pergunto se estou fazendo papel de idiota. Mas continuo: — Te gostar.

Ele levanta o olhar e franze a testa.

— Me gustas.

— Obrigada, então. — Abro um sorriso, mas o rosto dele permanece impenetrável, e meu sorriso se apaga. — Olha, eu nunca soube que você tinha Asperger, e mesmo assim não consegui parar de pensar em você. Por que seria diferente agora?

— Porque é — diz ele, baixinho.

Balanço a cabeça.

— Não para mim.

— Como não seria?

— Porque gosto de você. De você. O mesmo você de que gostei o ano todo. — Dou um risinho. Algo em toda essa honestidade me deixa eufórica. Ou talvez seja apenas Griffin. — Quantas vezes você vai me fazer dizer isso?

— Não é tão fácil — diz Griffin, mas se acha que vou concordar com ele, está falando com a garota errada.

Sorrio e dou um tapa no capô do carro.

— E se for?

Então me viro e vou embora.

Assim que entro no meu carro, a tela do meu celular se ilumina com uma mensagem da minha irmã.

As letras brancas cintilantes perguntam “Encontro: sim ou não?”.

Digito: “Inconclusivo.”

Mas então, um instante depois, mudo de ideia e escrevo: “Sim.”

No dia seguinte, estou parada no meio da quadra, no centro de um redemoinho de crianças inquietas. A distância, os alunos mais velhos jogam uma partida de kickball, tudo muito organizado. Normalmente eu sentiria inveja da tranquilidade e da objetividade das atividades deles, mas hoje estou me divertindo com os mais novos, meu grupinho agitado, frenético e turbulento. A atividade era fazer desenhos com giz, embora apenas duas das crianças estejam realmente fazendo o que foi pedido. Sentadas no chão, Elan Dwyer está desenhando um

elefante com asas, e Bridget DeBerge está contornando o pé com o giz. Os outros decidiram brincar de pique e estão correndo pelo campo, com os rostos vermelhos gargalhando e exalando alegria.

A única exceção é Noah, que está entretido com uma bola de basquete.

Eu me abaixo ao lado dele, o que nos faz olhar a cesta do mesmo ângulo. Ele está suado e ofegante — o tempo está abafado e úmido —, e tem o cheirinho de todas as crianças no verão: uma mistura de filtro solar, repelente e suor. Noah segura a bola com ambas as mãos, avaliando o próximo arremesso, com os braços já cansados.

Eu me lembro da bolinha de ontem com um aperto no peito.

— Como está indo? — pergunto. Ele continua encarando a cesta, como se não tivesse me ouvido. — Sabe, o truque é deixar o corpo exatamente na direção da cesta.

— Não, não é — diz uma voz atrás de mim. — O truque é conseguir enfiar a bola na cesta.

Eu me viro e vejo Griffin parado na grama, usando a roupa de sempre e segurando a bola de basquete verde e branca da vitrine do fliperama.

— Oi — digo, olhando para a bola e depois para ele, e então para a bola de novo. — O que você está fazendo aqui?

Griffin olha para Noah, que também o encara.

— Achei que ele fosse gostar mais dessa — diz Griffin, estendendo a bola na direção de Noah.

O menino não se move, só fica olhando para Griffin pelo que parece um longo tempo. Mas, então, algo parece se acender dentro dele. Seu rosto se ilumina, e ele corre para pegar a bola.

— Como se diz? — grito, quando ele já está correndo em direção à cesta, com a bola enfiada sob o braço.

— De nada! — grita Noah, e eu dou risada.

— Chegou perto.

Griffin está a alguns metros de mim e parece nervoso e deslocado. Em meio ao frenesi de vozes altas, risadinhas e pernas se agitando ao redor, ele é como um oásis: calmo, imóvel e concentrado.

— Podemos conversar rapidinho? — pergunta ele, depois de pigarrear.

— Claro — respondo. Eu me viro e olho para Grace. Indico o canto do prédio com a cabeça e digo, só mexendo a boca: — Volto logo. — Ela assente. — Vamos — digo para Griffin.

Vamos até o muro de tijolos, onde há sombra, ar fresco e as vozes soam abafadas e distantes.

Ficamos nos encarando por um tempo, e ele se aproxima, o que nos deixa cara a cara. Dessa vez, sou a primeira a desviar o olhar, e quando faço isso percebo uma mancha de suco de maçã em minha blusa. Ergo a cabeça e me forço a fazer contato visual com Griffin, que, pela primeira vez, não hesita em me encarar também.

— Isso foi muito, muito legal da sua parte — digo, tentando organizar meus pensamentos mesmo diante do olhar franco dele. — Comprar a bola para ele.

Há a sombra de um sorriso no rosto de Griffin.

— Eu não comprei.

— O que você... — Eu o encaro, boquiaberta. — Não!

Ele assente.

— Voltei lá na noite passada, depois de ter deixado você aqui.

— Você deve ter passado horas lá.

— Passei.

— E precisado de muitas fichas.

— Muitas.

— Nossa, obrigada. Quer dizer, não tenho ideia de como você conseguiu fazer isso, levando em consideração seus talentos na máquina de arremesso, mas...

— Preciso dizer uma coisa para você — interrompe Griffin, parecendo arrependido assim que as palavras saem de sua boca. — Desculpa, não queria ter cortado você... Viu só? Era disso que eu estava falando. Por isso não tenho muitos amigos. Eu interrompo as pessoas toda hora. E nem sempre dou a atenção que deveria a elas. Uma vez, esqueci minha avó em uma loja de departamentos porque estava ocupado lendo sobre micologia no celular.

— E o que seria micologia?

— O estudo dos fungos.

Estreito os olhos para ele.

— E o que isso tem a ver com a sua avó?

— Não tem a ver — diz Griffin, com impaciência. — Mas estava tão envolvido com o texto quando me levantei para sair que esqueci completamente que ela estava lá comigo.

— Ah.

— Estou trabalhando nisso. Mas há muita coisa em que preciso trabalhar, e tem sido assim minha vida toda. Nem sempre escuto. E passo tempo demais falando sobre alguns assuntos.

— Como micologia?

— É fascinante — diz ele, de um jeito tão enfático que é difícil não sorrir. — E nem sempre consigo perceber se as pessoas estão aborrecidas com alguma coisa. Então, se ficar chateada comigo, vai ter que me dizer. Porque eu provavelmente não vou perguntar. Tenho dificuldade em olhar as pessoas nos olhos.

— Tudo bem — digo, com um sorriso encorajador. — Mas você está fazendo isso agora.

— Eu sei, mas é difícil. É como tentar controlar um espirro ou coisa parecida. — Ele desvia o olhar, arqueia as sobrancelhas, pisca com força e então volta a me encarar. — Não que eu não goste dos seus olhos, porque eu gosto. São muito bonitos. — Griffin está ofegante, balançando o corpo para a frente e para trás, e volta a falar, agora mais rápido: — E sou sincero demais. Embora você tenha dito que gosta disso, com o tempo...

— Griffin.

— Sim?

— Era isso o que você queria me dizer?

Ele me encara, confuso.

— Você falou que precisava me dizer uma coisa...

— Ah, sim — diz ele, dando um passo rápido à frente. — Só isso.

Acontece tão rápido que não tenho tempo nem de ficar surpresa. De repente, Griffin está me beijando, um beijo suave, hesitante e rápido demais. Ele se afasta quase no mesmo instante e me encara, piscando muito.

— Não sei se isso foi legal...

Antes que ele termine a frase, seguro sua camisa e o puxo para perto. Dessa vez, sou eu que

o beijo. Por uma fração de segundo, o corpo de Griffin fica tenso, mas tão rápido quanto, ele relaxa e... É como se esquecesse que há alguma razão para se sentir inseguro, como se já tivéssemos feito isso um milhão de vezes. Griffin me envolve em seus braços, o espaço entre nós desaparece e o resto do mundo se torna um borrão distante. De repente, ele é só um garoto de quem eu gosto muito, muito mesmo. E eu sou só uma garota que ele finalmente tomou coragem para beijar. Ainda há mil maneiras de tudo isso dar errado. Mas há mil maneiras diferentes de dar certo também. E, por um momento, nada disso importa. Somos só ele e eu. Eu e ele. Nós dois.

Até não ser mais.

Ao ouvir o som de risadinhas agudas, eu me afasto de Griffin. Por um segundo, fico parada onde estou, paralisada, com medo de me virar. Ele pisca para mim algumas vezes, com um sorriso preguiçoso, mas então também se dá conta do que está acontecendo à nossa volta.

— Ops — diz Griffin, com um sorriso envergonhado, e cubro o rosto com as mãos.

— Que nojo — diz Nikko Heyward, dando risada.

— Eca — concorda Jack Doyle.

— Nojento — diz Henry Sorenson.

Atrás deles, Noah também está nos encarando. A bola que Griffin deu a ele está enfiada embaixo do braço. Com uma expressão sonhadora, ele estende a bola e pergunta:

— Caballo?

Griffin sorri.

— Agora mesmo — diz Griffin.

Então ele bate palmas e começa a correr até a quadra de basquete. Noah e as outras crianças o seguem.

— Vamos a jugar!

Fico parada observando a cena, observando Griffin fazendo um high-five com Noah, esperando pacientemente que os outros os alcancem, se virando para mim e sorrindo, fazendo faíscas elétricas percorrerem meu corpo.

E penso: é por isso.

Quando eles chegam à quadra — no momento em que Noah arremessa a bola, e ela bate no aro, e ele pula feito um louco, feliz como se tivesse feito a cesta vencedora —, Griffin se vira, vagamente assustado, e corre até mim.

— Quase me esqueci de uma coisa — diz ele.

Então, ele estende a mão, e eu faço o mesmo.

O MAPA DAS PEQUENAS COISAS PERFEITAS

LEV GROSSMAN

Era 4 de agosto, e acho que já fazia um tempo. Para ser sincero, não reparei de primeira. A vida já estava me servindo aqueles longos e ensopados dias de verão, um após o outro, cada um praticamente idêntico ao anterior... provavelmente uma pessoa mais atenta e observadora teria reparado antes.

O que posso dizer? Era verão. Estava calor. Enfim, a questão é: o tempo tinha parado.

Bem, não tinha exatamente parado, mas estava preso em um *loop* temporal.

Por favor, acredite em mim quando digo que isso não é uma metáfora. Não estou tentando dizer que estava entediado e que parecia que o verão não ia acabar nunca ou coisa do tipo. O que quero dizer é que, nas férias de verão, logo após o primeiro ano do ensino médio, o calendário chegou até 4 de agosto e desistiu. Literalmente, cada dia depois disso era 4 de agosto. Eu ia para a cama na noite de 4 de agosto e acordava na manhã de 4 de agosto.

A corrente havia se soltado da roda cósmica. O grande iTunes dos céus estava travado no Repeat.

Em matéria de circunstâncias sobrenaturais, essa nem era tão original, já que a mesma coisa aconteceu com Bill Murray em *Feitiço do tempo*. Inclusive, uma das primeiras coisas que fiz foi assistir ao filme umas oito vezes, e, embora tenha gostado da abordagem sarcástica porém tocante dos desafios emocionais do amor romântico, preciso dizer: ele deixa muito a desejar em termos de guia prático de como sair desse marasmo cronológico.

E, sim, também assisti a *No limite do amanhã*. Então, se eu encontrasse um mimetizador Ômega, acredite, saberia o que fazer. Mas isso nunca aconteceu.

Uma grande diferença entre o meu caso e o do *Feitiço do tempo* era que, ao contrário de Bill Murray, eu não ligava muito para a situação, pelo menos não no começo. Não estava morrendo de frio. Não precisava trabalhar. Gosto de ficar sozinho, então aproveitei a oportunidade para ler muitos livros e jogar uma dose absurda de videogame.

O único lado realmente ruim era que mais ninguém sabia o que estava acontecendo, então eu não tinha com quem conversar sobre o assunto. Todo mundo ao meu redor pensava estar vivendo esse dia pela primeira vez. Eu tinha que me esforçar muito para fingir não saber o que estava por vir e me fazer de surpreso quando as coisas aconteciam.

E tinha o calor fervilhante. Sério, era como se todo o ar do mundo tivesse sido substituído por um xarope viscoso, quente e transparente. Em geral minha camisa já estava completamente encharcada logo depois do café da manhã. Estávamos em Lexington, Massachusetts, aliás, onde eu não só estava preso no tempo como também no espaço, já que meus pais não quiseram continuar pagando o acampamento de verão, e meu trabalho temporário na empresa de

contabilidade da minha mãe só começaria na semana seguinte. Então, antes de tudo acontecer, só me restava matar um pouco de tempo.

Só que, por mais que eu matasse o tempo, ele se recusava a continuar morto. Saía da tumba e vagava por aí. Era como um tempo zumbi.

Lexington é um subúrbio de Boston, portanto, é certo encontrar asfalto cinza lisinho, gramados verdes, pinheiros, falsas mansões coloniais e algumas lojas bonitas e arrumadinhas no centro da cidade. Ah, e também alguns marcos históricos. Lexington desempenhou um papel memorável na Guerra de Independência, ainda que irrelevante do ponto de vista tático, então há muita autenticidade histórica na região, como indicado por todos os milhares de placas com informações superúteis.

Depois da primeira semana de repetição, eu consegui definir uma rotina satisfatória. Pela manhã, dormia até minha mãe sair para trabalhar. Ela levava minha impressionante porém um pouco perturbadoramente atlética irmã mais nova na aula de futebol, e eu ficava com a casa só para mim. Comia cereal Cheerios sabor mel e nozes no café da manhã — seria de se esperar que essa refeição logo se tornasse enjoativa, mas, na verdade, a cada dia eu gostava ainda mais dela. Há certas sutilezas no sabor mel e nozes. São muitas camadas a desvendar.

Aprendi o momento certo de ir embora. Inventava desculpas para sair de casa entre 17h17 e 18h03, quando minha irmã praticava aquela parte mais rápida e complicada do terceiro movimento do *Concerto para violino em Lá Maior* de Vivaldi dezessete vezes seguidas. Em geral eu caía fora depois do jantar, enquanto meus pais (eles se divorciaram uns dois anos antes, mas meu pai estava lá em casa por algum motivo, provavelmente para falar de dinheiro) discutiam um pouco mais exaltados do que o normal se minha mãe devia ou não levar o carro ao mecânico, porque o silencioso estava chacoalhando toda vez que ela passava por um quebra-molas.

Isso era bom porque colocava as coisas em perspectiva. Dica: não desperdice a vida sentindo raiva de coisas idiotas.

Quanto ao resto do dia, minhas opções para me ocupar por toda a eternidade consistiam em: (a) ir à biblioteca ou (b) ir à piscina.

Em geral eu escolhia a opção (a). A biblioteca era provavelmente o lugar em Lexington onde eu mais me sentia em casa, e isso contando com a minha própria casa. A biblioteca era silenciosa. Tinha ar-condicionado. Era calma. Os livros não praticavam violino. Não brigavam por causa de silenciosos.

Além disso, tinham um cheiro maravilhoso. É por isso que não sou um grande fã da gloriosa revolução dos e-books. Eles não têm cheiro de nada.

Como tinha uma quantidade infinita de tempo à disposição, pude pensar grande, e foi o que fiz: resolvi ler as seções inteiras de fantasia e ficção científica, livro por livro, em ordem alfabética. Na época, era a minha definição de felicidade. (Essa definição estava prestes a mudar radicalmente, mas não vamos nos precipitar.) No ponto em que a história começa já era 4 de agosto há mais ou menos um mês, acho, e eu estava lendo *Planolândia*, escrito por um cara chamado Edwin Abbot Abbot — juro.

Planolândia foi publicado em 1884 e narra as aventuras de um quadrado e uma esfera. A ideia é que o quadrado é uma forma plana, bidimensional, e a esfera é redonda, tridimensional, então quando eles se conhecem a esfera precisa explicar a esse quadrado plano o que é a

terceira dimensão. Como é ter altura, e não só comprimento e largura. A vida inteira, o quadrado viveu em um plano e nunca olhou para cima. Agora, quando o faz pela primeira vez, isso muda sua vida quadrada.

Então a esfera e o quadrado botam o pé na estrada e visitam o mundo unidimensional, onde todos são uma linha quase infinitesimalmente fina, e então o mundo zero-dimensional, habitado apenas por um ponto infinitesimalmente pequeno que fica cantando sozinho para si mesmo. Ele não faz ideia de que existe algo ou alguém além dele.

Depois, tentam entender como seria a quarta dimensão, mas nesse ponto meu cérebro simplesmente desistiu e eu resolvi ir para a piscina.

Talvez aqui você tenha vontade de dizer: “Ei, cara.” (É Mark.) “Tá bem, Mark. Se o mesmo dia está se repetindo sem parar, se cada manhã volta ao início, exatamente do jeito que estava antes, você poderia fazer o que quiser, não? Quer dizer, você poderia ir à biblioteca, mas também poderia ir à biblioteca *pelado* e não faria diferença, pois tudo seria apagado no dia seguinte, como aquele quadro de brinquedo, Traço Mágico. Você poderia, sei lá, assaltar um banco ou pegar um trem de carga ou dizer a todo mundo o que realmente pensa. Poderia fazer *qualquer coisa que quisesse*.”

Pois é. Em teoria, isso é verdade. Mas, para ser sincero, num calor desses, quem é que tem disposição para isso tudo? Eu só queria ficar sentado no ar-condicionado lendo meus livros.

Além disso, sempre havia a ínfima chance de que dessa vez não fosse funcionar, de que o feitiço sumisse tão súbita e misteriosamente quanto aparecera, e eu acordaria no dia 5 de agosto e teria que enfrentar as consequências de qualquer que fosse a loucura da véspera.

Quer dizer... pela primeira vez na vida, eu estava vivendo sem consequências. Mas é impossível evitar as consequências para sempre.

Como eu ia dizendo, fui à piscina. Isso é importante, porque foi onde conheci Margaret, e isso é importante porque, depois que a conheci, tudo mudou.

A piscina da nossa vizinhança se chama Paint Rock. Tem uma mais comprida para quem quer praticar natação, uma para as crianças e até um tobogã que às vezes funciona, além de um monte de espreguiçadeiras em que os pais ficam deitados tomando sol feito morsas encalhadas. A piscina foi construída com um concreto velho incrivelmente áspero. Sem brincadeira, se você cair e se ralar nele, vai acabar em carne viva.

É sério. Cresci na região e já me ralei várias vezes. Ele esfolia você.

O complexo inteiro é sombreado por pinheiros imensos, ou seja, a piscina fica cheia de agulhas de pinheiro e aquele pólen amarelo finíssimo, o que, se você parar para pensar, são os pinheiros fazendo sexo. Tento evitar esse assunto.

Reparei em Margaret porque ela estava fora do lugar.

Quer dizer, primeiro reparei nela porque sua aparência era única. A maioria das pessoas que frequentam a piscina mora na vizinhança, mas nunca a tinha visto antes. Ela era alta, tão alta quanto eu — talvez com 1,78 metro —, magra e muito pálida, com um pescoço elegante, rosto redondo pequeno e cabelo preto despenteado. Não era bonita de um jeito convencional; acho que você não veria alguém feito ela na TV ou em um filme. Mas sabe aquele tipo de pessoa —

que é diferente para todo mundo — que, quando você vê, seus olhos grudam nela, você não consegue parar de olhar, e fica dez vezes mais desperto do que estava antes, e é como se você fosse uma corda de harpa que alguém tivesse tocado?

Para mim, Margaret era esse tipo de pessoa.

E também havia outra coisa que me chamava a atenção: ela estava fora do lugar.

A regra número um do *loop* temporal era que todo mundo fazia tudo igual, todos os dias, a não ser que eu interagisse com eles e afetasse seu comportamento. Todos faziam as mesmas escolhas e diziam e faziam as mesmas coisas. Isso também valia para objetos inanimados: cada bola quicava igual, cada gota d'água espirrava no mesmo ponto, cada cara ou coroa dava o mesmo resultado. Isso provavelmente quebrava alguma lei fundamental de aleatoriedade quântica, mas contra fatos não há argumentos.

Então, sempre que eu aparecia na piscina às duas da tarde, tinha certeza de que encontraria todo mundo nos mesmos lugares, fazendo as mesmas coisas. De certo modo, era tranquilizador. Não havia surpresas. Na verdade, isso até me fazia sentir poderoso. Eu conseguia prever o futuro, literalmente. *Eu, deus imperador do reino de 4 de Agosto, sabia exatamente o que cada um estava prestes a fazer!*

Então era por isso que eu teria reparado em Margaret de qualquer jeito, mesmo que ela não fosse Margaret: ela nunca estivera ali antes. Era um elemento novo. Na verdade, da primeira vez que a vi, mal pude acreditar. Pensei que talvez alguma atitude minha naquele dia houvesse causado uma espécie de efeito borboleta que tivesse feito essa pessoa ir à piscina pela primeira vez, mas não sabia o que poderia ter sido. Não conseguia decidir se deveria falar com ela ou não. Quando finalmente me decidi, era tarde demais e ela já tinha ido embora. Não estava lá no dia seguinte. Nem no outro.

Depois de um tempo, deixei pra lá. Tinha a minha própria vida para viver. Coisas a fazer. Muito sorvete para tomar sem engordar. Também achava que, com um tempo infinito ao meu dispor, talvez eu pudesse encontrar a cura para o câncer, embora depois de alguns dias tenha concluído que eu não tinha recursos suficientes para curar o câncer, mesmo com tempo infinito.

Além do mais, não sou inteligente o suficiente, longe disso. E sempre poderia voltar a esse plano mais tarde.

Mas, quando vi Margaret outra vez, eu estava decidido a não perder aquela chance. A essa altura, já tinha visto o mesmo dia se desenrolar na piscina umas vinte vezes, e já estava ficando meio chato. Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades. Estava pronto para algo inesperado. Não sou muito bom em falar com garotas lindas e desconhecidas, mas isso parecia importante.

Além disso, se eu falasse alguma coisa idiota, no dia seguinte ela teria esquecido.

Em um primeiro momento, fiquei só observando. Um dos acontecimentos imutáveis de 4 de agosto na piscina era que às 14h37 o menino que jogava uma bola de tênis para o amigo acabava exagerando na força e isolava a bola, que caía na cerca na parte de trás da piscina, o que significava que ela não poderia ser recuperada, pois atrás da cerca ficava uma sarjeta íngreme e cheia de pedras, e, atrás dela, a estrada 128. Nada que passasse daquela cerca poderia ser recuperado.

Mas não hoje, pois lá veio Margaret — andando com a maior naturalidade do mundo —, de

biquíni, short jeans e chapéu de palha, e, quando o menino jogou a bola, ela ficou na ponta dos pés — expondo a axila ainda mais pálida — e a pegou com seu longo braço magricela. Ela nem olhou para a bola, apenas abaixou o braço, jogou-a na piscina e continuou andando.

Era quase como se ela soubesse o que estava prestes a acontecer. O garoto ficou olhando para ela.

— Obrigado e volte sempre! — agradeceu, em uma imitação surpreendentemente boa de Apu, dos *Simpsons*.

Vi os lábios dela se moverem enquanto ela andava. Ela disse as mesmas palavras — “Obrigado, volte sempre” —, ao mesmo tempo que ele. Era como se estivesse lendo o mesmo roteiro. Ela se deixou cair em uma espreguiçadeira e a reclinou até deitar o máximo, então mudou de ideia e voltou um pouquinho. Fui até ela e me sentei na espreguiçadeira ao seu lado. Porque sou desses.

— Oi.

Ela virou a cabeça, erguendo a mão para proteger os olhos do sol. De perto ela era ainda mais bonita, com algumas sardas na parte superior do nariz, e a sensação de ser a corda de uma harpa era ainda maior.

— Oi?

— Oi. Eu sou o Mark.

— Ok...

Ela falou como se estivesse aceitando um argumento: sim, realmente, seu nome pode ser Mark.

— Olha, não sei bem como dizer isso, mas... por acaso você está presa em uma anomalia temporal? Neste exato momento? Como se tivesse algo errado com o tempo?

— Eu sei o que é anomalia temporal.

O sol brilhava na água da piscina. As pessoas gritavam.

— O que eu quis dizer...

— Eu entendi. Sim, também está acontecendo comigo. A coisa dos dias que se repetem. Do dia.

— Ah. Meu Deus! — Fui inundado pelo alívio. Foi inesperado. Me recostei na espreguiçadeira e fechei os olhos por um momento. Acho até que ri. — Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus.

Acho que até aquele momento não tinha nem registrado completamente como aquilo tudo estava me tirando do sério, como me sentia sozinho. Quer dizer, estava me divertindo bastante, mas começava a temer ficar preso para sempre no dia 4 de agosto sem que ninguém além de mim soubesse a verdade. Ninguém acreditaria se eu contasse. Agora, pelo menos alguém mais sabia.

Se bem que ela não parecia tão empolgada quanto eu. Estava até um pouco blasé, na verdade.

Eu me sentei de novo.

— Eu sou o Mark — repeti, esquecendo que já tinha me apresentado.

— Margaret.

Até apertei sua mão.

— Que doideira, né? Quer dizer, no começo nem acreditei. Você consegue acreditar? —

Não conseguia parar de tagarelar. — Que surreal, não é? É como se fosse mágica! Não faz o menor sentido!

Respirei fundo.

— Você já encontrou mais alguém que sabe? — perguntei.

— Não.

— Faz alguma ideia de por que isso está acontecendo?

— Como é que eu vou saber?

— Sei lá! Sei lá! Desculpa, eu ainda estou meio atordoado. Estou tão, tão feliz que você também esteja passando por isso. Assim, não que eu esteja feliz por você estar presa no tempo, mas é que eu achava que era o único! Foi mal. Ainda preciso me acostumar. — Respirei fundo.

— E aí, o que você tem feito esse tempo todo? Além de ir à piscina?

— Tenho visto filmes. E estou aprendendo a dirigir. Não tem problema eu amassar o carro, já que ele vai estar inteirinho no dia seguinte.

Era difícil interpretar o que ela sentia. Era estranho. Tudo bem, eu estava meio histérico, mas ela estava no outro extremo. Estranhamente calma. Era quase como se ela estivesse esperando por mim.

— E você amassou? O carro?

— Amassei. E a caixa de correio também. Ainda sou péssima em dar a ré. Minha mãe ficou furiosa, mas então o universo inteiro foi zerado à noite e ela esqueceu. E você?

— Tenho lido muito.

Contei a ela sobre meu plano de leitura. E sobre curar o câncer.

— Nossa, isso nem passou pela minha cabeça. Acho que eu estava pensando pequeno.

— Não progredi muito na cura do câncer.

— Ah, mesmo assim. Pelo menos você tentou.

— Talvez eu devesse ser menos ambicioso e tentar curar pé de atleta ou algo do tipo.

— Ou conjuntivite.

— Ah, agora sim.

Ficamos sentados em silêncio. Ali estávamos nós, o último garoto e a última garota da Terra, e eu não conseguia pensar em nada para dizer. Ficava me distraindo com suas longas pernas naquele short jeans. As unhas da mão estavam intocadas, mas ela pintara as do pé de preto.

— Você é nova por aqui, certo? Acabou de se mudar ou coisa assim?

— Faz uns dois meses. Estamos numa vizinhança nova em Tidd Road, do outro lado da estrada. Acho que teoricamente nem podemos frequentar a piscina, mas meu pai deu um jeito. Olha, preciso ir.

Ela se levantou. Eu fiz o mesmo. Isso era algo que logo aprenderia sobre Margaret: mesmo com tempo infinito disponível, ela sempre precisava ir embora.

— Posso pegar seu telefone? — perguntei. — Eu sei que você não me conhece, mas acho que a gente devia manter contato. Talvez para tentar entender o que está havendo. Talvez isso passe sozinho, mas talvez não.

Ela pensou no assunto.

— Ok. Me dá o seu número.

Obedeci. Ela me mandou uma mensagem para que eu salvasse o número dela também. A

mensagem dizia: *sou eu*.

Levei alguns dias para falar com Margaret. Ela parecia ser o tipo de pessoa que gostava de espaço, e também não devia estar lá muito animada com a possibilidade de passar a eternidade com um pateta feito eu. Não sou um desses nerds que se odeiam nem nada do tipo. Estou bem com a minha posição no universo social. Mas entendo que nem todo mundo me acharia a companhia perfeita para curtir o infinito.

Aguntei até as quatro da tarde do quinto dia d.M. (depois de Margaret).

Era geralmente nesse horário que a repetitividade do mundo começava a me cansar. Na biblioteca, assisti ao mesmo velho caminhar a passos lentos com seu andador até o balcão principal. Ouvi o mesmo funcionário passar com o carrinho barulhento. A mesma mulher com rinite alérgica espirrar descontroladamente enquanto tentava discutir por causa de uma multa por atraso. A mesma criança de quatro anos fazer malcriação e ser arrastada para fora.

O problema era que tudo começava a parecer menos e menos real. A repetição sem fim estava sugando o aspecto real dos acontecimentos. As coisas se tornavam menos importantes. Era divertido fazer o que quisesse o tempo inteiro, sem responsabilidades, mas a verdade era que as pessoas ao meu redor estavam começando a se parecer menos com pessoas de verdade, com pensamentos e sentimentos reais, como eu sabia que eram, e mais com robôs super-realistas.

Então, mandei uma mensagem para Margaret.

Oi, é o Mark. Como vão as coisas?

Passaram-se uns cinco minutos até ela me responder. Eu já tinha voltado a ler *O restaurante no fim do universo*, de Douglas Adams.

Nada mal.

Está ficando perigosamente chato por aqui. Você tá na piscina?

Estava dirigindo. Subi na calçada. Bati em outra caixa de correio.

Eita. Ainda bem que o tempo tá bugado.

Ainda bem.

Achei a breve troca de mensagens satisfatória e já estava pronto para retomar a leitura, mas depois de um minuto surgiram os três pontinhos que indicavam que ela estava digitando de novo.

Tá na biblioteca?

Estou.

Vou praí. 10 min

Não preciso nem dizer que esse desfecho superou muito as minhas expectativas. Esperei por ela nos degraus do lado de fora. Ela chegou em uma perua prata da Volkswagen com um risco laranja na porta do carona.

Fiquei tão feliz em vê-la que tive vontade de abraçá-la. Esse sentimento me pegou de surpresa de novo. Era um alívio tão grande não precisar mais fingir — fingir não saber o que estava prestes a acontecer, que nada daquilo acontecera antes, que eu não estava me agarrando precariamente à ideia de que as coisas ainda tinham importância. Acho que se apaixonar deve ser um pouco assim. Você descobre aquela pessoa que entende o que ninguém mais parece entender: que o mundo é uma droga e não pode ser consertado. Você pode parar de fingir, pelo menos por um tempinho. Vocês dois podem admitir a verdade, ainda que só um para o outro.

Ou talvez não seja sempre assim. Não sei. Só fiz isso uma vez. Margaret saiu do carro e se sentou ao meu lado.

— Oi.

— Oi — respondi.

— E aí, leu algum livro legal ultimamente?

— Na verdade li, mas espera um segundo. Olha só isso.

A confusão acontecia todos os dias, naquele mesmo lugar. Eu já tinha assistido àquilo umas cinco vezes. Um cara distraído ao telefone e outro cara também no celular, passeando com seu cachorro salsicha. A coleira se enrosca no tornozelo do primeiro cara, que sacode os braços e dá vários pulinhos para não cair, o que faz com que ele se embole ainda mais na coleira. O cachorro vai à loucura.

Tudo transcorreu perfeitamente, como sempre. Margaret riu. Foi a primeira vez que a vi rir.

— Ele caiu alguma vez?

— Não que eu tenha visto. Em uma das vezes tentei alertá-lo, gritei algo tipo “Cuidado! Salsicha! Na sua frente!”, e o cara me olhou todo “Ah, claro que eu vi esse cara vindo com o cachorro dele. Isso nunca aconteceria, *nunquinha, jamais*”. Então agora eu deixo rolar. Além do mais, acho que o cachorro gosta.

Ficamos observando o trânsito.

— Quer dar uma volta de carro? — ofereceu ela.

— Não sei. — Banquei o difícil. Porque sou desses. — Você não faz uma volta de carro parecer o passatempo mais seguro do mundo.

— O que posso dizer? A vida é cheia de surpresas. — Margaret já estava andando em direção ao carro. — Quer dizer, não as nossas vidas. Mas a vida em geral.

Entramos na perua. Tinha o mesmo cheiro de Margaret, só que ainda mais forte. Passamos por várias lojas antigas no centro de Lexington.

— Enfim, se nós morrermos em um acidente horrível, provavelmente vamos reencarnar amanhã.

— Provavelmente. Mas esse “provavelmente” me preocupa.

— Na verdade, estive pensando nisso, e tenho certeza de que nós voltariamos. As outras

peças voltam. Quer dizer, pense em quantas pessoas morrem no mundo todos os dias. Se elas não voltassem, haveria um monte de mortos pela manhã quando o mundo recomeçasse. Ou então essas pessoas desapareceriam, seriam arrebatadas ou algo assim. De qualquer forma, alguém teria notado a esta altura. Portanto, elas devem ressuscitar.

— E aí morrem de novo. Caramba, as pessoas devem estar morrendo várias vezes, de novo e de novo. Quantas devem ser?

— Cento e cinquenta mil — respondeu ela. — Eu pesquisei. Esse é o número de pessoas que morrem a cada dia, em média.

Tentei imaginá-las. Mil pessoas em fila, andando até cair de um penhasco. E então cento e cinquenta filas.

— Meu Deus, imagina se você sofre uma morte bem dolorosa — falei. — Ou só tem um dia péssimo, que passa doente ou sofrendo. Ou se você é demitido. Ou se leva um pé na bunda. Você levaria um pé na bunda várias vezes. Deve ser horrível. Sério, a gente precisa dar um jeito nisso.

Ela não parecia muito interessada em seguir essa linha de raciocínio. Na verdade, pareceu indiferente às minhas palavras, e foi quando me ocorreu pela primeira vez que o dia 4 de agosto podia não ser tão simples para ela quanto foi para mim.

— Foi mal, esse papo ficou meio deprimente.

— É — concordou ela. — Muitas coisas boas devem estar acontecendo repetidas vezes também.

— Isso aí.

Chegamos à fronteira da cidade. Lexington não era muito grande. Margaret pegou a rampa de acesso à estrada 2.

— Aonde vamos? — perguntei.

— A nenhum lugar em especial.

Era, como sempre, uma tarde infernalmente quente, e a estrada estava tomada pelo engarrafamento da hora do rush.

— Eu ligava o rádio para ouvir música, mas enjoei de todas — contou ela.

— Fico me perguntando qual é o alcance desse *loop* temporal. Será que só Lexington está presa nele ou será que é o planeta inteiro? Ou talvez o universo inteiro? Não tinha que ser o universo inteiro? Buracos negros e quasares e exoplanetas recomeçando todo dia, e a gente aqui no meio de tudo isso? Será que somos os únicos no universo que sabem o que está havendo?

— Isso é meio egocêntrico, não acha? Provavelmente tem alguns aliens por aí que também sabem o que está havendo.

— É, provavelmente.

— Na verdade, eu estava pensando: se for só uma coisa local, talvez se a gente se afastasse o suficiente, sairíamos do campo ou zona ou sei lá o quê, e o tempo voltaria a correr.

— Acho que vale a pena tentar — falei. — Tipo, a gente entraria na perua, pisaria fundo no acelerador e veria no que vai dar?

— Eu estava pensando em pegar um avião.

— Ah, sim.

Para falar a verdade, no momento eu estava gostando tanto de passear com Margaret que

não tinha tanta certeza se queria que o tempo voltasse a funcionar logo. Ficaria feliz em repetir aqueles cinco minutos centenas de vezes. Ela saiu da estrada.

— Eu menti mais cedo. Sobre aonde estamos indo. Quero mostrar uma coisa para você.

Ela entrou em um estacionamento com chão de terra. O cascalho estalou sob as rodas. Eu sabia aonde estávamos indo: era o estacionamento do reservatório Wachusett. Meu pai sempre me levava ali quando eu era pequeno para me ensinar a pescar. Eles têm um estoque de zilhares de perca-sol. Quando entrei na adolescência, passei a sentir pena dos peixes e me recusei a voltar lá.

Margaret olhou o relógio.

— Droga. Vamos, senão a gente vai perder.

Ela começou a correr, passando por entre os pinheiros que cercavam o reservatório. Ela era rápida — pernas longas — e só a alcancei porque ela parou de repente a alguns metros da areia marrom da praia. Ela pôs a mão em meu braço. Era a primeira vez que me tocava. Eu me lembro das roupas que ela vestia: camiseta laranja desbotada até ficar cor de pêssego, com a logo de um acampamento de verão. Seus dedos estavam inesperadamente frios.

— Olha.

A água brilhava com os reflexos dourados do fim da tarde. O local estava silencioso, embora desse para ouvir o som abafado da estrada ao longe.

— Não es...

— Espera. Aí vem ele.

Ele veio. Um falcão surgiu voando, uma massa perigosa de penas escuras. Atingiu a água com força, então recuou desesperadamente por um segundo, espirrando água por todo o lado, alçou voo com um perca-sol se debatendo entre suas garras e foi embora.

A tarde quente e árida voltou a ficar quieta e silenciosa. Tudo acontecera em cerca de vinte segundos. Era o tipo de coisa que me fazia lembrar como um dia que já fora vivido cinquenta vezes ainda podia surpreendê-lo. Margaret se virou para mim.

— Que tal?

— *Que tal?* Isso foi incrível!

— Não foi? — O sorriso dela poderia ter feito o tempo parar. — Vi por acaso outro dia. Quer dizer, hoje, mas você entendeu. Em outro hoje.

— Obrigado por me mostrar. Acontece toda vez?

— Sempre na mesma hora, às 16h22. Já assisti três vezes.

— Quase faz valer a pena estar preso no tempo.

— Quase. — Então ela pensou em alguma coisa que fez seu sorriso diminuir um pouco. — Quase.

Margaret me deixou na biblioteca — minha bicicleta ainda estava lá —, e foi isso. Não a convidei para sair nem nada do tipo. Achei que já bastava ela estar presa no tempo comigo. Não era como se pudéssemos evitar um ao outro. Éramos como dois náufragos, só que, em vez de presos em uma ilha deserta, estávamos presos em um dia.

Como eu tinha uma força de vontade admirável, levei dois dias para falar com ela de novo.

Descobri mais outro. Escada nos fundos da biblioteca, a do estacionamento. 11:37:12.

Outro o quê?

Outro. Venha.

Margaret não respondeu, mas esperei por ela mesmo assim, só por via das dúvidas. Não tinha nada melhor para fazer. E ela veio, parando o carro com ares de barco no estacionamento às 11h30. Estacionou na sombra.

— O que é? — perguntou. — Outro falcão?

— Fale mais baixo, não quero que a gente estrague.

— Estrague o quê?

Aponte.

Na entrada dos fundos havia essa escada que dava para o estacionamento. Até aí tudo bem, nada de muito extraordinário, mas tinha algo de pitagórico nos degraus que fazia dela um ímã para skatistas de catorze anos. Eram como abutres se amontoando em torno de uma carcaça. Provavelmente surgiram ali naquela escada no segundo em que ela fora construída.

— É isso? Esses skatistas?

— Fique olhando.

Cada skatista esperava a sua vez e, um após o outro, fazia sua manobra, então subia de novo pela rampa para cadeira de rodas e voltava para a fila. Nunca paravam.

— Tá — comecei. — O que é possível notar nesses skatistas?

— Como assim?

Margaret não estava nem um pouco intrigada.

— O que eles têm em comum?

— Que, ironicamente, apesar de suas identidades girarem em torno do skate, eles são todos péssimos?

— Isso mesmo! A lei universal dos skatistas do mundo inteiro é que eles nunca, jamais, conseguem fazer a única manobra que estão tentando fazer. Agora fique olhando.

Um dos skatistas foi na direção dos degraus, joelhos dobrados, pulou, e seu skate saiu rolando em um ângulo aleatório, sem ele. Então foi a vez do skatista seguinte. E do próximo. E do próximo.

Olhei meu relógio. Eram 11h35.

— Só mais dois minutos. Foi mal, achei que você fosse se atrasar. Como vão as coisas?

— Nada mal.

— Como vai com o carro?

— Bem. Preciso de um novo desafio. Estou na dúvida entre aprender malabarismo ou engenharia elétrica.

— É melhor ser prática. Malabarismo é a profissão do futuro.

— Realmente, é a escolha mais sensata.

Uma skatista caiu, e poderia ter sido uma queda feia, mas ela rolou pelo chão e saiu ilesa. O seguinte amarelou antes mesmo de chegar aos degraus.

— Ok, só mais dois. — Errou. — Mais um. — Errou. — Ok, hora do show!

O skatista seguinte era um garoto gordinho com cabelo preto que parecia um segundo capacete sob seu capacete de verdade. Eu já o vira falhar em algumas manobras. Sua expressão era determinada. Avançou, equilibrou-se, firmou os pés, dobrou os joelhos, chegou aos degraus e pulou.

Seu skate girou uma vez, então aterrissou no corrimão, deslizando com perfeição. Sério, era como um jogo de videogame, ou algo no nível campeonato mundial. O garoto deslizou até o final do corrimão, uns três metros em um segundo, com os braços abertos. Da primeira vez que vi, imaginei que aquele seria o fim da história. Ele teria feito a manobra e pronto, já bastava. Seu nome seria lembrado em músicas e lendas skatistas. Mas não, não bastara. Ele queria a glória máxima: deu um giro de 360° ao sair do corrimão.

Com um nível atlético que não condizia com sua forma física e palidez, ele se lançou enquanto o skate girava loucamente sob seus pés. E então... tum! Aterrissou com os dois pés plantados no skate. E conseguiu!

Ele conseguiu! O skate se curvou tanto sob seu peso que parecia prestes a se partir, mas o garoto continuou de pé e, quando se endireitou... seu rosto! Ele não conseguia acreditar! Fez a expressão mais feliz anatomicamente que um humano é capaz de fazer.

— Meu Deus! — Ele ergueu os braços. — Meu Deus!

Os skatistas desceram as escadas correndo. Pularam em cima dele. Esse foi, e provavelmente sempre seria, o melhor momento de sua vida.

— Valeu a pena, não valeu? — perguntei.

Solene, Margaret assentiu. Ela estava me olhando de um jeito diferente. Parecia estar me notando de verdade, realmente prestando atenção em mim, pela primeira vez.

— Valeu a pena. Você tinha razão. Foi perfeito.

— Que nem o falcão.

— Que nem o falcão. Vamos lá, vamos almoçar alguma coisa cara e nada saudável.

Comemos a refeição mais engordativa que encontramos, dois cheesebúrgueres com bacon — bacon e queijo extras. Foi nesse dia que tivemos a ideia de fazer o mapa das pequenas coisas perfeitas.

Em nosso cotidiano, é difícil encontrar e apreciar coisas que não são uma droga. E isso já na vida normal, em que a cada vinte e quatro horas você tem um novo dia de material. Estávamos em uma situação mais complicada, porque tínhamos apenas o mesmo dia todos os dias, e precisávamos fazê-lo render.

Então começamos a levar o mapa a sério. O falcão e o skatista foram apenas o começo. Nosso objetivo era encontrar cada um desses belos momentos, cada pequena coisa perfeita que esse 4 de agosto tinha a oferecer. Tinha que haver mais deles, outros momentos em que apenas por alguns segundos o carvão da realidade era aleatoriamente comprimido até se transformar

em um diamante incrível. Se era para a gente se manter são, precisava encontrar cada um deles. Teríamos que minerar aquele 4 de agosto atrás de cada pedacinho de perfeição.

— Precisamos ser superobservadores — disse Margaret. — Viver no presente. Não podemos apenas estar vivos, temos que estar supervivos.

Além de estarmos supervivos, tínhamos que ser superorganizados. Compramos uma caneta-tinteiro e um grande mapa dobrável de Lexington e o abrimos em uma mesa da biblioteca. Margaret encontrou o ponto no Reservatório Wachusett e escreveu “FALCÃO 16:32:30” com a tinta roxa. No ponto marcando a escada nos fundos da biblioteca, escrevi “SKATISTA 11:37:12”.

Então nos afastamos para admirar melhor nosso trabalho. Era um começo. Éramos um time: Mark e Margaret contra o mundo.

— Você sabe que, quando o mundo recomeçar amanhã, o mapa inteiro vai ser apagado — lembrou ela.

— Vamos ter que saber de cor. Marcar os pontos de novo todos os dias.

— E como a gente vai achar as coisas perfeitas?

— Não sei — respondi. — Acho que temos que prestar atenção.

— Viver no presente.

— Só porque é clichê não quer dizer que não seja verdade.

— Talvez a gente possa trabalhar em setores — sugeriu ela. — Tipo, traçar uma grade sobre a cidade e então dividir os quadrantes entre nós dois, aí a gente observa cada setor durante o ciclo das vinte e quatro horas, para garantir que a gente não vai perder nada.

— Ou podemos andar por aí.

— Pode ser também.

— Sabe o que isso me lembra? — comentei. — Aquele mapa em *Os bandidos do tempo*.

— Não faça a menor ideia do que você está falando.

— Meu Deus! Se o universo parou só pra você poder assistir a esse filme, acho que tudo valeu a pena.

Então tentei explicar a ela o que *Planolândia* dizia sobre a quarta dimensão, mas no fim eu estava sendo um machista condescendente, porque não apenas Margaret tinha lido o livro, como também, ao contrário de mim, ela o entendera. Então me explicou:

— Nós somos tridimensionais, certo?

— Até agora entendi tudo.

— Mas pense em nossas sombras — continuou ela. — Nossas sombras são planas. Bidimensionais. Têm uma dimensão a menos que nós, assim como em um universo plano a sombra de dois seres bidimensionais seria uma linha unidimensional. As sombras sempre têm uma dimensão a menos que o objeto que as projeta.

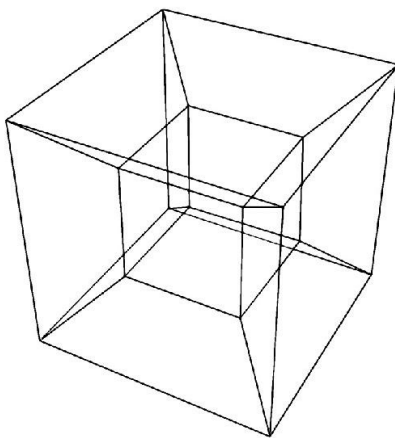
— Ainda estou entendendo. Eu acho.

— Então, para imaginar a quarta dimensão, tente pensar em algo que projetaria uma sombra tridimensional. Nós seríamos as sombras de um ser quadridimensional.

— Ah, nossa. — Minha vida quadrada, como a do quadrado do livro, estava mudada. — Achei que a quarta dimensão fosse o tempo ou coisa do tipo.

— É, isso acabou sendo só uma suposição mesmo. Eles até fizeram uma representação tridimensional de um possível cubo quadridimensional. O nome disso é hipercubo. Aqui, vou

desenhar um pra você. Mas tenha em mente que meu desenho vai ser apenas bidimensional. Aceitei a advertência. Ela fez o seguinte desenho:



Fiquei olhando o desenho por um bom tempo. Não parecia lá muito quadridimensional, mas quem era eu para julgar?

— Você acha que esse *loop* temporal foi na verdade criado por um ser superior quadridimensional com o poder de manipular o espaço-tempo tridimensional? Um ser capaz de dobrar nosso universo em um *loop* com a mesma facilidade que a gente faria uma fita de Möbius dobrando um pedaço de papel?

Ela fez um biquinho, refletindo. Estava considerando a ideia mais a sério do que deveria.

— Eu ficaria meio decepcionada se fosse isso — respondeu a si mesma. — Prefiro pensar que esse ser teria mais o que fazer.

Ela me mandou uma mensagem dois dias depois.

Esquina da Heston com a Grand, 7:27:55.

Cheguei lá às 7h20, levando café. Ela já estava esperando.

— Acordou cedo — comentei.

— Não dormi. Queria ver se alguma coisa estranha acontecia no meio da noite.

— Estranha como?

— Eu queria estar acordada quando o mundo começasse a rebobinar.

Por incrível que pareça, eu nunca tinha tentado fazer isso. Dormia como se nada estivesse acontecendo. Acho que sou uma pessoa matinal.

— E como foi?

— Muito esquisito. Todo dia tem que começar exatamente do mesmo jeito, então, se você acordou na sua cama na manhã de 4 de agosto, e imagino que tenha sido isso mesmo, a não ser que eu esteja subestimando muito você...

— Você não está me subestimando.

— Então, se você acordou em sua cama da primeira vez, tem que acordar em sua cama todas as outras vezes também, para o dia começar sempre igual. Ou seja, se você não está na cama à meia-noite, o universo põe você na cama. Eu estava sentada no chão, mexendo no celular, e de nada as luzes foram apagadas e em seguida eu estava deitada, debaixo das cobertas. É como se uma babá cósmica invisível pegasse você no colo e botasse para dormir.

— Isso é mesmo muito esquisito — falei.

— Além do mais, quando dá meia-noite, a data do seu telefone não muda.

— Pois é.

— Acho que essa parte não é tão estranha.

— Então, o que a gente está procurando aqui?

— Não quero estragar a surpresa. Acho que essa devia ser uma das regras. Você tem que ver sem spoilers.

A esquina da Heston com a Grand era bem movimentada, ou ao menos movimentada o suficiente para ter um sinal de trânsito. Era estranho ficar olhando o trânsito da hora do rush — todas aquelas pessoas indo trabalhar, tão apressadas e concentradas, com seus frappuccinos nos copos de papelão, indo fazer tudo o que já tinham feito no dia anterior, quando tudo seria desfeito à meia-noite. Indo ganhar todo aquele dinheiro que, sem saber, devolveriam durante a noite.

7h26.

— Não sei por que estou nervosa — falou Margaret. — Assim, tem que acontecer automaticamente.

— Vai acontecer. O que quer que seja.

— Ok, fique olhando quando o trânsito diminuir. Lá vamos nós.

Algum sinal deve ter mudado mais adiante, e a rua ficou vazia. Um único Prius preto veio por uma rua transversal e parou no sinal vermelho bem na nossa frente.

— É isso?

— É. Olha quem está dirigindo.

Estreitei os olhos. O motorista era estranhamente familiar.

— Peraí... Esse não é... ?

— É ele, tenho certeza.

— Como é mesmo o nome dele? Harvey Dent, de *Batman: Cavaleiro das Trevas*!

— Não — disse Margaret, paciente. — Não é o Aaron Eckhart.

— Peraí. Eu vou lembrar. — Estalei os dedos algumas vezes. — É aquele cara que é decapitado em *Game of Thrones*!

— Isso!

Era o Sean Bean. Era realmente Sean Bean, o ator. Ao perceber que tinha sido reconhecido, ele nos deu o sorriso torto e pesaroso que era sua marca registrada e acenou de leve. Então o sinal abriu e ele foi embora.

Nós ficamos olhando seu carro se afastar.

— É meio estranho vê-lo com a cabeça no lugar — comentei.

— Eu sei. Mas e aí, o que achou?

— Gostei mais dele como aquele cara que vomitou em *Ronin*.

— Eu quis dizer *o que você achou*? Vale botar no mapa?

— Ah, se vale! Vamos botar.

Voltamos para a casa dela para refazer o mapa e assistir ao filme *Os bandidos do tempo*, que ela ainda não tinha visto. Seus pais não estavam: a mãe tinha viajado a trabalho naquela manhã, e o pai estava sempre no mesmo retiro de ioga, para sempre.

Mas ela estava tão cansada depois de ter passado a noite em claro que pegou no sono no sofá logo nos primeiros cinco minutos de filme, antes mesmo de os anões aparecerem. Antes de o menininho perceber que o mundo em que vive é mágico.

Era como uma grande caça ao tesouro. Margaret achou também o seguinte: uma garotinha com uma daquelas enormes bolhas de sabão, que só dá para fazer com duas varetas e um barbante e que sempre estouram em dois segundos, só que essa foi diferente. Era enorme, mais ou menos do tamanho da garota, e voou baixinho por toda a Lexington Green, ondulando feito uma ameoba fantasmagórica esquisita, chegando cada vez mais longe, bem além do ponto em que era de se imaginar que ela iria estourar, até finalmente atravessar a calçada e encontrar seu fim em um carro estacionado.

Encontrei outro dois dias depois: uma única nuvem, sozinha no céu, que por cerca de um minuto, quando vista da esquina da Hancock com a Greene, era idêntica a um ponto de interrogação. Idêntica mesmo. Como se alguém a tivesse digitado no céu.

Cinco dias mais tarde, ela viu dois carros pararem um do lado do outro no sinal. As placas eram: 997 MAG e ICA 799. No dia seguinte encontrei um trevo de quatro folhas no campo atrás da minha escola do ensino fundamental, mas descartamos. Não era um “momento”, então não contava.

Naquela noite, porém, às oito horas, eu estava andando de bicicleta sem rumo quando vi uma mulher passando. Devia estar na casa dos trinta, meio gordinha, vestida com roupa de recepcionista de agência imobiliária. Alguém devia ter lhe mandado alguma mensagem, porque ela olhou o celular e parou de andar. Por um segundo terrível, a mulher se agachou e cobriu os olhos com uma das mãos, como se a notícia fosse um soco no estômago e ela mal conseguisse ficar de pé.

Mas então ela se endireitou, ergueu o punho e saiu correndo noite adentro, cantando a plenos pulmões “Eye of the Tiger”, a clássica música de *Rocky*. Tinha uma bela voz, aliás. Nunca descobri o que dizia a mensagem, mas não importava.

Esse momento era mais frágil. Da primeira vez que tentei mostrá-lo a Margaret, acabamos distraindo a mulher e ela nem reparou na mensagem. Da segunda vez, ela leu, mas não deve ter se sentido à vontade para cantar “Eye of the Tiger” na nossa frente. No fim, a gente teve que se esconder atrás de um arbusto para Margaret assistir ao momento completo.

Anotamos tudo. GATO NO BALANÇO DE PNEU (10:24:24), SCRABBLE (14:01:55): um cara jogando no parque formou “quixotesco” na linha que valia três pontos. GAROTINHO SORRINDO (17:11:55): ele simplesmente estava sentado sorrindo, só estando lá para entender a graça.

Não nos ocupávamos só com as coisas perfeitas. Também fazíamos outras atividades, completamente diferentes. Competíamos um com o outro: quem conseguia arrumar mais dinheiro em um dia sem tirar nada do banco? (Eu ganhei depois de vender o carro da minha

mãe nos classificados enquanto ela estava no trabalho. Foi mal, mãe!) Quem conseguia desenvolver melhor uma habilidade nova em um dia? (Também venci essa, tocando “Adeus, ano velho, feliz ano novo” muito mal no saxofone enquanto ela passou o dia inteiro tentando — e falhando, cada vez mais desesperada — aprender a andar de monociclo.) Quem conseguia aparecer na TV? (Ela ganhou ao usar a lábia para se passar pela nova estagiária da emissora local, então “acidentalmente” entrou na frente da câmera quando estavam transmitindo ao vivo. Receberam tantos e-mails de pessoas que gostaram de sua aparição que lhe ofereceram um estágio de verdade. Essa era a Margaret.)

Eu não dava a mínima para quem ganhava. Sentia muito pelo resto da humanidade, forçada a repetir o dia 4 de agosto sem parar, como robôs de um cenário, mas ficar preso com Margaret no tempo era melhor do que qualquer época de quando o tempo transcorria normalmente em minha vida. Eu era como o quadrado de *Planolândia*: finalmente tinha encontrado uma esfera, e pela primeira vez na vida eu estava olhando para cima e me dando conta de como vivemos em um mundo enorme, lindo e louco, e até então eu não fazia ideia.

E Margaret também estava se divertindo, eu sabia. Mas era diferente para ela, porque, com o passar do tempo — não exatamente, mas você entende o que eu quis dizer —, comecei a me perguntar se havia algo mais acontecendo em sua vida, alguma coisa sobre a qual ela não queria falar e eu não sabia como perguntar. Era visível nas pequenas coisas que ela fazia ou deixava de fazer. Ela estava sempre olhando o celular. Em momentos aleatórios seu olhar ficava distante e ela se distraía. Sempre ia embora um pouquinho cedo. Quando eu estava com Margaret, só pensava nela, mas a recíproca não era verdadeira. Seu mundo era mais complicado.

Enfim, nós finalmente vimos *Os bandidos do tempo*. É um bom filme, embora ela não parecesse ter gostado tanto quanto eu. Talvez fosse preciso ter visto o filme pela primeira vez quando criança. Mas ela gostou do Sean Connery.

— Parece que no roteiro estava escrito “O personagem é igualzinho ao Sean Connery, só que bem mais mambembe”. Mas aí o Sean Connery leu o roteiro, ligou para eles e disse que queria participar do projeto.

— Deve ter sido um momento perfeito. Mas não entendi por que ele volta no...

— Pare! Ninguém sabe! É um dos grandes mistérios do universo. É uma informação proibida. Não deveríamos nem estar discutindo o assunto.

Estávamos no sofá da sala de TV da casa dela, que tinha um tapete fino sobre o chão de concreto, e a parede que dava para o grande quintal era toda de vidro.

Eu passara a maior parte da última hora me aproximando dela, nanômetro por nanômetro, até inclinar ligeiramente o corpo para que nossos ombros se tocassem e estivéssemos apoiados um no outro. Era como se uma energia fria fluísse dela para mim, me acendendo por dentro. Era como se eu estivesse brilhando. Como se nós dois estivéssemos brilhando.

Acho que ninguém na história do cinema jamais apreciou um filme como eu apreciei *Os bandidos do tempo* naquela noite. Robert Ebert assistindo a *Casablanca* não tinha chegado a um décimo da minha apreciação.

— Margaret, posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Você sente saudade dos seus pais? Quer dizer, eu posso passar tempo com os meus

sempre que tenho vontade. E, de qualquer forma, passar um tempinho com os meus pais já é bastante coisa. Mas você quase nunca vê os seus. Deve ser difícil.

Ela assentiu, olhando para baixo.

— É. É meio difícil.

Seu cabelo encaracolado cobriu o rosto. Parecia uma hélice dupla de DNA, e fiquei pensando em como em algum lugar dentro daqueles fios havia pequenas moléculas encaracoladas contendo a fórmula mágica para fazer cabelo cacheado. Para fazer Margaret.

— Você quer encontrá-los? A gente pode descobrir onde eles estão. Ir até o retiro de ioga.

— Deixa pra lá. — Ela balançou a cabeça, sem olhar para mim. — Deixa pra lá. Não precisa.

— Eu sei que não precisa, só achei que...

Ela ainda não estava olhando para mim. Toquei em alguma ferida aberta que dizia respeito a algo que eu não entendia direito. Fiquei um pouco magoado por ela não querer ou não poder me dizer o que era. Mas ela não me devia explicações.

— Tudo bem, então. Só queria que você tivesse um dia melhor, só isso. Não sei quem foi que escolheu o dia de hoje, mas começo a achar que ele não tinha um bom gosto para dias.

Ela deu um meio sorriso, literalmente: metade de sua boca sorriu e a outra metade, não.

— Alguém precisa ter um dia ruim. Estou falando do ponto de vista da estatística. Ia ferrar com a Distribuição de Gauss. Só estou fazendo a minha parte.

Ela pegou minha mão e a segurou, apertando de leve. Apertei de volta, tentando manter a respiração normal enquanto meu coração explodia dentro de mim umas cem vezes. Tudo ficou quieto, e quase pensei que algo poderia ter acontecido — que esse poderia ter sido o momento —, só que estraguei tudo na mesma hora.

— Escuta — falei. — Tive uma ideia. Podemos tentar uma coisa.

— Essa ideia envolve monociclos? Porque, olha, nunca mais quero ver esses capetas de uma só roda na minha vida.

— Acho que não. — Fiquei esperando ela largar minha mão, mas isso não aconteceu. — Lembra que você já teve essa ideia, de a gente viajar o mais longe possível pra tentar sair dessa zona em *loop*? Isso se for mesmo só uma zona.

Ela não respondeu de imediato, apenas continuou olhando para o quintal, que estava ficando cada vez mais escuro no crepúsculo de verão.

— Margaret? Tudo bem?

— Lembro, lembro, sim. — Ela soltou minha mão. — É um bom plano, devíamos fazer isso. Para onde a gente devia ir?

— Não sei. Acho que não faz diferença. Imaginei que a gente podia ir direto para o aeroporto pegar o voo para mais longe que tiverem. Tóquio ou Sydney ou coisa assim. Mas tem certeza de que está tudo bem?

— Tudo, tudo ótimo.

— A gente não precisa ir. Não deve nem funcionar. Só achei que a gente devia tentar fazer alguma coisa.

— Devíamos, com certeza, devíamos mesmo. Mas não amanhã.

— Sem problema.

— O dia depois de amanhã.

— Quando você quiser.

Ela assentiu rápido três vezes, como se estivesse se decidindo.

— O dia depois de amanhã.

Não podíamos começar antes da meia-noite, por causa da babá cósmica, mas combinamos que assim que desse meia-noite nós sairíamos da cama e ela ia comprar duas passagens para Tóquio pela Turkish Airlines, saindo do aeroporto às dez para as quatro da manhã, que foi o primeiro voo para um lugar bem longe que conseguimos encontrar. Margaret teve que comprar as passagens porque, ao contrário de mim, ela tinha um cartão vinculado à conta dos pais. Prometi que lhe pagaria, caso funcionasse.

Então saí para a noite quente com cheiro de grama, para esperá-la e ser atacado por um monte de mosquitos. Não havia lua no céu. O dia 4 de agosto era um dia de lua nova. Margaret chegou com os faróis apagados.

Foi algo íntimo, estar no carro dela no meio da noite. Aliás, foi o momento em que mais me senti namorado de Margaret, e, mesmo que não fosse realmente seu namorado, foi uma sensação empolgante. Não falamos até pegarmos a estrada vazia, subindo e descendo as colinas a caminho de Boston, sob o brilho laranja indiferente e insípido dos postes.

— Se funcionar, meus pais vão achar que a gente fugiu juntos — disse ela.

— Nem pensei nisso. Deixei um bilhete para os meus pais dizendo que peguei o ônibus para Boston e ia passar o dia por lá.

— Fico imaginando meu pai dizendo várias e várias vezes que não tem problema eu estar grávida, ele entende, só quer conversar.

— Tóquio vai ser a parte mais esquisita. Tipo, de onde saiu isso?

— Vou dizer que foi ideia sua — avisou Margaret. — Que você estava cansado de ficar lendo mangás importados e resolveu ir direto à fonte.

Estávamos brincando, mas eu sabia — sabia mesmo, naquele exato momento — que estava apaixonado por Margaret. Não estava brincando. Nem um pouco. Eu teria fugido com ela para Tóquio sem precisar de motivo. Mas disse a mim mesmo que não falaria nem faria nada até o tempo voltar ao normal. Não queria que ela sentisse que estava presa. Queria que partisse dela.

E, além disso, eu estava morrendo de medo. Nunca tinha me apaixonado antes. Nunca havia exposto meu coração a nada do tipo. Por mais que quisesse ganhar, tinha muito mais medo de perder.

Enquanto olhava pela janela do carro para as árvores escuras sob o céu cinza poluído, fiquei pensando em como sentiria saudades de 4 de agosto, o nosso dia, se o plano funcionasse. O dia de Mark e Margaret. A piscina, a biblioteca, as pequenas coisas perfeitas. Talvez isso fosse loucura. Afinal, eu tinha tempo e amor. Tinha tudo e estava prestes a jogar fora, e pelo quê? Pela vida real? Para envelhecer e morrer que nem todo mundo?

Mas é, todo mundo. Todo mundo no mundo que não estava podendo viver suas vidas. Que estava sendo roubado da oportunidade de viver, todos os dias. Meu pais, levantando dia após dia, após dia, fazendo as mesmas coisas de novo e de novo. Minha irmã praticando Vivaldi sem jamais melhorar. Fazia diferença se eles não sabiam? Eu queria pensar que não, mas sabia

que sim.

E sabia que, lá no fundo, já estava cansado de viver sem consequências. Viver sem riscos, sem que nada importasse, com todas as suas feridas cicatrizando na manhã seguinte, sem deixar marcas. Precisava de algo mais. Estava pronto para voltar à vida real. Estava pronto para ir a qualquer lugar, se fosse com Margaret.

E seria bom ver a lua outra vez.

Tão tarde da noite, o aeroporto estava quase deserto. Pegamos nossos bilhetes e passamos pelo raio x. Não havia filas. Dez para as quatro da manhã é a melhor hora para se viajar. Como não tínhamos malas, foi bem rápido, então ficamos sentados perto do portão de embarque. Margaret não estava muito a fim de falar, mas apoiou a cabeça no meu ombro. Estava cansada, disse. E não gostava de aviões.

Depois de um tempo fui pegar duas Cocas Diet para a gente. Começaram o embarque. Arrastamos os pés pela ponte de embarque junto com os outros passageiros sonolentos e descabelados.

Sentamos um ao lado do outro. Margaret estava cada vez mais estranha, como se tivesse recuado para dentro de si, encarando as costas da poltrona à sua frente. Apesar de estarmos tão próximos, parecia que ela estava muito distante.

— Está preocupada com o voo? — perguntei. — Sabe, mesmo que nosso avião caia, a gente ainda tem aquela história de reencarnação. E, mesmo assim, se um avião tivesse caído no dia 4 de agosto, nós teríamos ficado sabendo.

— Vira essa boca pra lá.

— Sabe, de certa forma estou torcendo pra isso não funcionar, porque, se der certo, a gente vai ter perdido muito dinheiro. Você comprou ida e volta?

Estava tagarelando, que nem no dia em que nos conhecemos.

— Nem pensei nisso — respondeu. — Mas, pensando pelo lado bom, se funcionar a gente vai salvar o mundo.

— Pelo menos isso.

Fechei os olhos. Minhas incontáveis picadas de mosquito estavam coçando. Não tínhamos dormido muito. Gostava da ideia de dormir ao lado de Margaret.

— Mas e se... — comecei, de olhos ainda fechados — ... e se o mundo acabar em 5 de agosto? E se for isso que está acontecendo aqui? E se alguém tiver feito o tempo se repetir justamente *porque* o mundo estava prestes a ser atingido por um asteroide ou coisa do tipo, e essa pessoa tenha na verdade salvado o mundo, embora o preço a pagar seja terrível, e, quando a gente sair do *loop* temporal, acabe condenando a Terra à destruição certa?

Ela não respondeu. De qualquer jeito, era uma pergunta retórica. Quando abri os olhos de novo, algumas comissárias de bordo turcas estavam fechando a porta. Levei um segundo para perceber que Margaret não estava em seu lugar. Imaginei que ela tivesse ido ao banheiro e até me levantei para ir ver como ela estava, mas vários funcionários preocupados da Turkish Airlines me fizeram sentar de novo.

Depois de cinco minutos, tive que encarar a verdade: Margaret não estava mais no avião. Deve ter saído correndo pela porta logo antes de serem fechadas.

Meu celular vibrou.

Desculpa, Mark, mas não consigo, desculpa

Não consegue o quê? Ir para Tóquio? Ir para Tóquio comigo? Sair do *loop* temporal? O quê? Comecei a digitar uma resposta, mas uma comissária de bordo pediu que eu, por gentileza, desligasse o celular e todos os aparelhos eletrônicos, ou então os usasse em modo avião. Ela repetiu a mensagem em turco, só para dar ênfase. Desliguei o celular.

O avião decolou. Foi um longo voo — catorze horas. Assisti a *No limite do amanhã* três vezes.

No fim das contas, não funcionou. Fiquei esperando no salão de desembarque do aeroporto de Narita — que é surpreendentemente parecido com todos os aeroportos ao redor do mundo; a única diferença é que as placas estão em japonês e as máquinas de lanche são mais futurísticas — até a babá cósmica me botar na cama, de volta em minha casa.

Quando acordei de manhã, mandei uma mensagem para Margaret, mas ela não respondeu. Nem no dia seguinte. Liguei, mas ela não atendeu.

Não sabia o que pensar, só que por algum motivo misterioso ela não queria que o *loop* temporal acabasse, e isso não tinha nada a ver comigo. Meu mundo inteiro se resumia à pequena bolha que eu compartilhava com ela, mas o dela era bem maior. Talvez ela tivesse outra pessoa. Essa era a única explicação que me ocorria, porque, naturalmente, tudo tinha que girar ao meu redor. Havia alguém que ela não queria deixar para trás. Para mim, nossa vida juntos era uma das coisas perfeitas, e eu não conseguia nem me imaginar querendo outra coisa. Mas ela queria.

Doeu. Tive um maravilhoso vislumbre da terceira dimensão, e agora estava banido de volta ao mundo plano para sempre.

Pela primeira vez, tive vontade de ser uma das pessoas normais, os zumbis, que se esqueciam de tudo a cada manhã e seguiam com suas vidas como se tudo fosse novo e estivesse acontecendo pela primeira vez. *Me deixe ir embora*, implorei à babá cósmica. *Me deixe esquecer. Me deixe ser um deles. Não quero mais ser um de nós. Quero ser um robô.* Mas não conseguia esquecer.

Voltei à antiga rotina, à biblioteca. Ainda tinha mais dois livros do *Guia do mochileiro das galáxias* para ler e não estava nem perto de acabar a letra A. Ainda faltavam Lloyd Alexander e Piers Anthony, e depois deles um grande deserto de Isaac Asimov para desbravar. Passava o dia inteiro lá dentro, a não ser quando ia lá fora às 11:37:12 para ver o skatista acertar suas manobras.

Na verdade, criei o hábito de visitar alguns dos nossos pequenos momentos perfeitos todos os dias, o que era fácil, porque, obviamente, tínhamos um mapa muito útil deles. Às vezes eu o redesenhava, às vezes o seguia de cor. Assisti ao falcão pegar seu peixe. Acenei para o Sean Bean na esquina da Heston com a Grand. Fiquei vendo a menininha fazer sua bolha de sabão gigante. Sempre tinha esperança de encontrar Margaret em um deles, mas nunca a via. Continuei indo mesmo assim. Isso ajudava a me sentir triste, o que talvez seja parte do processo de se desapaixonar, o que, estava claro, já era hora de eu fazer. Estava ficando bom em me sentir triste.

Ou talvez estivesse me afogando na pena que sentia de mim mesmo. Era uma linha tênue.

Vi Margaret por acaso uma vez. Sabia que isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde, era só

questão de tempo (ou falta de). Eu estava passando pelo centro de carro, indo ver a partida de Scrabble, quando vi a perua prata fazendo a curva na esquina. Se eu fosse uma pessoa respeitosa e superior, a teria deixado quieta, já que ela claramente não queria nada comigo, mas não fui superior. Fui o oposto. Pisei fundo e fiz a curva bem a tempo de vê-la virar à direita na Concord Avenue. Pisei fundo de novo. Siga aquele carro.

Eu a segui pela estrada 2 até o Emerson Hospital.

Não sabia que Margaret ia ao hospital. Ela nunca mencionou. Fiquei preocupado. Senti um frio na barriga e, conforme nos aproximávamos do hospital, o frio aumentava. Não conseguia acreditar em como tinha sido um idiota ciumento. Talvez Margaret estivesse doente — talvez estivesse doente esse tempo todo e só não quisesse me contar. Não queria esse peso em meus ombros. Meu Deus, e se ela tivesse câncer? Eu devia ter continuado com meu plano de curar o câncer! Talvez esse fosse o motivo disso tudo — Margaret tinha alguma doença rara, mas nós trabalharíamos juntos e, como tínhamos os dias que se repetiam e, por consequência, todo o tempo do mundo, finalmente encontraríamos uma cura e a salvaríamos e ela se apaixonaria por mim...

Mas não, essa não é a história. Essa história era diferente.

Esprei até ela entrar, então estacionei e a segui. Olha, eu sei que estava sendo um babaca enxerido, mas não conseguia me segurar. *Por favor, que ela não esteja doente*, pensei. *Ela não precisa falar comigo, ela pode me ignorar pelo resto da eternidade, só não pode estar doente.*

O saguão estava silencioso, com um aspecto profissional. Margaret não estava por ali. Dei uma olhada nas placas ao lado do elevador: Radiologia, Cirurgia, Maternidade, Ortopedia, Centro de Cicatrização de Feridas... Depois de semanas sem o tempo passar, era estranho estar aqui, onde vinham parar os efeitos e as destruições decorrentes dessa passagem. Não há nenhum lugar menos atemporal que o hospital.

Procurei em todos os andares. Finalmente a encontrei, no andar do Câncer.

Não falei com ela, fiquei só olhando. Estava sentada em um banco de frente para uma mulher em uma cadeira de rodas. A desconhecida era jovem demais para ter uma aparência tão velha. Careca e muito magra, estava caída no canto da cadeira como um vestido sem dona, a cabeça pendendo para baixo, meio adormecida. Margaret estava inclinada para a frente, falando baixinho com ela, embora não desse para saber se a mulher estava ou não acordada, as mãos magrelas e acinzentadas juntas às mãos jovens e cheias de vida de Margaret.

Não era Margaret, era sua mãe. Ela não estava em uma viagem de trabalho. Estava morrendo.

Voltei para casa, dirigindo bem devagar. Sabia que não deveria ter seguido Margaret até o hospital e que não tinha o menor direito de me intrometer em sua tragédia pessoal, mas ao menos agora eu entendia. Tudo estava explicado: por que Margaret sempre tinha que ir a algum lugar, por que era tão distraída, por que não queria escapar do *loop* temporal. Sua mãe ainda estava viva, e era apenas por causa do *loop* temporal.

Ainda não entendia por que Margaret guardara segredo, mas não importava. Não tinha a ver comigo. Achei que fosse o herói da história, ou pelo menos o coadjuvante, mas não chegava

nem perto. Eu era um mero figurante. Apenas fazia parte do coro do refrão.

Não sabia o que fazer, então parei no centro da cidade, comprei um mapa e fui para casa preenchê-lo. Chequei as coisas perfeitas para ver se ainda dava tempo de presenciar alguma. Era tarde demais para BOLA QUICANDO (9:44:56). Tarde demais para OBRA (10:10:34). Ainda dava tempo de ver a PORTA GIRATÓRIA (17:34:19). E a boa e velha ESTRELA CADENTE (21:17:01).

Percebi que já fazia um tempo desde a última vez que eu vira alguma nova coisa perfeita. Em algum momento eu parara de procurar por elas. Não estava mais supervivo. Tinha parado de viver o presente. Voltei a viver no passado.

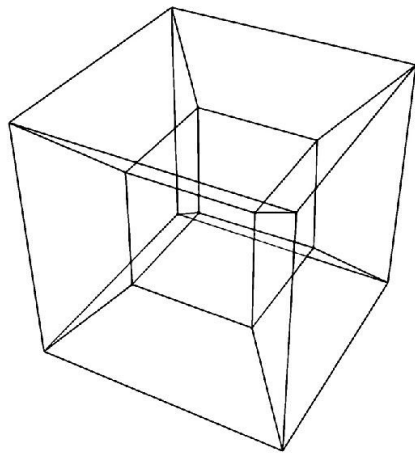
Mas por que deveria ter continuado? De repente, tudo parecia meio bobo. Momentos perfeitos, o que isso significava? Era pura sorte e pronto. Coincidências. Anomalias estatísticas. Fiz uma pesquisa no Google e descobri que uma pessoa tinha se dado ao trabalho de fazer cálculos matemáticos sobre isso, um cara chamado John Littlewood (1885-1977; obrigado, Wikipédia), matemático formado na Universidade de Cambridge. Ele dizia que, se você definir um milagre como algo que tem uma chance em um milhão de acontecer, e se prestar atenção ao mundo ao seu redor oito horas por dia, todos os dias, e pequenos acontecimentos ocorressem uma vez por segundo, você observaria trinta mil coisas por dia, o que significa um milhão de coisas por mês. Então, em média, você testemunharia um milagre por mês (ou a cada trinta e três dias e oito horas, se quisermos ser precisos). Essa é a Lei de Littlewood.

Então é isso, um milagre por mês. Não são nem tão especiais assim. Fiquei olhando o mapa, prestando especial atenção nos que Margaret tinha descoberto, pois assim é o amor. E eu realmente a amava. Me senti melhor por entender por que ela não podia me amar, nem agora, talvez nunca, mas não ia fingir que não doía.

Os momentos perfeitos eram surpreendentemente bem distribuídos. Havia um número menor à noite, porque tinha menos coisa acontecendo e a gente não estava procurando tanto, mas durante o dia os eventos aconteciam a intervalos regulares. Só havia um período vago, ao amanhecer — estatisticamente, seria de esperar que um momento perfeito tivesse acontecido nesse horário, mas nunca encontramos nada.

Quanto mais olhava para o mapa, mais parecia haver um padrão nele. Inventei um jogo e comecei a jogar sozinho: fingia que os pontos no mapa eram estrelas de uma constelação. E qual era o formato dessa constelação? Olha, ninguém deveria ter que dar explicações por ficar fazendo idiotices depois que a pessoa amada sai de sua vida e ela tem tempo livre demais. E eu tinha uma eternidade de tempo. Comecei a traçar as linhas entre eles. Talvez pudesse encontrar... o quê? O nome dela? Seu rosto? Nossas iniciais entrelaçadas em um lindo e romântico nó do amor?

Nada disso! Quando liguei os pontos, foi isto que encontrei:



Só que não exatamente. Havia um ponto faltando, no canto inferior esquerdo.

Fiquei olhando, e me ocorreu uma ideia engraçada: e se o mapa pudesse ser usado não só para lembrarmos quando e onde coisas perfeitas tinham acontecido, mas para prever quando e onde elas iriam acontecer? Era uma ideia idiota, terrível, mas tracei uma reta mesmo assim. O ponto que faltava estava bem em cima da colina Blue Nun, que por acaso eu conhecia bem, porque era um ótimo lugar para escorregar no inverno, o que jamais aconteceria de novo, pelo andar da carruagem. Algo devia estar acontecendo ali e, de acordo com os horários, deveria estar acontecendo ao amanhecer.

O sol nascia às 5h39 no dia 4 de agosto. Esperei até dar meia-noite e coloquei um alarme para as cinco da manhã, para acordar a tempo de ver a última pequena coisa perfeita.

Naquela escuridão quente de verão, fui de carro até a Blue Nun. As ruas estavam desertas, os postes ainda acesos, as casas cheias de pessoas dormindo, repousando para que pudessem andar como sonâmbulas de olhos brilhantes e cheias de energia por um novo dia. Ainda estava completamente escuro, sem nem um pinga de azul no horizonte. Estacionei na base da colina.

Não era o único acordado. Havia uma perua prata estacionada lá também.

Nunca vi um fuzileiro naval ou qualquer tipo de soldado subir uma colina, mas acredite em mim, tenho certeza absoluta de que foi isso que fiz. Havia um grande pedregulho no topo, transportado até ali por uma geleira dez mil anos antes, durante a Era do Gelo, e Margaret estava sentada nele, com o queixo apoiado nos joelhos, olhando para a cidade escura.

Ela ouviu quando me aproximei porque eu estava fazendo algumas coisas diferentes dos fuzileiros navais, tipo ficar sem fôlego depois de correr ladeira acima.

— Oi, Mark.

— Margaret — disse, assim que consegui falar. — Oi. É bom. Ver você.

— É bom ver você também.

— Tudo bem se eu me sentar aqui?

Ela deu tapinhas na pedra ao seu lado, e eu me sentei. A colina estava virada para o leste, e o horizonte começava a brilhar em um tom azul intenso. Ficamos em silêncio por um tempo,

mas não foi desconfortável. Só estávamos nos preparando para falar.

— Desculpa ter sumido do nada.

— Tudo bem, você tem o direito de desaparecer.

— Não, eu devia explicar.

— Não precisa.

— Mas eu quero.

— Tá bem, mas, antes de você explicar, preciso confessar uma coisa.

Contei que a segui até o hospital e fiquei observando ela e a mãe. Soou ainda pior quando tive que dizer em voz alta.

— Ah. — Ela ficou pensando um tempo. — Eu entendo. Acho que teria feito a mesma coisa. Mas é meio assustador.

— Eu sei. Eu sabia que era desde o começo, mas não consegui me conter. Eu sinto muito. Pela sua mãe.

— Tudo bem.

Margaret engasgou ao dizer a última palavra, e sua expressão desabou. Ela afundou a testa entre os joelhos, e seus ombros começaram a se sacudir silenciosamente. Esfreguei suas costas. Desejei poder gastar todos os meus milagres mensais de um em um milhão de uma vez só, para sempre, só para fazer a tristeza dela ir embora. Mas não é assim que as coisas funcionam.

— Margaret, eu sinto tanto, tanto, tanto.

Os pássaros ao redor cantavam alegremente. Que falta de delicadeza. Ela enxugou as lágrimas.

— Tem mais uma coisa que eu preciso explicar — continuou ela. — No dia antes de isso tudo começar, fui visitar minha mãe no hospital, e os médicos disseram que iam parar o tratamento. Que não adiantava mais...

Sua voz falhou na última palavra, e a tristeza a estrangulou outra vez. Ela não conseguiu continuar. Coloquei meu braço ao redor de seus ombros, e ela soluçou em meu pescoço. Senti o cheiro de seu cabelo. Margaret parecia tão frágil e singular, tendo que carregar todo aquele sofrimento dentro de si. Tinha feito isso esse tempo todo, sozinha. Queria poder tirá-lo dela, mas sabia que não era possível. Era o sofrimento dela. Era a única que podia carregá-lo.

— Quando fui dormir à noite, só conseguia pensar em como não estava pronta. — Ela engoliu em seco. Seus olhos ainda estavam vermelhos, mas secos, e não havia hesitação em sua voz. — Não estava pronta para deixá-la ir. Só tenho dezesseis anos, não estava pronta para não ter a minha mãe. Precisava tanto dela. À noite, quando fui para a cama, só conseguia pensar em como o amanhã não podia chegar. O tempo não podia passar. Estava puxando o freio de emergência do tempo. Até falei em voz alta: o amanhã não pode chegar. E, quando acordei de manhã, era verdade. Era o mesmo dia de novo. O tempo tinha parado para mim. Não sei por quê, acho que não aguentou seguir em frente. Alguém em algum lugar decidiu que eu precisava de mais tempo com ela. Foi por isso que fugi do avião para Tóquio. Tive medo de que funcionasse, e eu não estava pronta.

Ficamos em silêncio por um bom tempo depois disso, enquanto eu pensava no amor dentro de Margaret, em quanto dele deveria haver para que nem o tempo pudesse fazer frente a ele. Não havia um ser quadridimensional. Era só o coração de Margaret. Era tão forte que tinha dobrado o espaço-tempo.

— Mas eu sabia que tinha uma armadilha. Sempre soube. Se eu me apaixonasse, iria acabar. O tempo continuaria a correr, como sempre faz, e levaria minha mãe com ele. Não sei como, mas sempre soube que esse era o trato. Quando conseguisse me apaixonar por alguém, saberia que era hora de me despedir dela de vez. Acho que é por isso que você está aqui. Para eu me apaixonar por você. Foi por isso que você foi arrastado junto. Eu soube assim que vi você.

O sol estava quase nascendo, o céu estava ficando mais claro, e era como se eu pudesse sentir um sol nascer dentro de mim também, quente e brilhante, enchendo todo o meu ser de amor. Porque Margaret me amava. E, ao mesmo tempo, eu estava chorando. A tristeza não foi embora, nem um pouco. Estava feliz e triste ao mesmo tempo. Pensei no que é o tempo, em como estamos sendo quebrados a cada segundo, perdendo momentos o tempo inteiro, como um bichinho de pelúcia que perde seu estofamento, até o dia em que ele se vai por inteiro e nós perdemos tudo. Para sempre. E, ao mesmo tempo, estamos ganhando segundos, um momento após o outro. Cada um deles é uma dádiva, até que no fim de nossas vidas estamos sentados em um tesouro de momentos. Uma riqueza além da imaginação. O tempo era as duas coisas de uma vez só.

Segurei as mãos de Margaret.

— Já é hora? Este é o último dia?

Ela assentiu solenemente.

— É o último. O último 4 de agosto. Quer dizer, até o ano que vem. — Lágrimas escorriam por seu rosto outra vez, mas agora ela estava sorrindo. — Estou pronta. Está na hora.

O sol surgiu na beirada do mundo e começou a nascer.

— Sabe uma coisa engraçada? — perguntou ela. — Fico esperando a última coisa acontecer. Sabe, a última coisa perfeita. Como deveria ser, segundo o mapa. Mas talvez a gente tenha perdido enquanto estava conversando.

— Não acho que a gente tenha perdido.

Eu a beijei. Você pode passar a sua vida inteira à espera de momentos perfeitos, mas às vezes é preciso fazê-los acontecer.

Depois de alguns segundos, os melhores segundos da minha vida, Margaret se afastou.

— Espera aí. Não acho que foi esse.

— Não?

— Não foi perfeito. Tinha um cabelo na minha boca.

Ela tirou o cabelo do rosto.

— Tá, pode me beijar de novo.

Eu beijei. E dessa vez foi perfeito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a cada um dos leitores que leram minha primeira antologia. É um desafio encontrar um público para contos nos dias de hoje, por isso fico muito feliz por tantas pessoas terem lhe dado uma chance. Espero que também gostem desta coletânea. Estou muito orgulhosa dela.

Meu obrigada a Kate Testerman. Por tudo. A Sara Goodman, por ser tão refinada e me ensinar tantas coisas sobre este trabalho. Obrigada também a Michelle Cashman, Alicia Clancy, Angie Giammarino, Anna Gorovoy, Olga Grlic, Brant Janeway, e Jessica Katz pelo apoio e trabalho pesado. Agradeço também a Venetia Gosling, Kat McKenna e Rachel Petty por arrasarem no Reino Unido. Obrigada a Jim Tierney por mais um conjunto de ilustrações maravilhosas. Agradeço aos autores da minha primeira antologia pelo incentivo. E agradeço especialmente aos autores desta antologia por serem brilhantes, engraçados, ambiciosos e bondosos. Brandy, Cassie, Francesca, Jen, Jon, Leigh, Lev, Libba, Nina, Tim e Veronica. Amei trabalhar com cada um de vocês.

Obrigada a minha família. Sempre.

E obrigada a Jarrod Perkins. Sempre + sempre x sempre.

SOBRE OS AUTORES

Leigh Bardugo nasceu em Los Angeles, Estados Unidos, e se formou na Universidade de Yale. Mora em Hollywood, onde às vezes é vista cantando com sua banda. No conto “Cabeça, escamas, língua, cauda”, uma adolescente acredita ter visto um monstro no lago da cidade. Para resolver o mistério, ela conta com a ajuda de um garoto misterioso e apaixonante. Site da autora: leighbardugo.com

Francesca Lia Block mora na Califórnia e tem mais de vinte livros publicados. Em “Prazer doentio”, I e A se conhecem em uma festa e se apaixonam. Pressionada pelas amigas, I dispensa A, e os dois nunca mais se veem. Até I escrever esse conto. Site da autora: francescaliablock.com

Libba Bray é uma fã de histórias de terror cuja vida amorosa durante o ensino médio não foi lá muito agitada. (Cadê o amor, garotos de Denton, Texas?) No conto “O último suspiro do Cinemorte”, Kevin e Dani vivem uma história regada a cinema, zumbis e muito romance. Site da autora: libbabray.com

Brandy Colbert gosta de livros que a façam chorar, gritar e ficar obcecada. Em “Boa sorte e adeus”, Rashida tem que lidar com a partida de Audrey, sua melhor amiga, que vai se mudar para outra cidade. Ela só não contava que na festa de despedida encontraria uma nova companhia, que, como ela, adora pizza e tem um passado doloroso. Site da autora: brandycolbert.com

Cassandra Clare passou a infância viajando pelo mundo com a família e várias pilhas de livros. Em “Nova atração”, Lulu é uma garota que cresceu em um parque de diversões. Depois que o pai vai embora, ela tem que lidar com o tio enigmático, demônios, poções do amor e uma nova companhia terrivelmente charmosa. Site da autora: cassandraclare.com

Tim Federle saiu de Pittsburgh ainda adolescente para dançar na Broadway. Em “Lembranças”, o verão chega ao fim, bem como o relacionamento de Keith e Matthew. Mas será que precisa ser desse jeito? Site do autor: timfederle.com

Lev Grossman se descobriu autor de romances de fantasia aos dezessete anos. Ele mora com a esposa e os filhos em uma casa antiga com rangidos estranhos. Em “O mapa das pequenas coisas perfeitas”, acompanhamos a história de Mark, um garoto solitário fadado a viver para sempre no dia 4 de agosto. Até que ele conhece Margaret. Site do autor: levgrossman.com

Nina LaCour ama escrever, ama falar sobre livros e ama ler tanto autores consagrados quanto iniciantes. Mora na Califórnia com a esposa e a filha. Em “O fim do amor”, Flora, abalada pelo divórcio dos pais, se inscreve em um curso de verão para se distrair e lá reencontra Mimi, sua

primeira paixão. Site da autora: ninalacour.com

Stephanie Perkins é autora de *Isla e o final feliz*, publicado pela Intrínseca. Mora com o marido em uma casa centenária, com cômodos pintados nas cores do arco-íris. “Em noventa minutos, vá em direção a North” conta os próximos capítulos da história de North e Marigold, que teve início na coletânea *O presente do meu grande amor*, também organizada por Perkins. Site da autora: stephanieperkins.com

Veronica Roth ama chuva, livros, animais fofos, chá e lugares frios, entre muitas outras coisas. Em “Inércia”, um acidente põe frente a frente dois melhores amigos que não se falavam havia meses. É hora de eles colocarem na mesa tudo que nunca foi dito, antes que seja tarde demais. Site da autora: veronicarothbooks.com

Jon Skovron trabalhava como ator, mas percebeu que seu verdadeiro talento eram os livros. Desde então se dedica a escrever romances juvenis e adultos. Em “Amor é o último recurso”, Lena e Zeke não acreditam no amor, não mesmo. Mas quem disse que o amor liga para isso? Site do autor: jonskovron.com

Jennifer E. Smith acha que todo livro, seja romântico ou não, fala de amor. Em “Mil maneiras de tudo isso dar errado”, Annie e Griffin vão fazer o impossível para ficar juntos, embora essa decisão envolva cálculos matemáticos, crianças bagunceiras e calças cáqui. Site da autora: jenniferesmith.com

LEIA TAMBÉM



O presente do meu grande amor
Stephanie Perkins (org.)



Temporada de acidentes
Moira Fowley-Doyle



Isla e o final feliz
Stephanie Perkins

Star Books Digital